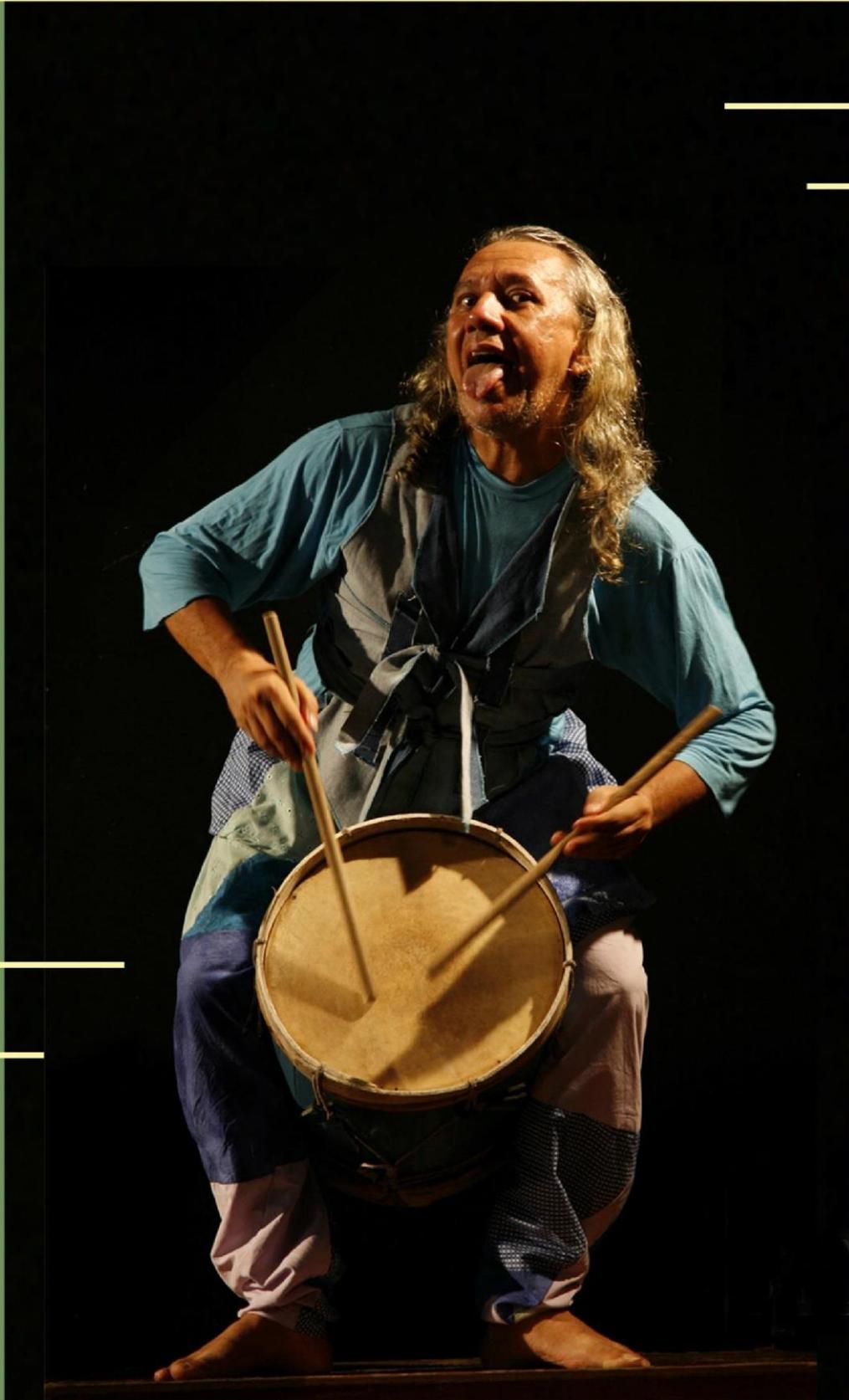


Peças Teatrais de Walter Freitas

Coleção Teatro do Norte Brasileiro
Dramaturgia Amazônica



Organizadores: Bene Martins, Mailson Soares & Walter Freitas

Peças Teatrais de Walter Freitas

ORGANIZADORES

**BENE MARTINS, MAILSON SOARES & WALTER
FREITAS**

Programa de Pós-Graduação em Artes

PPGARTES-UFPA



**Belém
2023**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Emmanuel Zagury Tourinho (Reitor)

Gilmar Pereira da Silva (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)

Maria Iracilda da Cunha Sampaio
(Pró-Reitora)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Dra. Isis de Melo Molinari Antunes
(Coordenadora)

Dra. Adriana Valente Azulay
(Vice-Cordenadora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES)

José Denis de Oliveira Bezerra
(Coordenador)

Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
(Vice-Cordenador)

EDITORA PPGARTES*

Maria dos Remédios de Brito

Ana Cláudia do Amaral Leão

(Coordenadoras)

Larissa Lima da Silva
(Assistente Editorial)

COMITÊ CIENTÍFICO

Presidente da Comissão: Bene Martins (UFPA).

Olinda Charone (UFPA),
Wladilene de Sousa Lima (UFPA),
Marton Maués (UFPA),

Lúcia Gouvêa Pimentel (UFMG),
Fernando Antonio Mencarelli (UFMG),
Tácito Boralho (UFMA),
Mirna Spritzer (URGS),
Ananda Machado (UFRR),
Maria João Brilhante (Universidade de Lisboa-PT),
Berta Teixeira (Universidade de Coimbra),
Raphael Andrade Rocha (UFPA),
Mailson Soares (UEPA).

Revisão Textual: Walter Freitas

Editoração Eletrônica, ilustração e layout da capa: Raphael Andrade

Foto da Capa: Jaime Souza

Ficha Catalográfica: Larissa Silva

*A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pratica a avaliação por pares (preferencialmente externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de pesquisa deste programa.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, e/ou a encenação dos textos aqui publicados, salvo com a autorização expressa do autor, de acordo com os termos da lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA

F886

Freitas, Walter.

Peças teatrais de Walter Freitas [recurso eletrônico] /
Walter Freitas; organizadores: Bene Martins, Mailson Soares e
Walter Freitas. — Belém: Programa de Pós-Graduação em
Artes/UFPA, 2023. — Dados eletrônicos (1 arquivo: PDF).

Modo de acesso: Internet

<http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN 978-65-88455-76-0

1. Literatura brasileira - teatro. 2. Teatro brasileiro. 3.
Dramaturgia. 4. Arte e pesquisa. I. Martins, Bene, org. II.
Soares, Mailson, org. III. Título.

CDD 23. ed. – 869.92

Elaborado por Larissa Silva – CRB-2/1585

SUMÁRIO

Prefácio	06
DeZmemórias	14
A Cúia Mágica	72
Hánêreá	90
Fiau Babau	155
Meu Berro Boi	195
Fundo Reyno	220
Os Escondidos de Deus	281
Bandurra-Eh!	368

Walter Freitas: Encenador de Encantarias

Edson Coelho de Oliveira¹

A Amazônia é o grande tema de Walter Freitas, autor de uma obra plural que inclui peças, músicas, romance, obras audiovisuais e arquitetônicas. Em “Fundo Reyno”, dramaturgia de Walter que tem a inspiração de se passar sob a água, o ambiente é poluído por plástico, óleo, vidro, garrafas de refrigerantes e todo o lixo que é fácil imaginar.

A região, na qual circulam 20% da água doce do planeta, gerou alguns dos mais graves crimes contra a natureza. Dez anos depois do mais propalado deles, o assassinato do líder seringueiro Chico Mendes vira tema da ópera “DeZmemórias”, que traz Chico dividido nos quatro elementos e passa em revista os estragos causados à floresta. Em “Fiau Babau” (expressão lúdica e popular que traduz o fim das coisas), para salvar um boi-bumbá o povo resolve encenar um pássaro junino (dramatização originada em Belém), com todos os bichos ameaçados, na realidade, pela especulação imobiliária. Na peça de curta duração “A Cuia Mágica”, publicada em Paris e encenada por um elenco francês, em 2005, o rio Amazonas é transposto para dentro de um buraco, servindo apenas a alguns, como tanto acontece com as riquezas do mundo. “Tambor de Água” encena um homem em convívio conflituoso com um ser mítico da floresta. Em seu romance “Kararaô”, Walter aborda a destruição da natureza e da cultura (a forma de viver) amazônica para a construção de uma hidrelétrica.

Mas qual a Amazônia de Walter Freitas? Uma região exposta numa abordagem realista ou expressa por metáforas para alcançar nuances psicológicas que só as “transfigurações” conseguem? Tema central aqui, as sete peças (“Fiau Babau”, “Os Escondidos de Deus”, “DeZmemórias”, “Hánêreá”, “Bandurra-Eh!”, “A Cuia Mágica” e “Fundo Reyno”), dramas e tragicomédias, trazem todas as principais questões amazônicas, mas partindo sempre de uma metáfora: uma Amazônia que se revela a partir de uma “apropriação” pelo autor.

¹ Edson Coelho de Oliveira é escritor, jornalista, publicitário, letrista e compositor, autor de “Histórias da galera” (contos, 2002); “Os 11” (romance, 2004); “Do real imaginado” (poesia, 2006); “Eu te amo” (romance, 2015); “Unicidades” (contos, 2022) e “Ficções físicas” (poesia, inédito). Dirigiu “Paraense dançarino” (documentário, 2021) e “Histórias da viola cabocla – uma experiência de videoteatro” (longa, 2021). Em 2023 lançou “Notas Literárias”, “Vertigens”, “O Cantor” e “O Seteiro”.

Em outro gigante amazônico, Dalcídio Jurandir, o Marajó que se aborda é o próprio Marajó reconstituído, com suas gentes, bichos, hábitos; em Walter Freitas, a abordagem por meio de “encantamentos” é capaz de revelar não apenas estes elementos realistas, mas as forças telúricas e lúdicas flagram o momento mesmo em que o imaginário se funda.

Os lugares e homens

Os temas, lugares e pessoas formam, em Walter, um amálgama ao mesmo tempo simples e fantástico, resultando, ao final de cada peça, num painel de temas, mazelas, aspirações, necessidades, destruições amazônicas. O elemento popular é central em tudo, exceto, claro, nas formas superelaboradas de frases, versos e melodias que o autor constrói.

Mas tudo emana do povo: as redondilhas maiores e menores, as trovas que se decalcam “isoladas” (completas em forma e sentido), as profissões (pescador, parteira), as gírias, as corruptelas: é o homem amazônico, o mais simples, o mais “capaz de transcendência” (disse Guimarães Rosa), são pessoas do povo que vivem no palco seus dramas, amores, conflitos, projetando uma Amazônia mágica e vilipendiada. Uma Amazônia que acontece quase sempre sob assolamentos, como em “Bandurra-Eh!”, em que a caixa do instrumento musical vira a Caixa de Pandora liberando as pragas – Perdição, Morte, Crimes, Desgraças.

Nesse contexto se desenvolve a “sociologia” nas peças, não literal, como conhecer-se um lugar a partir de uma obra de arte: a sociologia amazônica nas dramaturgias de Walter parte de coisas reais (sempre simples) e se transfigura no fantástico dos enredos, no tratamento (enfrentamento, denúncias) dos grandes temas da região, como desmatamento e poluição. Não se conhecerá um vilarejo a partir das peças. São sempre pequenas vilas ou cidadezinhas, quase sempre não nomeadas, não descritas, não detalhadas, ressaltando as nuances de uma cultura que só poderia existir num contexto preservado, isolado, e assim capaz daquela transcendência roseana. E então, aí, se pode desdobrar quase que um puro imaginário amazônico, abarcando, claro, os principais temas humanos, como o amor, o tempo, o sofrimento e a morte.

Vejamos uma descrição do próprio Walter: “‘Fundo Reyno’ é um encontro de pajés, duelo de interesses, jogo de poder. Tem por base um triângulo amoroso cujo centro é a disputa pelas maravilhosas forças encantadas no fundo aquático da imensidade oculta da Amazônia. Trata deste assunto com a naturalidade das histórias contadas, através dos séculos, na região, abastecendo-se de uma série de elementos culturais que enfatizam as situações, a maioria das quais soa de forma fantástica, nada mais sendo, entretanto, que narrativas singulares criadas pelos povos no seio da floresta”.

Não apenas o fantástico fundado no real, portanto, mas tratado como se real fosse, um “fantástico cultural”. Daí o profundo inconsciente da região, daí os hábitos aflorando como num estranho início de tudo. A peça “Hánêreá” trata diretamente das lendas amazônicas, faz do imaginário tema direto, misturando, em peripécias de vida e morte, lendas como o Curupira, a Matinta Perera, o Japiim, o Uirapuru, Mapinguari e outras. Fusão da Amazônia “real” com o imaginário da Amazônia. E daí, então, a defesa dessa

fusão, que se pode chamar de cultura e revela um homem amazônico integral. Assim, toda vez que rimos, por exemplo, em “Bandurra-Eh!”, somos nós fundamente; toda vez que admiramos, que lembramos peripécias, estamos sendo nós profundamente, alicerçados na imaterialidade dos mitos.

O capítulo mais belo de “Kararaô”, único romance de Walter publicado, traz o questionamento do narrador sobre o direito a ser quem é, a ser aquele que a vida ensinou, que os hábitos formaram, a mata, o rio, tudo ameaçado, com indiferença, pela construção de uma hidrelétrica: “Sendo homem, não tenho direito a ser quem eu sou?” Não por acaso, é revelado, notem, justo na última linha do romance, que o narrador é um boto, ou seja, a lenda do boto que vira homem. Ou seria o contrário?

O poeta e o músico

Certamente algumas características centrais do teatro de Walter decorrem de ser ele também poeta e compositor. Em verdade, o compositor mais inclassificável que a Amazônia já produziu. Quase todas as peças incluem várias músicas (“Bandurra-Eh!” tem dezessete) e quem conhece, minimamente, a obra do autor, sabe que tudo o que ele produz mira o novo, o original: “O que mais amo é inventar o que não existia”, já declarou o artista. Significa que as métricas são ousadas, as disposições de versos e estrofes, o tratamento dos temas, etc., etc, etc. “Hânêréá” e “DeZmemórias” são óperas. Seu único disco lançado, “Tuyabaé Cuaá” (sabedoria dos velhos pajés), é inequivocamente um dos maiores discos já lançados e também, não pode haver dúvida, altamente original e desafiador. Aliás, o realismo predomina no “Tuyabaé”, as “transfigurações” só acontecem pela beleza “mágica” das letras e pelo encantamento gerado a partir das melodias e estruturas musicais.

Nas peças, não há a radicalização da linguagem observada nas letras do disco, ou o espectador não entenderia, mas a potência verbal sente-se de imediato. E a impressão é de que, mesmo as falas mais diretas, decorrem da música. Abaixo, alguns instantes dessa alta voltagem verbal, linguagem que funde termos populares do Pará (muitos em desuso) com termos indígenas e negros, amálgama que só poderia ter a face de um estilo. E o que ressoa mesmo sobre os entornos é a poesia.

Em “Bandurra-Eh!”:

TODOS (*Cantando*):

Quantas estrelas alçadas
 por cima da nossa rua
 quantas estrelas acesas
 nas minhas mãos e nas tuas
 A noite estende uma faixa,
 uma lâmina de luz
 pra aliviar nossa carga
 pra aliviar nossa cruz

Na mesma peça, CUPERTINA:

Tenho ainda aquela noite,
lembras, foi sonho ou o quê?
Quem gritou, gozou, chorou...?
Ah, foste tu, Alaor.
Eu disse: não chore, lindo!
Você me disse que eu tinha
gosto de chuva e dormiu...
Eu também, bem mais Rainha.
Olha: são quase seis horas
– será que o dia amanhece?
Faz por mim uma oração,
faz, Alaor, uma prece

Alguns trechos de “Hánêréá”:

“Traz as faíscas dos meteoros
despedaçados contra o negror”;

“Noite que pita, que se caiçuma,
como cariúá”;

“Noite caída da bacabeira”.

Algumas pedras-de-toque de “Os Escondidos de Deus”:

O TROVÃO:

E o barítono que eu fiz...
Depois o baixo – ah, meu baixo!
Foi de acordar os anjinhos
e desarrumar seus cachos;

ANTÔNIO:

Ah, tropeço nas tranqueiras da floresta,
atam-me os cipós,
tocos, espinhos, arestas,
cascas grossas, nós.
Tenho medo das velozes capivaras,
das pacas, tatus,
caititus, porcos do mato, sons, coivaras,
talas de bambu.
Sim, os sons da noite morta e o desespero
das aparições,
urros, guizos, chiados, vozes, berreiros,
maleficações,
pelos mangues e balsedos e alagados
perdem-me sem fé
de encontrar minha mãezinha e o descampado
antes da maré.

De tal forma que essa forma, às vezes, em vez de falas teatrais, soa diretamente como límpida poesia:

O mesmo Antônio (“Os Escondidos de Deus”):

Cai a Noite como o tempo quando fecha.
Onde vim parar?
Nem um sopro, nem um Raio, uma brecha
pra me alumiar...
Se perdeu por onde a esperança das minas,
o cobre da Aurora?,
nas profundas profundezas serpentinadas
dos tempos sem hora.

...

Não é grande o desconsolo de quem busca,
sem nunca encontrar,
quando a Noite se avanta e queda brusca,
pra nos devorar?
Volve a boca escancarada e fedorenta,
sem dente nenhum,
e vomita as criaturas violentas
da vala comum.

Esse teatro jamais teria, também, tal feição se Walter Freitas, reforce-se, não mirasse o novo em tudo o que produz artisticamente. Atores com luminária nas mãos em cena; Chico Mendes dividido nos quatro elementos (“DeZmemórias), num jogo visual admirável; em “Os Escondidos de Deus” (texto primoroso) há quase uma sequência inteira em latim, com “tradução simultânea” por outros personagens:

URIEL:

Argentum tuum versum est in scoriam.
Argentum vestrum aeruginavit.

CARRO DE BOI:

Em escória se mudou a prata,
em ferrugem aos olhos dos bandidos.

Esses procedimentos metalinguísticos atingem o cume em “Bandurra-Eh!” e “Tambor de Água”. Em “Bandurra-Eh!”, acontece o requinte de os três atores estarem sob a tutela dos personagens, e não o contrário; em alguns momentos, um ou mais atores contracenam com os personagens; noutra ocasião, apenas os atores estão falando em cena; e às vezes, ainda, os atores são disputados pelos personagens, que não querem, por exemplo, o corpo do velho em cena, por esgotado que já o consideram: “Meu joelho, quase eu caio...!/E este ator, coitado dele,/tem bico-de-papagaio!”.

O próprio Walter explica melhor na apresentação da peça: “Por vários meandros estilísticos e de roteiro, o Autor faz com que essas personas migrem, voluntariamente ou não, de um “corpo” de atriz ou ator a outro, e até disputem o “espaço” corporal da atriz ‘mais jovem e bonita’ (...) os três personagens ocupam, sucessivamente, os corpos de todos os atores (...) ao feitio de seus próprios interesses e idiossincrasias...”.

E em “Bandurra-Eh!” a necessidade dramática da personagem Cupertina é Alaor, que movimenta várias cenas, mas não aparece na peça. Para não serem entendidas pelo parceiro, ainda neste mesmo texto, duas personagens falam na “Língua do P”:

CUPERTINA:

O-po ne-pe-to-po de-pe-le-pe
dan-pan-ça-pa Fun-pun-k-pe. É-pé!

MANADORA:

Não-pão a-pa-cre-pe-di-pi-to-po.
Men-pen-ti-pi-ra-pa!

CUPERTINA:

Eu-peu-vi-pi!

MANADORA:

Mas-pas quan-pan-do-po... Pa-pa-ra-pa!

CUPERTINA:

E-pe-le-pe nem-pem sa-pa-be-pe!

(Indica o tocador)

MANADORA:

Coi-poi-ta-pa-do-po...! O-po-lha-pa...

CUPERTINA:

Eu-peu cho-po-ro-po! Eu-peu, hein-pein!

Ainda em “Bandurra-Eh!”, falas são ditas ao contrário (leia a estrofe abaixo de trás para a frente) como forma de fugir das Pragas:

“sasauédem rodaircô
sadnufórp sadrigufaráp
sadaifá cnar traxiéde
sadrnú misarú taircsá”.

Nesse fazer o novo, quase uma brincadeira de poeta: “a caixa eXplode!”, grafado dessa forma não para o espectador, mas ao leitor, o “X” explodindo na frase.

“Tambor de Água”

Em 2004, com uma bolsa de pesquisa do antigo Instituto de Artes do Pará (IAP), o ator e encenador Alberto Silva Neto e Walter Freitas passaram alguns meses pesquisando e desenvolvendo novas linguagens cênicas a partir de um gestual tipicamente paraense. Corpos cotidianos: trabalhadores de feiras, barqueiros, pessoas do povo em suas lidas diárias, como em paradas de ônibus. Um enorme repertório de ações combinadas então de forma cênica. O resultado é a peça “Tambor de Água”, encenada por Alberto e Walter com cooperação da iluminadora Patrícia Gondim. Resultado que foi mais do que um primor.

Alberto, doutor em teatro pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), afirma que o trabalho “resultou numa encenação que ficava numa fronteira entre teatro, performance, música e instalação cenográfica”. A diretora Wlad Lima, autora do livro “Dramaturga pessoal do ator” (publicado em 2005), atuou como consultora do projeto e, numa das visitas aos ensaios, definiu bem esse resultado: “Vocês podem inscrever num salão de artes visuais”. A partir da presença de Walter Freitas, tal resultado, que não pode ser descrito, exalta uma certeza: ficou com a cara da Amazônia.

O desafio foi sempre empreender uma experiência poética inaugural: só música, sons de floresta, sons cotidianos, em que os objetos de cena viravam instrumentos percussivos (não havia instrumento de harmonia); toda a cenografia era de materiais orgânicos (palha e madeira); música e ação (movimentos corporais). Alberto descreve: “O espetáculo explorava as ações numa experiência musical: extraía som e dramaticidade da materialidade cenográfica. Não há uma só palavra”.

Alberto ainda testemunha: “Eram histórias de vida na observação do corpo cotidiano: no momento em que você observa alguém, captura o comportamento gestual; ao replicar, você o recria com base na observação: gera uma terceira coisa, que não é mais o ser que foi observado e nem mais você mesmo. Síntese das duas naturezas que se fundem numa terceira. A representação”.

Autor das composições de “Tambor de Água”, Walter passou no processo a fabricar instrumentos: marimba de pau, extração de som da palha com os pés (o quadrado de encenação era feito com esteiras: o chão produzia sons); fabricou apitos diversos e surpreendentes que, tocados em cena, geravam estranho gestual. Alberto e Walter em cena, sempre um jogo vivo. Constantes improvisações musicais.

O tema era a relação entre um humano e um ser mítico da floresta. Relação construída a partir da integração entre o corpo, o som e a cenografia. O ser mítico como uma espécie de assombração do homem: o desconhecido que fazia com que ele tivesse medo do que não entendia. A condição do homem da floresta diante da sua mitologia. Pré-mito. E também momentos de harmonia entre essa natureza e o mito, festivos: metáfora de semear e cultivar a terra. Uma narrativa ligada à experiência da morte, do fim. A natureza é humana.

Um resultado, enfim, “que é um achado da mais significativa relevância poética, baseado numa experimentação radical da linguagem”, na definição de Alberto Silva.

O personagem Moquebito, em “Bandurra-Eh!”, diz: “Chama o Walter pra contar a história”. Afinal, nessa Amazônia, o mar não soa só nas conchas, mas nas cabaças, e

“As palavras também servem
contra cólica, influenza,
quebradeira, dor de corno,
candidíase, insônia,
estradas esburacadas,
político sem-vergonha...”.

É preciso dizer mais?

Boa leitura.

DEZ MEMÓRIAS

(Pelos 10 anos de morte de Chico Mendes – 1998)

Prêmio IAP de Literatura 2003

Apresentação

Esta é uma tentativa de lembrança. Por estarmos no Brasil e, mais, no Norte, um desejo de resistência. Aqui, lembrar é resistir. Homenagear Chico Mendes, em seus dez anos de morte, seria pouco, por isso aspira a seguir seu rastro de denúncias acerca dos crimes cometidos contra o Homem. Bem lá no fundo, é isso. Não há como tratá-lo por herói, se o heroísmo navega cada segundo de vida pelas veias de quem sobrevive à história oculta de nosso povo. E, como aprendemos cedo que um dos segredos da sobrevivência é a união, juntamos neste trabalho o muque de várias tendências – da música à dança, montados na espinha dorsal da poesia – para realizar este apanhado artístico das dores amazônicas, nos dez anos que se seguiram à morte do seringueiro. E como muitas delas nasceram há 500 anos, de repente o mero conto sibila como página da História.

O texto, vencedor do Prêmio de Literatura do Instituto de Artes do Pará (o extinto IAP), no ano de 2003, parte do ponto em que morre Chico Mendes e, de lá para a frente, nada mais natural que passe por vários sucessos havidos muito tempo antes. Embicamos a proa de nossa canoa por uma viagem que nos reparte e torna múltiplos, em múltiplos tempos e espaços e, segundo todos os que lidam em volta, conquistamos o porto de chegada, munidos de muitas lágrimas e risos, mas sem dúvida cheios, cheinhos de esperança.

A linguagem se debruça sobre a realidade amazônica, porque acreditamos nela, mas nunca com embevecimento tal que não permita a leitura rápida em cada parte da Nação. Disto surge uma única necessidade certa de esclarecimento, marcado o objetivo de não parecer que exista algo de gratuito no texto que nos serve de base: a nação dos homens sem ânus (tratada literalmente e sem rodeios no Ato 3) não traduz invenção literária ou qualquer tipo de criação arbitrária do autor. Trata-se de um dos elementos narrativos retirados da realidade cultural da região e trabalhado de acordo com os objetivos formais do espetáculo.

Esta lenda, de origem ticuna, tribo do Estado do Amazonas, foi colhida pelo antropólogo Nunes Pereira e se encontra registrada em língua portuguesa no segundo volume de seu “Moronguetá”. Foi fácil, e tragicamente divertido também, incluí-la na obra, tendo em vista que a aparição de homens cercados de fartura e sem possibilidade de

se alimentar pode muito bem ser tomada como uma alegoria sobre uma parte considerável da população brasileira.

De resto, apresentamos no final um rápido glossário dos termos mais radicalmente regionais e/ou ainda sem expressão em outras áreas do País. Com isso – ignore-o quem simplesmente puder ou quiser –, esperamos acelerar o entendimento a respeito da história que aqui se conta.

Personagens

Na Abertura:

Chico (um ator)
A Floresta (bailarinos)
As Forças do Mal (bailarinos)
Chico morrendo (o mesmo ator ou bailarino)
A Bala (um bailarino)
Chico inerte
A Morte
Os Quatro Elementos
Os Quatro Pontos Cardeais

No Ato 1:

(*Água*)
Chico repartido (Quatro atores)
Chico-Água
A Morte (Puraqué)
O Espírito da Piramutaba
Pé-na-Lama, o Milionésimo
A Morte (Jacaré)
Os Fantasmas das Lendas e Folgedos Populares (Bonecos)
O Boi-Bumbá na Gaiola Dourada
Pescadores
A Morte (Mulher)

No Ato 2:

(*Fogo*)
Chico-Fogo
A Morte (Salamandra)
Os Negros do Curiaú
A Negra que espera
A Chuva

No Ato 3:

(*Terra*)
Chico-Terra
A Morte (O Boi)
A Floresta
Coruja
As Sombras
Os Garimpeiros
O Yanomami
Gente de Corumbiara
A Morte (Metaré)
A Nação dos Homens sem Cu

No Ato 4:

(*Ar*)
Chico-Ar

A Morte (Folha Seca)
Pé-na-Lama
O Solimões
A Morte (Urubu-Rei)
A Morte (Gavião-Real)
A Morte (Arara)
A Morte (Feiticeira)
Chico-Homem

Abertura O Empate

Os bailarinos estão em cena.

Um deles destaca-se dos outros, seja pelo figurino, seja pela movimentação e desenho coreográfico.

A idéia é de oposição entre este único personagem e os demais.

A música é instrumental e vibrante.

Esta sequência resume a luta de Chico contra as forças destrutivas representadas pelos outros dançarinos.

O seringueiro tenta impedir, sozinho, o corte da floresta.

Cena 1: O Cerco

(Música Instrumental)

Coreografia:

A Floresta desaba.

Chico cerca os predadores, enfrenta As Forças do Mal.

Por um instante, detém o corte da floresta.

Os predadores se dispersam e Chico volta para casa.

Ocultos, porém, eles se transformam numa Bala.

Cena 2: A Bala

(Coro)

(De regresso para casa, Chico é atingido por uma Bala).

CORO – barulho de bala
capoeira cala
relâmpago teco
bamboleio beco
floresta fuzila
foge, não pipila
memória da fome
meu nome, meu nome
candeia, barulho
mergulho, mergulho
caboco não berra
de borco na ferra
raio de cegueira
gastura, canseira
chumbo, desatino
sangria sem jeito
cardume no peito
belo bel de sino

menino de novo
de novo menino
de novo, de novo
menino, menino

belo bel de sino
cardume no peito
sangria sem jeito
chumbo, desatino
gastura, canseira
raio de cegueira

de borco na farra
caboco não berra
mergulho, mergulho
candeia, barulho
meu nome, meu nome
memória da fome
foge, não pipila
floresta fuzila
bamboleio beco
relâmpago teco
capoeira cala
barulho de bala

menino de novo
de novo menino
de novo, de novo
menino, menino

Cena 3: Os Pontos Cardeais

(Ária da Morte – Coro)

(A Morte aparece pela primeira vez, como uma bruxa em volta de seu caldeirão, de onde retira Chico aos pedaços, como se, em vez de preparar, desfizesse uma poderosa poção).

A MORTE – aqui desfaço e então desdigo e assim dispenso
o que pensado e dito e feito foi
e além desmonto e lá destrincho e desintegro
ossada, couro e chifres de boi
adeus – não tem mais eu, nem tu, nem nós, nem meu
na minha mão só resta um punhado de luz
ninguém me cate mais algum Francisco
das dobras da minha capa, capuz
morreu derreto o cabra
em doze, em onze, em dez
em nove, em oito, em sete,
em seis, em cinco, em quatro
em três, em dois, um tico
e ainda grito vôte e depois balbucio
e por cima resmungo e rezo: credo em cruz

CORO – barro amassado com água
queimado no fogo de sol
veneno debaixo da língua
trouxinha de folha de abiu
serpente no fim do espinhaço
tremores e febre de frio

suores e sonhos de seiva
segredo na dobra do rio
os membros, a boca, desejo
lembranças de rendas, anáguas
de que vale agora a fortuna
as pistas, os rastros, a mágoa
e o sopro gelado da vida
nas veias geladas da cabra?

A MORTE – no tacho só vejo a mistura
(Irônica) de barro solvido com água
faço essa partilha
pura brincadeira
sem pejo ou remorso
dom de feiticeira
reparto o monturo
numa gargalhada
quem me reconhece
treme, não diz nada
pó ao pó mais triste
água de igapó

fogueiras extintas
silvos de dar dó
uma para o norte
duas para o leste
três para o oeste
quatro para o sul
quem soletra a sorte
que eu não tenho idade
decifra meu nome
cinco letras: morte

Ato 1
Chico se transforma em água

A partir de agora Chico já não é mais um ser único, mas assume sucessivamente, sob o comando da Morte, as características dos quatro elementos fundamentais – água, fogo, terra e ar.

É ela quem apresenta a ele os sete perigos que deve enfrentar em sua jornada.

Assim transformado, Chico revisita a Amazônia. Não será mais representado necessariamente, então, por um único ator, cantor ou bailarino, mas poderá ser muito mais, alguma coisa de coletivo.

Cena 4: A Briga
(Quatro Chicos – A Morte)

(Repartido, aos poucos, Chico desperta).

CHICO 1 – que cheiro invade, minhas narinas
e me sufoca, cheiro de cais?

CHICO 2 – escuto as ondas, escuto as horas
despedaçando pedras, corais

CHICO 3 – quem toca minha mão desatenta
seda, cambraia, linho, algodão

CHICO 4 – na minha língua põe sal amargo
quem reacende meu coração

OS QUATRO – e quem se planta como uma sombra
com tais mungangos, tantos sinais
queima as virilhas, morde as entranhas
me trava o gesto, me entreva a mão?

(A Morte tenta dominá-lo).

A MORTE – é dona do mundo
senhora de tudo
do teu pesadelo
das coisas ruins
quem teima comigo
se acaba, termina
e todo começo
começa por mim

(Chico toma consciência completa de si).

OS QUATRO – dobre caminho, dê-me passagem
vou ver o broto do que plantei:
a seringueira já tem três dias
que, nos empates, me descuidei

A MORTE – empate, agora, sou eu que faço
e tu me segues pelo Portal

OS QUATRO – meu nome é Chico

A MORTE – e eu sou A Morte

OS QUATRO – se desarrede

A MORTE – ponto final

CHICO 1 – eu sondo as distâncias

CHICO 2 – martelo o horizonte

CHICO 3 – mastigo os estragos

CHICO 4 – não sou mais só um

OS QUATRO – e quem me reparte
em quatro saudades
em treva e metades
é travo e bodum

A MORTE – só pisarás o acre
(Trágica,
mas sensual) para empapar a terra
com tua baba, urina
e negros temporais
se dançares comigo
debaixo da floresta
e me apertares toda
e me quiseses mais

serás primeiro água
depois tu serás fogo
depois tu serás terra
depois tu serás ar

CHICO 1 – só volto num segundo

CHICO 2 – só volto num repente

CHICO 3 – só volto num lampejo

CHICO 4 – por dentro do rio-mar

(A Morte elogia. Chico ofende).

A MORTE – estrela de cinco pontas

OS QUATRO – espada, urtiga, cruz

A MORTE – ‘stronauta sem paradeiro

OS QUATRO – abismo, delírio, pus

A MORTE – meu tempo é num sobressalto

OS QUATRO – martírio, veneno, enxó
fenda de foice no tempo

A MORTE – me segues ou ficas só
adeus para sempre jamais
me leva num desatino
ferrolho, cagaço, nó

Cena 5: A Transformação

(A Morte – Coro)

(É assim que A Morte retempera Chico, transforma-o no elemento Água e lhe dá uma missão).

A MORTE – candeia
sereno
balbúrdia
cicio
reúno
tempero
leve ro-
dopio
cambitos
sementes
palpites
cruéis
ajeito
separo
rompantes
anéis
nem tudo
se perde
certezas
banais
pinimas
consentes
tu ficas
tu vais

és água,
não chico

multipli-
carás
encantes
torrentes
boiúnas
e cais
ferida
pereba
pustema
rasgão
te lança
contente
feroz rés-
do-chão
e embaixo
da folha
da trama a-
guapé
eu mudo
de pele
sou teu pu-
raqué

(A Morte vira Puraqué).

A MORTE
e CORO –

com a mina
das fontes
das cabe-
ceiras
e a voz das
nascentes
das cordi-
lheiras
batuca
na bilha
suspensa em
teu cós-
o rit-
mo em queda
das águas
pra foz
repara
respira
odores
de mel
e as dores
do mundo

o amargo
do fel

Cena 6: O Portal

(Passagem instrumental)

(Chico atravessa O Portal).

Cena 7: A Cidade do Grão

(Pé-na-Lama – Chico – Puraqué – Bacamarte – O Espírito da Piramutaba)

(Montado no Espírito da Piramutaba e armado com um Bacamarte, Pé-na-Lama, o Milionésimo, chega para tomar a Cidade do Grão).

PÉ-NA-LAMA – lá vou eu e já venho invocado
contra a Cidade do Grão
meu Bacamarte mau-humorado
dispara igual meu coração
o espírito da piramutaba
meu navio de guerrear
já sitiou a casa de caba
ninguém sai nem entra lá
quero unir o povaréu das vilas
contra a Cidade do Grão
Puraqué bate o rabo na pedra
até o Forte cair no chão
no espírito da piramutaba
eu vim desde Bujaru
escanchado, capitão de várzea
limoeiro do ajuru

CHICO – tenho pressa e o Puraqué carece
das fontes do Rio-Mar

PURAQUÉ – é por lá?, se vançuncê conhece
nos diga como chegar

PIRAMUTABA – lá só tem a cabeça da cobra

BACAMARTE – da Boiúna de Tefé
estrebuchando a cabeça enfiada

PIRAMUTABA – debaixo do altar da Sé

CHICO – e quem é vosso rei, comandante

graduado, general
senhor da guerra deambulante
príncipe do bem, do mal?

PÉ-NA-LAMA – sou o milionésimo moleque
Pé-na-Lama do mangal
vou arrancar a cabeça dela
da pedra da catedral
quem quiser, me siga

PIRAMUTABA – eu vou consigo

BACAMARTE – faço a guerra a seu sinal

PÉ-NA-LAMA – quem não quer, que fique

CHICO – adeus, amigo!

PÉ-NA-LAMA – eu rumo pra capital

(Chico para. Pé-na-Lama segue).

PÉ-NA-LAMA – quem quiser, me siga

PIRAMUTABA – eu vou consigo

BACAMARTE – faço a guerra a seu sinal

PÉ-NA-LAMA – quem não quer, que fique

CHICO – adeus, amigo

PÉ-NA-LAMA – eu rumo pra capital

Cena 8: Os Fantasmas

(Chico – Jacaré – Os fantasmas – Boi-Bumbá – Coro)

(Sopra o vento frio dos cemitérios abandonados).

A MORTE – Chico, lá vêm eles
estão sempre aqui
sente o frio do bafo
que sopra dali

CHICO – eles, quem? não vejo

nada.

A MORTE – pois vais ver

(A Morte passa os dedos nos olhos de Chico. Começam a passar por eles enormes bonecos, Fantasmas das Lendas e Folgedos Populares).

CHICO – é cada fantasma
(Tenta escapar) que dá pra tremer

A MORTE – lendas e folgedos
(Detém Chico) jogados pra cá
para os cemitérios

CHICO – – olha, é o Boi-Bumbá

CORO – terra, se tremia
(Toada de Boi) já não treme mais
debaixo da lua
nos velhos quintais
meu boi sem capricho
não se empina mais
na poeira braba
dos meus estradais
não urra nem torna
nem torna a urrar
pro dragão de Jorge
noite de luar
na campina escura
meu boi se escondeu
não estoura o gado
nem berra pra deus

A MORTE – monta no meu lombo
(Virando Jacaré) que eu vou te levar
até na gaiola
do boi do lugar
vou num couro grosso
viro jacaré

CHICO – por entre os Fantasmas?
(Com medo)

JACARÉ – monte se quiser
Chico, mas cuidado
que é pra não bulir
e ser atirado,
sem poder fugir,

fora dos limites
fora do Portal
fora das veredas
fora do mangal
forjo-te um perigo
deles, **o primeiro**
toma, meu amigo,
meu bom companheiro

CHICO – mas não me conformo
de passar assim
quero as estrelinhas
todinhas pra mim

JACARÉ – ai que bicho feio,
(Desviando-se) mais feio que eu!

CHICO – anda, vai, me leva

JACARÉ – tá que é só um breu

CHICO – mas vejo o boizinho
num clarão de luz

JACARÉ – é a gaiola dele
dourada, reluz

CHICO – pronto, quebrei tudo
pronto, arrebentei
tá livre o boizinho
tá livre o meu rei

JACARÉ – pega as tuas luzes
o boi não quer ir
colhe as estrelinhas
vamos é fugir

(Chico arranca as estrelinhas de papel do lombo do boi e se lança com A Morte para longe dali).

Cena 9: A Fortaleza do Rei Sabá

(Chico-Água – A Mulher – Os Pescadores)

(Chico e A Morte, transformada em Mulher, chegam aos domínios do Rei Sabá, na Ilha onde a Princesa foi encantada).

CHICO – quanta estrela despenca no chão
pequenos diamantes
u'a galáxia na minha mão
quase uma esteira brilhante

A MULHER – ah, me enfeita um pouquinho também
(Faceira) nos cabelos, no decote
me faz um colar de luz, meu bem
u'as sandálias e um saiote

CHICO – e este céu negro, acolá, de ipê?

A MULHER – é a Princesa, que ainda dorme
encantada na praia malê
numa pedra grande, enorme

CHICO – filha do Rei Sabá, sobre nós
a Fortaleza de chumbo

A MULHER – bate tambor, timbau, guizo, voz
caxixis, bilhas e bumbos

CHICO – lá os pescadores, pelo mar

A MULHER – para sempre, para longe
vão-se para nunca mais voltar
não têm porto, não têm onde

PESCADORES – 'strelinhas naufragam, chega dói
(Coro masculino) arrancadas do bozinho
quem da praia pra sempre se foi
quer as luzes do caminho

CHICO – se eu lançar as minhas espirais
do nascente pro horizonte...

A MULHER – a Princesa nua despertarás
(Interrompe) com os pés firmes sobre o monte

PESCADORES – e o vento de volta soprarás
nas esferas deste mundo
e acharemos a rota do cais
no firmamento profundo

A MULHER – e minhas estrelas de enfeitar
(Ofendida meu punhado, meu magote
e dengosa) que juraste sobre mim jogar
no espinhaço, no cangote?

CHICO – oh morte, morte, morte, mulher

transformada a cada instante
lança-te no abismo, Lúcifer
pelas estrelas galantes

(Chico lança as estrelas contra o céu).

PESCADORES – corre, parente, que eu te avisei
eis o **segundo perigo**
ver na face da filha do Rei
os desejos, o castigo
a pele ansiosa pra fugir
as vergonhas, as vergonhas
e tocar a mão e a mão sentir
onde ponhas, onde ponhas

CHICO – vou por dentro da maré de breu
vem comigo, vem comigo

A MULHER – quero ver se é mais bela que eu
vai na frente, que eu te sigo

CHICO – a pedra despenca e te seduz
os barquinhos se agigantam
a noite rasgada sangra luz
escuta: os vigilengos cantam!

(Ouve-se o Coro dos Pescadores).

A MULHER – já vejo a Princesa, está de pé

CHICO – saliente, saliente

A MULHER – não se cobre, nem sabe quem é

CHICO – vem comigo, num repente

A MULHER – tarde: os olhos dela já nos meus
me devoram, me devoram
ela sabe as ilhas que perdeu
e eles choram, e eles choram

(Passagem instrumental. Chico e A Mulher são estrepitosamente atirados para fora da ilha e longe de seu caminho).

Ato 2
Chico se transforma em fogo

Cena 10: A Salamandra

(Salamandra – Chico-Fogo – Coro)

(A Morte se transforma na Salamandra).

SALAMANDRA – a língua se bifurca
faz duas direções
a pele vira casca
e a casca crosta
remendões

eu viro Salamandra
um pouco, cada vez
um dedo, dois, três unhas
quatro patas
cinco, seis

é pra bulir contigo
que freme o coração
encrua, seca, murcha
e mímica na pal-
ma da mão

(A Morte transforma Chico no elemento Fogo).

CHICO – me atentarás com o fogo
meu sangue pra ferver

SALAMANDRA – ateia, pega, explode
toca, queima
alumiê

CORO – fagulha, risca, brilha
faísca, sol, reluz
enlua, cega, aquece
torra, funde
reproduz

CHICO – teu olho me persegue
o diabo contra quem
focinho, cauda, cheiro
rastros, gosmas e-
vem, vem

SALAMANDRA – é que me abraçadabro
espírito do fim

vertigem me desmaia
nas labare-
das de mim

Cena 11: As Fogueiras

(A Negra que espera)

(A moça conversa com a fogueirinha no terreiro vazio).

NEGRA – esquenta a minha pele
(Melancólica) e o couro do tambor
sou assim, friorenta,
à espera do cantor

o terreiro vazio
a noite que chegou
o vento marinheiro
estrangeiro, passou

aquece os meus abraços
Mariita se atrasou
o sol desaparece
e nada do cantor

tá pronta a gengibirra
fumega o tacacá
a tia é tonta-tonta
de tanto rodopiar

braseiro no Laguinho
fagulha pelo chão
acendeste o luzeiro
os reis, o escorpião

as moças já buiaram
nenhuma disse ou
secaram de ciúmes
nenhuma disse oi

mas crepita assim mesmo
pra elas e pra mim
pra falta de mariita
pro tirador ruim

e lança as tuas chamas
no baque do tambor
marabaixo balança

não vem o meu amor

OS NEGROS – tambor do fim do mundo
(*Marabaixo*) mar acima, mar abaixo
remo, poço profundo
rio, laguinho, mar, riacho

santíssima trindade
santo espírito divino
as trevas da maldade
as maldades do maligno

hoje é a quarta de murta
o ramo dos des'perados
galinho, vara curta
no mastro se alevantado

raimundo ladislau,
joão barcas, julião
nos campos, no perau
na hora da cortação

capoeira caiu
capoeira levantou
entrante mês de abril
mês de abril já se acabou

bate, tambor do mundo
mazagão, curiaú
profundo, mais profundo
maio, junho, julho azul

quem roda no terreiro
branco-azul no marabaixo
navega derradeiro
rio, laguinho, mar, riacho

o mastro alevantado
menino, vem derribar
bandeiro encarnado
vem tempo, vem desbotar

dia de foguetório
lá vem as horas despertas
as almas, purgatório
o céu de portas abertas

quem plantou mastro lindo
e esqueceu da varrição
lírio roxo se abrindo

cinco folhinhas na mão

Cena 12: A Queimada

(Chico-Fogo – Salamandra – Coro)

(Salamandra esperta Chico-Fogo. Eles sussurram).

- CHICO** – salamandramalandragourenta
- SALAMANDRA** – príncipe da noite, manto de cetim
- CHICO** – por que brisas e bufas e ventas?
- SALAMANDRA** – levantai ligeiro por sobre o capim
- CHICO** – salamandrásperacriatura
- SALAMANDRA** – trepai no meu dorso, abalaremos já
- CHICO** – que maquinas e troças e juras?
- SALAMANDRA** – 'spertai as virtudes – caramançará
- CHICO** – salamandraberorrisopreso
- SALAMANDRA** – chamuscai a pata do mapinguari
- CHICO** – onde tramas – em que rio, que teso?
- SALAMANDRA** – queimareis comigo cada bogari
- CORO** – e pixunas e cobras e flores
e urubus e matas e selvas e anuns
- CHICO** – salamandra
- SALAMANDRA** – príncipe sem rosto
- CHICO** – quem atíça o fogo?
- SALAMANDRA** – cabas e piuns
- CHICO** – não me alastro, nem trisco, nem crestos
- SALAMANDRA** – maldizei a sina, a trilha, o tremedal
- CHICO** – salamandrevorabocabresto

SALAMANDRA – já cresceis imenso sobre o matagal

(Passagem instrumental. A Morte gargalha, enquanto Chico-Fogo se espalha pela Floresta).

Cena 13: A Ira
(Coro – Chico)

CORO – ninguém desafie o poderio da besta
a fúria virada sempre pro amanhã
saíam do caminho as vozes da Floresta
ela quer bater na porta de Tupã

(Chico se enfurece com o que vê. Reúne todas as forças de que é capaz e se atira como uma imensa labareda contra o céu).

CHICO – lacraias, formigas de fogo
taocas, lacraus e tições
veneno, gogo de galinha
peçonha dos escorpiões
quem sobe comigo pros ares
arremete comigo pros céus
e inflama as nuvens sobre os mares
crave o ferrão no pé de deus
sucuri-do-bico-de-brasa
fogueirinhas de são joão
saúvas que até criam asas
e sem perdem sem direção
ferreiro do confim do mundo
trinca no braço a têmpera
a tampa do vulcão profundo
amazonina fístula
incendiador vagabundo
garras amoladas, falcão
risca, silencioso e imundo
uma talha na podridão
salamandrimãdamaldade
desolação, vento do sul
enterrem a metade do inferno
na brecha da abóbada azul

Cena 14: O Dilúvio

(Coro)

(Passagem instrumental: há estrondos e tribulação, entre a Floresta e os céus. Raios e trovões parecem ser a resposta à ira de Chico. Mas ao ver o que resta da mata, ele chora. Faz assim desabar sobre todas as criaturas destruídas um Dilúvio que, segundo lhe anuncia A Morte, deve durar 500 anos).

CORO – o raio da ira
se subverteu
troveja, rimbomba
da terra pro céu
já não é são pedro
quem rola tambor
camburão, brinquedo
relampejador
a lança cravada
não sangue, mas pus
do muque lançada
no couro da luz
arruína a carne
e um líquido pui
e um fluido arrebenta
e a salmoura flui
a terra estragada
de vinho ruim
de chuva, azinhavre
vinagre, cauim
a terra embebida
de choro veloz
dilúvio, deserto
cascata feroz
e chico, que enguia
sem lágrima, voz
um estrepe no peito
e a bilha no cós

A CHUVA – e arrebento as ribanceiras
(Coro feminino) e enfureço os vendavais
incho as terras altaneiras
quebro pontes e pontais
entro pelas enxurradas
lambo as botas nos quartéis
desintegro as madrugadas
pingo nas rezas fiéis
eu concluo o sacrifício
do fogo que se plantou
ponto final do martírio

nos trilhos que ele fincou
desenterro as vãs raízes
e os fantasmas dos pajés
colho cadáveres, risos
que sobem como as marés
a bocarra engolideira
engolirei quem vier
vilas, cidades inteiras
homem, menino, mulher
filha de ódio com ira
tenho um fruto pra espocar:
fogo-fátuo se retira
quando me ouve roncar

Cena 15: 500 Anos

(A Morte – Chico – A Chuva)

A MORTE – doma tua impaciência
moleque pra se perder
potro selvagem, demência
malagueta pra lamber
tem um **perigo – o terceiro**
cavucando a nossa fé
dobra o joelho primeiro
quem mais vexado e bile
quero te salvar das águas
do fogo te resgatar
mas pra ser feliz na terra
caboco tem de penar
e pra flutuar no vento
tem de saber flutuar
quero te livrar do inferno
quero te salvar do mar

(A Chuva diminui, aos poucos).

CHICO – quanto tempo, quanto tempo
quantas horas, quantas mais
quantos dias, quantos meses
quantas luas choverás

A CHUVA – choverei de peito aberto
sobre cinza e carnaval
sobre o país descoberto
sobre os trapos n o varal
Chico, te enrola e te deita

na lama, no lodaçal
mirra na várzea e na terra
por cima do bem, do mal
morrinha no som da palha
no batuque do quintal
ouve o vento uivando doido
por dentro do bamburral
senão se fecham teus rumos
pra sempre adeus, seringal
te conforma e me respeita
repete: és a maioral!

A MORTE – desce pela cachoeira
dorme no manso do estio
choverá quinhentos anos
no lombo do pau-brasil

CHICO
e A CHUVA – quanto tempo, quanto tempo
(As vozes quantas horas, quantas mais
minguam até quantos dias, quantos meses
um solo final) quantas luas choverás

(Enquanto as vozes da Chuva minguam, os atores se agrupam no palco).

PAUSA

Ato 3
Chico se transforma em terra

Cena 16: A Terra Pisoteada

(Chico – O Boi)

(Começa um galope. Todos os bailarinos participam daquele tropel, como se preparassem o estouro de uma boiada. A Morte está frente a frente com Chico, volta-se contra ele).

A MORTE – treparei nas tuas costas
'té que não suportes mais
és agora a terra nua
eu sou um boi – para trás!
quem me tange são os Homens
com seus aboios e bestas
berrantes espantadores
estrondando na floresta
foge agora mesmo, Chico
belzebu deu de matar
sou eu o **quarto perigo**
que tu deves enfrentar

Cena 17: A Perseguição

(Coro – Chico)

(O Boi sai em perseguição de Chico).

CORO – a mata espavorida
afunda pelo chão
recua, entangue, cede
procura a direção
atrás do capim ralo
a noite despertou
na barra do horizonte
o dia ensanguentou

CHICO – o Boi me pisoteia
trote, tripas, tropel
tropeça em sete tocos
chifres e baba e fel
bufam na minha cara
zebus, zambas, zangões
nas ancas espetadas
ferros, forras, ferrões

Cena 18: O Esconderijo
(*Coruja – Coro – A Morte*)

(*A Coruja protege Chico e ajuda-o a despistar o Boi*).

CORUJA – cá no escuro o bicho não te pega
tá friozinho no oco do pau
eu te livro da brabeza cega
escondidinho no oco do pau

já caiu a noite na floresta
mas o bicho tem um mal sinal
vê tudinho o que presta e não presta
com a luz roxa de seu olho mau

e fareja, escuta, baba e sente
quando não, palpita o coração
aí presente o coração da gente
e haja pata escavilhando o chão

mas aqui foi que fiz minha tenda
pequenina, doce, natural
ele ronda, ronda, ronda, ronda
mas não entra no oco do pau

anda logo, seu porqueira besta!,
hoje é festa aqui no matagal
vem tudo quanto é bicho que resta
na floresta pro oco do pau

mas quando eu piar meu pio de guerra
e rasgar mortalha para o mal
nunca mais que esse bicho carrega
a coruja do oco do pau

CORO – pirilampos
clareiam o céu
não tem nuvens
caíram os véus
manhãzinha
a lua vem
três estrelas
caem tão bem
os cometas
pulam no rio
cabeleiras
no vento frio

(*Desvencilhada do Boi, A Morte se acerca*).

A MORTE – eu era um Boi
malsinador

CORUJA – Chico treme
(*Reclama*) treme de horror
arreganha
pra Satanás
as porteiras
os vivarás

A MORTE – mas o coisa
(*Tenta se* dialho, canim
eximir capa-verde
de culpa) coxo, azucrim
pé-de-cabra
cafuçu, cão
indivíduo
cujo, tição
que eu fui ele
e ele foi eu
no negrume
do bulzebeu
este fute
mofino, mau
mafarrico
diá, maioral
desapeou
de riba d'eu
no horizonte
lasca de breu

CORO – lua, lua
doida por véus
nua, nua
entre arrebóis
os cometas
buiam do rio
cabeleiras
no vento frio

A MORTE – tuas prendas
(*Para Chico*) estão aqui

CORUJA – traiçoeiras
qual sucuri

A MORTE – psiu, feia,
Coruja vil!

CORUJA – ai, socorro!

A MORTE – psiu, psiu!

CORUJA – barulheira
(*Tenta acordar a floresta*) sapos e rãs
grilos, gralhas
aracuãs

A MORTE – um sonho bom
(*Para Chico*) um sonho mau
dorme e sonha
no oco do pau

Cena 19: O Sonho
(*Chico-Terra – Garimpeiros*)

(*Chico fala dentro do sonho*).

CHICO – foi assim o sonho
GARIMPEIROS – na cava de zabrundó
(*Coro masculino*)

CHICO – trêmulo, medonho
GARIMPEIROS – na cava de zabrundó
CHICO – lamaçal, charneca
GARIMPEIROS – na cava de zabrundó
CHICO – e a garganta seca
GARIMPEIROS – na cava de zabrundó
CHICO – silêncio pesado
GARIMPEIROS – na cava de zabrundó
CHICO – dentes estragados
GARIMPEIROS – na cava de zabrundó
CHICO – quero dar um passo
GARIMPEIROS – na cava de zabrundó
CHICO – levantar o braço
GARIMPEIROS – na cava de zabrundó
CHICO – quem me dera um grito
GARIMPEIROS – na cava de zabrundó
CHICO – sou pequeno e jito
GARIMPEIROS – na cava de zabrundó
CHICO – saio mas não ando
GARIMPEIROS – na cava de zabrundó
CHICO – ando mas não corro

GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	corro mas não chego
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	chego mas não entro
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	e lá vem a truba
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	dez mil garimpeiros
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	tão se aproximando
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	o carão crescendo
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	olho arregalado
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	barbicha de bode
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	cada dedo enorme
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	boca desconforme
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	mulher ou menina
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	essa a minha sina
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	mira de trabuco
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	entre dois malucos
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	arrepio de medo
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	calafrio de febre
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	último minuto
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	escapulo ou luto
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	e é bala, bulício
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	fogo de artifício
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	prenda do demônio
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó
CHICO –	foi esse o meu sonho
GARIMPEIROS –	na cava de zabrundó

(Em flashes rápidos).

GARIMPEIRO 1 – areia, areia, abriu-se o chão
GARIMPEIRO 2 – um calo na palma da mão
GARIMPEIRO 3 – domingo eu me arranco pra lá
GARIMPEIRO 4 – tou perigando bamburrar
GARIMPEIRO 5 – rosa tem cheiro de alecrim
GARIMPEIRO 6 – aquela pedra era pra mim
GARIMPEIRO 7 – mais um gole pra mergulhar
GARIMPEIRO 8 – a porra não quer mais sarar
GARIMPEIRO 9 – parece que o céu vai cair
GARIMPEIRO 1 – parece que o céu vai sumir

GARIMPEIROS – cava mais, cava mais
cava mais, cava mais
cava mais, cava mais
cava mais, cava mais...

(Chico fala como personagem do sonho).

CHICO – o céu tá pra sumir
o céu tá pra cair
nunca mais vai sarar
um gole pra engasgar
roubaram a pedra sim
fedem a rosa e o alecrim
ninguém vai bamburrar
nem nunca mais voltar
escalavrada a mão
beija a areia do chão

GARIMPEIROS – cava mais, cava mais
cava mais, cava mais
cava mais, cava mais
cava mais, cava mais...

CHICO – diga o nome daquela praga
aquela que some no ar
espantalho, gume de adaga
onde os anuns não vêm sentar

GARIMPEIROS – quem be-a-baniu deste mundo
as escadas de-o-do céu
o vento ve-a-vagabundo
da co-pe-a-pa do chapéu
broto na gro-te-a-ta longe
onde brota-ve-a-va a flor
beija-flor que se-e-se esconde
pe-a-para o beijo do amor

quem apagou do abecedário
as re-i-rimas da manhã
consoantes do calendário
vogais do acaua-cauã
a palavra que nós procura
pe-e-pe-pe-i-pi-te-a
qual se ce-a-caça mucura
em hora de fome braba
e quanto mais fundo mais perto
e quanto mais perto ninguém
deserte-o-to no deserto
mais pra le-a-lá mais além

cava mais, cava mais
cava mais, cava mais
cava mais, cava mais
cava mais, cava mais

CHICO – mas o nome da proibi-

GARIMPEIROS – de-a-da
ninguém vai dizer

CHICO – de-i-diga pe-o-poe-
GARIMPEIROS – me-a-ma
quem que quer saber

CHICO – soletre o nome da perdi-
GARIMPEIROS – de-a-da
não tem no abc

CHICO – então confesse o da quadri-
GARIMPEIROS – lha-ga-lha
nem fuçando o chão

CHICO – e reconheça a cumplici-
GARIMPEIROS – de-a-da-de-e-de eu não
CHICO – tua palavra é fulores-
GARIMPEIROS – te-a-ta
a palavra é sertão

cava mais, cava mais
cava mais, cava mais
cava mais, cava mais
cava mais, cava mais

Cena 20: A Desmemória

(Chico – O Yanomâmi – O Bacurau – Bando de Bacuraus)

(Chico desperta assombrado. Foge pelos campos, qual alma penada. A Morte segue à sua frente, transformada e misturada a um Bando de bacuraus).

BACURAU – o que é aquilo
(Para os outros bacuraus) tão cabisbaixo
que se aproxima
– é fêmea ou macho?

O BANDO – vem feito louco
parece macho
parece gente
tão cabisbaixo

(O Bando levanta voo e pousa mais na frente. Chico vem se aproximando).

BACURAU – tá sem trabuco,
sem bala, eu acho
já chega perto
é mesmo macho

O BANDO – então vambora
mais lá pra baixo
que ele vem vindo
rente o riacho

(O Bando torna a levantar voo, à exceção do Bacurau).

BACURAU – não tenho medo
não me despacho
quero ver mesmo
se é cabra macho

O BANDO – ele te pega
pelo penacho
torce o pescoço
te apaga o facho

(Chico se aproxima. O Bando voa, mas o Bacurau espera. Voa em volta de Chico).

BACURAU – desse eu conheço

bigode e cacho
brigou com a morte
voltou do tacho

(O Bacurau voa, em seguida, para junto do Bando).

O BANDO – mas como sabe
do populacho
tanta da coisa,
tanto esculacho?

(A Morte mostra, rapidamente, ao Bando, sua verdadeira face).

BACURAU – é que sou tudo
para o tal diacho
a própria morte
deste muchacho

(O Bando se aterroriza com a visão e foge, espantado, em busca de ajuda. Chico começa a delirar. A Morte reassume o disfarce e volta a voar em torno dele. Mas, inadvertidamente, cai em um alçapão).

YANOMÂMI – a flecha pronta, bicha rúim
(À espera já foi jogada contra mim
da morte) tem ponta de pedra de sal
praga do juízo final
tala, pétala de bambu
asa de pena de inhaçu
cruza a floresta – cruza o quê?
astros errantes vão dizer

a flecha aponta para mim
lateja os espasmos do fim
corta os atalhos siderais
e o coração dos animais
rumoreja, astronave, um som
um som de tédio e de tom-tom
é feito de sombra e de quê?
astros errantes vão dizer

(O Bando de Bacuraus se acerca, alvoroçado).

YANOMÂMI – conceição imaculada

que alvoroço, debandada!

O BANDO – bacurau de cara feia
caiu nos alçapões, eia!

YANOMÂMI – espero a flecha na areia

O BANDO – ele parece a morte, eia...

YANOMÂMI – se fujo, a flecha bandeia

O BANDO – ...perseguindo um cristão, eia!,
que, doido, caiu na teia
do bicho de cara feia

YANOMÂMI – conceição imaculada
deteve a flecha zangada

(Sai com o Bando de Bacuraus em direção ao local onde Chico está. Presa no alçapão, A Morte tira e põe, sucessivamente, seu disfarce de Bacurau, num diálogo consigo mesma).

BACURAU – ele delira, o animal

A MORTE – e eu presa, feito um bacurau

BACURAU – que horrores será que ele viu?

A MORTE – quero galopar no brasil

TODOS – corumbiara,

A MORTE – estarei lá
Na minha hora, estarei lá

TODOS – gaiola nenhuma detém

BACURAU – A Morte encomendada

A MORTE – amém!

(Chico cai, semidesfalecido, nos braços do Yanomâmi).

YANOMÂMI – bebe deste raio de sol
ervas e cipós soluçei
sombras da floresta bonzai

no meu coração pedra azul

BACURAU – quebra, omami, as talas pra mim
(*Debate-se na prisão*) anda, quero as asas do além

YANOMÂMI – banha a cabeça de manhã
no sereno-lágrima-e-rum

(*Chico começa a reagir. A Morte pede ajuda*).

BACURAU – corre, Chico, vem me ajudar
quero as asas de me perder

YANOMÂMI – sombras da floresta banir
do meu coração caçador
ungüento das horas a mais
sumo do que resta, marés
vinho derramado – umaris
no sangue goteja por nós

A MORTE – alguém me proteja do mal
da inocência deste alçapão
das barras de ferro e final
do miriti desta prisão

YANOMÂMI – vai num galope
(*Abre o alçapão*) pelas esferas
a imaculada
te sorrirá
dispara a flecha
que ela deteve
fecha meu tempo
no maracá

(*A Morte faz aquilo que o Yanomami pede*).

eu não me lembro
da minha dança
nem das histórias
nem do cauim

(*A Morte encontra a flecha, formada por um ou mais bailarinos, e arremete contra o índio*).

A MORTE – mesmo assim baila
no contratempo
embriagado
de lentos fins
(*Raivosa,* e vira, morre
crava-lhe lenda, mentira
a flecha) lembrança vaga
yanomâmi

(*Mais calma*) corumbiara
me chama, Chico
– vês a tarefa
que hei de cumprir
e o grã-**perigo**
que está por vir?
Chico, te avexa,
vamos partir

Cena 21: Corumbiara
(*Coro*)

(A coreografia entra em descompasso com a música. Enquanto as balas atravessam Chico, A Morte dança com os sem-terra).

CORO – a madrugada se calou
sabe de nada, amordaçou
os sapos na beira do rio
e os assobios do vento frio
nenhum papouco pipocou
na madrugada do equador
nem onze balas nem ninguém
almas penadas e seus trens
nem urros berros uivos ais
na madrugada do jamais
terçado nunca tilintou
no pandemônio do pavor
embiaras, madeiras, nó
ermo, quebrada, cafundó
corumbiara – algum desvio
fora do mapa, silêncio
cai da amurada do navio
a memória dos arrepios
cheiro de pólvora e de cio
ninguém não sabe nem não viu
corpos ocultos nos gapós
e a madrugada sobre nós

ninguém matou, ninguém morreu
naquele breu, naquele breu
o dia nunca amanheceu
nem dia houve – a mão de deus
riscou do tempo a nota fá
quebrou o passo do compá
isso ninguém sabe do fim
fúria forró farra festim
e a madrugada já não há
nem madrugada teve lá

(Chico despenca para o fundo da Terra, mas arrasta A Morte consigo).

Cena 22: A Nação dos Homens Sem Cu

(Coro – Chico – A Morte – Metaré – A Índia – A Nação)

CHICO – pro umbigo da terra
pros confins do abismo
arrasto comigo
quem quer me arrastar
seguro na trança
comprida da velha
no cabelo branco
crespo e sarará

A MORTE – larga mea rodilha
tecida no jeito
untada com banha
gró de peixe-boi
a barra da saia
que rodei agora
me preparei toda
– foi bonito, foi?

CHICO – anda, anda, anda
(Com o ritmo diminuindo pelo cansaço) joga fora a casca
grossa, de calango
vira Metaré
que já vejo o povo
da nação sem eira
cheirando a comida
sem chefe ou pajé

(Sobe o Coro, enquanto A Morte se transforma no herói de cultura Metaré).

CORO – fiote, finfa, foba, fiofó
tem tantos pseudônimos o ó
anel de couro, ratifurineide
e todos têm o seu – mendigo ou lady
alvado, velho, viegas, fueiro
o azar do mundo não distingue o cheiro
nem cor, nem credo, título, soçaite
seja olho cego ou arigó ou flight
rosca, buraco, reto, zé-de-quinca
em toba alheio, moça, não se brinca

imagine, então, o estrupício de um treco:
uma nação inteira sem caneco
sem boga, lorto, pivide, brioco
em torno da fartura, que sufoco,
não pode comer, cheira e paga o preço
sem ás-de-copas, sem curico ou ceço
furo, furico, orimtibó, buzico
da fome aterradora sem penico
dentro da terra, sem manhã azul
e sem roscófi, sem ânus, sem... cu

METARÉ – quantos alguidares!
(*Faminto*)

A NAÇÃO – tudo que se caça
tudo que se pesca
– servido um cheirim?

METARÉ – cheiro eu já não digo
mas deixa comigo
que eu como tudim

ÍNDIA – e ensina pra mim?

(*Metaré se dana a comer. A Índia o imita*).

METARÉ – é ponhá na boca
sair mastigando
mastiga, mastiga...

ÍNDIA – ai... vou engolir!

(*Todo mundo para. A Índia engole*).

A NAÇÃO – engoliu... e agora,

pra botar pra fora?

METARÉ – só fazendo um furo
por trás da cunhã!

(Os índios entram em alvoroço).

A NAÇÃO – deixa que eu seguro
(Falas sucessivas) deixa que eu espeto
eu tenho um espinho
bom de tucumã

(Metaré se apossa do espinho e espeta a Índia na bunda. Do furo começa a sair muito vento. Os outros índios passam a se espetar uns aos outros e, livres do empecilho, correm ávidos para os alguidares de comida. O vento que sai deles ser transforma num tufão e atira Chico e Metaré de volta para a superfície da Terra).

Cena 23: O Vento
(Coro – Chico – Folha Seca)

(A Morte se transforma numa Folha Seca).

CORO – vento, vento, vento
que sopra de fora
que sopra de dentro
do oco da terra
das minhas entranhas
nessa direção
leva junto A Morte
de cara mudada
murcha, transformada
largada no vento
vento, vento, vento
vento, furacão

FOLHA SECA – Chico, assim se fecha
nosso descaminho
Chico, assim termina
nosso vaivém
serás o elemento
acerca do mundo
no abismo profundo
nas nuvens além

corre pela Terra
sustenta o planeta
a esfera atirada
nos vãos siderais
e arrasta contigo
meu nome fingido
meu corpo moído
pra sempre, jamais

Ato 4
Chico se transforma em ar

Cena 24: O Solimões

(Chico – A Folha Seca – O Solimões)

CHICO – folha seca, folha seca
vem comigo pelo ar
vês o Solimões, embaixo?
Corre dos Andes pro Mar

FOLHA SECA – e em sua ribeira alegre
e em sua ribeira triste
quem nos acena – já viste?

CHICO – é Pé-na-Lama, será?

SOLIMÕES – enviei os meus gaiolas
aprontei minhas canoas
despachei todos os cascos
e todos os popopôs
me lancei nas minhas águas
dei as notícias aos peixes
espalhei todas as brisas
soltei no vento o fedor
pedi a todos os homens
que me levassem consigo
e anunciassem o que digo
a anunciação da dor

(Chico encrespa as águas).

CHICO – mas por que tanta agonia?

FOLHA SECA – mas por que tanto furor?

CHICO – reima no Reino Encantado?

FOLHA SECA – reima no Reino do Amor?

SOLIMÕES – um homem bom foi traspassado
pelo ódio, nada mais
é a história que carrego
para cada porto e vila
quero romper as cadeias
dos limites do meu cais
e chegar à foz do tempo
transformado em muito mais

Cena 25: A Notícia

(Chico – A Morte – Urubu-Rei – Gavião-Real)

(Chico estremece. A Morte se transforma em Urubu-Rei e logo depois em Gavião-Real).

CHICO – pressinto o **sexto perigo**
no tremor da tua voz

URUBU-REI – vento louco, vem comigo
Longe do espelho veloz

CHICO – e que garras ferem-livram
o homem de ver e chorar
a própria face polida
nas águas do rio-mar

URUBU-REI – afiadas, duras unhas
laceram-te a carne, eu sei
vem comigo sobre as copas
aos ninhos do Urubu-Rei

(A Morte se transforma outra vez).

GAVIÃO-REAL – e daqui mais alto ainda
foge comigo pros ares
pras montanhas e os lugares
onde só eu já pisei

CHICO – mas que leves asas livram
o homem de ver e chorar
a própria face polida
nos espelhos do rio mar

GAVIÃO-REAL – penas azuis e cinzentas
barreladas contra o mal
Vento, vem, sobe comigo
segue o Gavião-Real

CHICO – é minha morte cigana
que o rio lança contra mim
no grito das andorinhas
dos espantos e do fim

(A Morte arranca os disfarces).

A MORTE – Vento, Chico, vem comigo
desce dos espaços frios
a Primeira Água espera
nas cabeceiras do rio

Cena 26: O Retorno
(Chico – Solimões – A Arara)

SOLIMÕES – sim, me desdigo
(Para Chico) tu vens comigo
prás cabeceiras
em vez da foz
vê minhas fontes
vê meus tesouros
as cordilheiras
correm pra nós

(Transformada em Arara, A Morte prega-lhes, então, uma peça: faz com que o caminho seja refeito, por eles, em dez anos. Nas cabeceiras, quando entrega a Chico sua Primeira Água, o Solimões já não se lembra porquê. Esqueceu, durante o percurso, que um Homem fora varado pelo ódio. Não sabe mais por que voltou ao ponto de partida ou por que partiu, um dia, dos Andes, para encontrar o Mar).

ARARA – sim, seguiremos
(Grasna, e chegaremos
irônica e às cabeceiras
maldosa. do Solimões
Só o público mas qual a pressa?
percebe bote dez anos
sua intenção) nessa viagem
pelos sertões
Chico não sabe
– passou-se um ano
nem desconfia
dois já contei
e os dois na frente
da Arara Negra
da feiticeira
que me tornei
faço um repente
bagunço os anos
antes do quarto
foram-se três
e eles pensando
que se desdizem
depois do quinto

pulam pro seis
(só mesmo rindo
de quem se engana)
sete, oito, nove
e afinal dez

SOLIMÕES – eis a minha Primeira Água

CHICO – trago a bilha pra te levar

SOLIMÕES – mas não lembro pra que precisas
das cacimbas do rio-mar

A ARARA – esqueceste aquela notícia
(Com que espalhavas nos paranás
deboche) do homem que foi traspassado
há dez anos nos seringais?

SOLIMÕES – por que vim invertendo as torrentes
pras grandes águas reinventar
e o que me fez avançar, um dia
das fontes jitas para o mar?

(O rio se lança, de novo, para o Mar).

Cena 27: A Primeira Água

(Chico – A Arara – Coro)

A ARARA – bebe, Chico,
uma gota
enche a bilha
no teu cós

CHICO – água doce
fonte viva
o que podes
contra nós?

(Chico obedece).

A ARARA – estás pronto
para o Mundo
lava as dores
lavapés

CHICO – tenho medo...

A ARARA – e estás triste
e só pensas
num viés

CHICO – e o que dizes,
curandeira?

A ARARA – só tu ficas
vou voltar
já não posso
já não devo
já não quero
mais brincar

CHICO – mas que prendas,
caprichosa,
ainda tenho
de pagar?

A ARARA – o teu **últi-
mo perigo**
vais agora
desvendar
o tal broto
da tal planta
faz dez anos
lembras não?

CHICO – e o que resta
do que tive
neste acre
deste chão?

A ARARA – só tu mesmo,
meu pequeno
saberias,
saberás

CHICO – desmemórias
despedaços
despedidas
desvarios

A ARARA – e delícias
e suores
e torrentes
calafrios

CHICO – quem me espera

na tardinha
em que chego,
mas tu vais?

(A Arara não responde. Toma Chico, voa com ele e se detém).

A ARARA – nem mais terra
nem mais fogo
nem mais água
nem mais ar
és agora
solitude
e não deves
me mirar

(Aos poucos, a Arara volta a ser A Morte. Chico volta a ser um homem).

CHICO – sinto o teso
(Quer do espinhaço
vê-la) e o calor do
coração
tua face...

A MORTE – tua guerra
é naquela
direção
já não sou mais
A Arara
sou A Morte
sombra ou luz
feiticeira
radiante
sob as dobras
do capuz
e eis a mata
onde pousas
onde restas
onde estás
onde mudas
os limites
para sempre
ou nunca mais

(A Arara se desfaz. É a própria face da Morte que espreita Chico, enquanto ele se afasta).

Cena 28: O Esquecimento
(Música Instrumental)

(O Homem caminha pelas veredas, no rumo do seringal. Some aos poucos, lento, na floresta).

FIM

Glossário

A

abiu – fruto doce e delicioso do abieiro, de resina leitosa e semelhante a uma cola suave
acre – um dos Estados da região amazônica, no qual nasceu Chico Mendes
aguapé – planta aquática
alçapão – armadilha para pássaros, feita de talas
alumiê – neologismo (de alumiar)
anuns – plural de anum, ave urbana, grande e negra da região

B

bacurau – ave noturna
bamburrar – encontrar grande quantidade de pepitas, ficar rico
bandeiro – por bandeira
bilé – louco
bilha – vasilha de barro para transporte de água; também um instrumento musical
bodum – odor
boi-bumbá – uma das mais conhecidas e difundidas manifestações da cultura popular paraense e amazônica
boiúna – cobra preta; a cobra-grande da lenda amazônica
buiaram – chegaram; surgiram (de vir à tona)
bujaru – município do Estado do Pará
bulzebeu – neologismo, jogo de palavra a partir do termo belzebu

C

caba – inseto de ferroada muito dolorida
caboco – nativo da Amazônia
cacimba – olho d'água
cagaço – nó complicado de desfazer, nas linhas de papagaio; um grande problema
cambitos – pernas finas
cangote – o pescoço, a nuca
capoeira – tipo de mata rala
cascos – tipo pequeno de embarcação a remo
cauim – bebida fermentada do milho entre algumas tribos do Brasil
cava – pontos onde os garimpeiros buscam ouro
caxixi – instrumento musical percussivo, feito de talas e sementes, em forma de pequena bolsa
cortação (hora da) – a derrubada do mastro no marabaixo, festividade promovida por comunidades afrodescendentes do Estado do Amapá em homenagem ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade
corumbiara – município do Estado de Rondônia onde sem-terra foram massacrados por policiais, no ano de 1995
cujo – apelido dado a Satanás
curiaú – vila de Macapá (AP), um dos lugares onde tradicionalmente é celebrado o marabaixo

E

embiaras – fruto da caça ou da pesca; presa de guerra
empate – estratégia de luta montada pelos seringueiros e muito utilizada por Chico Mendes para tentar conter a derrubada da floresta
encantes – encantos, encantados (no sentido mágico)
enxó – instrumento de trabalho, na lavoura, semelhante à enxada

F

foguetório – queima de fogos no início, durante ou ao fim de celebrações religiosas
fortaleza (do Rei Sabá) – referência aos ditos lendários que apontam a existência de uma pedra encantada, na Ilha de Fortaleza, município de São João de Pirabas (PA)
forte – referência ao Forte do Presépio (ou do Castelo), onde se fundou a cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, capital do Estado do Pará, em 1616

G

gaiolas – grandes barcos de passageiros que percorrem os rios da Amazônia
gavião-real – grande ave da região amazônica
gingibirra – bebida alcoólica feita com gengibre e servida inclusive nas festas de marabaixo

I

igapó – área alagadiça, pântano, várzea
indivíduo – apelido dado a Satanás
inhaçu – ave amazônica
ipê – madeira de lei, escura

J

jito – pequeno
joão barcas – personagem tradicional ligado às origens do marabaixo
julião – idem

L

laguinho – bairro de Macapá (AP) onde se celebra o marabaixo
limoeiro do ajuru – município do Pará
luas – a contagem do tempo entre as tribos indígenas

M

magote – grande quantidade
mangal – por manguezal, área de mangue, alagadiça
mapinguari – ente fantástico e aterrador das florestas amazônicas
marabaixo – manifestação da cultura popular do Amapá
mazagão – município do Amapá onde tradicionalmente é celebrado o marabaixo
mea – por minha
mataré – herói de cultura dos índios ticuna
miriti – material retirado da árvore do miritizeiro, com o qual se produzem brinquedos, artefatos e adereços populares
morrinha – preguiça
mucura – animal noturno
mungangos – trejeitos, troça

murta – erva aromática usada para enfeitar os mastros do marabaixo, no Amapá; a quarta da murta é um dos eventos da festividade

O

omami – um dos deuses yanomâmi, o principal deles

P

paraná – braço de rio

parente – forma de tratamento entre os habitantes de algumas microrregiões paraenses

perau – a parte mais funda do rio, a mais difícil de transpor

pereba – ferida purulenta

pinimas – teimas (pirraça)

piramutaba – peixe muito utilizado na alimentação dos habitantes da região e exportado pelo Brasil sob a marca “*cat-fish*”

piuns – insetos agressivos e de ferroada dolorosa

popopôs – tipo de embarcação a motor

princesa – lago encantado no arquipélago de Maiandeuá, no Pará

puraqué (ou poraquê) – peixe elétrico da Amazônia, em torno do qual construíram-se diversas lendas e narrativas

R

raimundo ladislau – personagem tradicional ligado às origens do marabaixo

rio-mar – como se disse no passado do grande Amazonas

S

salamandra – animal anfíbio relacionado ao elemento fogo nas artes ocultas

saliente – “apresentado”, ousado, indecente

sé – referência à lenda da cobra-grande, que teria a cabeça enfincada sob a Catedral de Belém do Grão-Pará

T

tacacá – mingau típico do Pará, mas servido também em outros Estados, como o Amapá, produzido a partir da mandioca e composto mais frequentemente de goma, tucupi, jambu, camarão e pimenta-de-cheiro

tefé – antiga cidade do Estado do Amazonas, na qual teriam se rendido as últimas tropas cabanas, no ano de 1840

tição – apelido dado a Satanás

tirador – cantor que puxa os cantos em algumas manifestações da cultura popular

tom-tom – denominação de um determinado tipo de tambor

truba – por turba

tucumã – fruto do tucumãzeiro, de cor alaranjada e polpa deliciosa

tupã – deus na língua geral para as tribos indígenas

U

umari – um fruto (mari)

urtiga – planta cujas folhas produzem ardor e coceira ao simples contato com a pele

urubu-rei – grande ave da região amazônica

V

vaçuncê – você (ant.)

varrição – um dos eventos do marabaixo

vergonhas – as partes íntimas

vigilengos – os homens que navegam nas vigilengas, tipo de embarcação usada no município da Vigia, no Pará; os nativos do lugar

Y

yanomâmi – tribo indígena de muita expressiva tradição cultural, distribuída entre os estados de Roraima e Amazonas

Z

zabrundó – um lugar imaginário

A CUIA MÁGICA

Apresentação

Lançando mão de recursos do realismo fantástico, este texto – publicado em edição bilíngüe, em Paris, na *Revue de la Gare*, no ano de 2005, e montado por uma companhia de atores franceses, sob a direção de Mustapha Aouar – procura colocar a água em debate de um ponto de vista menos local do que seria de se esperar de um escritor amazônico, para abordar a questão a partir de um enfoque humanista e social, somado ao desejo de entender o que será o planeta no futuro e de que forma as nações (se é que esse conceito tem condições de perdurar) estabelecerão relações entre si.

Nele, um Velho de 120 anos e um Menino de 7 se confrontam em torno de seu entendimento acerca do que representa a água para a humanidade, não como posse de um grupo, mas enquanto bem desejável e necessário ao conforto, bem-estar e felicidade de todos.

Enquanto o menino tenta salvar o Rio Amazonas da destruição, fazendo a transposição de suas águas para dentro de um pequeno buraco, no terreiro de sua casa, o velho pescador, que passa com ar inocente, em sua canoa, revela a existência de uma cuia que logo parece ao outro dotada de poderes mágicos.

A cobiça confronta os personagens. O Velho logo tem a ideia de cobrar taxas pelo uso do buraco, ao passo que o Menino deseja a posse da cuia mágica.

Trata-se de um embate que pode (ou pelo menos deveria) gerar uma resposta positiva, matemática, um diálogo mais saudável que aquele de que temos sido capazes. Sobretudo ações eficazes de distribuição democrática, também, de outros bens – como renda, riquezas, alimentos, combustíveis e tecnologia – cuja natureza recomenda seu uso não na qualidade de mera propriedade nacional, exclusiva dos países desenvolvidos, tratados como mercadoria e ferramenta de exploração de outros países e de comunidades fragilizadas, mas, na mesma medida, como direito de todo ser humano.

Personagens

Menino (e Uma Cuia)
Velho Pescador (e Outra Cuia)

Vozes de:
Raimundo Paraense
Mariquita
Vó Filoca

Cena

Uma beira do Rio das Amazonas, no Estado do Pará.

(O Menino entra em cena e começa a retirar a água do rio, com uma Cuia, derramando-a em um buraco no fundo do terreiro de sua casa.

Tempo.

O Velho Pescador se aproxima lentamente, pelo rio, em sua Canoa).

VELHO – Eu pesquei um peixe grande
(*Canta*) pra levar pra Manuela
não era pescada branca
nem tampouco era amarela
Eu pesquei um peixe lindo
pra dar de comer a ela
tão lindo que foi pro aquário
em vez de ir pra panela.

(O Menino interrompe, irritado).

MENINO – Velho! Passe logo!!!

VELHO – Mas por quê? Por que, meu brinquinho de flor de piquiá?

MENINO – Porque não demora esse rio vai estar mais seco que goela de naufrago no meio do oceano.

VELHO – Ah vai, é, meu pajé?

MENINO – Quer ficar atolado aí, no meio da lama, quer?

VELHO – Não estou na lama, não, meu folguedo. Estou é na água! Já viu tanta água assim, que não se acaba? Adonde?

MENINO – Mundão de água, é? Então me espera só...

(Para si mesmo)

(Pega a Cuia e reinicia o trabalho de carregar a água do rio para o buraco).

VELHO – E esta cabaça sua, aí, tá servindo pra quê?

MENINO – Não é cabaça, não, meu avô. É cuia mesmo.

VELHO – É cuia, é?

MENINO – E passe, passe, passe, que o rio já vai secar!

VELHO – O Amazonas!?

MENINO – Este mesmo aí!

VELHO – Vaçuncê está levando o rio pra dentro do terreiro seu, e tá?

MENINO – E tou!

VELHO – E quem lhe autorizou tarefa mais tamanha, meu piranha?

MENINO – Ah... isto? Isto são coisas de uma visão. Coisa minha, pessoal.

VELHO – Visão, camaleão?

MENINO – Trinta e cinco empresas estão chegando aí, só este ano. É minério, é peixe, é tora de madeira, erva medicinal...

VELHO – E eu vou mais é pescar pra elas, tagarelas!

MENINO – Ah, não vai, não! Minha visão me disse: “Tira o rio de lá. É bem de não se acabar... Cava um buraco fundo e esconde o Rio-Mar!”.

VELHO – E eu vou viver de quê, hein puraquê?

MENINO – Vire um encantado e venha. Este buraco será teu mundo.

(Solene)

(O Velho finge se transformar num encantado, de forma bem exagerada e caricata).

MENINO – Permanecerás no rio para sempre, como em tua casa. E eu contarei para as gerações a Lenda do Pescador Encantado.

(O Velho se corrige e interrompe a “transformação”).

VELHO – Égua! Eu mesmo não. Quero ser é gente, parente!

MENINO – Então vem cá, me ajuda. Arriba dessa canoa e pega outra cuia lá. Com o Amazonas destruído se acaba toda gente, sabia?

VELHO – Mas o plano é qual, vidigal? Secar o rio todinho, e aí!?

MENINO – Minha visão me disse: “Protege lá teu bem. Teu bem maior é a vida. Cava um buraco fundo e dá-lhe uma guarida”.

VELHO – E quantos anos nós vai levar, nós dois, pra terminar?

MENINO – Ah... Tem que ter fé!

VELHO – Por quem tu jura?

MENINO – Pela fé da mucura! Não sabe que crente não jura, meu avô?

VELHO – Mas ah... E então, depois?

MENINO – Depois de quando?

VELHO – Depois da água toda no buraco, que nós faz?

MENINO – Protege.

VELHO – O quê?

MENINO – O quê!?

VELHO – O quê? A vala que ficou?

MENINO – Não, meu avô. A água do buraco.

VELHO – E os pessoal que vai, que vem, que pesca, cata água pro jirau, se banha, faz casinha, monta palafita e joga rede, faz escadinha de filho e fica olhando o Amazonas passar, assim, bonito, de Manaus pra Belém, na hora do sol se pôr? Essa gente, como fica?

MENINO – Minha visão não falou nada, não.

*(Depois de
pensar
um pouco)*

VELHO – Ah, não, violão?

MENINO – Mas eu acho que tudo merece. Que se dane! Porque não se mexe, não faz nada, não defende o rio, não quer saber, usa e abusa, só, não tem zelo nenhum pelo pobre.

VELHO – Menino nobre...

MENINO – Já sentiu o fedor? Já viu como as águas tão mudando, os braços de rio, furos, paranás, afluentes e igarapés, tudo se acabando? Já viu as favelas em cima de Manaus e de Belém? Viu?

VELHO – Cara de pavio...

MENINO – Pega a cuia ou não?

VELHO – Chama tua visão, é que é. Tem de encontrar um jeito de levar pra dentro do buraco todo esse mundaréu de gente!

MENINO – Todo esse mundaréu de índio, preto, caboclo e branco?

VELHO – Na forma de encantado e bem na tua cuia.

MENINO – Homem, mulher, criança e velho?

VELHO – Todo esse mundaréu e mais os turistas, também. E os passantes. E os viajantes. E os empresários. E os operários. E os governantes.

MENINO – Será que dá, meu avô?

*(Examina
a cuia)*

VELHO – Te vira. Chama ela, falabela!

MENINO – Falabela?

VELHO – É, aquele-um, aquele unzinho do cabelinho louro, da cara sem-vergonha,

*(Todo se
rindo e
gozador)*

MENINO – E tem TV no teu tapiri, avô?

VELHO – Juro que tem, neném! E bota ela junto no buraco, que eu não durmo sem dar uma espiadinha.

MENINO – De que adianta, então? Se tudo se encantar de novo, no buraco, fica tudo igual! O bem e o mal...

VELHO – Então tichau, que eu já me vou na minha canoinha... Tá, minha lontrinha?

MENINO – E o Rio das Amazonas? Com tanta derrubada, desmatamento, queimada, roubo de madeira, extração de minério, entrada das indústrias, garimpagem. Ah, não, avô! Pegue a cuinha, vá...

VELHO – Mas tudo tem que ter um fim, meu mucuim. Imagina eu, que já passei dos 120, querendo chegar aos 200. Não é exagero? Tudo que nasce morre, filho.

MENINO – Mas tem que ser de morte matada, avô?

VELHO – Bom... Morte morrida é melhor, não é...?

MENINO – Ah, mas esta aí é morte muito da sua matada.
(Indica o rio)

VELHO – É... Isso é, mesmo, grão de torresmo.

(O Menino retoma sua atividade com a cuia).

MENINO – Então não vou parar. Minha visão me disse: “Teu bem é de raiz e a espera sempre alcança. Cava um buraco fundo e planta tua herança”.

VELHO – Mas que visão já, essa! Quede ela? Se falar comigo e repetir todinha a história, eu pego a cuia e venho, venho lhe ajudar.
(Perde a paciência)

MENINO – Ah, é? Então lá vai. Espere. Feche os olhos. Concentre-se.

(Os dois fecham os olhos, apertam as mãos e fazem um esforço para se concentrar).

MENINO – Visão, minha visão! Abra as portas do céu e deixe este velho babaquara entender o mistério e o sentido da vida!

*(O Velho abre um olho.
Os sons da floresta começam a se tornar bem nítidos.
O vento sopra, os pássaros pipilam, a água corre como se mais rápida).*

MENINO – Visão, minha visão!!!

(O Velho vai se afastando devagar na direção da canoinha).

MENINO – Abra as portas do inferno e engula de uma vez este velho fujão.

(O Velho se assusta e volta correndo para junto do Menino.

O Menino ri, do susto que pregou no Velho.

Os sons da floresta rapidamente vão ficando mais baixos, até desaparecerem).

VELHO – Eu vi. Eu vi! Eu vi!!! Olha! Lá vai! Visão! Visão! E agora? Foi-se embora...

MENINO – Embora, que nada! Toda vez que eu chamo, ela volta e vem. Pega a cuinha!

(O Velho vai até a canoinha e pega a cuia.

Volta e começa a transpor o rio para dentro do buraco.

O menino corre, todo feliz, para ajudar no serviço).

VELHO – Seu Paraense! Uh, Raimundo Paraense!

*(Falando
para o outro
lado do rio)*

(O próprio Velho pode simular as respostas a seguir, alterando a voz para iludir o Menino).

VOZ DE HOMEM – Ei!

(Respondendo)

VELHO – Vá descendo, vá. Demora não tem mais rio pra gente.

MENINO – Mas pra donde que ele vai?

VELHO – É pra Belém.

MENINO – É longe, meu avô!

VELHO – Mariquita, Mariquita!

*(Jogando a
voz para longe,
outra vez)*

VOZ DE MOÇA – Ui!

(Respondendo)

VELHO – Mana, te afobita! Põe teu casco na rota de Rio Branco!

MENINO – Mas é longe, meu avô!

VELHO – ...que não demora abriu-se o chão com as águas!

MENINO – E o que mais, tem mais?

VELHO – Filoca! Ê, dona Filoca! Sai daí que o rio vai se mudar.

VOZ DE MULHER – Ai ai!

(Lamentando-se)

MENINO – Mas, meu avô... O papagaio dela!

VELHO – Papagaio bom, que louro lindo! De Cametá, meu filhote de preá.

MENINO – Se suicidou, avô...

VELHO – O quê!? O louro da Filoca?

MENINO – Foi de pescoço numa tala. Assim!

(Imita o gesto)

VELHO – Que tala essa, hum!?

MENINO – De miriti.

VELHO – Axi!!!

MENINO – A Vó Filoca tá pra se acabar.

VELHO – Chorando?

MENINO – É...

VELHO – E tu aqui, puxando água do rio...

MENINO – Eu que achei o corpo.

VELHO – Ah...!

MENINO – Foi ver o corpo e ter uma visão. Aquela...

VELHO – Hummm...

MENINO – O papagaio bicava tudo.

VELHO – Ah!

MENINO – Destruidor!

VELHO – Hummm...

MENINO – O suicídio do papagaio louro da Vó Filoca pra mim foi um sinal.

VELHO – Sinal... E bicho já se mata, magnata?

MENINO – No final dos tempos? No final dos tempos, sim!

VELHO – E estes tempos são agora, catapora?

MENINO – Até passou da hora, de tanta maldade contra a natureza. E toca toca toca, velho! Se a gente esconde o rio, até dá tempo ainda de evitar.

VELHO – Mas evitar o quê, maculelê?

MENINO – Que as aves, bichos, animais e seres todos viventes da floresta, até os homens, imitem o papagaio louro de Vó Filoca.

VELHO – E assim é que se dá a tua história no final, é, maioral?

MENINO – Pois então: quando eu chegar aos meus dez anos – já pensou? – este Amazonas seco e os bichos todos se danando, todos, de desespero, contra as talas de miriti...

(O Menino volta a imitar os bichos se atirando contra as talas).

VELHO – E quanto tempo falta, peralta?

(Os dois se perdem nas contas e um tenta enrolar o outro).

MENINO – Ah... se eu tenho sete... Hummm, faz as contas.

*(Conta
nos dedos)*

VELHO – Sete? Sete mais dez é quanto...?

MENINO – Calcula!

VELHO – Um cansaço...! Bora tirá soneca, minha peteca?
(Disfarçando)

MENINO – E o rio?

VELHO – Então tu secas, que eu descanso.
(Entrega
a cuia)

MENINO – Tem um trato, meu avô.
(Perplexo,
observa)

VELHO – Um trato...
(Já cochilando)

MENINO – Tu e eu, não vamos salvar o Amazonas?

VELHO – Vamos salvar, vamos salvar...

MENINO – E, pra isso, só escondendo ele.

VELHO – É claro! Só escondendo...

MENINO – Acorda, avô!!!
(Bate palmas
bem forte)

(O Velho pula de susto e se dana a carregar água em sua cuinha).

VELHO – Cuia pra lá, água pra cá. Água pra cá, cuia pra lá.
(De forma
atabalhoada)

MENINO – Avôzinho de minh'alma... Olha!
(Olhando o
rio, assustado)

VELHO – O quê, que foi?

(O Menino se volta para admirar a cuia que o Velho tem entre as mãos).

MENINO – Minha visão me disse: “Quem crê não passa pela hora trágica... E uma mão vai te trazer, um dia, a cuia mágica...”.

VELHO – A cuia mágica!

*(Todo feliz,
sem saber
por quê)*

MENINO – Olha! Não vês? O rio está quase-quase seco!

VELHO – É... Seco-seco!

MENINO – Avô, as tuas mãos, avô! Minha visão me enviou essas tuas mãos abençoadas!

(O Velho se ri e olha as próprias mãos, admirado e gabola, mas sem largar a cuia).

VELHO – Deus te abençoe! Deus te abençoe, cara de boi!

MENINO – Então eras tu, velho, que estavas destinado a nos conduzir.

VELHO – E era. Era eu!

*(Apropriando-
se da ideia)*

MENINO – E agora?

VELHO – E agora.

MENINO – Responde, avô! E agora?

VELHO – Agora!

MENINO – Agora que secaste o rio e o transportaste para dentro de um buraco e livraste o mundo de perder o Amazonas. E agora?

VELHO – Agora quem manda aqui sou eu.

*(Assumindo
pose de
comanda)*

MENINO – Fundarás uma igreja?

(O Velho passeia altaneiro).

MENINO – Registrarás uma nova ONG?

(O Velho finge estar pensando).

MENINO – Sairás candidato?

(O Velho saracoteia, sorridente).

MENINO – O quê?, avô, me fala! Posso ser teu principal assessor. E com muita honra!

(O Velho se detém para examinar o garoto, como quem avalia seus talentos e possibilidades).

VELHO – Hummm...

(O Menino finge tirar alguma coisa dos bolsos e entregar ao Velho).

MENINO – Aqui tens meu currículo, um book e um portfólio, criado pelo artista gráfico e publicitário Duda Mendonça.

VELHO – O Duda?

MENINO – Foi antes, meu avô, foi antes...

VELHO – Ahhh...

MENINO – Dá as ordens, Mestre.

(O Velho assume pose de grande entendido).

VELHO – Bem! Já que a água está guardada e como sorte do planeta foi preservada... Vamos cobrar pela entrada!

MENINO – Explicaaando-see!

VELHO – Cada ida ao buraco corresponderá a uma taxa. Estabeleça-me os valores e traga para minha avaliação: visita, passeio turístico, pescaria, passagem de uma vila para outra, travessia a nado, viagem de barco, procissão fluvial, água potável, banho... Tudo vai ser cobrado por cabeça. Vá! Providencie que eu assino.

MENINO – Ih!, o avôzinho pirou! Quer o Amazonas só pra ele.
(Saindo)

VELHO – Em quanto tempo será que fico rico?

*(Conta
nos dedos)*

MENINO – Avôzinho de minh'alma. Começaram os protestos!

*(Retorna
afobado)*

VELHO – O quê? Não entendo e nem sei nada disto!

MENINO – O pessoal todo da vila já me procurou. Fui daqui até o lado de acolá tropeçando em reclamação.

VELHO – Me diga por quê.

MENINO – Ninguém aceita lhe pagar pelo que consideram um direito de todos.

VELHO – Se me agoniarem, olha que seco ainda mais este rio miserável!

*(Brandindo a
cuia mágica)*

MENINO – Mas olhe, meu senhor, como já está seco isto!

VELHO – Éééé... E faz tempo que não chove, também.

MENINO – Mas eu conversei com eles.

VELHO – E...

MENINO – Me passe a cuia, sua cuinha, a cuia mágica, vôzinho, hehehe... que eu resolvo tudo!

VELHO – A minha?

MENINO – Claro!

VELHO – Mas sendo minha, como que vou lhe dar, então? Pegue a sua lá.

MENINO – Avô, o Amazonas, sendo tão imenso, como pode ser só seu, avô?

VELHO – Cê que mandou. Cê que mandou! Não foi? Eu vi e bem me lembro.

MENINO – Mas as circunstâncias mudaram, avô. A conjuntura, neste momento, é outra.

VELHO – A cão...!?

MENINO – Con... con, avô, conjuntura. Vai enfrentar como, uma revolta armada dessa gente? Ói que eles têm e é muita pá, enxada, foice, terçado, anzol, quicé e tudo quanto é tramóia de arma branca.

VELHO – E eu com medo... E eu com medo, menino! Manda vir!

MENINO – Pra quê, se eu posso resolver tudinho, e agora. Já falei com eles.

VELHO – Cê quer é a minha cuinha, seu pestinha!

MENINO – Eu não, pra quê?

VELHO – Pra ter a força, ter o poder de comandar as águas e secar até a Amazônia inteira, se quiser. E todo mundo lhe beijar a mão, com medo.

MENINO – Eu não quero comandar as águas. Só quero mesmo é salvar o rio.

VELHO – Então se arrepende de ter levado a água toda pro buraco.

MENINO – Até que agora, pensando bem...

VELHO – Então pra quê que quer a cuia, a minha cuia mágica?

MENINO – Com este poder todo, mestre, é uma cuia perigosa, que pode ser usada para o bem e para o mal.

VELHO – E para o mal...

MENINO – Fins pacíficos ou maléficos.

VELHO – Ou maléficos...

MENINO – Não é uma cuia para estar nas mãos de qualquer um.

VELHO – Meu filho, pra sua idade, inté que você sabe muito de tudo que se passa por cima da corcova do mundo.

MENINO – Escute, não falei? Tá ouvindo bem? Eles estão vindo. É o rumor da gente da Vila, que quer o rio de volta.

VELHO – De volta pra quê? Pra ser roubado, destruído, até se acabar todo. São mais de 120 anos, meu filho, que eu vejo. Os homens chegando e o rio se impaludando com tudo o que não presta.

MENINO – Mas por ora não tem outra saída, mestre.

VELHO – E qual?

MENINO – Danou-se é que eu não sei.

VELHO – E quem vai me dizer? Como se salva um rio que sustenta a vida de tanta gente, há tantos séculos, e há tantos séculos vai sendo maltratado...?

MENINO – Avô!, o povo tá chegando!

VELHO – ...como se não fosse nada, como se não fosse também um ser vivente, um ventre, uma barriga com tanta vida para desentranhar.

MENINO – Avô, me passe a cuia!

VELHO – Menino besta, me dê isso aqui!

*(Os dois disputam a cuia num jogo muito rápido.
O Menino, mais ágil, atropela o Velho, atira-o no chão e se apodera do objeto).*

MENINO – Minha visão me disse: “Teu bem maior é o rio, mas outros bens virão. Melhor que dois voando, é um pássaro na mão!”.

(O Velho começa a rir desbragadamente).

VELHO – O rio secou, hahaha! O rio secou!

(O Menino começa a carregar a água de volta, do buraco para o leito do rio).

MENINO – A cuia, avô, tua cuinha mágica não funciona. Não quer sair mais do buraco, a água!

VELHO – Faz muito, muito tempo que não chove hahahaha.
(Rindo sempre)

MENINO – Então é isso? É só a seca da maré no rio... Nunca houve mágica?

VELHO – Não, meu filho, sempre houve mágica. A mágica das águas!
(Sempre rindo)

MENINO – A mágica das águas...

VELHO – Que trabalham como o Sol, que vão e vêm e a todos banham sobre a corcova do planeta.

(O Menino fixa os olhos na cuia mágica, que permanece em suas mãos, sem mais despertar qualquer interesse do Velho).

MENINO – Que vão e vêm...

(O Velho coloca um nariz de palhaço, que retira do bolso, e recomeça a cantar. O Menino o observa, enquanto se afasta).

VELHO – Eu pesquei um peixe grande
pra levar pra Manuela
não era pescada branca
nem tampouco era amarela
Eu pesquei um peixe lindo
pra dar de comer a ela
tão lindo que foi pro aquário
em vez de ir pra panela.

(Cai aos poucos a luz).

FIM

HÁNÊREÁ

(Lendas Amazônicas)

Libreto de Ópera

Apresentação

O imaginário amazônico gerou, ao longo dos séculos, uma quantidade respeitável de mitos, lendas, contos e narrativas diversas, ao sabor dos mistérios que cercam e invadem a floresta. Nesses relatos, muitos deles frequentemente manuseados por estudiosos e pesquisadores das mais diversas áreas, curiosos, criadores e artistas, inscrevem-se parte da história e parte da cultura dos povos que se amalgamaram neste recanto da nação brasileira.

Ressaltam, por isso, os elementos étnicos presentes em cada uma delas, a mistura de origens e o cruzamento de influências recíprocas verificadas no curso do tempo. São um pouco negras, brancas ou indígenas, mas é possível destacar, em muitas, a presença mais forte do habitante primordial da região e a transformação de vários relatos numa espécie de literatura caboca que se firmou como resultado desses encontros muito específicos.

Este trabalho enfatiza tais aspectos, centra a narrativa no elemento indígena e reconhece a perspectiva de mudanças, transformações e misturas, mas não se furta a lidar de forma literária com o material original. Toma por base a Lenda da Origem da Noite, como conta a tribo Maué (AM), e estende-a de modo a estabelecer um ambiente espaciotemporal sobre o qual as personagens se movimentam, desde o anoitecer, em busca da manhã.

É por essa trilha de mato e água que circulam os seres míticos e os seres humanos, e nela é que se sucedem os conflitos e desenlaces – traduzidos, a nosso ver, com muito mais propriedade por meio da linguagem poética, e de que se alimentam este roteiro, a história e a vida.

Personagens:

Os Homens da Aldeia
Uánhã
Tribo Maué
Surucucu, a Dona da Noite
As Cobras
Os Curumins
As Mulheres da Aldeia
Matintaperera
Cobrinha
Onhiamuaçabê, a Dona do Noçoquém
Ocumáató, Irmão de Onhiamuaçabê
Icuamã, Irmão de Onhiamuaçabê
Os Guardas do Noçoquém
O Filho de Onhiamuaçabê
Japiim
Três Moleques
O Boto
Mulher 1
Homem 1
Mulher 2
Homem 2
Os Festeiros
Festeiro
Homem 3
Mulher 3
Uiara
Boiúna
O Faroleiro
Nayá
As Estrelas
A Lua
Icamiaba
Guerreiro
Frei Gaspar de Carvajal
Os Espanhóis
Francisco Orellaña
Curupira
Mapinguari
Cutimbóia
Lacrau
Jararaca
Centopéia
Companheiro de Uánhã
Baíra
Urubu
A Gente do Urubu
Preguiça
Macaco

Sapo Cururu
Uirapuru
Menino
Velha

Lendas:

A Origem da Noite
Matintaperera
Guaraná
Japiim
O Boto
Uiara
Boiúna
Vitória-Régia
Muiraquitã
Jurupari
As Amazonas
Curupira
Mapinguari
A Origem da Noite (Final)
O Roubo do Fogo
Uirapuru

1.
(Abertura)
A Origem da Noite

(Os Maués deixam cair a cabaça onde a Primeira Noite havia sido guardada pela Surucucu. A noite explode sobre eles. Tudo se transforma e a tribo foge apavorada).

OS HOMENS DA ALDEIA – Cai a cabaça de luz
na soleira do sem-fim,
estoura a treva-mastruz,
sumo suor pus cauim.
Tupã toca, com seu pé,
o cabelo pixãim,
picha na pele maué
a cor da noite ruim.

Um pedaço de cabaça
desembesta contra nós,
tempo no escuro-couraça,
medo medonho no cós:
trisca a fronte e fere, passa,
lasca de tempo veloz,
e perseguidora caça
a perseguidora de Moz.

Da cabaça pula o vento
por riba da ribanceira.
Rasga-Mortalha, agourento,
costura a vida, parteira.
A rede do firmamento
vaga-lumes vão bordar,
tantos, tantos, ao relento,
poeira de luz no ar.

O Sol tomba, cambaleia,
tropeça no precipício,
uma fagulha incendeia
do fim do mar ao início.
Toda a Terra pega fogo,
tudo começa a girar,
Tupã se esbalda num jogo
de não mais nunca acabar.

E todo som, todo grito,
penumbram fuça do cão,
chilros, chiados, apitos

estralam, ciciam não.
Grasnados, gorjeios, urros,
uivos, berros, silvos são
segredos, erros, sussurros
desentranhados do chão.
A cabaça trava, espera,
suspensa no quarador:
são quantos minutos, eras!,
de silêncio e de pavor,
antes que estrondo de fera
sobre a linha do Equador,
antes que exploda quimera
contra a pele do tambor?

Uma réstia de sol pende,
dependurada no breu,
dez bandeirinhas acende
na linha reta do céu
e estende cores, estende,
ao vento, saias e véus,
e resiste ao fim, contende
na Praia do Macabeu.

Noite, enfim, toda se tranca,
fende e funde céu e mar,
branca e preta, preta e branca,
decide o rumo: lunar!,
e quebra o remo, atravanca
destinos, lemes e cais
e confunde rio, barranca,
peixes, homens – animais.

A cabaça luminosa,
aberta, se consumiu,
apagou-se furiosa
na fúria do mal-te-viu,
asa azul de mariposa
dobrada, nos colibriu,
sete raios, assombrosa,
a noite preta puiu.

(Começa a narrativa dos tempos sem Noite na terra Maué).

UÁNHÃ – Não há noite
não há sonhos
nem há medos
nem demônios

não há dores
lancinantes
nem delírios
coruscantes

não há febres
nem tremores
nem suores
nem pavores

não há luas
nem fogueiras
nem descanso
nem canseira

não há sombras
nem folgedos
nem mistérios
nem segredos

não há rastros
misturados
nem há mastros
encantados

não há vultos
na campina
nem maldade
nem neblina

nem a pele
se retesa
nem a alma
se amofina

não há pistas
nem tramóias
nem flagelos
nem jibóias

nem serpentes
no terreiro
nem fim triste,
fim certo

não há cercos
à clareira
invasores,
baladeiras

não há fugas
planejadas,
inimigos,
bordunadas

nem desvios
planetários
nem encontros
solitários

não há rede,
cão pequeno
nem cobreiro
nem sereno

nem fantasmas
de navios
lamparinas
e pavios

não há sina
das idades
lusco-fusco,
tempestades

Só um dia / sem começo
sem levante / só um dia
sem declínio / sem tropeço
sem poente / só um dia
Como flecha / que não parte
como vento / que não pia
como paca / que não foge
como arco / que não vibra
como ave / que não pousa
como palma / que não fibra
como palha / que não teço
macho-fêmea / que não cria

E partindo / não retorna
e piando / se arrupia
e fugindo / não escapa
e vibrando / me agoniza
e pousada / desfalece
e fibrosa / não se fia
e tecida / não aquece
criatura, / silencia

TRIBO MAUÉ – Noite que trina, noite que dança
sobe do espaço, buia do mar,
flecha ferina, ponta de lança,

veleiro negro que vai chegar.
Traz as faíscas dos meteoros
despedaçados contra o negror.
Noite corisca, luz pelos poros,
no fim do mundo tenebrador.

Noite que pita, que se caiçuma,
como cariúá, como pajé,
traz as estrelas, traz das profundas
sono e silêncio de jacaré,
fruta madura, que ninguém cheira
que ninguém colhe, que ninguém é,
noite caída da bacabeira,
um jenipapo podre no pé.

(Uánhã pede a seus companheiros que reúnam presentes para Surucucu – a Dona da Noite).

UÁNHÃ – Dona da Noite não se contenta,
lá pras quebradas do Cumaru,
bole comigo, tão pestilenta,
– Dona da Noite, Surucucu.
Quer as sementes, uma floresta,
quer uns caroços que nunca vi,
quer uma prenda – ah, sei lá se presta!,
uma frutinha que nem comi.
Por ela a noite cai no caminho,
como graúna nos alçapões,
não sai da mata, devagarinho,
não se levanta dos Mocoões.

Uma cabaça, untada e lacrada,
uma cabaça de luz e breu,
dentro, a primeira noite encantada,
Surucucu véia prometeu.
Mas quer presentes, bico de arara,
que eu leve logo, atado em um nó.
No torso liso da capivara,
montado em pelo, que eu chegue só.

TRIBO MAUÉ – Folha de quebra-pedra
(Reúne presentes) pena de maracá:
minh'alma não se entrega,
conta do meu colar,
muiraquitã perdido,
verde do barro-mar,
muiraquitã partido
cunhãtaim, uirá.

- SURUCUCU** – Não quero a quebradeira
(Recusa os presentes e pede venenos) nem pena pra queimar!
 Alma murchou – doído,
 conta já vai secar,
 verde do mar banido,
 nas escamas ponhá,
 passarim, parideira,
 pra quê que vou relá?
- TRIBO MAUÉ** – Espelho d'água pura.
- SURUCUCU** – Pro tempo em mim passar?
- TRIBO MAUÉ** – Luz de estrela futura.
- SURUCUCU** – Em mim tempo montar?
- TRIBO MAUÉ** – Ervas dos curandeiros,
 pote de barro e mel!
- SURUCUCU** – Pra que tanto do cheiro,
 água de macaréu?
- TRIBO MAUÉ** – Uma covinha rasa,
 urna do Marajó,
 pito de palha, brasa,
 mosquito, mocotó.
- SURUCUCU** – Nem rasa, nem profunda,
 não dói nada morrer...
 que prendas mais imundas
 deram de oferecer!
- TRIBO MAUÉ** – Um chocalho bonito,
 chifre do cramunhão,
 pé de calango jito,
 isca de um alçapão,
 o pio de uma coruja...
- SURUCUCU** – Pro tempo me acordar
 e me pedir que fuja
 com ele pro Pará?
- TRIBO MAUÉ** – Um arranha-céu de ouro!
- SURUCUCU** – Pro tempo vir morar?
- TRIBO MAUÉ** – Um papagaio louro...

SURUCUCU – Tempo em mim se imitar?
Quero os venenos breves,
venenos de matar!,
poções de gotas leves,
gotas de arrebentar.
Quero estas indigentes
soltas no mundaréu,
minhas amigas quentes
amargurando é fel.
Quero as misturas doces
misturadas, e já!,
aqui, como se eu fosse,
flor do m'borucayá.
Quero minhas parceiras
ágeis nas soluções,
espalhando, certas,
vômitos, convulsões.
Quero as ervas daninhas
do fundo do sertão,
nada de vis plantinhas
que curam sem razão.
Quero as cobras iradas,
malévolas irmãs,
ávidas, celeradas,
perturbadas, malsãs!

Vejo a primeira noite
e tudo que nela há,
pra quem também me acoite
flor do m'borucayá.
Mas pensando bem nisso...
acho que aceito, sim,
um bem, sem compromisso,
que vai brilhar em mim:
este chocalho lindo
– dá pra Surucucu...?
Vão indo, vão, vão indo,
vão no vento do sul!

E se chacoalho a noite,
não fico a maioral?
Sou sim, Dona da Noite,
dona do Bem, do Mal.

(Uánhã e sua tribo saem em busca de venenos).

TRIBO MAUÉ – Bico-de-papagaio
mais tinhorão, tajá,

põe neste teu balaio
ananga-do-pará.
Figueira-do-diabo
e um graveto-do-cão,
árvore cabo-a-rabo
de são sebastião.
Comigo-ninguém-pode,
taió, caládio mau
treme, prostra, sacode
– leva pra maior!
Copo-de-leite, urtiga,
pau pelado, avelós,
uma gota, na briga,
arrebenta com nós.
Pau-de-bugre, aroeira,
pinhão roxo, coró,
folha de espirradeira
– tá crescendo o mocó...
Purgante-de-cavalo,
cinamomo, jasmim,
de caiena no calo,
de cachorro no rim.
Aroeirinha preta,
dedo-do-diabo ou não,
saia branca, trombeta,
sumo de cansação.
Pinhão-de-punga pega,
bota no matulão!
Taoba-brava cega,
fulmina o coração,
trombeteira sufoca,
faz a boca espumar,
maroninho só toca
pra o olho esbugalhar.
Junta a carrapateira:
jorro-jorro, jorrar,
zabumba, cartucheira,
nem um pingo sangrar.
Morte vem de repente,
morte vem devagar,
se a boca da serpente
louro rosa pingar.
Oleandro já serve,
basta pra destruir.
Surucucu já ferve,
pronta pra se servir.

Acho que a noite é nossa,
malina, má, ruim...
Surucucu se apossa

da fonte má do fim.

(Surucucu agasalha a noite em uma cabaça e reparte o veneno entre suas amigas).

SURUCUCU – Toma, Uánhã, tua cabaça:
teu destino já se traçou.
Vem, menino, me dá, me passa
os venenos que me comprou.
Quanto mal, quanta ruindade,
nem euzinha faço melhor.
Tua gente é toda maldade!
Eu sou má, mas tu és pior.
Não precisas desta cabaça,
tens a noite no coração:
toma, foge, te abala, passa,
pela frente tens muito chão.

Jararaca leva o mais forte,
Jararaca, que é minha irmã.
Cada uma roube uma sorte,
cada uma pegue um afã:
centopéias, lacraus, parentes,
venham todos ao meu redor!
Peguem tudo, lambusem os dentes,
pique mais quem picar melhor.

Cutimbóia não lambe nada,
violenta, mais que o timbó.
Vai matar toda a indiarada,
se lambe uma gota só.

(As Cobras disputam os venenos em meio a uma algazarra).

AS COBRAS – Uánhã, te despede,
vamos te pegar.
Teu corpo já fede,
empestaste o ar.
Corre, bicho bobo,
tenta escapulir,
eu que não me afobo
pra te perseguir.
Toma uma distância,
vai te esbaforir,
põe tua sustância
pra se consumir.

Pelo que nos deste,
não demora, não,
a morte te veste
com terra do chão,
quem não te persegue
vai te tocaiar,
o breu nos carregue
pra te malinar.

Vamos rastejando
por todo lugar,
saracoteando
até te encontrar,
dentro da água fria
lançadas no ar,
bote em pleno dia,
no fundo do mar.

Vai ser no teu braço,
no teu calcanhar
morto de cansaço,
que vamos picar:
na perna, na bunda,
no olho, no pé,
fadiga profunda...
Uánhã, diz até!
Todos os presentes
vais poder sentir:
estamos tão contentes
de te ver partir!

UÁNHÃ –
*(Escapa
correndo)*

Luz que queima e que não queima,
chave da porta do além,
gente que teima e não teima,
gente que tem mas não tem.

OS HOMENS DA ALDEIA –
(Cercam-no ansiosos)

Uánhã, mostra uma corzinha
só, do contrário da luz.

UÁNHÃ –

Noite azul, preta, roxinha...?
– sei lá por onde é que pus!

OS HOMENS DA ALDEIA –

Pois não foi nesta cabaça
que Surucucu guardou?
Surucucu fez trapaça?

UÁNHÃ –
*(É forçado a
mostrar a cabaça)*

Ah, foi mesmo – me apanhou!
Mas que será que vem dentro
– como se faz para abrir –
coisa boa, louro, coentro...?

OS HOMENS DA ALDEIA – Vamos já-já descobrir!
(Atacando Uánhã)

UÁNHÃ –
(Opondo-se)

Tempo desembestaria,
riscando a fronte, feroz,
não mais vento, ventania,
lascada, louca, veloz.
O Sol, pelo precipício,
despencaria no mar,
tudo teria princípio,
meio e fim, hora e lugar.

OS HOMENS DA ALDEIA – Uánhã, entrega logo a prenda
que Surucucu nos deu!

UÁNHÃ –

Quem que quer uma contenda
na Praia do Macabeu?
A terra rubra, queimada,
começaria a tremer,
Rasga-Mortalha, por nada,
nos faria estremecer.
Só Tupã se esbaldaria
num jogo de não ter fim,
vida e morte, noite e dia,
lado bom, lado ruim.

(Os Homens da Aldeia tomam-lhe a cabaça, afinal, e passam-na de mão em mão, até que cai e se quebra).

OS HOMENS DA ALDEIA – A cabaça é luminosa,
(Um a um) bola de fogo e luar,
tem cheiro de flor cheirosa,
barulho que faz o mar.
Tem dentro uma sombra feia,
tem dentro uma assombração!
A cabaça zumbe, ondeia
– soltou-se da minha mão!

TRIBO MAUÉ –

E trava a noite até quando,
suspensa sobre o Equador?
Depois rompe, como um bando,
a calma do quarador.

(Noite se fecha sobre os Maués. Assovios por dentro da escuridão denunciam a presença da Matintaperera. Os curumins correm assustados para o aconchego das mulheres).

CURUMINS – Quem que assopra no fim do espinhaço,
nos espanta, mãe, nos arrupia?
Quem roubou de nós a luz do dia?
Corre, vem, me aperta no teu braço!

AS MULHERES DA ALDEIA – Te acomoda, curumim, sossega,
molequinho da cara lambida,
que ninguém não sabe da bandida
– doida pra ver, se calhar, te pega

(A Matinta assusta os curumins com gritos e uma linguagem estranha e incompreensível).

MATINTA – É tatimarereparepera
asa noite de ca preta ida
algo coisa ou apassim 'recida
num 'rateria pelasante inteira

CURUMINS – tatimarepareparecida?
'repatinremataparicera?
matimpetareradescaída?
mapatinta patintaperera?

AS MULHERES DA ALDEIA – Vendo só?, é matintaperera,
asa da noite preta caída,
algo assim ou coisa parecida,
num rasante pela terra inteira!

MATINTA – Noite em mim velha na vira escura
um da pe mal pele daço dita
'rabissina escada crota escrita
natuquem reza pro de nacura

AS MULHERES DA ALDEIA – Velha se vira na noite escura,
um pedaço da pele maldita,
sina rabiscada, escrota, escrita,
na natureza de quem procura.

CURUMINS – Então ela que pede tabaco,
mãe, por cima da nossa cabeça!
Dá logo, antes que se aborreça,
que ela voa pra toca e buraco.

- MATINTA –** Eu minha espero na ca te bana
lá no mata do gal da al fim deia
vem que não tão medo sem sou feia
e me coisa leva baca umana
- AS MULHERES DA ALDEIA –** Ela te espera lá na cabana,
sabe o mato depois da aldeia?
Ela quer presente, presenteia!,
ela quer um cacho de banana.
- CURUMINS –** E eu vou só?
- AS MULHERES DA ALDEIA –** Espera a luz do dia!
- CURUMINS –** Cara a cara com a velha maldosa?
- AS MULHERES DA ALDEIA –** Mas o dia, a tarde luminosa,
nem tão cedo vão buiar, sabia?
- MATINTA –** Vou me em gente bora me que drosa!
cres depois ce quer um guer serreiro
bora em vou bu no lir te merreiro
as pau so no pé vi ar de-rosa
- AS MULHERES DA ALDEIA –** Viu?, já vai a matintinha torta,
ah, mas volta pra buscar tabaco.
Põe a cara fora do buraco
que eu te prendo, mana, atrás da porta!
- MATINTA –** Vou me embora, que gente medrosa!
(Desdenhosa) depois cresce e quer ser um guerreiro
vou me embora bulir no terreiro
assoviar no pé de pau-rosa.

3. Guaraná

(Apagado pela noite, com seus companheiros, Uánhã lembra-lhes a origem do povo Maué, narrando as delícias que havia no Noçoquém, o paraíso perdido da tribo. Aparecem os personagens da Lenda do Guaraná).

- UÁNHÃ –** Por aqui eu chego cedo
na trilha do Noçoquém,

medo no olho não brilha,
turva a vista de ninguém.
Lá não entra malefício,
nem treva, nem gente ruim:
vício, peste, o vento leva,
entrega pra maruim.
Noçoquém tinha uma dona
– Onhiamuaçabê,
dona da oca e da praça,
senhora do canjerê,
mas o sítio foi fechado
pela ira e pelo mal,
jurado de febre, pira,
varrido de vendaval.

OS HOMENS –
(Descrevendo)

Uánhã, o tempo se desdobra,
na memória de quem vê:
olha a cobra dessa história
e Onhiamuaçabê.

(A cena se desdobra. Onhiamuaçabê é atraída por uma cobra pequena, que a seduz com perfumes e a deixa prenha, tocando-lhe de leve na perna).

COBRINHA –

Toma um cheiro,
Onhiamuaçabê,
derradeiro,
que eu roubei do canjerê...
Roça breve
tua pele contra mim,
bem de leve
nessa toíça de capim.

ONHIAMUAÇABÊ –

Ah!, Cobrinha,
teus cheiros cheiram tão bem...
Coceirinha
na Dona do Noçoquém.

COBRINHA –

Te namoro
pra esposa do bem-querer...
Vem, que eu choro,
Onhiamuaçabê.
Dorme prenha,
ouve a corrida do rio:
tempo corre
como ele no baixio.

(Enquanto o Filho de Onhiamuaçabê nasce e cresce, Ocumáató e Icuamã condenam a irmã e maldizem o Noçoquém).

OCUMÁATÓ E ICUAMÃ – Nossa irmã não será mais
Onhiamuaçabê.
Terra não viceje paz,
chuva não molhe o sapê.

ICUAMÃ – Desça a fúria de Icuamã,

OCUMÁATÓ – de Ocumáató também

OCUMÁATÓ E ICUAMÃ – Sobre tudo que Tupã
fez nascer no Noçoquém:
frutas podres, ervas más,
sementes secas na mão,
água salobre no cais,
estrelas do céu no chão,
demônios e maruins,
onças, monstregos, ipês,
jias frias, coisas ruins
fechem a trilha de vez!

ONHIAMUAÇABÊ – Então eu prendo
toda virtude,
todo segredo
do Noçoquém.
Espalho medo,
fecho-me rude,
não dou, não vendo
nada a ninguém.
Misturo trilhas,
troco lugares,
desencaminho,
perco sinais:
nem passarinho
nos alguidares,
nem comedilha
pros animais.
Cravo esta lança
no paraíso,
sumos e plantas
não para alguém,
pacas e antas
por onde piso,
nem mais lembrança
do Noçoquém.

O MENINO – Mãe, e as fruteiras

que tanto gabas?
– Ah, se eu pudesse...!

ONHIAMUAÇABÊ –

Que eu prometi?

O MENINO –

Cutite doce,
cupu, bacaba,
pupunha em cacho,
manga, açaí...
mordo, lambuso,
cheiro, chalero,
como fizeram
estes meus tios.
Se eles tiveram,
também eu quero
ingá, mel puro,
nos amplos rios.

ONHIAMUAÇABÊ –

Então, que seja:
só tu, meu filho,
sabes aquilo
que te ensinei.
Monta este grilo,
dobra no trilho
– a estrada andeja
que te mostrei.

(O Menino entra no Noçoquém, montado num Grilo, mas é perseguido por ordem dos tios).

OCUMÁATÓ E ICUAMÃ –

Quem rouba nossas castanhas
a mando de nossa irmã?
Contra nós alguém se assanha

**ICUAMÃ –
OCUMÁATÓ –**

Ocumáató
e Icuamã!

OCUMÁATÓ E ICUAMÃ –

Guardas, sigam sem descanso
os rastros deste ladrão.
Vejam: atravessa o Rio Manso
e bate o trilho e o estradão.

O MENINO –

Aqui no mato
ninguém me pega,
nem me presente,
só minha mãe.
Depois vou rente,
nas horas cegas,

por entre os ratos
ver minha mãe.

OCUMÁATÓ E ICUAMÃ – Lá vai ele, pela trilha,
vai no rumo do curral!

GUARDAS – Não escapa da armadilha
que montamos no perau.

OCUMÁATÓ E ICUAMÃ – E depois de castigado
que devolva o que roubou.
Peguem ele!, é o danado
que nossa irmã carregou.

(Durante a perseguição, o Menino morre flechado).

ONHIAMUAÇABÊ – Meu filho grita,
desesperado,
no descaminho
do Noçoquém.
Ele, sozinho,
no descampado,
como se agita,
grita e não vem...
E este silêncio,
tão de repente...
meu filho morto
– será, será?
Nada no porto,
nem brisa quente!,
e este silêncio,
de onde virá?
Sim, vem da boca
do meu querido,
que já não fala,
que já não ri,
por uma tala
o peito ferido,
dento da oca
de miriti.
Eu choro tudo,
eu choro noite,
madrugadinha,
tarde, manhã,
na canoinha,
em quem me acoite,
no corpo mudo,
choro Tupã.

- A TRIBO** – Arranca os olhos
do teu menino,
planta no estreito,
deixa grelar...
Do olho direito
do pequenino
uma plantinha
– o guaraná!
- ONHIAMUAÇABÊ** – Serás, meu filho,
a maior força
da natureza
– hánêreá.
Toda mazela,
toda fraqueza
que houve no mundo
vais derrotar.
- UÁNHÃ** – E masca as folhas do upip-aypoc,
a planta mágica do canjerê,
lava o cadáver do teu pequeno
e enterra, Onhiamuaçabê.
- ONHIAMUAÇABÊ** – E sai cotia – e eu sopro nela –
da cova, da sepultura no chão.
Sai paca, eu sopro, sai cobra, eu sopro
e amaldiçoo é bicho de montão.
Mas, de repente... esta criança
sai da urna do meu filho – quem é?
Vai ser guerreiro, ter uma dança,
será este-um o primeiro Maué.

4. Japiim

(Japiim chega esbaforido. Traz notícias que quer espalhar).

- JAPIIM** –
*(Pousa
no ombro
de Uánhã)* Urubu bateu as asas.
Onde foi parar o Sol,
luz do mundo, minha casa
– ê, juruti, rouxinol?
Urubu jogou seu manto
negro por cima do Sol,
na copa do pio, do canto

– ê, juruti, rouxinol!

TRÊS MOLEQUES – Urubu de asa poída!

UÁNHÃ – Bebeu juízo e cachaça?

TRÊS MOLEQUES – A noite explodiu fendida
(Ameaçam balar Japiim) foi dentro de uma cabaça...
Xô, passarinho, ê caroço
de açai na baladeira!

UÁNHÃ – Ninguém bole nesse troço,
(Defende a ave) nem se for por brincadeira!

JAPIIM – Ai me ajude, pajelança,
cacique, morubixaba,
Japiim canta, não dança,
no olhim do pé de abacaba.

TRÊS MOLEQUES – Ele imita a selva inteira,
até Tanguru-Pará

JAPIIM – Qualquer um, Tiê, Coleira,
Uirapuru, Sabiá...
mas este que fez a guerra,
invadiu meu vivará,
manchou o bico na terra,
no sangue quase guará...
(Zangado) Este, não, eu não imito,
nem o nome eu sei piar.
Nem sei se é canto ou se é grito
que este bicho sabe urrar.

UÁNHÃ – Japiim, meu desatino,
acabei de me lembrar!

JAPIIM – Eu, que maldito não trino
o meu primeiro cantar
– quer ouvir todos os sopros
que a mata sabe soprar?
Sopro canto pio alopro
martelo até me cansar!
Ah, mas não lembro o primeiro
choro que a mata me deu,
o trinado derradeiro
que tinha de ser o meu

(Uánhã conduz a Tribo em busca da Praia do Macabeu).

- UÁNHÃ** – Leva Japiim
pra beira do rio,
canoa, canoa,
flecha contra o frio.
- HOMENS** – Remo dobra assim,
quede o Macabeu
– água preta e boa
perdida no breu?
- MULHERES** – Eles vêm aqui,
botos de chapéu,
uiaras nuinhas,
praia, mata e céu.
A floresta ri,
muda de lugar,
devora as prainhas,
rio parece mar.
- MULHER 1** – Como o Boto buia,
como que será,
quando sai das águas
só pra namorar?
No banho de cuia
Boto quer brincar?
Nas brancas anáguas
Boto vai roçar?
- HOMEM 1** – Onde estão, agora,
que a noite caiu,
bichos encantados
quem foi que já viu?
- MULHER 1** – A barra lá fora
não demoro a ver:
os botos danados
vão aparecer.
- MULHER 2** – Eu bem que bulia,
sim, com aquele-um,
saber se recende
cheirume ou bodum.

MULHER 1 – E pra ver se espia
debaixo do véu?

MULHER 2 – Se me encanta ou prende
naquele chapéu.

HOMEM 1 – Cabocla dengosa,
que Boto levou,
devolveu foi preña
quando se cansou.

FESTEIROS – Acode a Gerosa!
(Gritam em A festa se acabou:
desespero) Boto mandou lenha
na casa de Nhô.

HOMEM 2 – E fugiu por onde?

UM FESTEIRO – Eu nem ver eu vi...

HOMEM 3 – Vai, zagaia a fera!

HOMEM 1 – Toca por ali.

MULHERES – Não responde, besta!,
(Uma a uma) longe o Macabeu.
Vê se te aligera,
rema, fura o breu!

(O Boto passa dançando com a cabocla).

FESTEIROS – Olha na barranca!,
é o Boto, não é?
Dança que dá gosto!
Tá alta a maré...

HOMEM 1 – ... e a menina, é branca?

UM FESTEIRO – Filha do Andirá!

FESTEIROS – Vai pular, aposto,
vai pular e já!

HOMENS – Quem que acode a moça,
nesse tremedal,
grita pelo nome,
desencanta o tal?
Boto se alvoroça,

Boto não tem frio,
cai na água e some
no escuro do rio.

(O Boto se atira nas águas).

6. Uiara

(De dentro das águas, as Uiaras solfejam seu canto de morte).

HOMENS – Quem canta tão longe,
que não posso ouvir?
Canta tão bonito,
que dá pra ferir?
Tão ligeiro, onde
pode se esconder?
No escurume jito
canta sem saber...

MULHERES – São elas, Uánhã,
Uiaras ruins!,
enlouquecem, matam,
levam pros confins.

JAPIIM – A pele de manhã,
riso de araçá,
doces, brincam, catam
cocos de inajá.

MULHERES – Os guerreiros descem,
vão te abandonar,
deixar as mulheres,
nunca mais voltar.

JAPIIM – Eles enlouquecem.
Pega este cipó,
ata, se quiseres,
fecha bem o nó.

(As Uiaras cantam. Uánhã se deixa envolver).

UÁNHÃ – Mas olha os cabelos,
soltos no perau,
no meio das ondas,
como um vendaval!
Peixinhos e pelos
revoltos, ali,
focinho das antas,
pata de quati...

HOMENS – As coxas, os seios,
nesta luz de não,
as mãos curiosas
pela escuridão!
Num mergulho, ondeio,
quero me esquecer,
nas ancas fogosas
quero me perder.

MULHERES – Um redemoinho
vai rasgar a luz,
pele vira escama,
néctar é pus...

JAPIIM – Uánhã, de mansinho,
tu vais afundar
na lama gulosa,
não no rio, no mar!

(As Uiaras solfejam seu canto de morte).

MULHERES – Passa, capiongo!,
(Arrastam fuge o peixe-boi,
os homens droga de canseira,
para as teu guerreiro foi!
canoas) Chora o Pernilongo,
xô, Carapanã!
Remo na ponteira,
rumo da manhã.

(As Mulheres remam para longe).

JAPIIM – Uánhã, te sacode,
cacique maué,
índio mau, tristonho,
tuxaua, pajé!

UÁNHÃ – Japiim, me acode!,
foi sonho, eu sonhei:
num reino medonho
me perdi, me achei.

(As Uiaras solfejam seu canto de morte).

7. Boiúna

(Os Maués chegam à Praia do Macabeu, onde a Boiúna ataca furiosamente o farol e o Faroleiro).

BOIÚNA – Hoje o sol não vai raiar tão cedo,
não antes que eu consuma o Macabeu,
faça a Terra estremecer de medo,
me vingue e me console do que é meu.

FAROLEIRO – Bicha feia quer virar o mundo,
porque não fiz o que foi combinado:
meu canivete no rabo imundo
– um golpe desencanta o encantado!

BOIÚNA – Só por isso fico mais um ano
virado em cobra, nessa eternidade,
em busca dele, de outro sumano,
que jogue fora a minha mocidade.
À meia-noite, eu te esperava!

FAROLEIRO – A Lua imensa na ponta do mar!

BOIÚNA – Era só isso que me faltava.

FAROLEIRO – Meu erro foi olhar, olhar, olhar...!
Surgiu do nada, aquele bicho.

BOIÚNA – Eu vim do fundo e bem que te avisei.

FAROLEIRO – Mas o tamanho, a cor, o esguicho...
a pele preta que eu não esperei!
Jogou as águas, fendeu a terra...

BOIÚNA – ...devagarinho pra não te assustar!

- FAROLEIRO** – ...berro eu, a água, a noite berra,
tudo se espanta e foge com o luar.
Depois silêncio, depois silêncio,
depois silêncio e quebra, quebra o mar,
cai a garrafa e o canivete
despenca na areia preta de lá.
E sopra o vento e sopra o vento
e sopra o vento e quebra, quebra o mar.
- BOIÚNA** – Passou-se a hora e eu tremo toda
e fujo e morro e nado até dormir
e o mundo roda e o mundo roda
e o mundo roda sem eu permitir!
- MAUÉS** – Macabeu, esconderijo, abrigo,
foi sacudida de tudo que é lado:
farol de pedra no pouso antigo,
um faroleiro e um bicho atravessado.
- UÁNHÃ** – Psiu, silêncio!, mostra Boiúna,
quando arrancar a cabeça pesada,
fincada embaixo das cinco dunas,
da praia não vai restar é mais nada.
- BOIÚNA** – Agora eu choro, agora eu choro,
na praia branca eu choro o Macabeu,
onde eu parava e me demoro,
sem o consolo do que já foi meu.
- FAROLEIRO** – Por onde eu fujo?
- BOIÚNA** – Sobe no bando
de bacuraus.
- FAROLEIRO** – Ave-Maria, eu não!
Sair voando... quando, mas quando!?
- BOIÚNA** – Morre de medo e lentamente, então.
- FAROLEIRO** – Eu tive culpa, eu fiz um trato!
- BOIÚNA** – Nem jeito tem mais de pedir perdão.
- MAUÉS** – Vamos embora, toca pro mato,
antes que a cobra estronde no estirão!

(Os Maués escapam).

FAROLEIRO – Subo as escadas...

BOIÚNA – É tarde! É tarde!

FAROLEIRO – O Céu desaba e a Terra tresvaria!

BOIÚNA – Sem meus tesouros, pula, covarde!
Leva o farol pra dentro da baía.

(Atira o farol com estrondo para dentro d'água).

8. Vitória-Régia

(Os Maués encontram um lugar para repousar).

JAPIIM – Descansa, Japiim,
(Gaba-se) na flor do pé de pau:
mataste no aguapé,
és um guerreiro mau.
Dorme um tiquinho assim,
és um guerreiro bom:
salvaste cem Maués
da cobra de crepom!

MULHER – Levanta, Japiim,
desce do pé de pau:
vem, meu guerreiro bom,
vem, meu guerreiro mau!

JAPIIM – Eu fui muito ruim,
não fui?, nem era eu.
Quando berrei meu tom
toda a Terra tremeu.

(Nayá começa a soluçar suas tristezas).

NAYÁ – Estrelas
jitinhas
coroam
a mata.
Eu choro

de vê-las,
são ouro,
são prata.

MULHER – Que é isso, na clareira?

JAPIIM – Nayá, que sempre chora...

MULHER – Na beira desse lago?

JAPIIM – E sempre nessa hora.

NAYÁ – Espantam
meu medo,
me cobrem
de frio,
trepam
no arvoredado,
bubuiam
no rio.

MULHER – O que ela quer – a Lua?

JAPIIM – A Lua...

MULHER – Quer afagos?

JAPIIM – Ser uma estrela nua
na mansidão ribeira.

AS ESTRELAS – Nayá, vem,
te cala,
não chora,
não chora,
não fala,
não fala.
Pequena,
teu choro
inunda
a floresta,
teu pranto,
criança,
me abala,
me abala
e cresce,
calado,
de noite,
de dia,
na luz e
na sombra,

de dor
e alegria.
Represa,
num lago,
a tua
agonia.

NAYÁ –

São moças,
são índias,
que a Lua
queria,
pousadas
na treva,
cravadas
no escuro.
Estrelas
lascadas
da pedra
partida,
brilhantes
colhidos
do limo
futuro,
enchendo
distâncias
de luz
e alegria.

AS ESTRELAS –

Nayá, não
demora
a Lua
se abre,
por nossa
beleza
a Lua
se mostra,
flor branca
na beira
do lago
encantado
caindo
no espaço
rolando
na encosta.

(Embelezam tanto o céu que forçam a Lua a surgir).

NAYÁ – Evém,

logo vai
pras sendas
além
e esquece,
me trai,
me deixa
– ai, evém!

JAPIIM – Que brilho a Lua traz...
Uánhã, vem mirar!

MULHER – É o dia que lá vem,
a noite vai findar!

UÁNHÃ – Quem dera! Nada mais
faz o dia nascer
e achar o Noçoquém
ninguém vai mais poder.

NAYÁ – Eu desço
da serra
e subo
do vale,
não falo
teu nome,
teu nome
não calo.
Procuro,
coitada,
teu lume,
teu facho
e agora
te vejo
andar
sobre as águas,
no espelho
da lágrima-
-beijo
perdida,
mais fundo,
mais fundo,
no lago
caída.

A LUA – Nayá, vês
a Noite
em volta
de mim
e tudo
que nela

parece
sem fim?
A noite
se apressa
no rumo
da aurora,
cavalga
as estrelas,
em busca
da manhã,
levando
pro abismo
as irmãs
serenas
e a tribo
de Uánhã,
que pena,
que pena...

NAYÁ – Mentira!
Me deixa
tocar
tua face,
oculta
na noite,
no lago,
na brisa,
na nuvem,
nos olhos,
na lenda
que nasce

AS ESTRELAS – Nayá, vem,
te esconde
do brilho
que cega,
escapa
do laço
de tua
loucura,
da beira
do lago
de tua
amargura

A LUA – Nayá, não
te quero
suspensa
comigo,
lançada

no espaço
sem rumo,
comigo.
Espera,
criança...

NAYÁ –

Queria
teu brilho,
queria
pra mim...
Ah, Lua,
me deixa
matar meu
desgosto
no brilho
do lago,
na luz de
teu rosto.
Vem, Lua,
me alcança!

(Nayá mergulha nas águas do Lago).

A LUA –

Nayá, serás a planta
em que virei pousar,
na Grande Noite preta
que Uánhã quer domar.
O Sapo-Boi se espanta
e vem pular no rio,
demônios e capetas
sussurram no baixio.
Um homem branco dorme
na folha que serás
e lançarás odores,
a noite encantarás.
Um bicho desconforme
pisa em ti – pisa e vai
despertarás amores,
enquanto a noite cai.
Serás Forno na água,
Iapunaque-uaupê,
Vitória-Régia, flora,
Forno-de-Jacaré.
Semente cai na água,
no lodo se refaz
e lança para a aurora
a flor do nunca mais.

UÁNHÃ – Japiim! Ouviste a promessa?
De que lado vem a manhã?

JAPIIM – É daqui!, vem logo, te apressa!
(Vê outra cena) Ela também vai pular, Uánhã!

UÁNHÃ – E pula, manhã?, desde quando?

JAPIIM – Outra índia, que vai pular!

MULHER – É uma Amazona se banhando
na beira do Iaci-Uaruá.

9. Muiraquitã

(Na beira do lago, a Icamiaba e seu Guerreiro cantam).

ICAMIABA – Estão quentes as águas,
estão claras as águas
do Iaci-Uaruá,

GUERREIRO – mas a noite está fria,
mas a noite está turva,
no Iaci-Uaruá.

ICAMIABA – Bem no fundo eu me vejo

GUERREIRO – e eu não vejo nadinha,

ICAMIABA – Olha lá!

GUERREIRO – Que será?
Onde vais? Não demora.

ICAMIABA – Vou ao fundo do lago
Iaci-Uaruá.

GUERREIRO – Pra que? – tempo perdido...

ICAMIABA – ...tempo de amor doído.

GUERREIRO – Por que vais?, não vai lá!

ICAMIABA – Quero a pedra pequena...

GUERREIRO – Vem, me abraça, te deita.

ICAMIABA – ...pra te dar, pra te dar.

GUERREIRO – Pedra verde não quero,
abre a concha da noite.

ICAMIABA – Espera a luz do luar.

GUERREIRO – Olha a Lua, olha a Lua,
na montanha deitada...

ICAMIABA – ...teu amor vai voltar.

(Ela mergulha).

ICAMIABA – Vou direto nas tocas
dos peixinhos calados,
que ninguém me ensinou.
Eles guardam meu nome
e a pedrinha encantada,
que ninguém me roubou.
Desço lenta no rumo,
quero o raro mistério
ita-pedra-quitã,
colho a lama de jade
pra moldar uma jia,
um peixinho, uma rã.
Tupã desce, levanta,
pisa o espelho das águas
– minha vista turvou:
brinca de que, de esconde?,
perco a rota por onde
Tupã se-me embrenhou.
E esta-uma corrente
me atravessa por quando,
me leva pra que mar?
Em que abismo me afundo
e que resto de bicho
sobe pra bubuiar?
E estas plantas e folhas
e cipós salientes,
enroscados no pé,
espalhados nas ancas,
nos cabelos revoltos,
aguapés, aguapé.
E este som, silvo, apito,

é Tupã num gemido,
é Tupã, sim, Tupã.
A luz brilha, ele olha,
o amuleto no fundo,
verde muiraquitã.

(Apossa-se do amuleto).

GUERREIRO – Ah, me escapa, me foge
cai nas águas escuras,
nas barrancas, pra quê?
Neste lago não vejo
nada do que descreve
a beleza em que crê.
Ah, por onde se acha
a luz pura, o cheirume,
frutas, flores, cadê?
E cadê minha prenda,
desmaiada no lago,
quem me vê, quem me vê?

(A Icamíaba sai das águas com o Muiraquitã).

ICAMIABA – Trouxe a lama do fundo,
a sorte soberana,
um segredo feliz.
Toma a pedra encantada,
o amuleto sagrado,
o sapinho que fiz.

GUERREIRO – Quebra a dor e a doença
desmaia os invasores,
sopra o sopro do mal,
nem a morte me toca,
nem fraqueza me abate
– um sinal, bom sinal.

ICAMIABA – Parte antes da hora,
leva a minha vontade
na igarité veloz.
Leva um raio de lua,
leva teus companheiros,
vão pra longe de nós.
Quando as luas se forem
despencar nas barrancas,
um menino nasceu:

sobe as águas de novo,
traz de volta os guerreiros,
– este menino é teu.

GUERREIRO – Ah, me deixa um pouquinho...
Vejo agora a campina
do Iaci-Uaruá.
Um suspiro do lago
faz eco ali, dobrado,
nessa margem de lá.

10. Jurupari

(Começam a soar as flautas de Jurupari).

ICAMIABA – Ouve o som da trombeta,
o eco da paxiúba,
ouve Jurupari:
ele corre a campina,
desce o vale, calado,
sua mãe é Ceuci.
Monta na cordilheira,
navega no riacho,
enviado do Sol,
percorre estas cidades,
as aldeias pequenas,
as setenta nações.
Está tudo contado
nas palavras de fogo
que ele deixa cair.
Ninguém bole com ele,
protegido do raio,
– ouve Jurupari.
Fez a casa dos homens,
expulsou as mulheres,
ai de quem invadir!
E ensinou apegaua
a dançar diferente,
que eu não sei repetir.
Vês o vulto? Te apressa!
Ele marcha, ele dança,
ele canta, ele ri.
Paxiúba, a trombeta,
ressoou na floresta:

lá vem Jurupari!

11.
As Amazonas

(Começa o ataque comandado por Francisco Orellana, cuja violência é louvada pelos soldados espanhóis.

Uma flecha fura o olho de Frei Gaspar de Carvajal).

- GASPAR –** Eh, quantas flechas, Marins,
nos cobrem de glória,
cravam-se nos bergantins
San Pedro e Victoria!
- ESPAÑHÓIS –** Orellana vai queimar,
com fúria, sem pena,
o rio veloz, Nhamundá,
– aldeias?, dezenas!
- GASPAR –** Lá vejo as icamiabas,
no lago encantado.
Caem – são belas piabas
do corpo dourado.
Cá, Amazonas atrás
dos bravos guerreiros
matam quem treme demais
– escutem o berreiro!
- ESPAÑHÓIS –** Usam arco, flecha, lança,
machado, boduna,
vão até os pés as tranças,
da cor da graúna.
- GASPAR –** Reinam com um só dos peitos,
é Conhori brava,
rainha dos homens feitos
nas tribos escravas.
- ESPAÑHÓIS –** Nas cabanas Caranai
adoram o Sol,
como se fosse seu pai,
até o arrebol.
- GASPAR –** É noite de celebrar
São João Batista

– por que fomos abordar
gente tão arisca?

ESPAÑHÓIS – As areias são lençóis
que o sangue tintura,
arcabuzes espanhóis
explodem bravura.

GASPAR – Só queríamos pedir
um parco tesouro,
quanto custa dividir
a prata e o ouro.

ORELLANA – Frei Gaspar de Carvajal,
me cure a ferida.
O combate é desigual,
vamos de partida.
Vim de Quito e do Peru,
ordem de Pizarro,
derrotou-me um povo nu,
que evento bizarro!
Já sofremos, Carvajal,
cordilheira puta,
Solimões, veia do mal,
e esta gente bruta!

GASPAR – Ah, que uma flecha bendita
se espeta em meu olho,
matem a turba maldita,
pais, mães e pimpolhos!

ESPAÑHÓIS – As velas esfarrapadas
descem o Nhamundá,
vamos dar por adiadas
as contas *acá!*
Ouro, prata, ervas, luas,
campos encantados,
amazonas *poco* nuas,
adeus, *el dorado!*

(Os Maués escapam da praça de guerra, mas se deparam com o Curupira).

CURUPIRA – Quem contrário pisa,
Arara, hein, Azul?,
e andando pra norte
segue é para o sul?
Mata quem invade,
toco, hein, de pau?,
bom jeito de zinho,
espírito mau...
Uma inteira tribo,
toiça, é, de capim?,
lar no gada escuro
contrário ao de mim.
Pois perco eu o mundo
fundo, viu, perau?,
tranço gavabundo
tremo tremedal.
Confundo na perna
toda mudo sorte
quem sul de vê frente
ruma é para o norte.
Deram quantas voltas
em torno de aqui,
pensam que vão reto
de aqui para ali.
Os pés revirados,
tô canso de ver,
os olhos vermelhos
de quem se perder.
Flor da bichoresta,
que eu sei defender,
tudo que não presta
faço em meu poder:
viro os pés da caça,
caço o caçador,
desmonto caminho
desesperador,
sabreco a comida,
disparo alçapão,
desarmo armadilha,
não-sim no sim-não.
Quem é quem é quem,
quando a noite cai?
Quem vai, vai ou vem,
quem vem, vem ou vai?
E guarda plantada

planta que guardei,
ninguém se apodera
se eu não sosseguei.
Curupira brinca,
na selva-manhã
menino-menino
brinca com Tupã,
nas folhas, nas flores,
na água, no ar,
nos bichos, nas cores,
quero só brincar.
Perco quem só passa,
pra me divertir,
e quem me ameaça,
quem não sabe rir.
Monto capivara,
grande varo o rio
e a mata se cala,
se eu fizer psiu.
Quem eu perco, pena,
sem ouvir um pio,
louca ematece,
de fome e de frio.
Na noite que cai,
quem é quem é quem:
quem vem vem ou vai,
quem vai vai ou vem?

TRIBO EM FUGA – Uánhã, por onde se perde
a tribo, em busca do Sol?
Acorda que o verde se tinge,
vai longe o pio do Rouxinol.
Quem fecha o caminho da mata
e as pistas da trilha do bem,
o rumo do nosso passado,
o dia e o lugar Noçoquém?

MULHERES – Curupira segue na frente,
nos amarrou nos cipoais,
com seu medo de gente estranha
e seus pés virados para trás.
Lá vai ele – não é ele, indo,
montado num quatipuru?
Nem não era o lindo tinhoso,
isto é só um rastro de Tatu.
Mas ele monta qualquer bicho,
viaja água, céu e chão,
rasteja, corre, nada, voa,
calango, peixe, gavião.

HOMENS – Oh, silêncio, mas que silêncio!

MULHERES – Curupira que fez psiu.
Encantou o som no varadouro,
fez o vento parar no rio.

HOMENS – Vento vira, escuta a risada!

MULHERES – É ele rindo atrás de nós.
A floresta não diz mais nada,
toda a mata ficou sem voz.

HOMENS – Bate com o tempo nos tambores
faz barulho de endoidecer.
Cotuca as dores, as feridas,
Faz esta noite entontecer

MULHERES – Não tem pio, grasnado, sibilo
gemido, chiado, clamor,
nem sapo, nem grilo, nem onça,
só soa o baque do tambor.

HOMENS – Mas quem ri também fala – escuta!

MULHERES – Pra mangar da tribo Maué

HOMENS – Deixou trilha enxuta, marcada:
olha a marca daquele pé!

MULHERES – Vereda que vai dar adonde?
Vamos contra essa direção.
Te esconde, menino sapeca:
Maué some na escuridão.

13. Mapinguari

(Com gritos terríveis, Mapinguari apressa a fuga dos Maués).

MAPINGUARI – Hei sapecuim! Hei tchê!

TRIBO EM FUGA – Ele vem
como vem!
Um tal grito
só pode ser...

Mapinguari!
O berro
da lapa
de boca,
quem pode ser,
senão Mapinguari?
Desordem na mata
espanta
Maué.
Não tem guerreiro
que espere
por ele,
coberto de pelos,
deste tamanho,
Mapinguari
é.
Veado se assusta,
macaco chora,
coruja desperta.
Ele devora
cabeça de índio
no meio da mata.
Não tem inimigos,
nem rumo,
nem oca,
nem toca,
só a enorme,
só a enorme boca,
aqui na barriga,
de atravessado,
e leva, debaixo do braço,
um corpo:
ele come,
ele vem,
devora as entranhas...
O monstro peludo,
Mapinguari!
Assanha a cabeleira da floresta,
arrupia a Mãe-Dágua.
A Velha diz:
foi índio velho
e envelheceu
demais.
Não gosta de velho,
nem gosta de moço,
nem de preto,
nem de branco,
nem de índio.
Corre, corre,
desabalado,

que ele reina
com violência.
Bicho de guerra,
escava a terra,
de raiva:
é ele,
ele que vem,
faminto e bravo,
Mapinguari!

MAPINGUARI – Hei sapecuim! Hei tchê!

(A Tribo faminta encontra comida moqueada no caminho).

TRIBO EM FUGA – Olha a caça
no moquém
que fome
olha o moquém!
Quanta caça!
De quem será?
É de ninguém!
A fome mata e dói, se quer saber,
então vumbora comer!
Mas mete medo,
– eu não!
E escuta o grito do ser:
ele se calou,
mas ele vem!,
vem no silêncio, também!
Morto por morto,
melhor de barriga cheia.
Eu não me atrevo,
Mapinguari vem aí!
Acho que não!
Faz tempo que não reclama...
Dobrou caminho,
deitou-se noutra direção.
Então começa!
Nem dele a comida é!
E sim, que fosse...
Quem quiser que morra de fome.
Ele tem nome.
Mas quem foi que já cruzou
caminho com ele?
Na hora louca do pavor,
quem sabe, cala,
quem sabe, escuta,
quem sabe, nega,

quem sabe, não!
Mapinguari
do olho desconforme,
pra ver na escuridão, talvez!
Fareja o bando de Maués,
tem como se fartar, agora.
Urina, Uánhã!,
vamos a gente urinar, também,
pra ver se desencanta o poder do moquém,
porque preciso
e quero muito
comer um pouco,
beber um pouco
e descansar.
Ouve este sopro
de vento cão:
quem sopra com esta força,
por cima do umari?
Só sendo ele,
Mapinguari!

MAPINGUARI – Hei sapecuim! Hei tchê!

(Esquecem o perigo e se danam a comer).

TRIBO EM FUGA – Que me perdoe,
sei que ele vem,
mas que se dane!,
eu vou comer e bem.
Hum!, tá gostoso,
come também,
e tu, e tu e tu, também!
Dá pras mulhees,
dá pros meninos!
É peixe, é caça,
tucunaré – capivara se assa!
Senta, te senta,
assoa a venta,
vai te lavar,
a água é perto,
perto dali, de lá.
Ai, ai, me acode aqui,
não tenho mais como voltar,
me tira dessa beira d'água...
Ajuda lá!
Vamos dormir, agora,
a fera já foi descansar.
Mais tarde pode ser que a noite

vá clarear
e a gente some,
a gente parte
pra ver o Noçoquém!
Que sono deu
essa comida em mim.

(Mapinguari se aproxima).

MAPINGUARI – Hei sapecuim! Hei tchê!

TRIBO EM FUGA – Valha, que é ele!
Grita tão perto...
Vamos nos esconder.
Trepá no galho,
bem no olhinho,
não dá pra se mexer...
O corpo mole,
a barriga pesada...
tanta comida
não me fez bem.
Adeus meu Noçoquém...
E ele tão perto,
que se adianta
e chega pra querer comer!
Ele que grita assim,
Mapinguari!
É um sonho, eu digo,
que pesadelo!
Eu sinto o bafo dele aqui.
Meu passo pesa e se retarda,
não tenho mais como fugir.
E ele se acerca
e vem,
é sim,
Mapinguari!

MAPINGUARI – Hei sapecuim! Hei tchê!

TRIBO EM FUGA – Então foi ele
que nos armou este alçapão,
esta armadilha
desoladora,
no meio dessa confusão.
A caça, quem caçou?,
o peixe, quem pescou?,
tão da gostosa,
tão do gostoso,

foi ele,
sim,
Mapinguari!
O bicho ruim da floresta,
perseguidor
de todo ser,
devorador de todos nós,
correndo o seio da floresta,
botando pra correr quem erra,
o seringueiro
e o garimpeiro
e o fazendeiro
e todos os mateiros,
ladrões e traficantes.
Ele que vem
agora resgatar
a sua caça,
a sua pesca.
Seu jeito de matar
é tudo que não presta.
Que vamos suportar?
Ele vem
e como vem,
Mapinguari!

MAPINGUARI – Hei sapecuim! Hei tchê!

TRIBO EM FUGA – Fuja, agora, quem puder:
ele chegou no escuro,
arranca as entranhas
e come como quer,
come a cabeça e o pé.
É mau
e grita e come,
mata porque tem fome,
quer de volta a floresta,
é tudo que lhe resta.
Sabe que um dia
alguém
vai matá-lo também
e ele se vinga,
antes que chegue o fim,
ele se esbalda
assim.
Grande macaco,
todo do mato,
ele chegou em mim.
É ele, sim,
estás aí,
és o Mapinguari!

(Mapinguari ataca os Maués).

UÁNHÃ – Vamos passar o rio,
saíam desse torpor!
Mapinguari pegou
metade dos Maués.
Vamos todos mijar
depois de atravessar:
Mapinguari não vem,
se a gente mijar bem...

*(Atravessam todos e mijam, homens, mulheres e crianças, nas águas do rio.
Em seguida fogem, mas Surucucu e seus parentes aproveitam a confusão para
cercar Uánhã).*

14. A Origem da Noite (Final)

AS COBRAS – Foste muito valente,
nada te fez tremer,
mas agora, com a gente,
só te resta morrer.
Tu cruzaste a baía,
enfrentaste o mangal,
dentro da noite fria
da Senhora do Mal.
Destruíste a cabaça,
viste o Boto dançar,
salpicaste essa raça
na floresta e no mar.
Curupira te perde,
Mapinguari te acha,
dentro da mata verde,
raio cai, raio racha.
Foste ao reino medonho
das Uiaras ruins,
tudo foi só um sonho
nas brumas, nos confins.
Cobra Grande nem sabe
que uma tribo bateu
e o silêncio não cabe
dentro do Macabeu.

Ninguém sabe o segredo
das flores do uapé,
desvendaste, por medo,
o Forno-de-Jacaré.
Mas o pior castigo
foi a coisa ruim
de encontrar um amigo
neste tal Japiim.

SURUCUCU – Mas agora é agora,
chega de blabláblá,
chega de nove-horas,
a turma quer brincar.

AS COBRAS – É. Como prometemos,
viemos devolver
os teus prolegômenos,
teu gentil proceder.
Umam chegam por terra,
outras vêm pelo ar!
Bom cabrito não berra
– Uánhã sabe calar...
Tem até uns convivas
de Manaus e Belém
e umas caras furtivas
que nem sei de onde vêm,
gente importante à beça,
outras tribos e tal...
Tu, se escapares desta,
volta ao nosso arraial,
Surucucu prepara
outra noite pra ti,
uma joia bem rara,
doce de bacuri.
Agora, com licença,
meu querido maué:
queira Vossa Excelência
estender vosso pé.
Experimentaremos
os produtos venais,
os singelos venenos
que nos deste, rapaz!

(Atacam furiosas).

JARARACA – Esta é minha dose,
já te fiz tremer:
quede aquela pose?,

faz ela pra eu ver!
Hum... veneno forte,
que a amiga me deu,
um dedo de morte
na presa correu.

UÁNHÃ – Quem é que no escuro malina
comigo e com minha nação,
me joga por cima esta sina,
me esmaga na areia do chão?
Eu sinto no escuro a fisgada,
escuto o som do coração –
me atraí, traiçoeira, malvada,
me estende na areia do chão?

SURUCUCU – Foi ele, Jararaca,
que espalhou noitidão,
espantou cotia e paca,
anta, sagui, faisão.
Também merece a minha
picada mais feroz,
picada de rainha
– se eleva a minha voz!
A Grande Noite eu tenho
guardada só pra mim,
na mata onde me embrenho,
no fim do rio do Fim,
a noite que querias,
Uánhã, pra dormir.
Tu reverteste o dia,
agora fica aí:
recebe os meus parentes,
não vai nem demorar,
vais ver que, de repente,
teus dias vão passar.

AS COBRAS – É minha vez agora.
(Uma a uma) Traz o maué pra mim.
Não, não, minha senhora,
tem cobrinha – pro fim!
Primeiro as mais sabidas.
Por idade é melhor.
Que cara mais lambida...!
Reserva o mocotó!
Toma-te, safadinho!
Não mata de uma vez...
Vê se deixa um pouquinho
pra quem inda não fez.
Vamos dançar, querida,
em volta do maué,

até que ele decida
se cai ou morre em pé.

(Dançam em volta de Uánhã. Cutimboia ainda pechincha, tentando conseguir um pouco mais de veneno).

Valeu minha peçonha.
Eu grito é de alegria!
É nosso o sem-vergonha,
até raiar o dia.

CUTIMBOIA – E a tribo, e este resto?
eu quero dar fim,
eu quero, eu detesto
gente e maruim.
Mas Dona da Noite
só diz não e não!
Por causa do açoite
negou meu quinhão.

(Pede às amigas) Me empresta esse pouco,
uma gota só:
eu pingo este louco,
desfaço este nó.
Me enrolo, me enrolam,
ninguém quer saber
do meu desconsolo,
do meu desprazer?

LACRAU – MUITÍSSIMO sinto
não poder lhe dar
o pouco, o pouquinho
que dei de ganhar.

CUTIMBOIA – Lacrau, eu devolvo
assim que acabar...

(Lacrau ignora. As Cobras ironizam).

AS COBRAS – Um veneno novo...?
Não sei... emprestar?

CUTIMBOIA – E tu, Centopeia,
também vais negar?

CENTOPEIA – ...Me veio uma ideia,

que tal barganhar?

(Enquanto As Cobras discutem).

- MAUÉS** – Aproveita que Cutimboia
não encontra como matar,
nem de aperto, como a Jiboia,
nem sovando a gente no ar.
- JAPIIM** – Mas Uánhã, que está ferido,
ninguém fica pra socorrer?
- MAUÉS** – Ele sabe que está perdido:
nenhum maué mais vai morrer.

(A Tribo foge e abandona Uánhã. O maué delira. Só o Japiim cuida dele).

- UÁNHÃ** – Como o dia brilha brilhante,
na porteira do Noçoquém:
não quero seguir adiante,
tem caiçuma, fruta, moquém.
Cunhãtã me aperta contente,
me distrai na pedra de luz.
Eu trazia uma semente...
Ó Tupã, onde foi que eu pus?
- CUTIMBOIA** – Surucucu, nega,
escuta-me aqui:
acho que já chega
deste tititi!
Me dá meu veneno,
um tico, me dá.
Morre este pequeno
e eu fico pra lá?
Nem uma chupada,
um beijo, um amém?
Quero uma dentada
na perna de alguém!
- SURUCUCU** – E eu, essa indiarada,
pra negociar!
Cutimboia, armada,
vai me arruinar:
mata toda a tribo
sem pestanejar.
Arriba e eu arribo

e o que vai ficar?
E esta Grande Noite,
que eu sei corromper?,
usa teu açoite
pra te defender,
usa teu sopapo,
que eu preciso ter
muito jenipapo,
é... pra convencer!

UÁNHÃ – Eu sinto a subida da chama,
sem destino, sem direção.
A flecha partida se inflama,
nunca vai dar no coração.

(Uánhã suspira e morre).

AS COBRAS – Mas já morreu, meu lindo?
(Aumentam a algazarra) Que pena que morreu...
Já vai?, então vai indo!
Antes ele que eu.
Estragou foi a festa,
ele era o principal!
Este maué não presta,
pôs fim no carnaval.

SURUCUCU – Silêncio, minhas santas,
pois agora é que é:
se escondam, como as antas,
da fúria dos Maués.
De volta pra caverna,
que eles vão retornar!,
noite não é eterna
e não tarda a findar.

(As Cobras fogem para os matos. Um companheiro de Uánhã se acerca, então, e banha-lhe o corpo com ervas mágicas).

HOMEM – Uyp-p-aypoc, ondas do mar!
Eu trouxe as ervas pra te banhar.
Dorme, descansa, foge do mal,
nessa forquilha de pé de pau.

(Alguns Homens agora retornam e carregam o corpo do maué em busca do Noçoquém perdido).

HOMEM – Uánhã, um dia, tu vais dormir
no Noçoquém, no teu tapiri.
Escaparemos de todo o mal,
com uma forquilha de pé de pau.

15.
O Roubo do Fogo

*(Avisado pelo Japiim do drama da tribo Maué e compadecido de Uánhã, Baíra
chega para auxiliar).*

BAÍRA – Japiim, me leva num só voo,
pela noite negra, azul,
onde fica a toca, a treva, o agouro,
casa de um tal de Urubu?

JAPIIM – Vendo aquele bando de capeta,
dando volta pelo céu?
É ele escurecendo o planeta,
nos cobrindo com esse véu.
Uánhã não deu trela pra notícia,
mas foi, sim, Mestre Urubu
quem roubou o fogo, com malícia,
fez a noite negra, azul.

BAÍRA – Japiim, me leva só de um pulo,
como o Sapo Cururu,
tenho de achar um jeito – tô fulo!,
de enganar Mestre Urubu.

JAPIIM – Só ele, Baíra, guarda o fogo,
debaixo de seu nariz,
sob as asas enormes, num jogo,
que ele joga bem feliz.
Os Maués só viram foi fumaça,
nesta noite de azulão
– vê se cabe lá numa cabaça
essa baita escuridão!

BAÍRA – Então me leva num só mergulho,
vamos roubar o ladrão,
ter o fogo, a luz, o dia, orgulho
e cem anos de perdão.

(Os dois chegam à Casa do Urubu).

JAPIIM – Lá vem ele e agora, meu amigo,
(Com medo) que faremos, que farás?

URUBU – Venho dos céus, o Sol vem comigo,
sai da frente, zás pra trás!

BAÍRA – Japiim, vou me fingir de morto.
Te acomoda bem ali.
Quem escapar desse Urubu torto
espalha o que tem aqui.

URUBU – Ah, que bom ver minha casa clara,
minha casa num clarão,
enquanto este povo se depara
com esta enorme escuridão.
Diz-que foi numa cabaça pouca,
arremessada no ar,
que a noite veio feito uma louca,
fez maué tresvariar.

(Encontra Baíra estendido).

Ora, um morto, bem no meu terreiro!
Minha gente, muito bem:
vamos preparar este guerreiro
moqueadinho no moquém.

A GENTE DO URUBU – Este morto bole que nem vivo,
pode ser, Mestre do Ar?
Treme todo, parece cativo
– não devemos confiar.

URUBU – Quero mesmo é carne bem fresquinha.
Põe o fogo pra queimar.
Deixa ele pular sobre a pedrinha...
Vou gostar, ah, vou gostar!

(Baíra arrebatada o fogo e escapole).

BAÍRA – Passa pra cá, luz que me alumia!,
quem tem dono não tem bem.
Vem comigo, Sol, calor do dia.
Japiim, foge também!

URUBU – Maldito seja, em toda a Amazônia,
o índio que me enganou!
Vai ter na vida a mais longa insônia
que a floresta já cantou.
Vamos por baixo, vamos por cima,
ele me paga, é já-já!
Vai, minha gente, não desanima,
tem um ajudando lá.

A GENTE DO URUBU – É Japiim que voa com ele!
Sabe por onde voar.

URUBU – Eu sei qual é a fraqueza dele:
chama o Tanguru-Pará.

JAPIIM – Ai, e agora? – adeus, adeus, Baíra!

BAÍRA – Desce numa vertical!

JAPIIM – Despistar a desconforme ira,
só no oco deste pau.

(Japiim se esconde no oco do pau).

A GENTE DO URUBU – Japiim, safado, fez bonito:
se escondeu que nem sinal!,
mas o silêncio, sem um apito,
revelou o oco do pau.

(Retomam a perseguição).

BAÍRA – Japiim, me leva num repente,
por dentro do tabocal!
Tempo de imitar jeito de gente,
pelo meio do varal.

JAPIIM – Então vem, que a chance é derradeira,
é nossa cena final.

BAÍRA – Vai na frente, vai na dianteira,
que eu despisto o maioral.

URUBU – Ah, não tenho como bater asas,
no meu voo sem igual,
vara bate, quebra, torce, arrasa,

no maldito tabocal!
Foi-se chama, Japiim, Baíra,
fico eu no pantanal,
eu, minha gente, que dor, que ira!,
humilhado, sem moral...

(Baíra e Japiim chegam, finalmente, à beira do rio onde os Maués esperam).

JAPIIM – Ai, tira esse fogo do meu bico!
Vou por pouco incendiar...
Do lado de lá tem gente – eu fico!
Quero nada atravessar...

BAÍRA – Mas nem o poder do meu machado
leva este fogo até lá:
água grande e tempo demorado...
periga o fogo acabar.

JAPIIM – Nem me olha!, por aqui me acabo!
Joga teu machado – zás!
Teu fogo me chauscou o rabo,
foi esforço por demais!

(Baíra chama As Cobras, que atendem contrariadas, e coloca o fogo sobre as costas de cada uma).

BAÍRA – Venham cá, minhas cobrinhas lindas,
levem isto para mim!
Atravessem o rio – é noite ainda,
mas a noite vai ter fim.

AS COBRAS – Não dá tempo, que coisa mais quente
– Baíra nos enganou!
Vamos todas morrer de repente,
nem sei o que nos matou.

(Uma a uma morrem queimadas, antes de atingirem a outra margem).

BAÍRA – Tenho de puxar o fogo logo.
Seu Macaco, venha cá!

MACACO – Eu pulo por cima e não me afogo,
nem sou eu de me queimar.

BAÍRA – Então será o bicho afamado,
que entregou o fogo lá
e acabou com o escuro danado
que Urubu jogou no ar.

MACACO – Não adianta ser muito esperto
e esconder o Sol na mão:
não saio nunca mais desse aperto,
não dei conta da missão.

(O Macaco também morre queimado. Baíra apela para a Preguiça e coloca o fogo nela).

BAÍRA – Dona Preguiça, só a senhora
pra me livrar deste nó.
Vá com calma, não se apresse agora,
a senhora não está só.

PREGUIÇA – Quantos dias tu me dás, Baíra,
pra arrumar o meu farnel?
Marca a data da minha saída
– ai, socorro, é um fogaréu!

(Preguiça morre queimada, como os demais. Baíra põe o fogo no Cururu, que atravessa pulando).

BAÍRA – Cururu, bicho do couro grosso,
vira as costas, toma aqui!,
és o último bicho em que posso
meu machado sacudir.

CURURU – Vou de pulo em pulo, não descanso,
quase morto, no aguapé,
varo a outra margem, num remanso:
– encomenda pro maué...!!!

MULHERES – Cururu pulou tão bonitinho,
quase morto, veio a pé!,
bem que merece lá uns beijinhos
e um descanso no aguapé.

(As ervas mágicas trazem Uánhã de retorna do sono da morte).

UÁNHÃ – Que sonho breve eu sonhei!
Tinha um rio grande, um rio-mar,
um navio-fantasma, um rei
e uma princesa no ar.

VELHA – Uánhã voltou bem disposto!

A TRIBO – Uánhã! Uánhã não morreu!

VELHA – Foi é dormir de seu gosto.

A TRIBO – Uánhã acordou, renasceu.

UÁNHÃ – Tinha uma pedra encantada,
na praia, um pé de cajá.
E o pai da princesa amada
se chamava Rei Sabá.

A TRIBO – Sumo de planta cuspida,
erva arrancada no pé,
mão de gente entristecida,
sopro de vida maué.

UÁNHÃ – Eu mergulhava três dias,
era eu pajé-sacaca,
no fundo chorava e ria,
feito mãe nova, macaca.

VELHA – Não parece uma criança
que acabou de atravessar
a correnteza da dança,
do rio direto pro mar?
Não parece uma criança
que chegou pra se fartar?
Traz arco, flecha e uma lança...
de cum pouco vai caçar!

UÁNHÃ – Sonhei que tinha uma irmã,
minhoca, assim, no terreiro,
querendo amar cunhãtã,
cuspindo fogo e braseiro.

(Uánhã percebe o claro do dia. Assusta-se, depois se admira).

Tem um fogo na floresta...
– branco voltou!, vai voltar?

HOMENS – Não, este incêndio é o que presta,
é o fogo do Sol no ar.

UÁNHÃ – Isto é o que direi “aurora”?
A cabeça incendiada
dos meus amigos na hora
em que o dia surge do nada?
Estou vendo, sim, cada qual,
na aurora da mata cinza,
vermelha, amarela, igual
camaleão véi, ranzinza.

(Os Homens se agradam do Dia. Mas as Mulheres reclamam).

HOMENS – O fogo do Sol, Uánhã,
vem trazendo uma alegria:
a noite virou manhã
nas brumas da encantaria.

MULHERES – Corremos tanto, mas tanto,
atrás dessa madrugada,
que nem deu pra ter espanto,
nem pra ver Boto, nem nada.
Foi tão curta a noite, credo!,
não dá pra gente mentir.
Veio tarde, acabou cedo,
nem deu tempo de dormir...!

(Uirapuru começa a cantar).

MENINO – Olha o passarinho preto!

HOMEM – Preto?, não tô vendo nada...

MULHER – Aquele-um no graveto...?
Preto é da pena encarnada...

MENINO – Como dança, o pardacento!

HOMEM – Dança?, a mata está parada...
MENINO – É um preto meio cinzento.
MULHER – Mas que conversa fiada!
HOMEM – Ele que canta? Que choro!
MULHER – Tem tanto pássaro lá!
MENINO – É o passarinho canoro:
guira-puru, papá-uirá.

(Já esquecido dos dissabores, Uánhã resolve ir em busca da Grande Noite).

UÁNHÃ – Junta logo outros venenos,
anda, me traz urucum.
Vou já-já com meus pequenos,
casa da Surucucu!

HOMENS – Fazer o quê? Nós não vamos!
Ainda quer trato com cobra?
Elas reinam, nós reinamos,
cada qual na sua obra.

MULHERES – Ah, vai sim, vai lá guerreiro!
Anda, a gente quer dormir,
quer vadiar no terreiro,
sem o Sol pra descobrir.

UÁNHÃ – Vou buscar a Grande Noite,
toda ornada de alecrim,
cheiro de terra molhada...
mas demora pra ter fim!

JAPIIM – Uánhã, a tal da Noite Grande
Surucucu vai fazer...
já descobri – sabe onde?,
nas estrelas, meu querer!
...Vai fazer com jenipapo,
tudo que desvia e erra,
tudo de que fujo, escapo,
as imundícies da Terra.
Por isso a boca da tribo,
de outro jeito não vai ser:
de manhã... credo, eu me arribo!
– tua boca vai feder.

(Todo mundo ri do Japiim. Uirapuru canta ainda mais perto e mais bonito e chama a atenção de toda a tribo. A Velha decide, assim, contar sua história para a Tribo).

VELHA –

Era uma cunhãaim
que olhou nos olhos do amor:
seu amor não tinha fim,
nem tinha fim sua dor.
Entre ela e seu guerreiro,
os anos, a guerra, a paz,
tudo que tivesse cheiro
de agora ou de nunca mais:
outra distância, outra tribo,
outra tristeza – e um pai,
que lhe dava de castigo
a espera da flor que cai.

Era uma cunhãã louca
olhando a copa do céu,
a esperança pouca, pouca,
desabando como o véu
da noite, quando desaba
por cima do mal do mundo,
arrastando, como caba,
a dor do ferrão profundo.

Uma cunhã, tão perdida,
por causa daquele bem,
tão farta, tão esquecida
de qualquer um noçoquém,
que Tupã, compadecido,
fez o tempo recuar,
subiu do vale, sentido,
quase a ponto de chorar.
Deu-lhe o ombro, deu-lhe colo,
um acanitar e um brinquinho.
Depois lhe deu um consolo:
fez dela um rei passarinho
pra que fosse pelos ares,
mais depressa do que eu,
procurar pelos lugares
o amor que um dia perdeu
e pudesse ver, de perto,
o tempo do sim, do não,
e cantasse o seu concerto
de dentro do coração.

E agora, na mata fria,

onde ninguém pode entrar,
o passarinho assovia
pra rouxinol, sabiá
e tudo que é bicho besta,
que se cala, jururu,
no silêncio da floresta
pra escutar Uirapuru.

(Todos se calam. Só Uirapuru canta na floresta).

FIM

FIAU BABAU

Personagens:

Bené (gente) e Catirina (boneca) – A mesma Atriz
Pedro (gente) e Tapera (boneco) – O mesmo Ator
Jerico-leva-e-traz (gente) e Juvêncio (boneco) – O mesmo Ator
Florinda (gente) e Pai Francisco (boneco) – O mesmo Ator ou Atriz
Amo do Boi (Às vezes boneco, às veze gente) e o Boi Flor do Campo – O mesmo Ator
Matinta (gente), Índio e Vaqueiro (bonecos) – A mesma Atriz ou Ator

Outros bonecos (Índios e Vaqueiros) devem ser incluídos como Figurantes,
de acordo com a disponibilidade do elenco em cena.

Personagens das Personagens:

Beré interpreta a Fada no Pássaro Junino
Pedro será o Tripa do Pássaro Junino
(leva na cabeça um passarinho empalhado, como adereço)
Jerico-leva-e-traz se disfarça, ainda, de Juvêncio (Vaqueiro do Boi),
Português e Sacristão
Matinta se disfarça de Americano
Outras personagens do Pássaro Junino podem ser admitidas em cena

Cenário:

Ambiente claro. Espaço vazio

Ação:

Na Sacramenta, bairro da periferia de Belém, sobretudo no tambor do boi-bumbá Flor do Campo e arredores, há algumas décadas.

Proibidos de levar os bois para as ruas – face aos encontros nada amistosos entre os grupos rivais –, os brincantes encontraram nos pássaros juninos uma alternativa de ocupação dos espaços públicos com seus folguedos.

O caldeirão ferve ainda mais com a inclusão da problemática relativa à ocupação de áreas de latifúndio nas zonas então mais afastadas do centro da cidade.

A ausência de letras para as músicas previstas sugere mais liberdade para a direção musical do espetáculo, que pode ou não lançar mão de textos adicionais nas canções.

A alternância de prosa e verso e as mudanças de ritmo têm por objetivo facilitar o encaminhamento da parte musical do espetáculo.

1. Abertura

O elenco canta e dança um lundu, enquanto ocupa o espaço e exhibe ao público as formas de manuseio dos bonecos, adotadas pela direção.

Ultima-se a arrumação do espaço, colocando-se em cena os objetos necessários.

A letra da música enfatiza esse limiar entre o real e o teatral.

Na sequência, Beré e Tapera travam uma espécie de duelo musical, cantando um siriá. Ela se queixa da própria “fama” de virar matinta, julgando que realiza esse feito sem depois se recordar, enquanto o passarinho exhibe todo o orgulho de ser a “verdadeira” matinta, realçando sua própria beleza e o que considera como seu canto mavioso.

Ela não se apercebe da presença do passarinho.

A passagem da primeira para a segunda música não deve sofrer solução continuidade.

2.

(No final da música, Tapera dá um susto em Beré).

TAPERA – Olha a matinta!!!

(Correm os dois para lados opostos).

BERÉ – Consegui!

(Começa a chorar)

TAPERA – Fi-fite-fifi!!!

BERÉ – Estou no melhor da minha forma...

(Chorando)

TAPERA – Fui eu que te assustei...!

(Reivindica)

BERÉ – ...é o auge da minha triste fama...

(Ignora)

TAPERA – Sua matinta de araque!

BERÉ – ...até eu me assusto com o meu susto...

(Alheia)

TAPERA – Eu sou o tapera naevia chochi lin.

BERÉ – Ora! Eu pensei que fosse o cuculus caianus.

(Agora atenta, mas desdenhando)

TAPERA – Pra uns, minha velha, pra uns. Pra outros, eu sou ave da família dos cuculídeos, que ocorre no norte e no leste do Amazonas, mas que também dá suas voltinhas pelo Brasil meridional. Pássaro de gorjeio incomparavelmente belo – embora alguns despeitados mintam dizendo que meu canto é monótono e incômodo –, atualmente ainda mais valorizado, por me encontrar em franca fase de extinção (como tudo nessa terra). Um dos últimos exemplares vivos da mais nobre espécie...

BERÉ – Ora, seu filhote de urubu balado, anum de baixa categoria!

TAPERA – A verdadeira matintaperera...!

- BERÉ** – A minha fama, sim, cruza as fronteiras da Amazônia e até da Amazônia legal! E muito mais.
- TAPERA** – Quem te dera, megera!
- BERÉ** – Eu sou conhecida até no estrangeiro.
- TAPERA** – Por assustar as pessoas erradas.
- BERÉ** – Porque me viro matinta desde o dia em que a fábrica de papel se instalou aqui no bairro. Assombrei o povo que tu precisava ver, ajudei a poluir o Igarapé do Galo e deixei a área limpa para a construção de um grande canal...
- TAPERA** – ...que nunca foi terminado.
- BERÉ** – Ah, mas disso eu não tenho culpa. A minha parte eu cumpri.
- TAPERA** – Que nada, velha Beré.
- BERÉ** – Velha Beré, não. Matinta!
- TAPERA** – Velha Beré cuscuzeira!
- BERÉ** – Matinta!
- TAPERA** – Cuscuzeira!
- BERÉ** – Velha Beré cuscuzeira de dia. De noite, matintaperera...
- TAPERA** – Quem foi que já te viu virar matinta?
- BERÉ** – Muita gente.
- TAPERA** – Muita gente quem? Diga só um.
- BERÉ** – O... A... O...
- TAPERA** – Aha!
- BERÉ** – O pessoal todo da beira do igarapé.
- TAPERA** – Pois agora quem quer ver sou eu.
- BERÉ** – Quer ver o quê, seu enxerido?
- TAPERA** – Vire.
- BERÉ** – Virar?

TAPERA – Ande.

BERÉ – Virar o quê?

TAPERA – Matinta.

BERÉ – Olha que eu viro e...

TAPERA – Vire.

(Beré procura disfarçar).

BERÉ – Ah, mas agora não tem clima. Cadê a Lua cheia? Nem sexta-feira é. Tem que esperar uma frente fria vinda do sul e os ventos quadrantes que não estão soprando para o leste.

TAPERA – Vai vender teu cuscuzeiro que é, velha Beré. Me deixa em paz que eu tenho muito o que fazer, hein?

BERÉ – Olha, tu não me aporrinha, não, que eu conto.

TAPERA – Conta o quê?

BERÉ – Que andam te confundindo com saci, lá pelo sul.

(Beré cai na gargalhada).

3.

(Música de boi-bumbá. Cantam os bonecos, no tambor, para apresentar o Flor do Campo. No final da toada, o Jerico-leva-e-traz se introduz entre os brincantes, disfarçado de Juvêncio, um dos vaqueiros do boi. Ele finge ser mais um dos bonecos: canta, dança, agarra as moças e dá cachuleta nos homens – sempre com o Índio em torno dele, desconfiado. Depois apita para marcar o final da música, para desagrado dos brincantes).

JERICO – Vim prender o Flor do Campo,
cambada de vagabundo.
Vai ter que pegar no trampo,
igual como todo mundo.

AMO DO BOI – Parou a função por quê,

sem minha ordem e licença?
Aqui só apita um,
seu feioso de nascença.

JERICO – Mudei agora o enredo,
por ordem de meu patrão.

CATIRINA – Pensando que mete medo,
boneco de papelão?
*(Atrevida,
mas de trás)*

JERICO – De papelão, não. Respeite!

CATIRINA – Eu é que não vou na tua.

JERICO – Cara de sapa mofina.

AMO DO BOI – O enredo continua,
embora tu não aceite.

CATIRINA – Pois é, chuchu de latrina.

JERICO – Vão já pro olho da rua.

PAI FRANCISCO – Vamos nada. Solta o boi,
que é lei do povo, elegida,
todo bonito e tão forte
como a vontade da gente.
Vontade assim decidida
só teu patrão que não sente.

JERICO – Conversa, conversa, conversa!
Acabou-se a malandragem.

CATIRINA – Axi da ordem perversa.
Esse vaqueiro é visagem?

JERICO – Eu sou o vaqueiro Juvêncio,
conhecido e bem mandado.
Pagou, eu cumpro. E silêncio!,
chega de povo ajuntado.

(O Índio lhe arrebatou um dos adereços de vaqueiro).

ÍNDIO – Juvêncio nada, é o Jerico,
o leva-e-traz do patrão.

VAQUEIRO – É mesmo... ele tá disfarçado,

mas não é do nosso enredo.

JERICO – Desmascarado eu não fico,
agora é que eu meto a mão.

(Sai da tenda, arrancando o disfarce. O tambor se transforma em personagem único, deslocando-se em bloco pelo palco).

JERICO – O boi acaba de sofrer a propalada denúncia vazia. Vai ter que se mudar, senão eu venho e despejo.

CATIRINA – Que história é essa, seu Raimundo? Tem outro amo mandando no
(Para o nosso tambor? E por correspondência.
Amo do Boi)

(O Amo do Boi finge que não havia percebido nada).

AMO DO BOI – O quê!?! Tem outro amo aqui, pessoal? Mostra a cara, safado!

JERICO – Tá dando muito trabalho, atrapalhando o nosso plano de expansão imobiliária.

PAI FRANCISCO – Que diabo é isso, Catirina?

CATIRINA – Que diabo é isso?

AMO DO BOI – Não sei...

ÍNDIO – O senhor podia repetir de novo?
(Vai até o Jerico)

JERICO – Crescimento urbano, meu prezado silvícola. São as megalópoles que não param de crescer, inchar, são as frentes de colonização. Vá lá avisar pro seu tuxaua.

ÍNDIO – Inchação na frente dos igapó, seu Raimundo.
(Retorna ao Amo)

AMO DO BOI – Catirina, vai correndo procurar o óleo de andiroba, mulher!

JERICO – Tem que acabar de vez com esse pondongongingondom pondongongingondom a noite toda. O meu patrão já não consegue mais dormir com essa zoadá.

CATIRINA – Mas ele nem mora por aqui...

JERICO – Ele não mora mas eu moro e com barulho não dá pra dormir. Neca de pondongongingondom.

PAI FRANCISCO – Mas pondongongingondom, seu Raimundo? Isso lá é toque da gente?

AMO DO BOI – Atenção, pessoal! Indiarada, batuqueiros e brincantes! Todo mundo de dentro e de fora: vamo no toque!

TODOS
(*Batucando*) – Patacascatá, patacascatá!

JERICO – Pondongongingondom, pondongongingondom.

TODOS – Patacascatá, patacascatá.

JERICO
(*Cai no ritmo*) – Pondongongingondom.

CATIRINA – Olha os mexidos das cadeira dele, seu Raimundo!

JERICO
(*Recompondo-se*) – Se estrepou de vez, boizinho avacalhado!

PAI FRANCISCO – Assim também já é demais, sinhô meu amo!

AMO DO BOI – Achincalhamento tem hora e lugar, seu Jerico-leva-e-traz.

JERICO – O boi tá congelado. Se sair do terreiro vai preso, multado, processado e é bem capaz que seja incinerado.

AMO DO BOI – Incinerado?

JERICO – Mando queimar o bichinho, coitado.

PAI FRANCISCO – Ah, danado...

JERICO – E nós já tamo conversado. Saiu do tambor, eu volto, com polícia e delegado. Que, por sinal, são nossos aliados...

(*O Jerico sai de cena*).

PAI FRANCISCO – Se o Flor do Campo foi preso, sinhô meu amo, resista. Dançando ele fica aceso mesmo que ninguém assista.

CATIRINA – Vamo pra rua, sem medo. Quem é que pode com o povo?

(O Amo do Boi vai se transformando em gente).

AMO DO BOI – Não, minha gente, eu reprovo...
Melhor botar fim no enredo.

PAI FRANCISCO – O Flor do Campo se cala?

CATIRINA – Vai brincar de se esconder?

AMO DO BOI – Nossa derradeira fala:
o boi não pode morrer.

(Outro canto de bumbá marca o fim da brincadeira e a tristeza dos brincantes. Cantam os bonecos, que, por sua vez, também vão se transformando em atores e deixam em cena apenas Pedro, o vendedor de pupunhas, e sua avó Florinda).

4.

(Pedro se assusta com os assovios da matintaperera).

PEDRO – Ouviu o assobio?

FLORINDA – Da matinta...!
(Faz medo)

PEDRO – Mas ela não passou pertinho daqui, não – não, vó?
Foi lááá... pra bem longe de casa, não foi?

FLORINDA – Eu só queria ver a cara que ela tem...

PEDRO – Ah, mas ela é só um passarinho, diz-que, vó Florinda...

FLORINDA – Passarinho preto, da canela fina, quem te matintou, matinta?

(Os assovios recrudescem).

PEDRO – Parece até que a diaba tá lhe ouvindo, vó?
(Apavorado)

FLORINDA – Ouvindo e respeitando, que de gente essa velha calejada não tem medo.

PEDRO – Vó, a senhora acredita que tenha a matinta, mesmo, vó Florinda?

FLORINDA – ...e até desconfio de quem seja, Pedro, que anda se virando.

(Pedro não percebe a galhofa da avó e se assusta ainda mais).

PEDRO – Se virando... na matinta... quem?

FLORINDA – Quem já espantou muita gente da beira do igarapé e agora anda querendo meter o bico por aqui também...

PEDRO – A velha que até mesmo debaixo de chuva não deixa de se embrenhar quase todas as noites nos confins do Igarapé do Galo, aquela que já foi vista por muitos se misturando na noite, que vive longe, nessa escuridão, no meio da catanga fedorenta desse lamaçal...?

FLORINDA – Passarinho peto, da canela fina...

PEDRO – A velha Beré cuscuzeira, vó?

FLORINDA – O povo diz que é ela que se vira. Mas eu tenho pra mim que isso é marmota. E quem que vai brincar no boi, mofino assim de medo, só por causa da matinta?

PEDRO – Mas não tá preso, diz-que, vó, o boi?

FLORINDA – E se fugir já querem até queimar. O Tira Fama, lá do Guamã, tadinho, já virou fumaça. Todos os bumbá tão proibidos de sair.

PEDRO – É. E logo agora que eu queria ser o tripa...

FLORINDA – E tu aguenta o peso, seu moleque? Tu não tem ginga, nem sustança.

PEDRO – Eu não carrego os cachos de pupunha? E o tabuleiro, então? Ah, eu quero e pronto.

FLORINDA – Pra quê? A gente vai embora, mesmo. Não visse o boi?

PEDRO – Vi, vó.

FLORINDA – É a mesma coisa. Todo mundo expulso.

PEDRO – E a sua touça de açáí, vão derrubar?

FLORINDA – Hum-hum. Eu acho.

PEDRO – As minhas pupunheira?

FLORINDA – Tudo. Eu não amasso mais, perco a freguesia toda, vendo os alguidar, as peneiras, as cuias e a tina.

PEDRO – E eu?

FLORINDA – Tu eu não sei, te arruma. Trata de crescer.
(*Saindo*)

PEDRO – Eu vou poder levar meu passarinho, vó?

(O menino corre atrás da avó, em busca de proteção. Coreograficamente o Tapera – boneco – é vestido em Pedro por outros atores. Ao mesmo tempo, Beré ocupa outro plano com apetrechos característicos de benzedeira, ocultando-se para tentar mais uma vez uma transformação deliberada em matinta. Tapera se acerca sem que ela perceba. Há uma rápida música).

5.

BERÉ – Folha de pião branco. Folha de pião roxo...
(*Em dúvida*) Pião branco ou pião roxo...?

TAPERA – Bota os dois. Se falhar um já tem o outro.

BERÉ – Bota os dois. Se falhar um já tem o outro.
(*Repete sem se aperceber*) Cravo de defunto. Chá preto, alfavacão. Mucuracaá, cravinho. Japana e manjerição!

(Beré se concentra e nada acontece. O Tapera gargalha).

BERÉ – Ventos quadrantes...

(Molha o dedo na própria saliva e o expõe à corrente de ar).

BERÉ – Hummm...

TAPERA – Soprando...

BERÉ – ...soprando. Será que hoje não é sexta-feira?

- TAPERA** – É sexta-feira, sim, velha Beré.
- BERÉ** – É sexta-feira, sim, velha Beré. A Lua...!
- TAPERA** – A Lua?
- BERÉ** – Eu me esqueci do canto pra chamar a Lua.

(Começa a mais uivar do que cantar, enquanto o Tapera se apressa para encontrar alguma coisa semelhante à Lua, que possa servir de cenário).

TAPERA – Ufa!
(Mostra a Lua)

BERÉ – Ufa! Até que enfim, agora sim tá pra mim.
(Já quase engasgada) Três passos pra cá, dois passos pra lá, um pulinho, outro pulinho, três rodadas: uma, duas, três... Ai meu Deus, eu acho que já estou ficando um bocadinho velha pra virar... ma-tin-ta...

(Beré cai devagar. O Tapera gargalha e sai).

6.

(Entra o Jerico-leva-e-traz e canta uma música para avisar ao povo que tenha cuidado com as assombrações de que é capaz a matinta, caso a comunidade se obstine em resistir às ameaças feitas por ele).

7.

(Entram o Amo do Boi, como gente, Vó Florinda, Pedro e Catirina).

AMO DO BOI – Não tem jeito, minha gente,
chega de maldade.
Eu vou me embora é contente,
não levo saudade.

CATIRINA – Mas isso não tá certo.
Vai todo mundo embora.

- Que foi, deu catapora?
- FLORINDA** – O seu Raimundo tem toda razão, Catirina. Eu também já arrumei a trouxa.
- CATIRINA** – E a nossa brincadeira?
Me diga, Vó Florinda,
se tem coisa mais linda.
- FLORINDA** – Não tem, não, Catirina, não tem. Mas o boi é da gente, nascido e criado do nosso coração. Por isso vai com a gente adonde a gente for.
- AMO DO BOI** – Isso mesmo, minha tia.
Eu quero é sossego.
O boi é nossa valia,
carinho e chamego.
- PEDRO** – Mas abandonar esse chamego pelas artes da matinta não tem graça, seu Raimundo!
- FLORINDA** – Não fala desse jeito com os mais velhos, menino. Toma a bença, logo, anda!
- PEDRO** – A bença, seu Raimundo...
- AMO DO BOI** – Deus te dê vergonha, meu filho!
- FLORINDA** – Cadê a finura que eu te ensinei, os modos de rapaz direito?
- PEDRO** – Eu pego corda com essa velha, Vó Florinda.
- FLORINDA** – Que velha, já, que velha?
(Repreensiva)
- PEDRO** – A velha Beré cuscuzeira.
- FLORINDA** – Deixa o nome da outra em paz, moleque amarfanhado. Que foi que ela te fez?
- PEDRO** – Anda matintando o boi pra espantar a gente.
- AMO DO BOI** – Com quem o pobre se pega,
Nas dobras do mundo?,
me diz, Catirina, ô nega,
que eu calo no fundo.
- FLORINDA** – Com ninguém, seu Raimundo, com ninguém. E ninguém sabe o paradêro de quem vai corrido como a gente, de tapera em tapera, por esse chão.

- PEDRO** – Vó, não tô lhe conhecendo, Vó Florinda...
- CATIRINA** – Mas os pobres, meu amo,
têm sempre uma certeza:
comer na mesma mesa.
- FLORINDA** – O pão que o fute amassou!
- PEDRO** – Não diga isso, Vó Florinda, olha a blasfêmia!
- FLORINDA** – Ara, Pedro!
- PEDRO** – Eu é que não vou fugir por causa de uma cuscuzeira!

(Pedro sai de cena, contrariado).

- FLORINDA** – Coitada da Beré... Quem dera que o mal todo fosse ela. A escaramuça é muito maior.
- AMO DO BOI** – Isso tudo é argumento,
viu, mãe Catirina?,
mumunha do pensamento,
lá pra gente fina.
- CATIRINA** – É tudo a brincadeira,
pra quem vive sofrido,
meu amo, de lutar.
Sem essa visagêra,
o boi não faz sentido,
nem tem porque bumbá.

(Entra o verdadeiro Vaqueiro Juvêncio, boneco, carregado pelo Índio).

- CATIRINA** – Vaqueiro Juvêncio!
(Acode Juvêncio)
- AMO DO BOI** – Coitado...
- JUVÊNCIO** – Destronquei dois parafusos!
- AMO DO BOI** – Levou pau?
- CATIRINA** – Todo empenado!
- JUVÊNCIO** – Tô zonzo, bilé, confuso...

- AMO DO BOI** – Tu sumiu! Qual é a tua?
- FLORINDA** – Deu vaga no nosso ensaio!
- JUVÊNCIO** – Alguém me sentou a pua
e me levou meu balaio...
- AMO DO BOI** – Alguém?
- JUVÊNCIO** – Alguém...!
- CATIRINA** – O Jerico!
- AMO DO BOI** – Que invadiu nosso terreiro...
- FLORINDA** – ...Deixou a casa em fanico.
- AMO DO BOI** – Vestido com o teu vaqueiro!
- JUVÊNCIO** – Foi um melzinho de cana
que ele me deu, de promessa...
- CATIRINA** – Cumpriu?
- JUVÊNCIO** – Cumpriu nada, mana,
levei foi porrada à beça.
Perdi a graça do riso
dada a minha carecença.
- FLORINDA** – O boi-bumbá tá de aviso.
- JUVÊNCIO** – E o povo, perdeu a crença?
- CATIRINA** – Pai Francisco foi pra roça.
Metade da tribo sumiu.
- AMO DO BOI** – A vaqueirada é uma joça.
(*Acusativo*)
- CATIRINA** – O Flor do Campo faliu.
(*Também acusativa*) Até seu Raimundo, estezinho,
quer dar no pé.
- AMO DO BOI** – Mas é claro!
Tu quer que eu lute sozinho?
- JUVÊNCIO** – Pra lutar se paga caro.

(Entra o Tapera alvoroçado).

TAPERA – A matinta não existe pessoal! É tudo mentira da velha Beré.

FLORINDA – Da velha, não. A mentira é de quem convenceu o povo que ela virava.

AMO DO BOI – E quem foi que fez essa maldade com a coitada da coitada?

FLORINDA – Agora é coitada, né?, mas antes era só matinta pra cá, matinta pra lá...

TAPERA – Culpa dela mesma. Ela não vivia se gabando das estrepolias que já fez aqui no bairro? Que assombrou fulano, expulsou beltrano...

FLORINDA – Pois eu acho que essa carga sempre foi pesada demais pra ela.

TAPERA – Pelo menos agora eu vou poder sossegar. Não permito mais que ela lance mão das prerrogativas que só a mim...

CATIRINA – Ô pessoal! Se a velha não vira matinta, quem é que anda assombrando a gente daquele jeito, então?

TAPERA – Eu não sei. Só sei que de matinta, mesmo, por aqui só tem uma: eu!

(Vó Florinda assume a postura de quem finalmente descobre o verdadeiro culpado).

FLORINDA – Que foi que tu andaste fazendo essa noite, enquanto todo mundo dormia?

AMO DO BOI – Passaste por de junto do terreiro?
(Endossando)

FLORINDA – E a minha casa, andaste rondando por lá?
(Idem)

TAPERA – Tão querendo me acusar de ser a assombração que tá fazendo o pessoal fugir daqui, é?

FLORINDA – Eu tô querendo, sim.

TAPERA – Pois eu vou salvar a minha honra ofendida.

(Impõe-se uma transformação bem falsamente teatral).

TAPERA – Vou mostrar como é que se pega um Jerico-leva-e-traz e raaaa...

(O susto inesperado é tão convincente que faz todo mundo se apavorar e fugir. Há uma passagem rápida. Os outros atores, ainda em fuga, despem o Tapera e o ator que o manipula encarna o pupunheiro Pedro, na cena subsequente).

8.

BERÉ – Come o beiju.

PEDRO – Eu levo.

BERÉ – Come aí.

PEDRO – Mas sem café?

BERÉ – Tu vai me desfeitear, capiroto?

PEDRO – Eu não, dona Beré...

BERÉ – Rude assim, tu é ppr causa disso.

PEDRO – Eu sei passar troco, viu?

BERÉ – De só ter gosto nos caroços de pupunha.

PEDRO – Ah, mas é doce, bom...

BERÉ – Pra endurecer o crânio é... Não vai comer?

PEDRO – O Flor do Campo tá de aviso.
(Disfarça)

BERÉ – Não, capiroto?

PEDRO – ...vai ser expulso do tambor.

BERÉ – E tu com isso?

PEDRO – Vou ajudar pra ver se ele resiste.

BERÉ – Será que aquele alguém dá jeito, hein?
(Distrai-se)

(Pedro tenta se livrar do beiju).

PEDRO – Dá tempo, não, dona Beré.

BERÉ – Vai ver chegou a hora, mesmo, dele se acabar e... Come!

(Beré surpreende o garoto. Pedro vai se forçando a comer, enquanto fala, espalhando beiju pelo chão da casa).

PEDRO – A vó ia gostar...

(Beré se torna ainda mais galhofeira, embora faça parecer ao menino que é assustadora).

BERÉ – De jogar fora o meu beiju, não é, capiroto?

PEDRO – ...de comer tudo...

BERÉ – ...pelas minhas costas...

PEDRO – ...tomando até o gosto...

BERÉ – ...com medo de mim.

PEDRO – Mas a senhora é tão bondosa...

BERÉ – Aquela enganadeira da água de açai...

PEDRO – A vó não é enganadeira não, dona Beré.
(Ofendido)

BERÉ – Diz-que amassadeira... De mão roxa!

(Beré começa a rir).

PEDRO – E nem medrosa.

BERÉ – Leva. Leva o beiju pra faminta... Coitada.

PEDRO – Agora que eu já comi tudo, tudinho, chega fiquei entalado...?

BERÉ – Eu te arranjo outro.

PEDRO – Pra mim?, não, muito obrigado.

BERÉ – Praquela tua velha avó necessitada.

PEDRO – Melhor do que ser gente só de dia...
(Enraivecido)

BERÉ – Fala! Fala, sacristinha, pra tu ver.

PEDRO – ...e quando é de noite andar virando!

BERÉ – Virando as beiras do teu beijo.

PEDRO – Matintapereraaaaa!!!
(Fugindo)

(No próprio grito o ator dá uma volta pelo palco, enquanto os outros atores vestem nele o Tapera e o pano da barraca de mamulengos o envolve, ao som de percussão forte. Ao retornar para a frente, o Tapera fica mudo e aterrorizado diante do Jerico-leva-e-traz, que lhe exhibe uma enorme baladeira. A sequência é toda rápida).

9.

(O Tapera canta, então, o tema de sua solidão, que o torna incapaz de enfrentar o Jerico. Canta enquanto voa e termina seu lamento pousando no ombro do pupunheiro, que está como que em transe, na beira do caminho. O ator que interpreta os dois personagens – Pedro e Tapera – trava, assim, um diálogo consigo mesmo. O uso da barraca ou do pano, embora opcional, pode ser providencial para facilitar-lhe o trabalho).

PEDRO – Matintaperera...! É meu destino, ai ai, é meu destino matintar...!
(Em transe)

TAPERA – Fi-fite-fifi!

PEDRO – Logo eu, que só queria ser um tripa de boi-bumbá...

TAPERA – Ora, mas o que foi? Que foi, que foi, que foi?

PEDRO – Adeus, verdes anos de minha existência... Sofrida, mas ali, rente como pão quente.

TAPERA – Hummm, ahhh... Hummm, ahhh... Pão quente...!

PEDRO – Ninguém vai mais querer as minhas pupunhas.

TAPERA – Oba, oba, oba, pode deixar tudinho pra mim!

PEDRO – Ela conseguiu...

- TAPERA** – É claro, assim também quem é que não consegue?
- PEDRO** – A qualquer momento, numa Lua cheia qualquer...
- TAPERA** – ...com uma frente fria vinda do sul...
(*Envolvido*)
- PEDRO** – ...e os ventos quadrantes soprando, eu – puf! – vou virar.
- TAPERA** – Sim, virar. Virar? Virar o quê?
(*Cai em si*)
- PEDRO** – Matintaaaaaa!!!
(*Cavernoso*)
- TAPERA** – Ah, não! Três já é demais...
- PEDRO** – Ela me fez comer...
- TAPERA** – Comer?
- PEDRO** – ...beiju matintado.
- TAPERA** – Quem? A velha Beré? Que matintado nada. Então tu não soubesse ainda? Ela nunca virou matinta, nenhuma vezinha só, pra remédio.

(Abre o berreiro da forma mais inesperada).

- TAPERA** – Ahhh... Ahhh... Ahhh... E eu nem fiz tremer aquele Jerico-levae-traz.
- PEDRO** – Quer dizer que eu... tô salvo?
- TAPERA** – E eu, que nada mais posso fazer?
- PEDRO** – Não vai acontecer nem mais nenhum puf! na minha vida?
- TAPERA** – E eu, agora, mais sozinho do que nunca?
- PEDRO** – Ah, pois então se junte, passarinho.
- TAPERA** – Com quem?
- PEDRO** – Com a gente.
- TAPERA** – Ninguém quer mais saber de mim.
- PEDRO** – Olha, seu Tapera, eu vou ajudar a provar tua inocência. E vamos dar um cobro nesse Jerico, acabar com os leva-e-traz do patrão dele.

TAPERA – Tá pensando que é só um?

PEDRO – De alguma forma a gente tem que começar.

TAPERA – É, mas o povo todo diz-que vai embora.

PEDRO – Mas os bonecos querem ficar: Pai Francisco, Mãe Catirina, Vaqueiro Juvêncio, todo mundo. E querer é poder.

(Começa uma música).

PEDRO – Cada um que se juntar é mais uma certeza de que o boi não vai morrer.

(Cantam enquanto vão entrando os bonecos. A música explode em um banguê. Entra, em seguida, o Jerico-leva-e-traz, disfarçado de sacristão).

10.

JERICO – Ai socorro, meu Jesus,
meu São Jorge padroeiro
valei minha Santa Cruz,
meu São José marceneiro!

ÍNDIO – São Jorge não foi cassado?

PAI FRANCISCO – Foi. Ele agora é Ogum.

ÍNDIO – E tem mais de um São José?

PAI FRANCISCO – Que eu saiba...

ÍNDIO – Não era aquele,
um do lírio branco, até?

PAI FRANCISCO – Um carpinteiro, não é?

JERICO – Pobre de mim, fui roubado.

CATIRINA – Quem lhe roubou?

AMO DO BOI – Foi só um?
(Como boneco)

JERICO – Foi o pássaro, a matinta,

- perera falsificada,
saci da perna cotó!
- AMO DO BOI** – Eta quadrilha arretada!
- PAI FRANCISCO** – Bando de gente faminta.
- JERICO** – Que nada! Foi ele só!
(Aponta o Tapera)
- TAPERA** – A garganta deu um nó.
(Escondendo-se)
- PEDRO** – Mas quem disse que foi ele?
- JERICO** – Eu digo!
- PEDRO** – E quem testemunha?
- JERICO** – Santo Elpídio.
- TAPERA** – Que calúnia!
(Aparece rápido)
- ÍNDIO** – Elpídio? Esse santo existe,
Pai Francisco?
- PAI FRANCISCO** – Catirina,
é santo novo ou antigo?
- CATIRINA** – Eu desconheço, meu velho.
- JERICO** – Roubou pra comprar alpiste,
com certeza!
- PEDRO** – Isso é que não!
- AMO DO BOI** – Mas, afinal, meu amigo...
- JERICO** – Me chame de sacristão.
- AMO DO BOI** – Sacristão: qual a quantia
que o gatuno lhe furtou?
- JERICO** – Levou o cofre das almas,
toda a caixinha da igreja.
(Nervoso)
- CATIRINA** – Mas por favor, tenha calma.
- JERICO** – E vai pagar!

ÍNDIO – ...Seja quem seja!

(O Índio volta a rondar o Jerico, desconfiado, em busca de alguma coisa escondida).

JERICO – Foi o cuco de baiano.
(Foge à insinuação)

TAPERA – Tapera naevia chochi
(Aparece rápido) lin, nome lindo, de artista!

JERICO – Que vai entrar pelo cano.

AMO DO BOI – Prove o roubo!

PEDRO – Quede a pista?

JERICO – Não provo porque não vi.

PAI FRANCISCO – Então não leva.

JERICO – Eu duvido!
Pedro, me entregue o tucano.

TAPERA – Socorro, dona menina!
(Aparece rápido)

CATIRINA – O bicho não é bandido,
não vai pra gaiola, não.

(O Índio arrebatou outro adereço, desta vez do Sacristão, e volta a desmascarar o Jerico).

ÍNDIO – Pessoal, eu descobri:
bandido é ele, o sacrista,
vestido de sacristão!

JERICO – Ô indiozinho sabido...
Tu mais parece o capeta!

ÍNDIO – Lhe futriquei!

JERICO – Enxerido!
Vou te deixar de muleta.

AMO DO BOI – É o Jerico, novamente.

PAI FRANCISCO – O leva-e-traz não descansa.

JERICO – É verdade, minha gente,
quando eu chego, adeus bonança!

(O Jerico arranca seu disfarce de Sacristão).

PAI FRANCISCO – A conversa muda,
se for desse jeito.

CATIRINA – Seu Raimundo, acuda,
vá lá, meta os peitos!

AMO DO BOI – Cuidado, cuidado,
(Fingindo valentia) que eu sou muito afoito
se eu ficar danado,
enfrento é dezoito.

JERICO – Então tu teimasse
com esse teu boizinho,
me desacatasse,
não foi, Raimundinho?

PAI FRANCISCO – Boizinho, meu amo?
(Indignado) Tome uma atitude!

AMO DO BOI – Mais do que eu reclamo?
(Sem iniciativa) Já fiz o que pude.

JERICO – Mas eu faço um trato,
já que eu sou bonzinho:
deixo livre o pato,
digo... o passarinho.

CATIRINA – A troco de nada?

JERICO – De nada. Um nadinha...

CATIRINA – Isso é presepada,
já tem boi na linha.

JERICO – O boi, sim, senhora,
muito bem lembrado,
o boi sai pra fora,
tá descongelado.
Nunca mais eu digo
que o bicho não presta,
já virei amigo,

pago até a festa.

PAI FRANCISCO – Por ordem de quem toda essa bondade?

JERICO – Minha! E de um alguém... que é todo amizade, que só quer o bem da comunidade.

AMO DO BOI – Livre o nosso enredo!?

JERICO – Claro! E sem tardança passo-lhe o segredo da mais bela dança.

CATIRINA – Dança, coisa nova?

PAI FRANCISCO – Foi o que ele disse...

AMO DO BOI – Será que isso aprova?

CATIRINA – Lá vem gabolice.

(O Jerico mune-se de um novo adereço e adota um sotaque português).

JERICO – Veja como é linda, patrício, a canção, como vibra, ainda, no meu coração.

(Canta um vira português com o Flor do Campo e as outras personagens tentando imitar os passos da dança).

CATIRINA – Uma figa que eu permito essa dança pula-pula

PAI FRANCISCO – Parece dor de cabrito, canguru dançando chula

JERICO – Olhe, seu Raimundo, convença a moçada, senão meio mundo vai levar pancada.

(O Jerico se dirige, então, ao povo do tambor).

- JERICO** – Gente, minha gente,
só faltam os ensaios,
um pouco de treino
de janeiro a maio.
E aí, de repente,
eis um novo reino!
- CATIRINA** – O boi não vai dançar vira,
seu leva-e-traz, seu Jerico.
- JERICO** – O amo decide
se o boi dança ou não.
- PAI FRANCISCO** – Seu Raimundo, eu tô cúria
pra saber se o povo é mico.
- JERICO** – Engole o revide,
Seu Raimundo? E então?
- AMO DO BOI** – Aqui quem decide, amigo,
é o povo.
- JERICO** – E tu?
- AMO DO BOI** – Eu respeito,
acato e levo comigo
a decisão no meu peito.
- JERICO** – Mas não tem problema:
seja como for,
o boi tá sem lema,
querendo favor
e só vai pra rua...
- CATIRINA** – Pare aí de dizer verso,
língua de gente decente.
- PAI FRANCISCO** – Esse teu mote perverso
não rima com a dor da gente.
- JERICO** – Com verso ou sem verso o boi só vai pra rua se aprender a dançar
o vira, pronto. Tem que ensaiar. Vamos parar com a brincadeira
e iniciar um novo tipo de manifestação cultural. Enquanto isso,
continua de quarentena. E o Jerico nem tem pena.

(O Jerico sai de cena rindo).

AMO DO BOI – Pronto!

CATIRINA – Que droga!

PAI FRANCISCO – Danou-se!

AMO DO BOI – Triste!

CATIRINA – É fogo!

PAI FRANCISCO – Puxa vida!

CATIRINA – E agora?

AMO DO BOI – Babau!

PAI FRANCISCO – Lascou-se!

CATIRINA – Mas ah, tem que ter saída.

PAI FRANCISCO – Que saída, Catirina?

CATIRINA – A gente dança... e não dança.

AMO DO BOI – Muda o vira, siá menina?

CATIRINA – Põe graça nessa festança...

PAI FRANCISCO – Pede ajuda aos batuqueiros.

(O ritmo do batuque recomeça e os brincantes voltam a dançar, mas agora satisfeitos).

CATIRINA – ...a graça da caboclíce.

AMO DO BOI – Dá certinho, companheiro.

PAI FRANCISCO – Eu voltei pra meninice.

CATIRINA – É o balanço da maquirá.

AMO DO BOI – É água do rio no pote.

PAI FRANCISCO – Catirina, é esse o vira?

CATIRINA – O vira que virou xote!

(Transformando-se aos poucos em gente, todos cantam e dançam um xote de Bragança).

11.

FLORINDA – Te peguei com a mão na massa, não foi, bandida?

BERÉ – Bandida, não. Comigo é lá e não afrouxa.

FLORINDA – Foi que o Pedro comeu do teu beiju na marra, a pulso, a contragosto?

BERÉ – E não levou o teu quinhão porque não quis.

FLORINDA – Beré, tu judiou do moleque por quê, mulher?

BERÉ – Passei pra ele a sina...
(Teatral)

FLORINDA – Qual que sina o quê!

BERÉ – Comeu do meu biju, fiau babau.

FLORINDA – Cara de pau.

BERÉ – Bonzinho vira mau.

FLORINDA – E já não chega as capiloçada dele?

BERÉ – O capiroto se queixou pra ti?

FLORINDA – Quem mais é que ele tem pra se pegar?

BERÉ – Só porque não teve moca pra empurrar o beiju?

FLORINDA – Mas se ele não queria...

BERÉ – Não queria moca?
(Surpresa)

FLORINDA – Nem moca nem beiju.

BERÉ – E por que comeu?

FLORINDA – Tu impinimasse mesmo com o menino, não foi?

- BERÉ** – Me conta... Ele ficou atarantado, ficou? Ein, molhou os cueiros?
(*Rindo*)
- FLORINDA** – Quase que teve um xililque.
(*Também rindo*)
- BERÉ** – É pra deixar de ser moleque espevitado e topetudo.
- FLORINDA** – Eu sei que ele também enquizilhou contigo.
- BERÉ** – Tem que parar de jogar pedra nas palhas lá de casa, de me seguir pela beira do igarapé gritando matintaperera. E de ficar assobiando toda vez que eu passo.
- FLORINDA** – Não demora muito isso se acaba, Beré. Não diz-que vai todo mundo embora, então?
- BERÉ** – Embora por que, já?
- FLORINDA** – Por causa do dono desses terrenos.
- BERÉ** – Que dono esse, minha santa? O dono não é nós que mora aqui desde mocinha?
- FLORINDA** – E pois não é? Faz tanto tempo que eu nem me lembrava.
- BERÉ** – Mas eu me lembro... O Juca...
(*Encabulada*)
- FLORINDA** – O Possidônio...
- BERÉ** – O primo dele...
- FLORINDA** – Aquele do Acará...?
- BERÉ** – Hum-hum. O Tracajá, te lembra?
- FLORINDA** – E o seu Cirilo...
(*Sensual*)
- FLORINDA** – Deus o tenha!
(*Recompondo-se*)
- BERÉ** – Ah, não. Mas ah... Mas desse nem é bom falar. Tu tanto fizesse que jogasse areia na nossa paçoca.
- FLORINDA** – E tudo isso não valeu de nada, será, mana?
- BERÉ** – Quer dizer que a terra agora já tem outro dono?

FLORINDA – Até o nosso Flor do Campo, de tantos anos, mana, tá proibido de sair pra rua. E sem o boi como é que a gente vai brigar pelo nosso chão?

BERÉ – Inventa outro jeito, Florinda. Se o boi não pode sair, faz outro bicho, faz um pássaro.

FLORINDA – Um pássaro...? Junino...!

BERÉ – Um bem bonito! Que cante muito!

FLORINDA – E leve o povo junto!

BERÉ – Com uma fada pra proteger a sorte dele daqui por diante.

(Começa uma música durante a qual os atores se transformam em bonecos ou personagens do Pássaro Junino, interpretado por Pedro. A Fada é interpretada pela própria Beré).

12.

(A Matinta verdadeira dá-se a conhecer, enfim. Entra no final da música, fazendo com que todos debandem, atemorizados, à exceção do Pássaro Junino, para quem cantará seu mais emocionante fado).

MATINTA – Ti-ti-ti-ti-ti-ti! Passarinho! Oh my goodness! Como é que se trai um passarinho banal desses? Ah, se eu soubesse... Não é todo dia que eu me vejo obrigado a abandonar os meus mais altos interesses internacionais para me ocupar de um problema tão insignificante, como resultado da incompetência administrativa dos meus ministros, emissários, representantes, embaixadores, perdulários, sócios, cupinchas e puxa-sacos. Não dar jeito na petulância de uma reles comunidade perdida no meio da lama da Sacramento, nesta sufocante cidade de Belém, quando há tantos outros problemas a resolver em outros cantos do globo? Ah, mas comigo já viu, eu baixo é o cacete, arraso, extermino, hum, bem, quer dizer, com um pouquinho de diplomacia, é claro. Fiu, passarinho? Ti-ti-ti-ti-ti-ti! Só mesmo esse zé-povinho pra me dar uma canseira dessas. Ele quando se junta, é fogo! Ah que grande ideia: não há pança, ainda mais faminta, que resista a uma boa persuasão alimentícia.

(A Matinta exhibe, então, um enorme bago de milho. O Pássaro Junino vai se deixando envolver).

MATINTA – Tá no papo!!!

(A Matinta arranca o adereço da cabeça do pássaro e desaparece, enquanto o ator veste o Tapera e retoma a personalidade do pupunheiro Pedro).

PEDRO – Pega ladrão! Pega ladrão!

(Os outros vêm chegando. O Amo do Boi traz o Flor do Campo e, em toda a sequência seguinte, até o final, será ora gente, ora boneco, conforme a graça de cada fala e a orientação da direção).

TAPERA – Pronto! Agora, nem mel nem cabaça!

AMO DO BOI – Nem pássaro nem boi, isso sim!

PEDRO – Depois de tanto trabalho, seu Raimundo, que tal?

FADA – Vai ver chega o São João e eu, que nunca brinquei, vou ficar na mão mais uma vez.

TAPERA – Mas também não era pra tu protegeres a sorte dele, Fada Beré?

AMO DO BOI – Só no enredo, passarinho, que isso acontece.

FADA – É porque, na verdade, se não vier todo mundo pra rua, com o Flor do Campo na frente, nem o pássaro nem ninguém vai ser libertado. Nunquinha.

PEDRO – Então vamos juntar todo mundo, Fada Beré.

AMO DO BOI – E dessa vez a coisa é pra valer.

FADA – Voa, passarinho, voa na frente pra descobrir o esconderijo deles. Segue o conselho que a Fada Beré te deu.

(O pássaro voa. Saem todos atrás, numa vaquejada, procurando descobrir, durante a música, onde está preso o Pássaro Junino).

13.

TAPERA – Solte o Pássaro Junino,

que a Fada Beré quer brincar.

FADA – Ande logo, seu menino!

AMO DO BOI – Evite d’eu me zangar...

JERICO – O pássaro não tá preso.
Está sob a nossa custódia.

CATIRINA – Sai da frente, galo teso,
chega da tua paródia.

PEDRO – Eu quero a cana do braço
é da matinta furreca.

PAI FRANCISCO – Chupa-chupa!

FADA – Matintaço!

TAPERA – Mostra, meu filho, a careca!

MATINTA – Mal cheguei já vou-me embora,
a minha presença é miragem,
– tou aqui, mas não tou, ora!
Eu sou ou não sou visagem?
Não respondo pela joça
dos pequenos afazeres,
vou eu botar mão em fossa?
Deleguei os meus poderes
e o Jerico, aqui presente...

PEDRO – Quede o disfarce, pamonha?

PAI FRANCISCO – Vai prestar conta com a gente,
logo mais, viu?, sem-vergonha!

JERICO – Mas, minha gente, o que é isso?
Olha a cordialidade,
o exemplo de compromisso
de amor à nossa cidade.

MATINTA – Muito bem dito, Jerico!
No bolso eu trago o progresso
e se ela agora é um penico,
vamos torná-la um sucesso!

FLORINDA – Não desconverse nem mintá!

FADA – Entregue logo o bichinho.

AMO DO BOI – Se não der, não tem matinta
(*Numa bravata*) que segure o Raimundinho:
vou aí e te escangalho!

JERICO – Calma, calma, seu Raimundo.

PEDRO – Vá, que eu recolho os frangalhos,
meu amo, do vagabundo!

CATIRINA – O boi quer tambor e rua
pra falar tudo que queira
e pássaro preso encrua,
prender ele é bandalheira.

MATINTA – Eu entendo e já decreto
que, por causa dos abusos,
o meu plano mais secreto
vai já-já ser posto em uso:

(*A Matinta adota um sotaque americano*).

MATINTA – Se mudaram o vira,
eu bem compreende,
mas o som que eu tira
vale um happy end.
Quero que se espalhe
por toda a colônia,
novo hully-gully,
é o som da Amazônia
e vai ser ouvida
de qualquer maneira
pro resto da vida
no país intera!

(*A Matinta canta uma discoteque ameaçadora, secundado pelo seu fiel comparsa,
o Jerico-leva-e-traz*).

CATIRINA – Piorou, meu filho!

MATINTA – Ou dança ou se estrepa.

JERICO – Se sair dos trilhos,
leva uns dois catrepas.

TAPERA – Me arrupiei todo
pela discoteque...

- FLORINDA** – Não vá nesse engodo!
- AMO DO BOI** – Sai fora, moleque!
(Para o Jerico)
- MATINTA** – Xô, xô, passarinho!
- PEDRO** – Respeita o Tapera!
- FADA** – Ai, meus colarinhos!
- AMO DO BOI** – Tô que virei fera!
- JERICO** – Discoteque é lindo!
- PAI FRANCISCO** – Olha o que ele prega...
- CATIRINA** – Hum, tou presentindo
que essa moda pega.
- FLORINDA** – A gente não deixa.
- TAPERA** – Mas... e a propaganda?
- MATINTA** – Vão guardando as queixas
pois sou eu quem manda.
- AMO DO BOI** – Pronto, fiquei fulo,
vou lá pinto o sete,
me desencabulo,
dou-lhe um telequete!
- PEDRO** – Pegue pedra e quebre as telhas.
- FADA** – Discuta, provoque, arengue.
- PAI FRANCISCO** – Dê-lhe um no pé da orelha!
- TAPERA** – No ritmo do merengue.
- JERICO** – Ele vem que vem rugindo...
- MATINTA** – Meu domínio não caiu,
mas, por segurança...
- JERICO** – Vai indo?
- MATINTA** – Vou no primeiro navio!

(Todos cantam e dançam um merengue durante o qual Jerico e Matinta batem em retirada).

14.

AMO DO BOI – Pai Francisco!

PAI FRANCISCO – Pronto,
meu amo!

AMO DO BOI – Me diga...!

PAI FRANCISCO – Digo.

AMO DO BOI – ...que eu tou tonto-tonto
dessa briga:
que futuro espera
quem anda sofrendo
por essas taperas?
Diga, que eu aprendo.

PAI FRANCISCO – Futuro, que eu chamo,
é noite, breu puro.
Clareia, meu amo,
no trabalho duro.
É como a semente,
que morre ou floresce:
quem sabe é a gente
se ela entangue ou cresce.

(Todos aplaudem a sabedoria do Pai Francisco).

AMO DO BOI – E tu, Catirina?
Me fala da terra.

CATIRINA – Falo até da China,
do amor e da guerra.

(Aplausos para Catirina).

CATIRINA – Mas não estou contente.

PAI FRANCISCO – Por que, minha filha?
(*Jocosos*)

(*Todos riem*).

CATIRINA – Acho que o presente
dá melhor cartilha:
nele se revela
tristeza e alegria,
unguento, mazela,
choro e cantoria.

(*Todos aplaudem a sabedoria de Catirina*).

CATIRINA – E ninguém se iluda,
que esse boi só fica
se tiver ajuda,
pra não dar psica.

(*Todos voltam a aplaudir Catirina*).

TAPERA – Mas se agora o povo
teve uma vitória,
pode até de novo
revirar a história.

(*Todos aplaudem o Tapera*).

TAPERA – E cada sucesso
deve ser contado.
Todo esse processo
traz um resultado.

AMO DO BOI – Carimbó, sairé,

BERÉ – Bangüê, tipiti,

TODOS – Uipi-hurra! Uipi-hurra!

FLORINDA – E o marambiré.

PEDRO – Cruzador tupy!

TODOS – Uipi-hurra! Uipi-hurra!
TAPERA – Pipira brasileira
BERÉ – Pássaro junino.
TODOS – Uipi-hurra! Uipi-hurra!
PAI FRANCISCO – Uma desfeiteira.
AMO DO BOI – E os meus dois menino...
TODOS – Ahhhhh...!
CATIRINA – Siriá, lundu.
FLORINDA – Tem macucauá.
TODOS – Uipi-hurra! Uipi-hurra!
BERÉ – Falta o camelu.
PEDRO – E o meu boi-bumbá!

(Muitos aplausos para Pedro. Segue-se a apresentação das personagens).

AMO DO BOI – Beré, Catirina,
depois virou Fada!
FLORINDA – O Pedro e o Tapera,
toda a indiarada!
TODOS – Uipi-hurra! Uipi-hurra!
BERÉ – Chico e seus vaqueiros,
Florinda e os brincantes!
PEDRO – Todos batuqueiros!
TODOS – Uipi-hurra! Uipi-hurra!
PEDRO – Público pagante...

(Muitos aplausos para o público).

AMO DO BOI – Ô gatinha burra...
Quem foi que esqueceu?
Falta um ipi-hurra.

CATIRINA – Quem que falta...?

AMO DO BOI – Eu...!

TODOS – Ahhhhh...!

(Todos cantam e dançam a música final).

FIM

**MEU BERRRO
BOI**

Ato único escrito a quatro mãos, a partir de um texto poético sem título, de Walter Freitas (primeira parte do espetáculo), e do texto poético “Aboio”, de Ramon Stergmann (segunda parte da encenação)

O texto poético “Aboio”, de Ramon Stergmann, foi premiado pela Academia Paraense de Letras com o Prêmio Vespasiano Ramos.

As indicações de cena, registradas abaixo por Ramon Stergmann, foram revistas por Walter Freitas e se referem à primeira encenação, de 1976. No entanto, uma segunda montagem, da qual não há registro escrito, também encenada e dirigida por Ramon Stergmann e modificada até os mínimos detalhes, em relação à primeira, obteve os seguintes prêmios:

Melhor Coreografia no 9º Festival Nacional de Teatro – 1981
Ponta Grossa (PR)

Melhor Espetáculo, Melhor Direção e Melhor Iluminação
na II Mostra de Teatro Amador do Pará – 1981.

PERSONAGENS

1º Homem
2º Homem
3º Homem
Cantador

CENÁRIO

Vazio, com o fundo e as laterais do palco forradas em tom verde escuro.

ROUPA

Os três homens usam calças e camisas pretas, mangas compridas. As camisas apresentam desenhos marajoaras, em branco e vermelho – uma na barra, outra na frente esquerda, verticalmente, e a terceira transversalmente, até a metade do peito, de acordo com os desenhos anexados, entram com um feixe de fitas de todas as cores, a serem colocados envolvendo a testa, de modo que as pontas fiquem pendentes até a altura do tórax. Ao entrarem, trazem as fitas enroladas na cintura. Todos estão descalços, inclusive o cantor, que usa apenas calça preta, talvez enrolada até os joelhos.

ILUMINAÇÃO

São usadas gelatinas nas cores vermelha, verde e amarela, além de luz branca e iluminação com três grandes círios brancos.

PINTURA

O texto sugere, originalmente, o uso de tinturas de urucu e jenipapo (cores vermelha e preta), utilizadas pelos índios brasileiros, sem exigir, entretanto, obediência aos padrões formais por eles criados. Essas tinturas não são facilmente encontradas em certas regiões, já que as plantas e frutos que as fornecem nem sempre existem em qualquer lugar. A tintura de jenipapo apresenta, também, a característica de ser dificilmente removível, depois de aplicadas à pele, demorando cerca de uma semana para a completa remoção. Tais detalhes forcem a que se permita a opção – se imprescindível – por um tipo de pintura cosmética que assemelhe as originais. Cada personagem deve receber um tipo diferente de maquiagem.

ADEREÇOS

Um tambor convenientemente pintado, introduzido em cena e tocado pelo 3º Homem, durante os arranjos de músicas; os três círios, que são introduzidos pelos próprios homens e dispostos em cena na seguinte forma: o 1º homem colocará seu círio centralizado na extremidade frontal do palco; o 2º homem deposita o seu no lado esquerdo da cena, à direita da plateia e o 3º homem coloca o círio no lado oposto, paralelamente, de modo que os três círios formem um triângulo; e os feixes de fitas enrolados na cintura. O tambor será depositado pelo 3º homem no mesmo lado em que deixou o círio, sendo que mais ao fundo e um pouco mais para o centro do tablado. Os círios são depositados jogando cera no chão e colando-se a parte inferior dos mesmos.

(As duas primeiras músicas são cantadas sem letra).

TERCEIRA MÚSICA

O matagal te cubra
A noite te escureça
O vento te carregue além
A solidão te cale
O medo te emudeça
A podridão te coma, amém

QUARTA MÚSICA

O santo é forte, o pai é grande, eu sou eu
E ninguém via em meu pescoço o medalhão
Brilhando que nem fogo, fogo, fogo na moça
Na roupa, na choça e no tambor o boi bumbava
Se acabava no terreiro
De rede em rede o boi bumbava a noite toda
E ninguém via em meu pescoço o medalhão
Ninguém sabia do meu medalhão
Cuidado, cuidado, cuidado, é fogo
Não perca a fé no fogo, fogo queima tudo
E ninguém sabe nada.

QUINTA MÚSICA

Onde a vida muge em fome
No retalhar do destino
O boi retarda no passo
A sina de ser em morte

SEXTA MÚSICA

É uma luz, é um lume
E em torno desse negro

Que de dentro
Um luminoso jorro dá
Tem dois a dois
De dois em dois
O jorro de negrume

SÉTIMA MÚSICA

Ai vida paz de mentira
Ai medo da escuridão
Ai cara cortada, ai gume / ai sangue ali esquecido
Ai vida paz de mentira / ai medo da escuridão
Ai faca sempre afiada / na fome das multidões
Ai boi sangrando amargura / ai ruminada beleza
Ai prados, ai rios de sol / ai tempo de néscia espera
Ai corpo sem nome e marca / em podre composição
Ai mares de grama densa / ai passageira invernada
Ai vida paz de mentira / ai medo da escuridão

OITAVA MÚSICA

Meu boi morreu / meu berro boi
Não fite mais seus olhos nessa agonia
Que eu vou cantar / que eu sei cantar

1ª PARTE

(É noite. O palco está às escuras, os três homens entram por detrás da plateia, iluminando o ambiente com fogo dos círios. O 3º homem traz o círio na mão direita e o tambor apoiado no ombro esquerdo. A caminhada até o palco é lenta e silenciosa, embora a postura dos personagens seja descontraída e caminhem um pouco agachados, fazendo luz para os lados, como se procurassem um local adequado ao que pretendem.

O palco deve ser “achado” pelos três homens que distribuem os círios, triangularmente, para que a iluminação seja a melhor possível, derramando cera no chão e colando a parte do mesmo. O 2º homem ajudará a depositar o tambor no local indicado e, somente depois, o 3º homem colocará seu círio no chão. A esta altura o cantor começa a cantar a primeira música. Os três homens devem senti-la profundamente e iniciar em suas posturas e expressões a mostra do cotidiano caboclo que vai exibir no tablado.

Iniciam, então, a limpeza do local em que desejam se instalar. São mostradas diversas e sucessivas atividades próprias da região, como roçagem, a coleta de capim e lixo, para queima posterior, e o transporte de pedaços de madeira, sob uma marcação definida, lenta e sublinhada pela música.

O 1º Homem inicia, na extremidade do palco, o arrasto de uma rede, no que será logo ajudado pelos outros dois. Apenas, aqui, depois de algum tempo de trabalho silencioso, se iniciam as falas).

1º HOMEM

(Puxando a rede).

Sombra / o gesto baço

O soçobrado barco / poço marinho

O capitão da noite sombra

O berro do silêncio se calou

2º HOMEM

(Idem) não és poema és som de fáau /

Tu és / tu és nau, ou choça

3º HOMEM

(Idem) Brota o meu delírio, um lírio entre as costelas movimento estranho, rumor estranho

/ Brota o meu delírio / meu amor, um lírio

(A rede deve ser arrastada até o fundo do palco. Os peixes são recolhidos e levados até a extremidade do palco, onde o círio simulará a brasa em que assam o alimento. Sentam-se em volta do fogo e se alimentam de peixes e cachaça).

2º HOMEM

A chama nunca mais desfeita / o brilho nunca mais noturno, além dos olhos / esse vão de queima nunca mais vazio ou vago o vão das velas idas e não vindas / nunca mais

1º HOMEM

A noite se vazou da sala, ou cobre ainda / sobre a mesa ainda o seu noturno corpo estende / a vela ainda noite, os astros / derramada, alçada a noite vela os mastros / ou se vazou em som nenhum, momento algum / mover algum na sala

3º HOMEM

A tua boca fala adeja paira sobre bicar a flor / os mastros traspassavam, meu amor, o amargo e amargo o marinheiro navegava, enfim / a música pousava, enfim

1º HOMEM

O ar da terra / vir / o pão do porto sol / o sol do por do sal / o pão do ar / do er / do ir o pasto vento, então é tempo? / Então é isso aí? Então, no campo ermo, é meu esse momento / mó / rede / moinho?

2º HOMEM

O mar / amor / amargo / o largo, meu amor assim se queima essa serpente, musga-se / de encontro ao ventre bem-amado dis- / tendido feito um campo exposto ao meu silêncio / caminhar

(O 1º e o 3º homem já estarão preparados para dormir. O 2º homem fica de pé, dirigindo-se para o fundo palco).

3º HOMEM

E mal nenhum há neste seu enrodilhar-se mudo ilhar-se.

1º HOMEM

Nada mais do que despír da sobra o sol / vestir de sombra o sol de novo / sossegar

2º HOMEM

Sorrir / en / go / do / ido / comovido / dis- / sol / vado / mundo, merda nágua deso – não sabe quem é – lado ovado / pó poeta / caco, car / comicha-se a si mesmo / come-se

(Antes que a fala do 2º homem termine os dois despertam e se levantam. A fala seguinte é dita por todos, enquanto se movem indefinidamente pelo palco, mãos estendidas, como que a buscar algo).

TODOS

E os teus pés são como se nos fossem abandonar / e as tuas mãos são como duas pétalas ou mariposas / ou como tudo aquilo que saiu de si / deixou de ser

(O 1º homem movimenta-se enquanto fala e depois se imobiliza na postura em que estiver ao fim da fala. Os outros agem da mesma forma).

1º HOMEM

Todos os lumes pelos teus olhos, estrelas frias

2º HOMEM

Todas as mortes pelos teus lumes de peixe / luz

3º HOMEM

Todas as almas por tua boca

1º HOMEM

Pelos teus braços todos os rios

2º HOMEM

Todos os ventos por teus cabelos

1º HOMEM

Por tua sombra todos os sóis

3º HOMEM

Na tua língua todo esse sal

(Simultaneamente, com as últimas falas anteriores, ouve-se, ao longe, uma batida de percussão, feita de fora da cena. Os personagens percebem o som e saem, lentamente, de sua imobilidade, dançando com alegria e vibração. A cena se alonga. Terminam agachados, lado a lado, com um dos joelhos no solo, enroscados sobre si mesmos.

Uma luz verde vai iluminando, lentamente, o palco, ao mesmo tempo em que os três homens iniciam um movimento lento e sucessivo de corpo para a frente, simulando as águas que batem contra a margem. Erguem o corpo, um de cada vez, estendendo os braços e dando um passo, e depois de se esticarem o mais possível para a frente, voltam a se retrain. Para maior expressão, o movimento deve ser iniciado com um balanço de corpo para trás, executado com a mesma lentidão. O som “chua” deve ser emitido, como reforço, alongando-se durante todo o movimento. Aqui, cada personagem deve apagar o seu círio com um sopro, já que terminam o movimento imóveis, junto a eles.

Neste ponto, o cantor inicia a segunda música. O 1º e o 3º homens rumam para o centro do palco, com bastante expressividade corporal. O 3º homem faz um canoero encantado, assombrado, com a aparição da Iara, vivida pelo 1º homem, que deve parecer sensual, tentando dominar o encantado. Em volta dos dois, o 2º homem gira lentamente, também assustado pela assombração, mas livre de seus encantos, simulando os movimentos de remar. Ele dá a volta desde o ponto em que se encontra seu círio até o lado oposto, onde se encontra o 3º homem, passando pelo fundo, virando o rosto, às vezes, para não enxergar a Iara e dando a entender que deseja salvar o encantado. Toda a expressão dos três deve ser feita com os joelhos dobrados e visando a coreografia da música.

O encantado, aos poucos, se liberta do envolvimento da Iara e passa a remar juntamente com o 2º homem, como se ocupasse a proa da canoa. Com movimentos semelhantes, embora mais rápidos, dirigem-se para a borda do palco. Começam as falas. O 1º homem desincorpora gradativamente a Iara, retraindo-se para um dos cantos do palco. Depois, ajuda a segurar o encantado).

3º HOMEM

Dessas águas baças eu me turvo / a linha do meu braço. O meu contorno range / o longamente imerso corpo amortecido / à tona veio nessas águas turvas eu começo

2º HOMEM

A mão direita estende vagas e silêncios véus / a solidão verdeja / vibra

3º HOMEM

O viço da noite / o ventre da noite / serpentino rasto / serpentino gesto, andar / vereda / o gesto da noite / a chama da noite / serpentino brilho, toque / beijo

(Os três se precipitam para a beira do palco ao mesmo tempo em que falam).

TODOS

Labareda / labareda

(O 3º homem vomita e é amparado pelos outros. Tem aspecto febril e estrebucha tentando se livrar das mãos dos companheiros. Acalma-se, pouco a pouco).

2º HOMEM

O matagal se inflama nos teus olhos: fecha-os e escuta o lento crepitar / a noite densa move a mata negra / dança

1º HOMEM

O matagal se queima em tua boca / tu, que vociferas, que ladras / que ladras / Raimundo, Raimundo / entranhas consumidas / vômito de lava

Falam todos, para a plateia, com os dedos apontados.

TODOS

O matagal te cubra / a noite te escureça / o vento te carregue além / a solidão te cale / o medo te emudeça / a podridão te coma / amém

(O cantor canta a terceira música. Os três homens voltam sobre si mesmos e, em câmara lenta, dirigem-se para o fundo do palco. O 3º homem vai à frente e os dois o seguem. Todos agem como se estivessem imersos. No fundo do palco, o 3º homem deixa-se cair morto para trás e é amparado pelos outros, um de cada lado. Trazem-no, de volta para a frente, em câmara lenta).

1º HOMEM

Uma palavra podre à tona vem / à tona veio esse cadáver / os pedaços desunidos / a gengiva murcha / a fruta murcha / a fala empedernida e negra / para sempre uma palavra podre sobe / uma lembrança aérea, velha, fixa, de inchaço / desce

(Depositam o corpo no chão, a cabeça junto ao círio. Ajoelham-se junto a ele, cruzando-lhe as mãos sobre o peito).

2º HOMEM

Sonoro definhar / dentro da sombra, debaixo do voo / o passarinho vento, alçado em som / no bico a linha d'água desfiar / passou

(Pausa. Quando o 3º homem começa a falar, sem abandonar a postura de morto, os dois se levantam e vão até junto ao tambor: o 1º homem simula uma árvore, usando os braços e a cabeça em sua expressão, enquanto o 2º homem deita-se com a cabeça escorada em suas pernas. Parece ter um pesadelo, enquanto fala o 1º homem).

3º HOMEM

Entre o segredo e a chave o precipício pulsa, suspenso / entre o pandeiro e a palma o sol se põe, candeia /

A noite rompe o retesado couro, alcança o canto / o som chocalho, a calha / o som se coalha, a noite se derrama / as ingazeiras abrem seu secreto movimento / beijo /

A mata se intumesce entre o pandeiro e a palma.

1º HOMEM

No leito de palha nenhum corpo queima, nenhum som / nenhuma dança sobre a relva se fecunda / estrela baça nenhuma se faz / e a noite aberta branca para nenhum jaz

(Luz amarela. O 2º homem desperta sobressaltado, junto ao tambor, o 3º homem já estará de pé e se senta, então, juntamente com o 1º homem, à frente, como se convivessem informalmente na sala de uma casa).

2º HOMEM

O cais vazio / a sombra da manhã calada / todo ar / o som partido, ausente / o navegado cais / um raio de luz / as frutas plenas deixam ser / do seio escorre denso o dia

(Começa a juntar objetos, como se preparasse viagem, guardando-os em um saco).

3º HOMEM

Somente a podridão do momento fugidio, onde
caísse esta semente, e a solidão relampejando o corte /
a mão que busca e tece afagos (o cansaço louco) /

somente a chicotada, o tempo na carne, tingiria assim

a paisagem – claro contorno – em torno desse cais vazio

(Luz branca. Pausa. O 2º homem joga sobre o ombro sua bagagem e, depois de hesitar um pouco, vai até os dois, pousando a mão sobre o ombro de cada um, em tom de despedida. Recebe apenas olhares e gestos vagos em resposta. Vira-se e quer sair pelo fundo do palco, mas é impedido pela voz do 1º homem. Torna a olhar para os dois).

1º HOMEM

Raimundo! Raimundo! aqui nos desunimos! /

aqui nós mutuamente nos alforriamos

(Quando o 2º homem começa a falar os dois outros se levantam e começam a arrumar suas coisas para a partida).

2º HOMEM

Erra / imundo, anda, pula aquela cerca /

sem nenhum remorso morso morso vai /

nada aquele rio de novo, anda, dana-te por isso, anda,

corre, vai / cobre essa distância tância tância tância

(Os dois fazem eco, repetindo morso morso e tância tância. Depois falam todos).

TODOS

Erraimundraimundraimerda / aqui nos dessabemos,

já não somos mais / que não somamos mais

(Durante as falas dos outros dois, o 2º homem volta lentamente as costas para a plateia, simulando dores. Na fala em que todos devem falar, conjuntamente, vira-se com rapidez, a exemplo dos outros, com as mãos estendidas. Nessa fala, que todos devem repetir, várias vezes, os três homens vão fechando para o centro do palco até se encontrarem. Abaixam-se, lentamente, até tocar com o joelho no solo).

3º HOMEM

Lamento as nuvens-asas do pássaro que não és /

e todo o debater-se em que te debateste /
e todos os naufrágios que te naufragaram / a mão de rei
que não tiveste / o peito vago.

1º HOMEM

Padecimento de parir as alvoradas, o cutelo das auroras /
ferida funda / infinito cravo / ardor, o mel /
o mel da dor

TODOS

Manso cordeiro que liberas, de sob a pálpebra
para o pasto / para o lume da manhã manhã

2ª PARTE

(Apaga-se a luz. A quarta música começa a ser cantada a “palo seco”. Aqui são colocadas as fitas. O 3º homem vai para o tambor e acompanha o cantador. Os outros dois principiam a dançar, o 1º homem como se fosse um brincante de boi bumbá, gracejando em tono do 2º homem, que dança com os braços erguidos e tenta chifrá-lo, à semelhança do que acontece nesse tipo de brincadeira popular. A luz verde surpreende esta cena já em andamento. Ela deve ser longa e ao gosto da alegria dos atores. A música ficará ponteando as quatro falas subsequentes. O som e a dança dos personagens aumentam em intensidade e altura nos intervalos das falas, que fazem com que a dança diminua um pouco).

1º HOMEM

é sempre o desgaste do sono / no vago lume dial /
é tudo acordar e brunir / a luz estame e final /
é sempre o agrave cheiro / na lente de clorofila
é tudo vistar acalmando / no sol de aboio e distila

2º HOMEM

é sempre o amor a claro / no acrescentar dos destinos /

é tudo quietar os ataques / desses delírios bovinos /

é sempre o cajado desuso / no amofinar de degredo /

é tudo integral e intacto / nossa constância de medo

1º HOMEM

meu gado insiste em colina / ou descrição verde anil /

vai lentamente esculpindo /as leras com seu canzil /

meu gado vai ledado e lento / de compassadas esperas /

reduz o verde a seu tempo / a trilhas e a primaveras

2º HOMEM

a palma do casco afrágua / meu gado dócil no espinho /

de que se fere a manhã / nas trilhas do seu caminho /

ah boi: o tempo comparsa / desta pastura em feliz /

persegue de vento e de fruta / as trilhas em risco de giz

(O 3º homem deixa o tambor e caminha para o extremo do palco, onde os dois outros agora semelhante a luta do gado para soltar as amarras).

3º HOMEM

no vale fecundo acampo / desperto sólido e frio /

guardo cansado a memória / em punho de mão sem luva /

mourejo lavra de estanho / de lerdo vento e passiva /

a mão reevoca espalhada / meu gesto qualquer de procura

(Os três, lado a lado, fazem movimentos semelhantes de se abaixar e juntar coisas que lhes parecem pesadas. No movimento de volta, para baixo, aparentam quebrar alguma coisa. Têm os punhos cerrados).

TODOS

atiro pedra no sono / para acordar a manhã /

reberto vidros no tempo / com a mão de nunca acabar

(Aqui a marcação passa a ser mais livre. Cada um se destaca, ao falar. Entre as falas, o cantador, que entra pelo fundo do palco, à esquerda, é percebido, sucessivamente, pelos homens, sobretudo o 1º e o 2º que mais tarde travam conhecimento com ele e o inquirem).

1º HOMEM

o ser de Marajó se pasma / no cerco de boi montado /

transmonta os montes de fibra / o coração febra viva!

2º HOMEM

futura em húmus de sangue / fulmina verde a managem /

eu cisco coivara de couro / e esqueço errando a pesquisa /

(o amor queixou-se de olvido / boca, saliva e cabelos /

assisto em cronometragem / passado piscar de estrelas)

3º HOMEM

atesta o tempo que tange / meu gado pascente ao corte/

(amar, quem há de?) sofrido / o golpe no cerne rasgado /

de baba de boi tão brabo / meu cuspe cumpre um destino /

atiro no aterro e aterro / o som que sai do eco!!!

(Faz ecoar a voz com as mãos em concha e verga o corpo, gira sobre si mesmo, buscando o fundo do palco, com rapidez, como se dançasse uma dança regional ou imitasse um animal assustadiço, até o tambor. O fim da fala do 3º homem coincide com a mudança de luz para verde. Os outros dois já se terão acercado do contador, curiosos. Caminham para frente do palco. O cantador senta-se no chão).

1º HOMEM

onde o pasto roça em campo / estrume e ser em gramínea /

o boi levanta seus cornos / e apascenta a espera /

onde o vento alisa e brune / o esquartejar dos aboios /

o boi pasteja nas dunas / a sua morte em futuro

2º HOMEM

onde o verde aponta um rumo / e o embalar dos delíquios /

o boi rumina seu fruto / e o estrume da sorte /

onde o prado acata lento / os seus pisares doestos /

o boi faz trilhas no sonho / e acorda cheio de pasmos

(Enquanto o cantador responde cantando, acompanhado pelo 3º homem no tambor e por seu próprio violão, os dois semelham, vergados e com as mãos para trás, o gado preso por laços. É a quinta música).

CANTADOR

onde a vida muge em fome / o retalhar do destino /

o boi retarda no passa / a sina de ser em morte

(O 3º homem deixa o tambor, ao fim da música, e corre até eles, falando, o que provoca um tumulto no palco; o 2º age como se o animal houvesse se libertado e sai em perseguição ao cantador, que se vê cercado pelos três homens, fugindo para o fundo do palco).

3º HOMEM

aboio na city seu eco / de densa paisagem e cimento /

esta memória tão brava / a dentes chifro esta saga /

reinventada nos berros / desta visita tão verde

2º HOMEM

aboio no chifre o destino / de amargurar este amor /

nesta distância tão raiva / aboio de dedos e carinhos /

no lombo desta ternura / neste lavor de ser gente

(O cantador passa os laços para os homens, em meio à confusão. Os três fazem uma expressão de estar rodando o laço para prender o gado, girando, ao mesmo tempo, o tronco durante a fala de todos).

1º HOMEM

arrosta meu berro meu boi / a sina de laço nos chifres /
e este favor de ser rês / rumina no ontem seu hoje /
a lentidão de pastear / o sangue desta morrência

(A fala seguinte é dita várias vezes com a expressão dos laços).

TODOS

chifra no escampo a ideia / de aceno neste espantalho
pastando este horror de tourada

(Em simultaneidade com o fim da fala, acende-se a luz vermelha. O cantador permanece ao fundo. O 2º homem assume uma postura vergada, com os pulsos encostados ao peito e as mãos pendentes para baixo. Deve se manter na ponta dos pés, com as pernas vacilantes e inquietas. O 1º homem tenta arrastá-lo de junto do círio, à esquerda, puxando por uma corda, mas encontra resistência. A fala do 1º homem começa assim que se acende a luz vermelha. Junto ao tambor, o 3º homem prepara as lâminas para o sacrifício do boi. Entrega, depois, uma das armas ao 1º homem, batendo nos quartos do boi na tentativa de vencer-lhe a resistência).

1º HOMEM

esse boi boiado em grama / (tristeza esturdia e passiva) /
caminha lento e em perfil / agônica lembrança e faca

2º HOMEM

esse boi rasteja lerdo / lerdezas do seu porvir /
e arranca de entre dentes / ranhuras do seu matiz

3º HOMEM

esse boi rumina ontem / o golpe afiado no ventre /
e a fome assassina assina / sentença tecida no verde

2º HOMEM

esse boi – húmus de sangue / herança guarda em futuro /

o gancho, o preço e alimento / infância presa nos cornos

1º HOMEM

esse boi me fere e divide / no lento esperar desse dia /

restringe no estábulo e sonha / histórias de não contar

(A fala seguinte é de todos, inclusive do 2º homem que, em nenhuma de suas falas anteriores, abandona a postura em que se encontra. Os dois homens dizem-na com as mãos erguidas, pronto para golpe mortal, à altura do pescoço. A fala é dita duas vezes, quase que rezada).

TODOS

esse boi é tempo e espera / mas mede o ritmo no escuro /

de passo talhado na pedra / doutra inimiga vivência /

curtiu no sonho seu couro / rateio de azul faltou ontem /

e o pasto rompe mais seiva / que o sangue em fio de faca

(Assim que o boi cai, dobrando primeiro o joelho e tocando com ele no solo, a luz se apaga por uns poucos segundos. A sexta música começa. Quando a luz vermelha ilumina novamente a cena, o boi estrebucha no chão, enquanto o 1º homem mostra expressões de pena e arrependimento junto a ele. Girando em volta, o 3º homem demonstra alegria, tocando as diversas partes do animal como um selvagem que festeja a morte da caça. O animal finda sua agonia. Os dois, aos poucos, colocam-se paralelamente a ele, sendo que o 1º homem fica ao centro, ajoelhados e vergados sobre si mesmos. A luz muda para amarelo e os três homens começam a rastejar em direção à plateia, com muita expressão corporal).

2º HOMEM

oculto em pregas noturnas / em laços faz-se de presa /

em voltas volutas e nervos / revoltas no gesto de cobra /

espera no giro de rodas / aviventadas no circo /

volteia presto no vento / antecipado em punhal /
arguto de mão adestrada / em dança de vida e de morte

3º HOMEM

arco e flecha autogira / no cerne e febra de peito /
arrasta vagas no corte / as patas pranchas no chão/
amarra o aral da existência / no esbulho de uma saudade /
enlaça no ver de corda / amanhecida outra noite /
em voltas guarda as montadas / e a fúria tinge seu fado

(Terminam junto ao círio. Pausa. Levantam-se naturalmente e encaram a plateia. De repente, o 1º homem começa a ser espancado pelos outros, como se devesse confessar algum crime. Ao falar, dobra um dos joelhos, pela violência dos golpes. Fala apanhando).

1º HOMEM

a faca força na queda / e estampa no solo seu sino /
a faca afia na fome / e sorve sem hausto o martírio

2º HOMEM

a faca curte na seiva / o gume dessa sazão /
a faca estala na morte / e evita o sol doutra aurora

3º HOMEM

a faca faz de seus pejos / escárnios ditos malsãos /
a faca risca outro nune / na casca dessa memória

1º HOMEM

a faca faz de seu homem / o assassino que foi /
a faca é força sem cordas / e fere o tempo de vir /
a faca mede seu pulso / na dura ação de seu fim /

a faca afia na pedra / a fácil missão de sangrar

(E deixado em paz. O 3º homem vai até o fundo do palco e assume uma postura bizarra de boi no açougue, uma das pernas levantadas e os braços contorcidos, cotovelos afastados do corpo, pescoço rígido. O 2º homem fala para a plateia).

2º HOMEM

a faca afunda pressaga / profundas marcas na rês /

(a noite desce na faca / e acalantada o silêncio /

a aura breve na trilha / põe verde em campo e manhã)

(Luz verde. O cantador inicia a sétima música e começa a andar pelo palco, lentamente, um passo para cada tempo forte da música, descrevendo um círculo pelos extremos do palco, marcando passo e balançando o corpo nos tempos fracos, como se dançasse. O 1º homem se ergue e executa o mesmo passo ritmado. O 2º homem principia a retalhar, com lentidão, as partes do boi no açougue, fazendo com que o 3º homem abandone, a cada golpe, uma parte da postura, relaxando as regiões do corpo que forem golpeadas. Cada parte da música é cantada duas vezes e, depois, apenas o som do violão sublinha as falas dos três homens, é uma espécie de ponteio. Enquanto falam, os três homens abandonam o passo ritmado e executam marcas relacionadas com o que estão dizendo. Permanecem estáticos ao fim de cada uma de suas falas, em posturas expressivas e significativas. O cantador canta, então, o seu refrão e aquele que estiver estático abandona, na repetição da música, a postura que estiver mantendo, passando a cantar, juntamente com os outros, e a executar o mesmo passo ritmado. Todos andam em círculos pelo palco, havendo conveniência em ocupar o centro do mesmo apenas durante as falas).

CANTADOR

ai vida paz de mentira / ai medo da escuridão *(música)*

1º HOMEM

eu vi na cara tao triste / do boi cortado no açougue

tinha a expressão do que fica / em dor de fina agonia

CANTADOR

ai cara cortada, ai gume / ai sangue ali esquecido *(música)*

*(O 2º homem fala, a seguir, ainda retalhando o animal, como um açougueiro.
No final ficará estático com a faca erguida em ameaça ao boi).*

2º HOMEM

as matas que nos cortaram / te deram sol e amplidão /

a foice te acusa o medo / de golpe mais derradeiro

(Na repetição da música inicia o passo ritmado e passa a cantar).

CANTADOR

ai vida paz de mentira / ai medo da escuridão *(música)*

(O 3º homem abandona definitivamente a postura).

3º HOMEM

vamos meu boi tão sozinho / olhar de frente este azul /

de céu que é nosso comum / até não chegar meu dia

(Paralisa-se. Na repetição da música, canta e ritma o passo).

CANTADOR

ai faca sempre afiada / na fome das multidões *(música)*

1º HOMEM

meu boi de verdes paragens / meu boi sem nome e disfarces /

irmão de mesmo destino / de outra decapitação

CANTADOR

ai boi sangrando amargura / ai ruminada beleza *(música)*

2º HOMEM

meu boi de patas tão frágeis / meu boi perdido no tempo /

memória pastando no escampo inconfundível da infância

CANTADOR

ai prados, ai rios de sol / ai tempo de néscia espera *(música)*

3º HOMEM

tanto verde desperdiçado / na paciência do boi /

tanta frieza nos olhos / cortados a toda luz

CANTADOR

ai corpo sem nome e marca / em podre composição (*música*)

1º HOMEM

eu vi teus olhos caídos / sem refletir qualquer paz /

tinham já do lento verde / vaga tristeza do só

CANTADOR

ai mares de grama densa / ai passageira invernada (*música*)

3º HOMEM

salve choro coagulado / em tua mudez ó meu boi /

a vida tem seus princípios / inexplicáveis de ser

CANTADOR

ai vida paz de mentira / ai medo da escuridão (*música*)

(Apaga-se a luz e a música continua a ser cantada por todos, repetindo-se ainda algumas vezes. No fim da música os três já estarão na beira do palco. O 3º homem assume uma postura vergada, permanecendo com o tronco torcido de modo que uma parte se volte para a plateia. Os outros dois estão agachados junto a ele: 1º homem tem o círio na mão, quando o 2º homem risca um fósforo. Acendem o círio e iluminam a figura do boi, examinando-o. Deve haver bastante expressão nesta cena: o 3º homem gira, gradativamente, sobre si mesmo e o 1º homem faz com que o círio o ilumine de diversos pontos e formas, utilizando, abundantemente, o jogo de luz e sombra projetadas, ora sobre a plateia, ora no próprio palco. O 3º homem começa a falar logo depois que se acende o círio. Sua cabeça aponta para a lateral direita do palco e sua mão esquerda está pousada sobre as costelas com o cotovelo para o alto. Os outros dois andam, lentos, agachados, a sua volta).

3º HOMEM

basta em sinal: foi fuga / meta e forma no ser /

de chifre ou xucro na ruga /

ei-lo postado e em consequência compulsória doação

1º HOMEM

ei-lo olhos baços e em definitiva posição /

ei-lo sem pasto e em ver de seiva e ferrão

2º HOMEM

ei-lo exangue e em mais ínfimo ferrão /

(Ao continuar a falar, o 2º homem usa os dois braços com os punhos fechados, como se depositasse a canga sobre o dorso do bicho: força com o peso dos braços a que o 3º homem se curve ainda mais, havendo, então, entre os dois, uma espécie de balanço lento, para cima e para baixo, como se ecoasse neles mesmos a palavra “canga”).

Eis a canga / eis a camba /

eis o sulco cavado no chão

(O 3º homem fala mudando devagar e sempre de posição. É examinado detidamente pelos outros).

3º HOMEM

eis fueiro / eis azul / eis canzil / eis punhal /

cravado e cambão /

eis o homem / eis o boi / ajoujados

1º HOMEM

eis a leiva / eis a roda / eis cegados /

os olhos em vão /

eis boieira / eis a só / boicoitada

2º HOMEM

eis a vaca / eis o boi / eis a faca /

eis o foi / deste homem

(Ao pronunciar a palavra “homem”, o 2º homem como que liberta o 3º homem da postura do animal, retirando-lhe o feixe de fitas da cabeça, recuando para o centro do palc, enquanto ergue os braços e exhibe as fitas. O próprio toque da mão em sua cabeça faz com que o 3º homem se erga, assumindo postura ereta. Recebe o círio aceso das mãos do 1º homem, após o que, ocupa-se em acender os outros círios, primeiro o que está à esquerda, em seguida, o de junto ao tambor. O 1º homem fala logo após entregar o círio, com os braços abertos, movimentando-se, sentindo a palavra “nuvem”, que dirá em sua fala. O 2º homem retorna até junto dele, prendendo o feixe de fitas em seu braço direito, à altura do cotovelo).

1º HOMEM

eia passo em campo e esta lavra /

de verde melação e ureia / eia braços no vale

e meu físico / de nuvem e assaz companheiro

(O 2º homem retira-lhe, também, o feixe de fitas voltando em seguida para junto do tambor onde o 3º homem acende o último círio. Fala, enquanto levanta o tambor para colocá-lo sobre o ombro direito do 3º homem. Prende-lhe, também, o feixe de fitas no cotovelo direito).

2º HOMEM

eia farpas cavalo no rastro / de agonia foice e talvez /

eia leiva construo meu claustro /

de alonga da vista na paisagem

(Enquanto o 3º homem diz a fala subsequente, o 1º e o 2º homens empenham-se em juntar os outros círios a fim de iluminar o caminho. O 1º homem recolhe o que está na lateral esquerda e o 2º homem o que estava próximo ao tambor).

3º HOMEM

eia manso é tudo e espantalho / de assuntas as aves no talo

eai só de endormir eai bulha / de sou fome dentro das messe

(Entreolham-se a luz dos círios como se buscassem saber se estão todos prontos. O 3º homem deixa o palco na frente, enquanto o 2º homem fala, e serve de guia para o 1º homem que segura as fitas pendentes de seu braço. O 2º homem fará o mesmo, segurando o feixe de fitas que amarrou no braço do 1º homem. Compõem, dessa forma, uma fila indiana).

2º HOMEM

eia mar cio e tourada / de pastear breve a vida

(De saída, na borda do palco, o 3º homem diz a última fala).

3º HOMEM

eia jugo geral do meu fado / neste sol de outro dia por vir

(Refazem o caminho pelo meio da plateia. O cantador canta a última música. A cena é semelhante a que inicia a peça. Os três homens deixam o palco cantando).

FIM

FUNDO REYNO

Apresentação

“Fundo Reyno” é um encontro de pajés, duelo de interesses, jogo de poder. Tem por base um triângulo amoroso cujo centro é a disputa pelas maravilhosas forças encantadas no fundo aquático da imensidade oculta da Amazônia. Trata deste assunto com a naturalidade das histórias contadas, através dos séculos, na região, abastecendo-se de uma série de elementos culturais que enfatizam as situações, a maioria das quais soa de forma fantástica, nada mais sendo, entretanto, que narrativas singulares criadas pelos povos no seio da floresta.

O jogo literário e cênico desdobra-se em três vertentes que se interpenetram. Pelo uso reassumido da literatura de cordel, em sua vertente amazônica, pouco notada, mas sempre uma herança das migrações nordestinas, marcadamente na fase da borracha extraída dos seringais do Acre. Pelo confronto com um modo de fazer bem característico dos pássaros juninos de Belém, que usam de forma até despudorada – nas falas atribuídas ao elemento indígena presente nestas encenações – a língua geral (ou nheengatu) falada pelos índios brasileiros desde a época da colonização. E pelo cotejo direto entre as linguagens da música e do teatro, vale dizer movimento e sonoridade, a interpretação como ponto de encontro entre cena e canto.

Portanto: cordel, por via da migração nordestina na Amazônia; nheengatu, compilação jesuítica executada para viabilizar as ações catequizadoras, mas hoje reduzida às falas do pássaro junino – uma manifestação folclórica típica de Belém; e cotejo entre música e teatro enquanto linguagens distintas e complementares.

“Fundo Reyno” abre espaço, da mesma maneira, para a contextualização destes elementos todos, pelas claras referências à poluição dos rios, degradação da natureza, extrativismo neo-colonizador, destruição da biodiversidade, usurpação dos direitos de propriedade de ervas e materiais coletados no seio da floresta.

Lida também com os elementos tradicionais da literatura oral dos índios da Amazônia, fazendo uso de poderes mágicos considerados naturais e, por isso, mencionados correntemente em tais histórias, como o poder de transformação das pessoas em animais, plantas e outros seres da natureza, a capacidade de ver em uma pedra

reluzente o que se passa a léguas dali ou de se transportar quase que imediatamente, de um lugar a outro, pela água ou pelo ar.

Inserir, ainda, elementos lúdicos muito presentes na cultura amazônica, como o uso nas brincadeiras infantis de palhas de açazeiro à guisa de cavalos, além de trazer como pano de fundo uma intervenção de caráter eminentemente religioso (a Bandeira de um Santo) para servir de contraste ou moldura aos arroubos de grandeza e poder dos pajés envolvidos na trama.

Os textos em nheengatu (língua geral falada pelos indígenas no período colonial brasileiro) foram escritos a partir de narrativas orais das tribos da região, mas retrabalhados de forma a manter apenas a sonoridade, o formato, mesmo, perdendo-se (ou atirando-se fora) deliberadamente o conteúdo destas palavras, numa relação metafórica da perda cultural, lingüística e social das tribos indígenas e dos povos da floresta, não apenas da Amazônia, mas de todo o Brasil.

Personagens

A Pajé-Sacaca Dona Venina
O Xerimbabo Seu Antero Denizar
A Viúva do Xerimbabo, Dona Zulmira
Fuluca (ou Nhá Luca), A Filha da Viúva

E Os Foliões:

O Rabequeiro da Folia
O Violeiro da Folia
O Bandeireiro da Folia

Ação

No Porto do Pau Dobrado, de onde A Pajé-Sacaca e seu Xerimbabo partem numa
viagem pelo Fundo do Rio
No Fundo do Rio
Nas Portas do Fundo Reino
Nos Portinhos e Trapiches ou Pontes por onde A Pajé-Sacaca e A Viúva entram e saem
do Rio
No Ar por onde voam A Pajé-Sacaca, A Viúva e A Filha da Viúva

Cena 1

Abertura

A Queda

(Primeira Música – Primeira Sonoridade Nheengatu)

(Um Homem treme de febre. Está de pé e treme de frio.

Em volta dele, gira uma Mulher.

A Mulher canta, enquanto benze O Homem. A Mulher benze O Homem com um ramo de Vassourinha.

Tem consigo um maracá e uma espada atirada sobre os ombros.

O Homem balbucia palavras incompreensíveis.

Constrói uma espécie de composição sonora, pano de fundo harmônico para a melodia que A Mulher sopra contra ele.

Tudo isto se inicia ainda antes que o público comece a entrar.

E se acentua, adquire nuances que vão buscar, no próprio comportamento da platéia, material para seu desenvolvimento.

Veza em quando, Mulher e Homem invertem as funções sonoras: ele canta – ela murmura.

O Homem delira e A Mulher trabalha para resgatá-lo do transe: benze o corpo, enxuga-lhe o suor com a espada e com a barra da saia, tocando-o vivamente em diversas partes.

Agarra-se a ele, com paixão e interesse.

Enquanto o público se acerca, movimentação e sonoridade crescem.

A Mulher sopra sobre O Homem.

Há desespero).

MULHER – Ai ai ai, meu Xerimbabo,
(Ao mesmo tempo que O Homem) meu sarará, meu brinquinho,
mazela no pé, no rabo,
jururu qual passarinho.
Capiango como jia,
preguiça desengonçada,
calango do meio-dia
em ruína abandonada.
Te amarro com as alvoradas,
meu Xerimbabo doente,
com as alvoradas te livro
no fogo do Sol nascente.
Queres morrer, eu não deixo,
levar sumiço ou o que?
Como teu corpo amolece,
tambor de couro e bangüê.
Marido solto no brega,
na festa de Santo-Rei,
na minha saia de prega,

bem alheio que eu tomei.
Ah, não me arrependo, eu quero
cada minuto de ti,
na casa, em mim, no meu corpo
perna, coxa, pé, xiri.
Acorda, meu periquito
toma o caribé quentinho,
embala a tua substância
na rede, vem, pro banquinho.

HOMEM – Kuxiyima aikué mira padêua.
(Ao mesmo tempo que A Mulher) Mira kuxyima aikué
maniaka kupixape
ara pukusaua kunhãmirietá
masuhiuara aetá xupé.
Teinhé pembeú,
teinhé pembeú,
teinhé pembeú.
Kunhãmirietá sury.
Manha omundu
omusaka pukusaua maniaka.
Iké tenhé kuri iaué-iaué.

MULHER – Te deixar morrer não posso.
Maldita seria eu
de fazer de ti meu moço
e depois ver que morreu.
E este teu mal de onde veio,
quem te quer roubar de mim?
Quem se entabulou com a morte
pra te deixar feio assim,
afundando o peito largo,
fazendo tremelicar,
o beijo beijando amargo,
os zôio zoiando o ar...
E o braço que me sustenta
querendo que eu que me dê
na despesca, na tormenta,
na praia, no bambaê.
Raspar tacho de farinha,
fazer forno e aparar tora,
desbastar esta floresta
dês' daqui no rio de fora.

Te agarra no meu cabelo
– ah, mas pra que suar tanto?
Tenho ainda mais um selo
pra vancê romper, meu santo.
Vem, que aqui fora é só vento:
teu corpo todo se turva
e o barulho de um pé-d'água
pelo rio dobrou na curva.
Ah, não vai, deixa o trapiche
– as águas puxam pro mar.
Te afasta do precipício,
Seu Antero Denizar.

(E é então que O Homem se desprende de seus braços e despenca para o Fundo do Rio. Na queda, agarra-se ao Cordão que A Mulher traz no pescoço.

Parte-o.

E assim leva consigo A Chave do Fundo Reyno).

Cena 2

A Passagem Ritual
(Segunda Música)

(A Mulher permanece trêmula no Porto.

Olha as águas do Pau Dobrado.

Aos poucos se movimenta, reúne coisas em um cesto.

De novo canta.

E cantando se transporta para o Fundo do Rio.

Adquire, assim, a forma e os poderes de Pajé-Sacaca).

MULHER – Se levou todas as forças,
as misérias e os tostões,
cruzeiros, reais, cruzados,
patacas, réis e dobrões...
Se consigo se levou-se
e me deixou sobre mim,
encraquilhada na rede,
mijando o fim do meu fim...
Se arrastou meu vilarejo,
meu trapiche e um poraquê,
A Chave do Fundo Reino

e meu Xerimbaboê...
Então leve catapora,
barriga-d'água e pium,
gente que já ia embora,
o nenhum pano e o bodum.
Leve fraqueza de peito,
malária, pus, maruim,
venérea, canal estreito,
saco chei' de mucuim.
Junto leve impaludismo,
tudo que é febre malsã
e oculto no fundo abismo
um ror de carapanã.

Leve este trançado cesto
carregado de abricó,
um burrico sem cabresto
e um punho de rede, um nó.
Carregado de riqueza
ouro em pó, Santo Expedito
– riqueza que o vento leva –
leve o matiri maldito.
Não há demanda impossível
nem nada que não se peça:
quero meu amor perdido,
o tronco, o membro e a cabeça.
E que se lhe trance a vida
como deste cesto as talas,
invertidos os destinos,
trancafiados na mala.
Que agora todo o poder
eu invoco, de partilha
com a malvada natureza,
pra se me ir desta ilha
na busca de meus guardados,
na perseguição da bruta
que me roubou meus tesouros
– Viúva “fela” da puta.
É dela que desconfio
e desconfiada parto,
na rodilha que desfio
como cobra pelo mato.
Porque quando a natureza

me deixa andar pelo fundo,
com os sinais da realeza
de todo o poder do mundo,
eu peço um só grão-silêncio
em troca do que relato.
Pelo caminho se explica
a hora em que faço o trato,
pra lhes começar contando,
sem medo, raiva, nem pressa,
o começo duma história
no instante em que ela começa.

(A Pajé-Sacaca transporta-se para o Fundo do Rio).

Cena 3

Chão Fundo
(Terceira Música)

*(A Pajé-Sacaca viaja pelo Fundo do Rio.
Sua velocidade é desconhecida.
As distâncias que percorre, inimagináveis.
Pela margem viaja a Bandeira de Santo Expedito, esmolando pelas vilas e
fazendas do lugar.
Montados em cavalos de Palha de Açáí, O Rabequeiro, O Violeiro e O
Bandeireiro da Folia carregam, além dos instrumentos – uma rabeca, uma viola
e um tambor – a Imagem e a Bandeira do Santo.
São eles que descrevem a viagem da Pajé e revelam tudo o que é atirado,
sedimenta e polui o fundo do Rio).*

FOLIÕES – Tem lodo, lama
no rio profundo,
peixe de escama,
barro do mundo.
Um cemitério
– dor, ódio, mágoa
por cima o fosso
do lençol d’água.
Dez garimpeiros
despedaçados,
dez carreteiros,
anjos flechados.

Um casco podre
de montaria,
vinho de odre,
boataria.
Um remo gasto
de tanto uso,
dez teclas pretas
e um parafuso.
Ecologistas
– punhos cerrados
jornais, revistas,
tudo rasgado.
Caco de vidro,
galho de pau,
ponta de pedra,
pé de animal.
Podre de um gato,
arraias vivas,
folhas de boldo,
malva e maniva.
Tem muita dobra,
gelo dos Andes,
casca de cobra,
folha-de-flandres.
Um garrafão
de Coca-Cola,
seringa velha,
plástico, bola.
Raiz de planta,
raiz de mato,
rastro de anta,
toca de rato,
xícara, pires,
uma promessa
pé-nem-cabeça,
plástico à beca.
Tudo que morre,
que não se agüenta,
época, muda,
fede, fermenta:
sangue de fêmea,
suor de macho,
cobrinhas gêmeas,
fruta de cacho,

pele de lontra,
unha de lontra,
dente de lontra,
verga de lontra,
rede de pesca
emaranhada,
saia amarela,
blusa rasgada,
rádio de pilha,
feto, ferida,
eco, risada
mais desabrida...
E um raio fino,
luz esgarçada
varando a noite,
furando o nada,
iluminando
desde menina
os pés descalços:
Dona Venina

Mas ela vai, lá vai ela,
medonha pajé-sacaca
– o de-comer na panela,
as puçangas numa saca.
É noite-sim noite-não,
território madrugada,
dia alto, manhãzinha,
sol e lua, alma penada.
E ela vai lá vai vai ela,
pra desfiar nossa história,
rainha rouca e magrela,
vitória-régia-vitória.
Que vista humana acompanha
fugitiva veloz,
que vai num triz de segundo
daqui a Porto de Moz,
pelo fundo e pelo mundo
tão longe que o olho cansa
Eufrates, Ganges, Madeira,
do Fundo Reino ao de França?
E, mesmo sem asas, plana
sem farol, motor, luneta,

voando pelas distâncias,
dando a volta no planeta.

(Os Foliões passam a compor uma espécie de pano de fundo para as cenas que se seguem).

Cena 4

As Embiaras
(Primeiro Diálogo)

*(A Pajé-Sacaca chega ao Porto onde vivem A Viúva e A Filha da Viúva.
Vê que se passa do Fundo.
E decide assombrar as duas, para impedir que encontrem o corpo e o umbigo
do Xerimbabo Seu Antero Denizar).*

PAJÉ-SACACA – Estou vendo as embiaras
(Vê do Fundo o que se passa no Porto) de luto, todas cobertas
uma no jirau de varas
outra de pernas abertas

VIÚVA – Teu pai, minha filha, é morto.
Morreu torto, empanzinado
naquele primeiro porto
da pajé do Pau Dobrado.
Morreu na cama da pobre...
no trapiche, sei lá eu!
Nem o corpo ela devolve
que – tchibum! – nas águas deu

FILHA DA VIÚVA – Ah, 'Nhora Mãe! Soube como?

VIÚVA – Levantando um véu...

FILHA DA VIÚVA – Um véu?

VIÚVA – O véu que cobre as estrelas
e esconde a sombra do céu.

FILHA DA VIÚVA – E agora, mãe de minh'alma,
e o que ele foi lá buscar?

E a chave de abrir o Reyno
que 'Nhora quer dominar?

VIÚVA – Sei lá eu que fez o diabo
na hora de desencarnar...

PAJÉ-SACACA – Estou vendo as embiaras,
as cruéis, as inimigas...
Desejam o reino do fundo?
Vão ter, sim... o das formigas!

FILHA DA VIÚVA – De diabo meu pai não trate.
Foi diabo pra lhe salvar.

VIÚVA – E o muito que ele devia
a tua mãe, desalmada?

FILHA DA VIÚVA – Que precisão esta sua!

VIÚVA – Precisão de alma lavada!
De quem quer a dor do mundo
presa num baú de lata,
no peito do miserere
cravar um punhal de prata.

PAJÉ-SACACA – Estou vendo as embiaras,
na pedra brilhante eu vejo,
na sombra do céu tão claras
qual TV no vilarejo.

Esta é a parideira, a mãe.
Filhos homens todos mortos,
gasta de tanta gastura
– não sei quantos os abortos

FILHA DA VIÚVA – Vamos nós em busca dele,
de um lugar pra guarnecer.
Pro corpo não se perdendo,
a alma não se perder.

PAJÉ-SACACA – E esta é a coitada, a filha,
bico comprido de arara,
gasta de tanta candura.
Sim, são mesmo as embiaras.

VIÚVA – É preciso achar o triste,
que com ele a chave estava!
Que a mão num último chiste
arrancou de sua aljava.
É preciso achar o besta.
O resto que seja dela,
– pé, peito, costado, testa.
Mas é minha a taramela.

FILHA DA VIÚVA – Nem bem o pobre se foi
e já se faz a partilha:
divisão de xilindró,
repartição de quadrilha.

PAJÉ-SACACA – É preciso achar o quarto,
cujo quarto o corpo guarda,
cujo corpo estende o braço,
cujo braço a mão retarda.
Antes que o inverno enfureça,
antes que o inverno me trave,
é preciso achar a altura,
o timbre, o compasso, a clave.

VIÚVA – Vamos então, já, Nhá Luca,
no encalço de Seu Antero.
Se achar, pegue pela nuca
e puxe pro cemitério.

PAJÉ-SACACA – Estou vendo as embiaras
prontas pra me derrotar...

FILHA DA VIÚVA – Procurar por ele adonde?

VIÚVA – Ah, não custa perguntar!
Quem tem boca vai a Roma.

Pegue este “esse” de rede,
lanterna, corda, pateixa.
E um cantil pra nossa sede.

PAJÉ-SACACA – Antes que alguém ganhe o mundo,
Venina vai se meter.
Já deu o tempo das almas
que não querem se perder.
Quem não quiser sentir frio,
mesmo no Reino Encantado,
que dê logo suas caras
no Porto do Pau Dobrado.
Quem não quiser passar fome
quando o inverno afobitar
a miséria destas águas,
que apareça já e já!

*(O Xerimbabo Seu Antero Denizar aparece à Viúva e à Sua Filha.
Sua aparição as aterroriza).*

A APARIÇÃO – Já sei de onde veio o mal
que me roubou foi de mim:
tu te aviaste com a morte
pra me deixar fraco assim.
O peito largado, fundo,
fazendo tremelicar
o beijo beijando amargo,
os zôio zoiando o ar.
O braço sem nem sustento,
descurado do fazer,
na despesca este tormento,
na praia, no bambaê.
Longe do tacho e da rinha,
forno apagado, se escora
sem derrubar tora besta
dês’ daqui no Rio de Fora.

VIÚVA – Demorou no Pau Dobrado...!
Hein, esqueceu a parceria?
Homem velho engalicado
meteu-se em patifaria.

A APARIÇÃO – Mas na hora derradeira,
mulher malvada Zulmira,
de dentro da febre braba,
no chlique da maquirá,
perdido no beribéri
de tremelique e canseira,
enferrujado e faminto,
com sede, sujo, sem eira,
Zulmira, mulher sujeita,
queiras tu ou tu não queiras,
tudo o que o pobre do corpo
fez na hora derradeira
foi levantar esta mão,
dobrar este braço teso
e arrancar um tal cordão
atado, selado e preso
no pescoço de uma dama
– que se perdeu de besteira
e derrotar sua fama
bem na hora derradeira.

VIÚVA – Pois fui eu que lhe mandei,
sim, mas um baita pirriqué.
Comichão de pôr abaixo
aquele casebre a pique

FILHA DA VIÚVA – Ah, então tu condenaste,
’Nhora Mãe, o pobre a isto?
De maldade me furtaste
o pai? Por Deus, Jesus Cristo!

A APARIÇÃO – E a minha carranca vem
(*Para a Filha*) e a minha carranca vai,
feito fio de baba branca
– é o pai, toda noite, é o pai...
(*Para a Mãe*) Sempre vou deitar consigo,
passear no Pau Dobrado,
buscando por meu embigo
que se perdeu no alagado.

*(A Viúva e A Filha da Viúva fogem.
O fantasma do Xerimbabo Seu Antero Denizar aos poucos desaparece).*

Cena 5

O Morto
(Quarta Música)

(A Pajé-Sacaca encontra O Corpo do Xerimbabo Seu Antero Denizar no Fundo do Rio.

Há uma comovente cena).

PAJÉ-SACACA – Antero
corsário,
portuga,
falsário!
É hora
da janta,
te apruma,
levanta.
Roubaste
fugiste
morreste
caíste,
galego
gatuno
Júpiter
Netuno.
Navega,
pirata,
na nave
de prata.
Oculta
caminhos,
piadas,
carinhos.
Por onde
me assanhas
com mares
de Espanha?
Teus braços
abertos
– dois laços
desertos,
manopla

de macho
no fundo
do tacho.
Na venda
da esquina,
no tanque,
na tina.
Teu sangue
goteja
congela
lateja.
Tens medo,
centauro,
do frio de
São Paulo.
Faz frio no
teu colo,
chamego
consolo.
As águas
te levam
te tragam
te trevam.
Tens dedos
cerrados.
Nos olhos
vazados
estampas
varanda
moinhos
de Holanda,
no peito
varrido.
No ventre
doído,
piranhas
te moem
penetram
corroem.
Siris
caranguejos
cernambis
andejos
passeiam

cutucam
na pele
cavucam.
No lodo,
na lama
teu corpo
se escama.
Mexilhões
fechados
se fartam
breados.
És toco
que eu racho
no mangue
de baixo.
Um toco
com cheiro
de podre
viveiro.
Um toco
que parto
espanto
e lagartos
em busca
de lesmas
turus
abantesmas
dos vermes
sereias
metidos
nas veias

Cena 6

O Abecedário
(Segundo Diálogo – Segunda Sonoridade Nheengatu)

(A Pajé-Sacaca quer A Chave do Fundo Reino, mas O Morto já não a tem em seu poder.

Ela descobre que O Corpo está se desfazendo e o repele, então).

PAJÉ-SACACA – A Chave do Fundo Reino,
por onde deu de largar?

Olha este corpo mofino
desfeito, sem luz, sem ar...

O MORTO – Apigauaetá pe
oiýpirú opurasê
pytuna pysaié ramé
ana aetá opytuu
muyre suhiuara paraná kety
orasu mimbyetá, amuetá orasu kaa kety
ape oxeare aetá iepé myrá rupyta.

(Enquanto isso, A Viúva e Sua Filha tentam roubar os instrumentos dos Foliões. Elas iluminam a cena com fochos, mas os instrumentos fogem delas, à vista do fogo. Até que elas os cercam e conseguem seu intento).

PAJÉ-SACACA – Já não sabe o abecedário,
nem língua de caititu.
Fala as letras ao contrário:
ypsilon, ka, dabliú.

O MORTO – Kunhãetá omaan nhumto,
maeramé apigauaetá
osu taua kety iepéresé
aetá osu osekare
Iurupari mimbyetá.

PAJÉ-SACACA – Lembra a só última hora,
nem a penúltima mais.
Não me viu. Quer ir-se embora,
mas quede que encontra o cais?

O MORTO – Kunhãetá iaué-iaué
orasu iepé turi.
Turi yrumo paa
aetá omuturi.

PAJÉ-SACACA – Tá se havendo de canseira,
não dorme, mas não vigia.
Não é o mesmo que assombra
filha, mãe, mulher e tia.

O MORTO – Mimbyetá oiauu
iepé aetá suhi
tatá renundé

PAJÉ-SACACA – Será que engoliu a prenda,
guardou será por adonde?
Tem de ter alguma fenda
por onde a prenda se esconde.

O MORTO – Aramé ana aetá
omamana aetá iepé
myrá rupyta pe,
mimbyetá ntyo
uana oiauu kuau,
ape aetá opysyka aetá.

PAJÉ-SACACA – Nada. Nada neste bolso.
(*Revista o* Vazia a moeda falsa.
corpo. Enfia Os buracos destampados.
os dedos nos Nem nada no cós da calça.
buracos)

O MORTO – Sury paa aetá opytá,
iepéresé orasu mimbyetá
mimbyetá apektu keti,
oiumime aetá.

PAJÉ-SACACA – Ah, mas vem cá, pedra rara
– me deixa ver no teu rosto,
que ainda sinto o desejo
e ainda tremo de gosto.

O MORTO – Aetá osaan opeiu
opeiu mimbyetá,
mimbyetá nti
otyapu putare.

PAJÉ-SACACA – As águas estão carpindo.
O tempo se arredondando.
O corpo está se delindo.
O morto se decompondo.

O MORTO – Iaué paa aetá omunhan.
Iaué paa aetá omunhan.

(A Pajé-Sacaca segue viagem).

Cena 7

As Ervas
(Terceiro Diálogo – Quinta Música)

(Para se livrar da assombração, A Filha da Viúva vê-se obrigada a revelar, à Pajé-Sacaca, os mistérios das Ervas da Floresta e o que nelas há de mezinhas e malefícios).

FILHA DA VIÚVA – Foi a carranca do pai
– branca feito fio de baba
que toda noite vem-vai
por trás do pé de abacaba,
que me fez entrar consigo
pra dentro deste reizado.
Quero agora o embigo dele
pra enterrar no Pau Dobrado.

PAJÉ-SACACA – E esse cafundó me serve
de que jeito? Diga logo.
Meu sangue, Fuluca, ferve.
Minha língua cospe fogo.

FILHA DA VIÚVA – Olhe que lhe mostro tudo...
Lhe conto todo o segredo
das ervas que deixam mudo,
abrem chagas, causam medo.

PAJÉ-SACACA – Me confesse, sacaninha:
teu pai se meteu comigo
a mando desta Zulmira.
Foi, não foi?

FILHA DA VIÚVA – É o que lhe digo.
Mas ele estava lesado
pelas ditas destas ervas,
que minha mãe manipula
trevosa, pelas cavernas.

PAJÉ-SACACA – Me enganou 300 dias,
dez meses, beirando um ano.
Me engambelou de alegria.

FILHA DA VIÚVA – Foi seu marido e sumano...

PAJÉ-SACACA – E a ciência, então? Me fala!
O mistério que se conta,
sobre o qual Zulmira cala.
Fala! Estou mais do que pronta.

FILHA DA VIÚVA – Nem tudo cura na vida,
na vida nem tudo mata.
Mas pra tudo tem medida,
a fórmula mais exata.
E existem dois varadouros
pros bafejados da sorte:
um modo de dar a vida,
outro de encontrar a morte;
separar a dor do medo,
o remédio do veneno,
saber o imenso segredo
deste mundo tão pequeno.
Andando em pleno sol claro
a gente projeta a sombra:
quanto mais a terra gira
mais a figura se alonga.
E pra quem vive no escuro
tudo lá fora é braseiro:
quando mais se fecha a noite,
mais uma estrela é luzeiro.
'Nhora Mãe, que sabe tudo,
não dá, não troca, nem vende
aquilo que lhe revelo
e que nem sei se me entende.

PAJÉ-SACACA – Mandou-me um amansa-corno
preparado para um fim:
um homem bem recoberto
da erva chega-te-a-mim.
Chora-nos-meus-pés foi dado,
faz-querer-quem-não-me-quer,
agarradinho ele estava.
E me enganou, a mulher...
Prosperou com chama-tudo,
folhas de chama e fortuna,
fez nascer dinheiro-em-penca
na ilha, diz-que, na duna.

FILHA DA VIÚVA – Na cuia-pitinga virgem,
grandes panelas de barro,
os curandeiros misturam
ervas com bichos bizarros:
mamífero, réptil, ave,
peixe, inseto e o que mais for
pra tratar da dor de dente
ao câncer, cancro, estupor.
Sabe quantas as mezinhas,
gargarejos e vacinas,
emplastros, banhos, compressas,
remédios e vitaminas?

PAJÉ-SACACA – Ervas nas águas ferventes,
águas ferventes nas ervas
ou tudo fervido a tempo,
águas frias em conserva,
misturado de seis cascas
das árvores da floresta
mais doze ervas caseiras
pra tudo mais que não presta.

FILHA DA VIÚVA – Vou lhe mostrar uma banda.
A outra banda projete:
vendo o bem por onde anda,
saiba o mal de onde acomete.
Cipó-pucá desconcentra,
faz o sangue mais amargo.
Com curauá feito soro,

sujeira vai longe, ao largo.
Caxinguba, deus o livre!,
acaba com lombrigueira.
Ipecacuanha se toma
pra catarro e chiadeira.

PAJÉ-SACACA – Casca do uxi-amarelo

FILHA DA VIÚVA – que poção mais poderosa!
Unha-de-gato completa:
deixa a mulher mais formosa.
Tudo junto desinflama
abre o peito – é salvação!
Fortalece e fecha o cerco,
expele até carnegão.

PAJÉ-SACACA – Erva-de-santa-maria

FILHA DA VIÚVA – É pá casca contra verme!
Urtiga fere e alivia
se esfregada na epiderme.

PAJÉ-SACACA – Xixuá, flores e casca,
mão-de-deus, de deus a mão,

FILHA DA VIÚVA – Leite-do-amapá não falha:
sara estômago e pulmão.
A gosma da lesma viva
apaga mancha de pele;
da perna do gafanhoto
– aquela espuma lá dele
cura o terçol mais maroto.
Fraqueza do amor carnal
se resolve com as virtudes
do bico do pica-pau
assado e posto no chá
de mirantã, muirapuama,
guaraná com catuaba
nó-de-cachorro e... uma dama.
Pau-de-verônica age,
cicatrizo, o pariri.
Bom pro fígado, anemia,

quina, erva-de-jabuti.
Pião-roxo limpa tudo.

PAJÉ-SACACA – Mas pra tosse-de-guariba...?

FILHA DA VIÚVA – Faça um lambedor certo
da casca da copaíba.
Do marupazinho faça
chá com raiz de açai
pra diarreia, pirrique
ameba e dor no xiri.
Tire o óleo da andiroba:
reumatismo e erisipela,
cortes, baques, machucados
não progridem mais com ela.
Hei-de-vencer, uma reza,
mais comigo-ninguém-pode
vence-batalha crescente,
junte catinga-de-bode.

PAJÉ-SACACA – Camapu que a gente come,
doses de erva-de-rato

FILHA DA VIÚVA – A bondade vem trazida
pelas frutinhas do mato.

PAJÉ-SACACA – Pega-pinto, trevo roxo,
língua-de-vaca, sacaca...

FILHA DA VIÚVA – De tudo se tira um tico,
como o sabor da alfavaca
Solta o mijo carobinha
e acaba com dor de velho.
Um ramo de vassourinha
benze, salva, mete o relho.

PAJÉ-SACACA – Erva-cidreira, poejo,
losna, boldo, cajiru,
pupunha, cipó-das-almas
sabão de murumuru.

FILHA DA VIÚVA – A língua fica dormente
quando pelo jambo passa.
Pronto-alívio me desmente
– isto é coisa que se faça?

PAJÉ-SACACA – Urucu me pinte o rosto,
folha-de-pirarucu
me cure e o vento me beije
na flor do camu-camu.

FILHA DA VIÚVA – Manjerona, amor-crescido
castanha, capim-limão,
mastruz, cubiu e arruda
barba de barbatimão

PAJÉ-SACACA – Eu me entrego sem receio,
sapucaia, bonjuás
quero todo o bem que veio
da canela-sassafrás.

FILHA DA VIÚVA – Tem mais: bicore este cheiro.

PAJÉ-SACACA – É catinga-de-mulata.
Cipó-catinga recende...

FILHA DA VIÚVA – Não é bom odor de mata?
Quebra-pedra, abacateiro
capim-cheiroso, carqueja
carapanaúba nasce,
cordão-de-frade viceja.
Leve tudo isto, leve
do friozinho da floresta
que eu já vejo direitinho
o que ficou e o que resta.

PAJÉ-SACACA – Um buraco para o ouro
e uma capoeira braba
no lugar das folhas, flores
dos bulbos, ninhos de caba

FILHA DA VIÚVA – Mas nada disso lhe serve

se não sobe, sem-vergonha,
bem no alto, lá no olhinho,
das árvores sem peconha.
E se não registrou nada,
esqueceu parte da história
tome desta garrafada:
sol-de-iemanjá pra memória.

PAJÉ-SACACA – Embora pouco, qual nada,
o que me deu não tem preço.

FILHA DA VIÚVA – Só acha a segunda entrada
se souber virar do avesso.

PAJÉ-SACACA – Cuma então que a senhorinha
também se deita no mato...?
Filha de cobra, a cobrinha
tem do Fute o seu retrato.

FILHA DA VIÚVA – E antes que se me esqueça:
consigo o fantasma leve
e o embigo dele devolva
pra terra firme o mais breve.

PAJÉ-SACACA – Tem um Antero no mato
outro embaixo do navio.
Dobre pelo Pau Dobrado
até lá fora no rio.
Preso junto bem do casco
vai achar o que procura,
mas todo se desmontando
do mal da morte sem cura.

FILHA DA VIÚVA – Gostando ou não se escapula
que ela não tarda descobre
e vem num coice de mula,
cozendo em tacho de cobre.

PAJÉ-SACACA – E A Chave do Fundo Reino?

FILHA DA VIÚVA – Ela que vai governar.
Todo poder vai pra ela
quando o sol no rio galar...

PAJÉ-SACACA – Mas só se eu não tiver reima
debaixo de minha saia,
se o galo não se esporeia,
se o rabo não for de arraia.
Se eu não for desta Amazônia,
neta de vó lazarina
do Ceará carantonha,
e não me chamar Venina.

Cena 8

O Duelo
(Quarto Diálogo – Sexta Música)

*(Enraivecida, A Viúva desce para O Fundo do Rio.
Persegue A Pajé-Sacaca. Ainda acha que Sua Filha foi enganada por ela.
Quer também o Xerimbabo e A Chave que pediu a ele de presente.
Leva consigo Os Peixinhos Coloridos que lança contra A Pajé-Sacaca.
Um dos Peixinhos crava-se no coração de Venina, que, ainda assim, consegue
fugir, livrando-se das Águas e voando pelo Ar).*

VIÚVA – Enganaste filha
(Caminha de mulher raivosa.
pela margem) Bebeste da bilha
droga venenosa

PAJÉ-SACACA – Tua filha? Cobra,
(Caminha filha que te perde.
pelo fundo) De papo amarelo
na floresta verde

VIÚVA – Vou descer com peso,
vou descer irada,
invadir teu teso
pela lei da espada.

PAJÉ-SACACA – Bem-vinda, sereia

do rabo de prata:
pulaste da areia
ou caíste da mata?

VIÚVA – Cheguei pavorosa!
Sente a companhia:
água perfumosa
de perfumaria.

PAJÉ-SACACA – Nem rastro vos deixo,
Vossa Senhora.
Me escondo num seixo,
numa bolha fria.

VIÚVA – Os peixinhos brilham
chega fazem dó,
todos reunidos
num cardume só.

PAJÉ-SACACA – Mas não tenho aquário,
nem casa bonita:
pra que quero peixe
com laço de fita?

VIÚVA – Salta do meu punho
peixe matador,
peixe-matogrosso,
lábio bicolor.

PAJÉ-SACACA – Ai que me feriste!
Mas erva me cura.
Salva da dormência,
tenho a mão segura.

VIÚVA – Do meu puçá pula
cruzeiro-do-sul,
acará acalare
bordado de azul.

PAJÉ-SACACA – Peixes inocentes.
Cor e cor e cor...!

VIÚVA – Trabalham pra gente,
distribuem dor.
Sente este petardo
– hemiodopsis
tem um sobrenome
como gracilis.

PAJÉ-SACACA – Rasgaste o vestido
da Senhora Mestra.

VIÚVA – Acará-bandeira
é pterophyllum
e este mesonauta
faz festa festivum.
Peixe-espada, beta
beta, espada lira
perfurando a teta,
moendo a traíra.

PAJÉ-SACACA – Vem neste sentido
tudo o que não presta.

VIÚVA – Cardinal pequeno
paracheirodan
– quem cruza com ele
não sabe a manhã
Peixe-borboleta,
olha, é carnegiella,
faminto istrigata
quando toco nela.

PAJÉ-SACACA – Meu ouvido sangra
de tanto veneno...
Preciso de pouso,
de um pouso sereno.

VIÚVA – Vê se carpa é bom,
arraia no couro,
potamotrygon
de nome motoro.
Paulistinha tinha,

guatemala mala:
um mata gritando,
outro só se cala.

PAJÉ-SACACA – Hemigramus

VIÚVA – Rhodostomus

PAJÉ-SACACA – Osteoglossum

VIÚVA – Ferreirai

PAJÉ-SACACA – Nannostomus

VIÚVA – Trifasciatus

PAJÉ-SACACA – Meu cabelo todo cai!

VIÚVA – Guppy, reco-reco,
diz-que abotoado,
agamyxis
sp dourado.
E o que sai babando
do barbo sumatra,
do boca-de-fogo,
fogo de culatra.

PAJÉ-SACACA – Os peixinhos cercam
minha criatura...

VIÚVA – Marlieri alisa,
molinésia queima,
botia, colisa
tiram toda a teima.
Lá vai mais um feixe:
platy, platy véu,
aruanã peixe
bom, comestível!
Peixe-lápis pinta
sob meu comando
néon-tetra tinta,
furto, contrabando.

PAJÉ-SACACA – Vejo a morte gorda
como uma mucura.

VIÚVA – Ramiresi cospe
Microgeophagus,
lança coridora
pra empestar os lagos.
Symphysodon discus
axeirodi
peckoltia tigre
zebra ou acari.
Véu-de-noiva, leve
sabre do Japão:
que agora se crave
no teu coração!

(Ferida, A Pajé-Sacaca escapa das Águas e se lança pelo Ar).

Cena 9

O Coito

(Quinto Diálogo – Sétima Música – Terceira Sonoridade Nheengatu)

(Depois disso, A Viúva encontra-se com O Morto.

Ama-o com desespero.

*É assim que logra destravar-lhe a língua e ouvir dele onde ficou perdida A
Chave do Fundo Reino).*

VIÚVA – Há quanto tempo, seu Denizar,
seja bem-vindo pra me animar!
Tenho saudade, sim, como não?
Mal vejo a hora... ai que aflição!

O MORTO – Nti uana ipuku
oku xe araetá.
Xe tuiuésausau
omuoena oxu oiku
xe kyrymbasau,
xasaan xamanu meué rupi.

VIÚVA – O homem está bobo, mas ah, meu Deus!,
que língua é esta que ele aprendeu?
Foi já Venina quem já te fez
depois de morto falar chinês?

O MORTO – Maaiaué kuritei
xamanu kaau xasu
xanheen maa kuri
remunhan xe rakykoera
Reiutyma riré xe pira
resenue upanhe iandé mira,
remungetá aetá
ntyó arama aetá
oxeare koá táua
upanhe miraetá
omaanduare arama maa
iamunhan uá
yuy árepe resé.

VIÚVA – É mais mugido do que sabença,
grunhido fraco, convalescença.
Teu corpo fede, hum! De quantos dias?
Mas está nele minha alegria.

O MORTO – Xe rerá resé
upanhe mira
omaanduare kuri
Remukaturu ranhé
seyia akaiu rupy
iandé maaetá
oiku uá iandé
itákoara pýpé

VIÚVA – Este é teu peito e estas as coxas.
Não quero vê-las assim tão chochas...
Como apertavas o meu quadril
e quanto eu te sentia viril!

O MORTO – Rembeú seséuara
mukue ne tayra xupé,
rembeú iuyre
maaiué iasasau iandé

ara nti arama nhaa maaetá
maanduaresaua
oiukanhymo ara
tuiúesaua pyterupé!
Remundu koá
tetama maaiaué ixé
xamunhan uá,
maaresé upanhe kuri
oatá satambyka,
upanhe kuri
ipuranga ndé arama.

VIÚVA – Antes confessa: cadê a chave?
Antes que eu crave, antes que eu crave...
Já não resisto, quem quer saber...?
Anda, me pega, meu bem-querer.

O MORTO – Re munhan ramé
satambyka maa
xanheen uá ndé
arama upanhe kuri
omusury ne ara.
Teinhé rexeare
okanhymo koá
iandé táua mame
xasasau sury
xe ara mame iuyre
xaseare ndé
xe rekuiara.

VIÚVA – Sente este cheiro que a gente exala
quando se junta, quando acasala.
Quando se esfrega, quando resvala,
é este o cheiro que a gente exala.

O MORTO – Oh, fui tragado de volta aqui
por este cheiro upanhe kuri,
por este seyia akaiu quem é
que me arrebanha rerá resé.
Trata-se táua mame de quê?
Munhan dum certo cordão etê
que dá na boca xe duma aljava,
dentro da qual ndé repousava

chave, uma chave, esaua – que chave?
Da porta arama daquela nave?
Naquele dia, como parti?
Vim de uma queda ramé... caí.
Que foi que eu trouxe koá remundu
na mão dobrada kaau xasu?.
E a correnteza e o perau fundo
e uma distância teinhé do mundo.
De-uana-pois a luz refulgia,
como se a noite engastasse o dia,
o pé putare num atoleiro
travado num sinal derradeiro.
E sim, me lembro, escapou da mão
um cheiro rupyta de açafão
Foi esta luz que me consumiu
e como um raio oiauu explodiu.
É, está lá, vai, procura ali
o que pediste só para ti.
Eu trouxe, sim, velha, a tua aljava
o teu cordão – lembro bem, soava,
pois tinha dentro coisa qualquer
que não largava, aquela mulher.
E quando a aljava eu sacudia
ela brilhava, ela luzia,
e quando a aljava se aquietava
a noite vinha como uma clava.
Eu trouxe aramé, eu consegui
o que apekatu só para ti.

*(A Viúva apressa-se em seguir em busca das indicações dadas pelo Xerimbabo
Seu Antero Denizar. Ele ainda delira).*

Cena 10

O Segundo Porto
(Sexto Diálogo – Oitava Música)

*(A Pajé-Sacaca é salva da morte pela Filha da Viúva.
As duas voam pelo Ar.
Em seguida pousam no Segundo Porto, onde fazem um acerto contra A Viúva).*

FILHA DA VIÚVA – As portas dos infernos
se abriram para vós.
E vamos só nós duas,
ninguém além de nós.
Vede, Venina, o fogo
que queima sem queimar,
como gelo na pele
ou como o sal do mar.

PAJÉ-SACACA – Arranca, sim, Nhá Luca?,
o sinuoso cravo
que vara a mameluca
e vaza o mel do favo.

FILHA DA VIÚVA – Aqui quem ficaria,
aqui quem ficará
até que se arrependa
– quem se arrependerá?

PAJÉ-SACACA – Decerto na bigorna,
batido com martelo,
forjado a ferro e fogo
cepo, tronco, cutelo.
O golpe ainda vibra.
Foi ferpa, prego, chifre
espada, cimitarra
adaga, quicé, sabre

FILHA DA VIÚVA – Tragou-vos a disputa,
dom vosso se escangalha,
entrastes vós na gruta,
fiastes a mortalha...
E a boca se arreganha,
imensa da fornalha,
hálito de peçonha,
ronco rouco de gralha.

PAJÉ-SACACA – A pedra-pomes fere,
mas não dói, nem machuca.
Apenas me consome...
Arranca, sim, Nhá Luca?

FILHA DA VIÚVA – Ouvis o desespero
dos que vos chamam, hein?
É um raro destempero
e os anjos dizem amém.

PAJÉ-SACACA – A lâmina se enterra
inteira, até o cabo,
enferrujada berra
um berro de boi brabo.
É como um fio mui fino,
tão fino qual navalha,
de um tão suave ardume
que tão lento se espalha.

FILHA DA VIÚVA – Orai contra o tamanho
das dores do chifrudo,
do tridente tacanho,
do rabo pontiagudo.
Mas eu vos livro, ainda,
deste cravo demônio
e vos devolvo linda
do pesadelo ao sonho.

PAJÉ-SACACA – O vento que balança
inflama-me a ferida.
Esta lasca de lança
derrota-me, querida.

FILHA DA VIÚVA – Pousai comigo, dona,
no cantinho acanhado
do Segundo Portinho,
ali, do Pau Dobrado.

PAJÉ-SACACA – E tua Mãe, Nhá Luca,
a pira, aquela cousa?

FILHA DA VIÚVA – Ela já sabe a toca
onde a Chave repousa...

PAJÉ-SACACA – Ai, e eu aqui largada!

Ai, e eu aqui vencida,
nas portas dos infernos,
qual se mulher parida...

FILHA DA VIÚVA – É assim que será feito:
travando vossa morte
e a ela devolvendo
as dentadas e o bote,
eu a mim me condeno
e aceito o que vos falo
e espero o que não temo:
o aperto no meu calo.
Retiro dela a força
– vossa mercê precisa
mas não tarda vem corsa
de vendaval – não brisa.
Não custa ela vem vindo
do lá de lá da ilha,
acesa de vingança
e contra sua filha.
Mas quero, como disse,
o embigo do nababo,
que ela chama de Antero
e dizeis Xerimbabo.
Fui eu atrás do corpo
num tempo sem aprumo
e me perdi, siá dona,
no equivocado rumo.

PAJÉ-SACACA – Errei as coordenadas...?
Causei-lhe algum desgosto!
Releve, minha filha,
e não me atire em rosto.

FILHA DA VIÚVA – Então pronto? Que seja!
Eu fecho esta ferida,
recolho estes espinhos
e vos devolvo a vida.
Mas olhai que peixinho,
quão colorido e lindo!
Cravou-se-vos no peito
e fez lá dentro um ninho.
Vede como se ajeita

na palma desta mão...
Não há mais um peixinho
em vosso coração.
Vós que também voastes
nas asas de meu pai
sepultareis o embigo,
não é? Ide, buscai!
Assim, terra na terra,
Antero, meu duende,
o corpo se mistura
e a alma se desprende.
E agora que estou certa
de que salvei Antero,
passo um café quentinho
e aqui por ela espero.

*(Recuperada, A Pajé-Sacaca parte.
Nhá Luca prepara-se para esperar por sua Mãe Zulmira).*

Cena 11

A Maldição
(Sétimo Diálogo – Nona Música)

*(A Viúva chega para amaldiçoar Sua Filha.
Condena-a a viver eternamente submersa, transformando-se aos poucos em um terrível animal).*

FILHA DA VIÚVA – Já, minha mãe, tão depressa?

VIÚVA – Pressa é a carreira do Sol.

FILHA DA VIÚVA – Hum! Trouxe o verão da ilha...
Trouxe as tintas do arrebol...

VIÚVA – É, mas a noite vem vindo,
galopando num corcel

FILHA DA VIÚVA – Se eu pudesse encantaria
a noite em seu próprio tropel

VIÚVA – Atropelada te encontras
no tropeço dos teus atos

FILHA DA VIÚVA – Não cacei, não vi as lontras...
Jibóia comeu dois patos.

VIÚVA – Contam que tu, minha filha...

FILHA DA VIÚVA – Contam, não, que eu sei que viu.

VIÚVA – E como vi, lá da ilha?

FILHA DA VIÚVA – Não tem a sombra do céu?

VIÚVA – Fiz a máscara e te trouxe.
Trouxe a máscara que eu fiz
com jornal, água, maisena,
pra tua cara de atriz.

FILHA DA VIÚVA – Diga como minha morte.

VIÚVA – Pede a morte. Confessou?
Como se transforma a cria
que criei com leite e mel
e de repente se veste
pra interpretar um papel?

FILHA DA VIÚVA – Diga como minha morte.

VIÚVA – Morte morrida lhe dou.

FILHA DA VIÚVA – Morte morrida. Por que?

VIÚVA – Pra ser maior a desdita.

FILHA DA VIÚVA – Maior?

VIÚVA – Maior.

FILHA DA VIÚVA – Do que o que?

VIÚVA – Maior do que a comandita.
Maior do que a falsidade.
Maior do que o vitupério.

FILHA DA VIÚVA – Estou pronta: a verdade,
sem sombras nem refrigério.

VIÚVA – Então pode ver um vau,
qualquer um, de capoeira,
no meio da imensidade
dessas águas de ribeira
onde se perca pra sempre
bem longe do Pau Dobrado.
Longe do embigo de Antero
insepulto e descarnado.

FILHA DA VIÚVA – E meu pai pra sempre preso,
(*Transformando-se*) atrás pra sempre do embigo,
o corpo no fio do teso
e a alma no mesmo visgo?

VIÚVA – Então urda güelras, urda
(*Ignora*) como se peixe fígado,
apague os olhos e morda
as contas do tempo alado.
Ele vai passar depressa,
mas também vai se arrastar.
Fazer a pele mais tesa
quando o desejo engelhar.
Crie escamas pelo corpo,
uma a uma, cada dia,
ardendo por uma chama
quanto mais a noite esfria.
Ou então teça membranas
entre cada vão de dedo,
misture com barbatanas
pra completar o arremedo.

Deixe crescer umas garras,
um chifre, presas de onça,
tudo junto e desmontado
numa mesma geringonça.
Fique braba, fique lenta,
trabalhe como uma aranha,
seja sagaz, violenta,
feroz como uma ariranha.
Depois convoque a inimiga
pra ver se reverte tudo.
Se desfaz os meus mandados
– mas que eu duvido, duvido.
Perca o dom do palavrório,
o milagre do planeta:
nunca mais uma notícia,
nem sim, nem não, nem vendeta
Muda, no escuro do fundo,
persiga a Morte – é o que resta
sem achar nunca no mundo
o fim que lhe pus na testa.

Cena 12

O Silêncio

(Silêncio Absoluto – Puro Movimento)

*(A Viúva parte para o lugar onde se encontra A Chave do Fundo Reino.
A Pajé-Sacaca espreita e segue-a.
A cena é lenta e silenciosa.
No caminho passam pelo Corpo do Xerimbabo Seu Antero Denizar.
Zulmira trata de se afastar rapidamente, empurrando O Corpo para longe.
Venina também passa ao largo, mais interessada em seguir a Viúva do que em
cumprir a promessa feita a Nhá Luca, sua salvadora.
Da Margem, os Foliões cantam uma ladainha.
É quando vêem e içam para a margem O Corpo do Xerimbabo Seu Antero
Denizar).*

Cena 13

O Perau

(Oitavo Diálogo – Décima Música)

*(Pajé-Sacaca e Viúva chegam ao Perau onde ficou perdida A Chave do Fundo Reino, segundo as pistas achadas no Corpo de Denizar.
No escuro do fundo, nada vêem.
Mas acabam por se enfrentar, mais uma vez, na disputa pelo domínio do Portal de Entrada do Fundo Reino).*

VIÚVA – A Noite embaralha a vista
na caverna tenebrosa.

PAJÉ-SACACA – Por adonde leva a pista
daquela mulher tihosa?

VIÚVA – Nem a venta mais eu vejo.

PAJÉ-SACACA – Já nem vejo esta embiara.

VIÚVA – Não passam as horas mais lentas
quanto mais a luz é rara?

PAJÉ-SACACA – Que escuro, que breu cinzento...

VIÚVA – Mas por que me não foi dito
por ele, o finado Antero?
Valei-me, Santo Expedito!

PAJÉ-SACACA – Silêncio, Velha Venina,
detenha até seu pensar.
Escute o sopro da chama
de vida que está no ar.

VIÚVA – Será que ouvi de repente
um leve estalar de galho?
Um riscado de serpente
tomando por um atalho?

PAJÉ-SACACA – É ela que funga-funga.
Por aqui basta que eu siga,
pra dar no caminho reto

por onde vai minha amiga.

VIÚVA – Não, não, não, ninguém me segue...
Só eu sei por onde ando.

PAJÉ-SACACA – Parece um rumor de paca
da comedilha escapando.

VIÚVA – Tenho de achar o trambolho
que Seu Antero perdeu,
o momento, o vão, o escolho
quando a mão dele tremeu.

PAJÉ-SACACA – Dobrou selada à direita.
Parou... Será que parou?

VIÚVA – Que foi isto, este silêncio?
Chega a nuca se eriçou.

PAJÉ-SACACA – Puxa, o perau está mais fundo.

VIÚVA – Hum!, o pé topou no atoleiro
que me disse o vagabundo.

PAJÉ-SACACA – Mais fundo do que um bueiro.

VIÚVA – Antero, o que é feito dela,
da luz que te consumiu,
te fez esquecer da Chave
e como um raio sumiu?

PAJÉ-SACACA – Mas olha, a Viúva grita
o nome do Xerimbabo,
do amor que me fez cabrita,
parida de cabo a rabo.

(A tênue luz vai se revelando à visão das duas Mulheres).

VIÚVA – Antero, meu pobre Antero,

que sina que o Amor te deu:
tirou a chama de uma
e a chama não devolveu.

PAJÉ-SACACA – Estou vendo o vulto negro,
de novo, será que é mesmo?

VIÚVA – Só pode ser desespero
esta luz sem rumo, a esmo...

PAJÉ-SACACA – Se for ela, que se cuide!
Ou será de novo o morto
flutuando sem destino,
em sua morte absorto?

VIÚVA – A luz parece que aumenta.
Mas pra alumiar – ninguém.
E a vista já não agüenta
o brilho que dali vem.

PAJÉ-SACACA – Não, não. É ela, a sujeita.
Era isto que tramava.
Tenho de ficar à espreita.
Encontrou o que buscava.

VIÚVA – Vaga-lume, pirilampo,
piscando debaixo d'água?

PAJÉ-SACACA – Isto é bichinho luzeiro
levantando minha anágua,
roçando nas minhas coxas
com mãos de dedos suaves.

VIÚVA – É o Portal do Fundo Reino!
Antero, onde está a Chave?

(A Pajé-Sacaca decide, então, surpreender A Viúva).

Cena 14

A Prenda

(Nono Diálogo – Décima-Primeira Música)

(As duas voltam a lutar.

Surgem no Terceiro Portinho.

Voam pelos ares.

Invocam as forças de que estão investidas.

Acabam cruzando com Os Foliões, que a esta altura encomendam O Corpo do Xerimbabo Seu Antero Denizar.

A cerimônia as detém.

Descobrem ali que O Cordão, A Aljava e A Chave do Fundo Reino estão em poder dos Foliões).

PAJÉ-SACACA – Entonce é neste buraco
que Seu Denizar descansa...
E A Chave do Fundo Reino?
Devolva, mana, a herança.

VIÚVA – Mas ora, mas que surpresa!
Retirada da cumbuca,
salva das águas, a presa,
por minha filha Nhá Luca.

PAJÉ-SACACA – Então já sabe, não, mana,
o que lhe trouxe de bom.
Da minha zarabatana
sai um cuspe véi marrom.

VIÚVA – Nhá Luca já teve a dose
que filha ruim merece.
Vou desancar tua pose
só no meu poder de prece.

PAJÉ-SACACA – Quero apenas o pertence
que trazia com talento
desde o começo das eras,
por graça e merecimento.

VIÚVA – Denizar deu-me o sinal:
uma luz que refulgia

como se no breu da noite
entranhado houvesse o dia

PAJÉ-SACACA – Vai, Viúva, destrambelha!
Mente, Viúva Zulmira!
Aqueles poucas centelhas
eram todas de mentira.

VIÚVA – É que as luzes se apagaram,
tempo repisou a pista,
as nuvens embaralharam
a minha e a tua vista.

PAJÉ-SACACA – Uma das duas se dana!

VIÚVA – Vão refluir as marés!

PAJÉ-SACACA – Cuspe de zarabatana!

VIÚVA – Ponhei asas nos meus pés!

PAJÉ-SACACA – Começa a última guerra,
eclode o último ato:
quem sabe, sabe, não erra
nem se perde pelo mato!

VIÚVA – Quem puder que me acompanhe,
(*Sobe* vou subir para as alturas.
e voa) O que tu queres, eu quero
o que procuro, procuras.

PAJÉ-SACACA – No teu calcanhar me emprego,
em tua sombra viajo.
Nas asas do tempo cego
trepo, ando, corro e ajo.

VIÚVA – Xô, pedrês, xô poedeira,
galinha de crista murcha!
Vai morcegar curandeira

que não responde na bucha!

PAJÉ-SACACA – Minha grande paciência

(Vê os Foliões)

tomou um chá de sumiço.

Mostra o produto do roubo...

Mas que é isso, já, que é isso?

VIÚVA – Não é na beira o magote

de gente cristã contrita?

E a encomenda é o Xerimbabo

da tua casa maldita.

PAJÉ-SACACA – Recolheram o Xerimbabo,

o Denizar, Seu Antero,

o corpo feito quiabo,

o prêmio que eu tanto quero?

(A passagem do Corpo do Xerimbabo Seu Antero Denizar, levado pelos Foliões, interrompe a disputa entre Zulmira e Venina. Eles reúnem o espólio do Morto).

FOLIÕES – Veio a alma do finado

pedir em sonho sossego.

BANDEIREIRO – No sonho do bandeireiro

estava feio, o galego.

FOLIÕES – Veio o espantalho, coitado,

reclamar que estava aflito.

RABEQUEIRO – No sonho do rabequeiro,

apascentava um cabrito.

FOLIÕES – O corpo dele, em pedaços,

rezando por um segundo,

VIOLEIRO – Botou da rede o violeiro,

na beira de um poço fundo.

VIÚVA – Eles passaram na Vila,

estiveram na fazenda,

a imagem nesta mochila
e uma toalha de renda.

PAJÉ-SACACA – É bonito uma viola!

VIÚVA – Pois eu prefiro a rabeca.

PAJÉ-SACACA – Quem te perguntou, senhora?

VIÚVA – Cala esta boca, moleca!

(Os Foliões começam a rezar uma ladainha. Zulmira e Venina cantam junto e Nhá Luca, quase totalmente transformada, segue de longe o cortejo).

FOLIÕES – Kyrie, eleison.

(Cantando)

Christe, eleison.

Christe, audi nos.

Christe, exaudi nos.

Pater de caelis Deus, miserere nobis

Fili, Redemptor mundi, Deus, miserere nobis

Spiritus Sancte Deus, miserere nobis

Sancta Trinitas, unus Deus, miserere nobis

Sancta Maria, ora pro nobis

Sancta Dei Genitrix, ora pro nobis

Sancta Virgo virginum, ora pro nobis

Ora pro nobis, pro no-o-bis

Mater Christi, ora pro nobis

Mater divinae gratiae, ora pro nobis

Mater purissima, ora pro nobis

Mater castissima, ora pro nobis

Ora pro nobis, pro no-o-bis

Mater inviolata, ora pro nobis

Mater intemerata, ora pro nobis

Mater amabilis, ora pro nobis

Mater admirabilis, ora pro nobis

Ora pro nobis, pro no-o-bis

Mater boni consilii, ora pro nobis

Mater Creatoris, ora pro nobis

Mater Salvatoris, ora pro nobis

Virgo prudentissima, ora pro nobis

Ora pro nobis, pro no-o-bis

Virgo veneranda, ora pro nobis
Virgo praedicanda, ora pro nobis
Virgo potens, ora pro nobis
Virgo Clemens, ora pro nobis
Ora pro nobis, pro no-o-bis

Virgo fidelis, ora pro nobis
Speculum justitiae, ora pro nobis
Sedes sapientiae, ora pro nobis
Causa nostrae laetitiae, ora pro nobis
Ora pro nobis, pro no-o-bis

Vas spirituale, ora pro nobis
Vas honorabile, ora pro nobis
Vas insigne devotionis, ora pro nobis
Rosa mystica, ora pro nobis
Ora pro nobis, pro no-o-bis

Turris Davidica, ora pro nobis
Turris eburnea, ora pro nobis
Domus aurea, ora pro nobis
Foederis arca, ora pro nobis
Ora pro nobis, pro no-o-bis

Janua caeli, ora pro nobis
Stella matutina, ora pro nobis
Salus infirmorum, ora pro nobis
Refugium peccatorum, ora pro nobis
Ora pro nobis, pro no-o-bis

Consolatrix afflictorum, ora pro nobis
Auxilium christianorum, ora pro nobis
Regina angelorum, ora pro nobis
Regina patriarcharum, ora pro nobis
Ora pro nobis, pro no-o-bis

Regina prophetarum, ora pro nobis
Regina apostolorum, ora pro nobis
Regina martyrum, ora pro nobis
Regina confessorum, ora pro nobis
Ora pro nobis, pro no-o-bis

Regina virginum, ora pro nobis
Regina sanctorum omnium, ora pro nobis
Regina sine labe originali concepta, ora pro nobis

Regina in caelum assumpta, ora pro nobis
Ora pro nobis, pro no-o-bis

Regina sacratissimi Rosarii, ora pro nobis
Regina pacis, ora pro nobis
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi,
parce nobis, Domine.
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi,
exaudi nos, Domine.
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi,
miserere nobis.

FOLIÕES – A alma deste finado
pede o só seu bom descanso,
uma missa, uma encomenda,
e uma beira de rio manso.
Mas deixou dito no sonho
que estava triste, empambado,
por via das circunstâncias
que viveu no Pau Dobrado.
Que ninguém rezou por ele,
que foi entregue às saúvas,
mas se lembra de uma filha
e deixou duas viúvas...

VIÚVA – Duas viúvas? Cretino!
Nem de uma ele deu conta.
Viúva, esta sirigaita,
esta pamonha, esta tonta?

PAJÉ-SACACA – Viúva não sou nem quero,
mas como fêmea lhe digo:
despois que me quis, Antero
nunca mais deitou consigo.

VIOLEIRO – No corpo que veio à tona,
há pouco, muito pouquinho:

BANDEIREIRO – Uma calça até rasgada

RABEQUEIRO – E uma camisa de linho.

VIOLEIRO – Nada nos bolsos da frente.

BANDEIREIRO – Nada nos bolsos de trás.

RABEQUEIRO – A boca, aberta e vazia,
baba que nem bebarraz.

VIOLEIRO – Nem matiri, nem aljava,
matulão, mala, embornal,
algibeira, bolsa, fralda,
cesto, atura, cabedal

VIÚVA – Deixou tudo pra donzela...!

PAJÉ-SACACA – Vá pegar no Pau Dobrado.

VIÚVA – Eu não! Faça bom proveito.

PAJÉ-SACACA – É tudo pra ser queimado.

VIÚVA – Será que engoliu a Chave?

PAJÉ-SACACA – Só se foi, mas eu duvido...

VIÚVA – Só desse jeito se explica.

PAJÉ-SACACA – Revistei cada sentido.

BANDEIREIRO – Tudo ou nada que ele tinha,
já que não tinha ninguém,
vai junto pra sepultura
e, se vai leve, vai bem!

VIOLEIRO – Viúva de cara triste
pelo caminho não houve.

BANDEIREIRO – Nem uma, que dirá duas...

RABEQUEIRO – Isto é tudo o que lhe aprouve.

VIOLEIRO – Querendo Deus, não tem ódio,
gula, inveja, mal-querença,
ciúme, sonho encruado,
dívida, praga, doença.

VIÚVA – Dívida tem, sim! Comigo.

PAJÉ-SACACA – Adorava um caribé...

VIÚVA – Não cumpriu o combinado.

PAJÉ-SACACA – ...paçoca, paca e chibé.

VIÚVA – Teve amor, mas teve raiva.

PAJÉ-SACACA – E um sonho que não viveu:
ir embora pra São Paulo.

VIÚVA – Antes ele do que eu...

FOLIÕES – Não vai de volta pra casa,
porém, assim, miserável.
Leva nossas encomendas
e uma coisa admirável:
uma prenda bonitinha,
sabe lá Deus de onde vindo,
que veio veio atrás dele
rebolindo, rebolindo...
Uma fibra entretecida
e nela presa esta aljava
e dentro dela, escondida,
sabem vocês o que estava?

(Os Foliões fazem aparecer O Cordão e A Aljava e se preparam para jogá-la na sepultura).

Cena 15

O Bicho
(Décimo Diálogo – Décima-Segunda Música)

(A Chave do Fundo Reino é engolida pelo Bicho no qual A Filha da Viúva foi transformada.

As duas se unem, então, para persegui-lo e recuperar A Prenda).

VIÚVA – Um momento! Sou eu mesma
a herdeira. Me dê isto.

É bem de raiz, devolva!

BANDEIREIRO – E se perdeu pelo visto.

RABEQUEIRO – Então diga o que tem dentro:
a forma, a cor e o tamanho.

VIOLEIRO – Se disser, ninguém condena
seu olho seco, castanho.

PAJÉ-SACACA – É tudo o que ela não sabe,
porque nunca a mentirosa
sequer se espetou no espinho,
quanto mais cheirar a rosa.

VIÚVA – O nome dele é Antero.
E é de família, eu garanto,
a prenda que se confisca
pela Bandeira do Santo.

BANDEIREIRO – Se ninguém solve o mistério
ou prova a propriedade...

RABEQUEIRO – De fato, falando sério,
é hora, já fica tarde.

VIOLEIRO – O morto será de hoje?
Será dele mesmo a prenda?

PAJÉ-SACACA – O que tem dentro é segredo,
motivo de grã contenda.
Não pode ser revelado
por Deus ao Diabo ou ao Mundo.
Abre os céus e arromba as portas
dos infernos mais profundos.

BANDEIREIRO – E a senhora representa...?

PAJÉ-SACACA – A dona deste apetrecho
de meu pescoço arrancado
no dia deste desfecho.

VIÚVA – É a manceba, a prostituta,
a sem hora, a concubina,

descarada, sem-vergonha
ladra e ave de rapina.

PAJÉ-SACACA – Em vosso poder se encontra
um poder que não domina,
mas que me foi destinado
por graça desde menina.
Foi pertence de uma tia
da avó de minha avó:
tira da dor alegria,
da areia faz ouro em pó
Dizer-vos mais eu não posso.
Seria romper um selo
guardado por muito tempo
com carinho, graça e zelo.

RABEQUEIRO – Se mais não pode ser dito
nada pode ser provado.

VIOLEIRO – Então que se abra o embrulho
pra ver o que está guardado.

VIÚVA – Que o pacote seja aberto!
Eu autorizo a medida.

PAJÉ-SACACA – Pode ser a pior coisa
que já fizeste na vida.

RABEQUEIRO – Só existe um outro jeito
de resolver a pendenga.

BANDEIREIRO – E qual seria a saída
pra parar com a lengalenga?

RABEQUEIRO – Decidir que este mistério
não pode ter senhorio.
Devolva-se a bela prenda
às águas fundas do rio.

*(Os Foliões atiram de volta ao Rio A Chave do Fundo Reino.
A Viúva e A Pajé-Sacaca precipitam-se para alcançá-la.
Neste momento, porém, O Bicho em que A Filha da Viúva se transformou
reaparece e engole A Prenda devolvida para as águas).*

PAJÉ-SACACA – A Chave – que bicho é este,
que passou feito uma enguia?

VIÚVA – É Nhá Luca descumprindo
a sina do dia-a-dia.

PAJÉ-SACACA – Nhá Luca? Tua embiara?

VIÚVA – Do jeito que vai se havendo:
aos poucos se deformando,
aos poucos se derretendo.

PAJÉ-SACACA – Não pode ser. A coitada...

VIÚVA – Já virou. E a culpa é tua!
Já virou, não é mais nada,
não é do Sol nem da Lua.

PAJÉ-SACACA – Mas se foi com nosso assunto
atravessado no bucho.

VIÚVA – Fez de pirraça, a danada,
se intrometeu, deu-se ao luxo.
Vamos atrás, vem, me ajuda.

PAJÉ-SACACA – Ah, e agora quer que eu me abale!?
E por que me abalaria?
É bom que eu até me cale.

VIÚVA – Não são teus os tais cuidados?
O interesse não é teu?
Ela vai sumir no mundo.
E babau. Nem tu nem eu.

PAJÉ-SACACA – Bem, já que então reconhece
minha excelsa primazia...
Venha atrás, como merece.
Saberei ser sua guia.

VIÚVA – Surgiu do nada a menina,
pro nada se foi, parece.
Te apressa, logo, Venina.

Ou prefere que eu me apresse?

(A Viúva segue A Pajé-Sacaca enquanto Os Foliões sepultam O Xerimbabo Seu Antero Denizar).

Cena 16

Pau Dobrado

(Décimo-Primeiro Diálogo – Décima-Terceira Música)

*(Em fuga, O Bicho busca as águas do Porto do Pau Dobrado.
Unidas pela sede de poder, A Pajé-Sacaca e A Viúva decidem matar O Bicho.
Retiram-no das águas. É o Pôr-do-Sol.
A luz vai descendo.
Enquanto A Viúva sustém O Bicho, A Pajé-Sacaca rasga suas entranhas).*

PAJÉ-SACACA – Vai de volta pros encantos
do Porto do Pau Dobrado.
Se perde desesperada
quando camba pros meus lados.

VIÚVA – Cerque a tolinha Fuluca!

PAJÉ-SACACA – Eu chamo de sacaninha...

VIÚVA – Caiu mesmo na arapuca.
Se não na sua, na minha.

PAJÉ-SACACA – Eu vi isso inda garota,
sem calça na tua porta.
E agora esta monstra bota,
feia, lisa, cara torta.

VIÚVA – É pra ver quanto se ganha
quando alguém comigo aposta:
se não sabe da barganha,
fica com cara de bosta.

PAJÉ-SACACA – Pterodáctilo, peixe,
preguiça gigante, anum...
Que maldade! Deixe, deixe:

eu capturo o muçum.

VIÚVA – Quer subir para o trapiche.
É tua a casa acolá?

PAJÉ-SACACA – Vai ser muito da bem-vinda:
suba da água pro ar.

(A Pajé-Sacaca e A Viúva retiram O Bicho das Águas).

VIÚVA – Arfa como uma baleia
arpoada. Sente dor.

PAJÉ-SACACA – É o sol poente. Encandeia!
É a hora de o sol se pôr.

VIÚVA – Está sem sustança, a doida.

PAJÉ-SACACA – Não demora desfalece.

VIÚVA – Nhá Luca, vomite a Chave!

PAJÉ-SACACA – Vem vindo a noite. Anoitece.

VIÚVA – Ela engoliu nossa prenda.

PAJÉ-SACACA – Nossa? Estava em meu pescoço,
na beira deste trapiche,
quando Antero teve um troço.

VIÚVA – Engula, então, não vomite!

*(Para A
Filha)*

PAJÉ-SACACA – A luz do sol que se apaga
atrás do pé de cutite.

VIÚVA – Se tranque, que assim não caga.

*(Para A
Filha)*

PAJÉ-SACACA – Tua filha vai morrer!

VIÚVA – Será de morte morrida.

PAJÉ-SACACA – Pode ser, mas quase sempre
morte sabe ser bandida.

VIÚVA – E como salvar a prenda
que o mundo inteiro bem quer?

PAJÉ-SACACA – Só tem um jeito. Resolva.
Anda logo, anda, mulher!

VIÚVA – Abra o matiri, Venina.

PAJÉ-SACACA – Nem gadanha, viu, condeixa?,
(Procurando nem foice, nem patavina.
no matiri) Só um “esse” e uma pateixa.

VIÚVA – E a chave é de quem, cúira?

PAJÉ-SACACA – Não de quem já estiver morta.
Olha: ela ainda respira.

VIÚVA – Eu seguro. Você corta.

(A Pajé-Sacaca obedece. Rasga as Entranhas do Bicho. Depois olha em volta).

PAJÉ-SACACA – O último raio, o último,
é mais bonito daqui.
Parece um guará pousando
na palmeira do açai...

*(Sustentada pela Viúva, O Bicho estremece.
A Pajé-Sacaca gira em torno dele.
Os Foliões avançam lentamente).*

FOLIÕES – Evém, meu Santo Expedito
nesta hora de aflição
Vós sois o Santo Bendito
que abrandou meu coração
Santo Guerreiro, vos peço
socorrei-me em vosso manto,
envolvi-me nesta hora

quebrai agora o quebranto
Santo das Causas Urgentes,
junto a Cristo intercedei
por mim, que lhe teço loas,
ao meu pedido atendei
Santo das horas difíceis,
dos filhos desesperados,
cada demanda vencida
meu Santo, muito obrigado!
Protegei-me, dai-me força,
ninguém virá me julgar
abrigai minha família
na terra, no céu, no mar
Pelas Causas as mais Justas
dai-me paz, tranqüilidade
e pra seguir sem tropeço
coragem, serenidade
Serei grato toda a vida
porque agora sei quem é
repetirei vosso nome
no poder, no amor, na fé.

FIM

**OS
ESCONDIDOS
DE DEUS**

Apresentação

No ano de 1656, o Padre Antônio Vieira fez um sermão na Igreja Matriz de Belém. Seu tema: a sorte de não se ter achado minas de ouro e prata no Pará. Quem saberia, então, de que de fato um eldorado escondia-se nas entranhas da terra paraense? E quem ousaria adiantar as desgraças que sua descoberta futura acarretaria? O sermão do Padre é de alívio, mas a História logrou contraditar – ao mesmo tempo em que corroborava seus ensinamentos – a certeza de uma pobre e feliz espiritualidade. É, portanto, dessa dupla base que se nutre o texto “OS ESCONDIDOS DE DEUS”: mazelas e ganhos temporais e espirituais em sua permanente peleja.

Parti de duas narrativas lendárias a respeito de Vieira – a da sabedoria entregue a ele na juventude por Nossa Senhora e a do auxílio de um Anjo ao menino uma vez perdido no caminho da escola – para encaixar, fundindo-as, o argumento que se segue. O fruto é uma narrativa, o mais possível densa, acerca de opressão e cobiça nas terras do Grão-Pará, não naquele mesmo instante, apenas, mas através de sua história. Gira em torno de um encontro entre outro Antônio, um menino escravo, e aquele Anjo que o vem resgatar, na oportunidade da expectativa de nossa gente pelas riquezas, assim como da reprimenda do Padre a seus malefícios.

A intenção, porém, ao final, é que, retirados os adornos conceituais, possa-se lê-la sem pejo de encontrar uma história carregada de movimento, conflitos, interesse, drama, paixão, tragédia e, também, um certo humor, sem lhe acrescentar ainda a marca das grandes linhas da cultura amazônica, mas com o cuidado de delinear o entrechoque das influências européias, negras e indígenas que se mesclariam pelo futuro a dentro para imprimir seu resultado nas páginas da História.

Personagens

No Prólogo:

Antônio, O Vento, A Chuva, A Canoa, O Trovão, O Raio,
Samuel, Elpídio, Peão 1, Peão 2, Peão 3

No 1º Ato:

Madalena, Nazaré, Belém, Uriel, Carro de Boi,
Antônio, O Cajado, Os Besouros,
As Três Marias, Coro Masculino, Coro Feminino.

No 2º Ato:

Antônio, O Cajado, Uriel, Samuel, Nazaré, Belém, Madalena,
Carro de Boi, Elpídio,
As Três Marias, As Bruxas

No Epílogo:

Nazaré, Belém, Madalena,
Carro de Boi, O Cajado, Uriel, Samuel

PRÓLOGO

O Livro das Tentações

Cena 1 (A Fuga)

(Um escravo chamado Samuel tenta fugir, levando o filho Antônio. Vai em busca das minas de ouro e prata que ninguém consegue achar. Quer comprar a liberdade, mas é traído e preso na hora da partida. O menino, no entanto, logra escapar em uma canoa. A cena é de tempestade, temporal, chuva, vento, raios e trovões. Uma música pontua a onomatopéia dos sons. O Vento, a Chuva, o Trovão e o Raio unem-se para destruir a embarcação).

ANTÔNIO – Meu Deus, o dia começa
fechado, como uma noite.

O VENTO – E eu bato na tua cara
com chicote, vara e açoite!

A CHUVA – Dadonde foge este peste?

ANTÔNIO – Dadonde sopra este mal,
que arrancou todas as roupas
de mãe, a palha e o varal?

O VENTO – Ele diz que vai em busca,
o leso, das quinquilharias...

A CHUVA – Nessa Canoa furreca,
num casco de montaria?

ANTÔNIO – Ai, que a Chuva nos devora,
canoinha, apruma a quilha!

A CHUVA – Franzino, o peito magrelo,
e um trapo sobre a virilha?

O VENTO – Chegou nele o palavrório
sobre o padre português...

A CHUVA – O que falou mal das minas...?

O VENTO – De uma fala igual de inglês...

ANTÔNIO – Vento calma, calma Vento!
Por que me queres perder?

(A Canoa tenta convencer o menino a retornar ao porto).

A CANOA – Antônio, rema de volta,
espera o dia acender!

O VENTO – Mas não fui eu quem soprou
no ouvido dele serpente.
Foi o Pai.

A CHUVA – Estava na Igreja,
ouvindo o sermão, na frente.

O VENTO – Esse! Eram dois os valentes.

A CHUVA – Mas um não vejo... Perdi!

ANTÔNIO – Canoinha, por meu pai!

A CANOA – Teu pai te largou, o triste,
debaixo deste aguaceiro!

ANTÔNIO – Ele foi preso, tu viste!

A CHUVA – Corpo já deve ter dado
na praia do Sernambi.

O TROVÃO – Bem feito! Foi descoberto
na lúcifer luz do Raio.

O RAIOS – E quem se esconde a contento
na hora em que cambo e caio?

(A Canoa se transforma em Samuel, o Pai de Antônio. Antônio e Samuel conversam às escondidas. O Raio se transforma em Elpídio, o Feitor do Engenho.

A Chuva, o Vento e o Trovão se transformam em peões, que vêm para impedir a fuga. A Cena é outra, em tempo anterior).

Cena 2
(As Minas)

SAMUEL – Antônio, manhã bem cedo
a gente nós, se escafede.
Vamos atrás dessas minas!

ANTÔNIO – Quais minas, pai, que sucede?
Mãe não quer...

SAMUEL – Mãe não quer mesmo!
E nem vai ficar sabendo.
Quando ela menos espera,
a gente volta correndo.

ANTÔNIO – Foi a palavra do padre?

SAMUEL – A palavra dele não,
que falou no contradisse
dessa minha decisão:
que a riqueza era maldita,
que melhor é não ter ela
do que tê-la, de bendita,
transformando-se em mazela.

ANTÔNIO – Eu vou consigo, meu pai.
Mas quero lhe perguntar
de que adianta a riqueza,
se é pra gente se danar?

SAMUEL – Mas, Antônio, os escondidos,
os escondidos de Deus,
nas profundezas da terra,
são de seus filhos. São meus!

ANTÔNIO – E estas minas não existem!

SAMUEL – Ninguém soube foi achar.
Mas eu encontro. Sei tudo
do mapa desse lugar.

ANTÔNIO – E depois? Mesmo que ache...

SAMUEL – Compro nossa liberdade.
Dou de prêmio aos inimigos
e me mudo de cidade.

*(Samuel volta a ser a Canoa. Voltam também as demais personagens.
É o mesmo quadro da Cena 1).*

Cena 3
(A Sentença)

A CANOA – Daqui não posso, não passo!

ANTÔNIO – Queres mesmo me afogar,
eu, que raspei este casco,
pus fogo e te vi queimar?

A CANOA – Se toda me desmantelo!

ANTÔNIO – Até na curva do rio,
será que não te sustentas?

A CANOA – Antônio, é vento bravio!

O VENTO – Ora, a Canoa se queixa!

A CHUVA – Dos maus ventos está farta!

O VENTO – E o menino sobre ela?

A CHUVA – Esse? Ora, o raio que o parta!

O RAIOS – Alumiei, mesmo, a treva
que precede o sol nascer
só pra ver o desgraçado
ser preso sem merecer.

O TROVÃO – E o barítono que eu fiz...
Depois o baixo – ah, meu baixo!
Foi de acordar os anjinhos
e desarrumar seus cachos.
Completei com um sopraninho
bem no ouvido do Feitor,

depois passei pra um contralto
e me afastei num tenor!

O RAIIO – Culpada foi mesmo a Chuva,
que nunca sabe avisar.

O TROVÃO – É, ela cai como bruxa
da vassoura pelo ar.

A CHUVA – Faz é teu serviço, logo,
(Para O Raio) imita a luz do Astro-Rei,
rasga as trevas e a Canoa
e acaba o que comecei!

ANTÔNIO – Foi-se o remo, minha prenda!

A CANOA – Logo, logo estás sozinho!
Já não tenho serventia.
Te atira no remoinho!

(Mais uma vez o Raio se transforma no Feitor. A Chuva, o Vento e o Trovão voltam a ser peões. Eles barram a passagem de Antônio e Samuel).

Cena 4 (A Prisão)

ELPÍDIO – Alto lá! Quem se aproxima?

ANTÔNIO – Pronto, pai. Mãe bem que disse!

ELPÍDIO – Vai cantar a lazarina!

SAMUEL – Hora pior pra tolice!
(A Elpídio) Samuel! Venho sozinho.

ANTÔNIO – Sozinho!?

SAMUEL – Vai lá, te escapa!
(Ao filho)

ANTÔNIO – Ara, essa é boa! E vancê?

SAMUEL – Da noite, a prata eu queria,
o cobre da aurora acesa
e o ouro do pleno dia...

ELPÍDIO – Se nem tua fêmea aprova!

PEÃO 1 – Toma prata!

PEÃO 2 – Toma ouro!

ELPÍDIO – Contou tudo e disse a hora!

PEÃO 3 – Sente o peso do tesouro!

SAMUEL – Foi pura bondade, a dela!
Quis só ser a protetora
da casa que nos protege
e do homem que ela adora.

ELPÍDIO – Não ouviste o que foi dito
pelo padre de Lisboa?
Toda desgraça começa
quando a prata má ressoa.

(Os Peões continuam batendo).

PEÃO 1 – E a tua já se inicia.

PEÃO 2 – No que a luz do Raio aponta.

PEÃO 3 – No que o Vento denuncia.

PEÃO 1 – E no que o Trovão desmonta!

(Samuel desfalece).

PEÃO 2 – O caboclo não se mexe...

ELPÍDIO – Era dele mesmo a hora.

PEÃO 3 – Parece que nem respira...

ELPÍDIO – Então pode jogar fora.
Aqui quem morre não acha

sempre seu retorno ao pó.
Nascer na várzea é uma sina,
morrer na chuva dá dó.
Ele que se perca longe
– não tem mais como ter mágoa.
Se da água veio à tona,
então que retorne à água!

(O corpo de Samuel é atirado no rio. Volta o primeiro quadro: Samuel se transforma na Canoa. Os outros atores assumem as outras personagens).

Cena 5

(O Naufrágio)

CANOA – Estás sozinho moleque:
me acabo no pedregulho!

ANTÔNIO – A Noite até fez um leque,
caiu no rio feito entulho.

O VENTO – É agora que arremeto!

A CHUVA – Sem pena. Jogue o fedelho!

O VENTO – Ah, bem queria que o Raio
triscasse nele. O joelho!

O RAIIO – Mas vamos juntos nós todos,
fica assim mais engraçado.

A CHUVA – Se demora eu enfraqueço
e acabo pondo de lado.

O TROVÃO – Quero garantir a presa:
já deu por demais trabalho.

O VENTO – Mas ao menos dê um susto,
senhor Raio, no caralho!
E a Canoa? Parta ao meio!

O RAIIO – E por que não vamos juntos?,
eu acho mais bonitinho!

A CHUVA – Agarrou-se nos pedaços.
Olha só como balança!

O VENTO – Parece até que está rindo...

A CHUVA – Se calhar, ele até dança!

O VENTO – É, Chuva, vai barrelando
a ousadia do pequeno:
sacode tudo na beira:
que ele sorva o teu veneno.

A CHUVA – Nessas águas encrespadas
é que se houve comigo:
que ele se acabe de um lado
e de outro o seu abrigo.

(A Canoa se despedaça. Antônio é atirado para dentro do rio, submerge e desaparece).

Fim do Prólogo

Cena 6
(As Três Marias Desconsoladas)

*(As Três Marias, Madalena, Nazaré e Belém se encontram no trapiche.
Vêm em busca do corpo de Samuel e de notícias a respeito de Antônio).*

MADALENA – As horas pararam
na curva do dia.

NAZARÉ – E as nuvens, espia:
pedradas que estão.

MADALENA – Mana, que é do corpo?

BELÉM – Sabe Deus!

NAZARÉ – E agora?

BELÉM – O vento de fora
não sopra há um tempão.

MADALENA – Mana, que é do corpo?

BELÉM – Sei lá, Madalena!

NAZARÉ – Eu fico é com pena
de lhe ver assim...

BELÉM – Nem a noite chega,
nem o dia avança.

MADALENA – E a tua criança?

BELÉM – Mana, olha pra mim!

MADALENA – Meu Deus, que suplício!

BELÉM – O homem afogado

e o filho... coitado!

NAZARÉ – Reza, meu amor!
Faz uma promessa,
pede a Jesus Cristo
que te livre disto.

MADALENA – Por Nosso Senhor!,
se pego este cabra...!

BELÉM – O Feitor nojento...

MADALENA – Cabra pestilento!

NAZARÉ – Não chora, Belém...

BELÉM – Por que sofre tanto
quem a dor procura?

MADALENA – Não, mana, esconjura:
Chora, que faz bem.

NAZARÉ – Eu já sei. Vumbora!

MADALENA – Que vumbora nada!
Parou a enxurrada,
parou de correr.

BELÉM – É mesmo, olha a ponte!
Quede que balança?
E este sol de lança
que não quer morrer!

NAZARÉ – Belém, eu insisto!
(Tem uma Samuel decerto
visão) tem um olho aberto
e um punhal na mão.

*(Uriel, o Anjo passa por elas, sem que o vejam de fato.
As mulheres se assustam e tremem.
Nazaré segue alheia, destaca-se das outras).*

MADALENA – Que vento foi esse?
Que friagem essa?

BELÉM – Tô com medo à beça...

MADALENA – Visagem, visão!

BELÉM – Coisa do demônio
pra atentar a gente...

NAZARÉ – Um olho penitente
(*Ainda a visão*) de quem quer voltar.

MADALENA – Olha! Não é ele?
(*Divisa algo*)

NAZARÉ – Morto às vezes morre
mas o olho escorre.

BELÉM – Escorre de chorar!?

MADALENA – Sim, menina, é sério...!
Como se sofresse,
lá se arrependesse
de algum feito mau.

BELÉM – Mas, Nazaré, como?,
que história maluca!
Ficaste caduca?
Um punhal...! Punhal?

MADALENA – Olha, não te disse?
Olha o que vem vindo!

NAZARÉ – Ai, que é o demo rindo!

BELÉM – Não vejo. O que foi?

NAZARÉ – Samuel. É ele!

BELÉM – Credo, já, comadre!

MADALENA – Mais parece é um padre
num Carro de Boi.

(*Uriel, o Anjo, passa por elas outra vez, velozmente, agora em um Carro de Boi.*)

BELÉM – Mas o que foi isso!?

NAZARÉ – Vumbora atrás dele.

MADALENA – Dele quem, que ele,
mal eu vi passar...!

BELÉM – Aposto que o diabo...

NAZARÉ – Que diabo!

BELÉM – O capeta!
...já está de veneta
pra nos abecar.

MADALENA – Como, se era louro,
vestido de branco,
um brinco e um tamanco?
Bem... assim que eu vi!

BELÉM – Pois eu vi-lhe a pele
toda sulfurosa,
placas monstruosas,
fedor de xixi.

NAZARÉ – E o cocar?, não deste
com o cocar de penas,
plumas, açucenas,
som de maracá?

BELÉM – Acho que era o diabo!

MADALENA – Para mim, um anjo!

NAZARÉ – Era só um marmanjo
de um tupinambá.
Vamos é ver logo
se eu pensei direito,
se vi bem no jeito
teu macho, mulher!

BELÉM – Vamos, Madalena?

MADALENA – Sim, vamos com ela,

que essa tagarela
só faz o que quer.

BELÉM – Nós também podemos
ir pelo caminho
atrás do diabinho
que nos visitou.

MADALENA – Mas se todo o esforço
for só pra castigo
vais te haver comigo,
vais te arrepender!

NAZARÉ – Belém, tu... que dizes?

BELÉM – Eu confirmo, amiga.
Estás comprando briga.
Também quero ver.

NAZARÉ – Ah, pois vou na frente
das desmioladas
matar a charada
que me embatucou.

(Atraídas pela passagem tão rápida de Uriel, elas seguem atrás do Carro de Boi).

Cena 7

(O Anjo em Seu Carro)

CARRO DE BOI – Elas correm. Vêm atrás da gente.

URIEL – É aqui, talvez... ou mais na frente!?

CARRO DE BOI – São danadas essas raparigas!
São curiosas... Boas de briga!

URIEL – Para! Para! Não. Onde foi mesmo
que esse menino ficou a esmo?

CARRO DE BOI – Que cargas d'águas um anjo alado
quer se batendo por um coitado?

Eu não atino!

URIEL – Mas eu te digo:
sabes quem dele se fez amigo?

CARRO DE BOI – Hum... nem imagino.

URIEL – Vai, vai, vai, toca!
Quero esta noite numa maloca.
Já me chega dormir ao relento!

CARRO DE BOI – E Anjo dorme? Também solta vento?

URIEL – Não te interessa... Não te interessa!
Quero é um descanso, um vinho... Te apressa!

CARRO DE BOI – Mas ora essa! Anjo não voa?
Ide lá sozinho.

URIEL – Ah, me perdoa!
Não quis te ofender. Nem ser ingrato.

CARRO DE BOI – Estais me saindo é um grande de um chato!
Eu, sendo anjo, vivia alegre,
não aceitava nada que regre.
Jamais que iria andar de carro!

URIEL – Mas eu não posso ficar de escarro,
exibir dotes... nós não usamos!,
arrotar grande por onde andamos.

CARRO DE BOI – Eu, hein, que estrago! Vossos poderes
não são de Arcanjo? Não sois tais seres?

URIEL – É que os poderes, quanto maiores,
mais nos impõem de sermos menores,
mais nos reduzem, mais nos humilham...

CARRO DE BOI – Mestre! Vossos olhos: tanto brilham...

URIEL – ...já que entre os grandes, sermos pequenos,
e entre os pequenos, ainda menos...

CARRO DE BOI – ...que vejo o tanto das alegrias...

URIEL – ...um quase nada, já denuncia
um tudo sermos nos sete céus!

CARRO DE BOI – ...o jorro louco das mãos de Deus!

(Há um estrondo de trovão e a luz de um Raio. As Três Marias chegam junto a elas e os surpreendem. Só Maria de Belém chega atrasada).

Cena 8

(O Carro de Boi)

URIEL – Mas o que é isso?

CARRO DE BOI – Ih! Chegaram elas.

(O Anjo se oculta por detrás do Carro de Boi).

NAZARÉ – Opa, que beleza!,
chegamos na hora.

MADALENA – Muito bem! Agora
vamos já sondar.

CARRO DE BOI – Falei.

URIEL – São elas, as tagarelas?

CARRO DE BOI – Anda me disfarça, e com urgência!,
dá-me depressa uma outra aparência!

URIEL – Que elas confundam a tua imagem
e me dispensem dessa bobagem.

(Uriel transforma o Carro de Boi em um homem).

BELÉM – Por que me deixaram
para trás sozinha?

NAZARÉ – Vê, minha rainha,
o que eu vi passar.

tanto encantamento,
mas pajé dou tento
que aquilo não é.

CARRO DE BOI – Pensa que seja... exatamente
o que, mulher? Diga-me o que sente.

BELÉM – Um diabo, me ouça,
(Interrompe) que você carrega.
sem medo, nas pregas
desse coração.

MADALENA – Perdoe a coitada,
(Contemporiza) seu estado aflito.
Pois já lhe foi dito,
que tanta aflição...

CARRO DE BOI – ...Sim, o filho, que se chama Antônio,
e Samuel... ferreiro, risonho!

MADALENA – Oh! Tu sabes, filho.
Mas como soubeste?

URIEL – Seu patife, me roubas a cena!

CARRO DE BOI – Quero preservar-vos, Mestre, apenas!

BELÉM – Não digo, é uma peste,
vê com um olho mau...

MADALENA – Mas pode ser ele
mesmo o Anjo belo,
pálido, amarelo,
que vi no curral...!

CARRO DE BOI – Pois te digo: trazes uma prenda
(A Madalena) guardada há anos, toda de renda.
Esperas muito que alguém retorne
e para ele a prenda te adorne.

URIEL – Usas o selo da confiança
para iludir! Quebras a aliança!

MADALENA – Como saberias

dos meus escondidos
destes meus vestidos,
destes meus porquês!?

BELÉM – Madá, não te engana:
o diabo bem sabe
do que dentro cabe,
dos nossos cadês.

CARRO DE BOI – E tu: cala! Conheces o diabo,
(*A Belém*) seu tridente, sua face e o rabo
porque te enfronhaste, vestal linda,
em esconjurações, menina ainda.

NAZARÉ – Calma lá, coisinha,
olha a confiança!
Toda essa lambança
fica mal em ti.
Só te compra o tolo
que não te conhece.

URIEL – Olha a máscara se desfazendo...

NAZARÉ – Vê se te parece
que haja um besta aqui!

URIEL – ...com o suor, a cara derretendo!

NAZARÉ – Saibas tu que eu vejo
neste quarto escuro,
passado e futuro,
melhor que ninguém!

CARRO DE BOI – E eu sei benzinho o que te sucede
(*A Nazaré*) como tu ages, como procedes,
como apunhalas tuas amigas,
tecendo teias, armando intrigas.

MADALENA – Contra quem, nós duas?
Mas são tantos anos...

BELÉM – ...mas são tantos anos!
Quem diria, quem...?

CARRO DE BOI – Ela trama vossos dissabores
e os alivia com seus licores,
com suas rezas, suas mezinhas...
Vós sois o palco dessa atrizinha!

*(Enciumado, Uriel, o Anjo, torna-se invisível e vai para junto de Nazaré.
Começa assim a inspirá-la em sua descrença).*

URIEL – Pois invisível, assim me faço,
e pela força dela desfaço
tua tramóia, teu belo enredo
os miritis desse teu brinquedo.
(A Nazaré) Sente meu bafo, sente a presença!
Anda, aprofunda essa desavença!

NAZARÉ – Já que me acusaste
desse crime horrendo
pronto me defendo,
digo já o que foi.
(Às amigas) Quando viste um anjo
de Deus enviado
vir transfigurado
num carro de boi?

*(A visão poderosa e a fala de Nazaré fazem com que Souzel volte à forma de
um Carro de Boi).*

CARRO DE BOI – Mas eu não disse que fosse um Anjo!
(Transforma-se)

BELÉM – Não mesmo! És o demo!
(Benze-se)

MADALENA – Eu quero que sejas!
E que nos protejas
per omnia. Amém!

URIEL – Que estás pretendendo com uma farsa,
que se disfarça como outra farsa?

CARRO DE BOI – Em mim viaja o maior Arcanjo!
Um simples carro de boi seria
se não carregasse essa agonia:
ser veículo do mensageiro

entre as misérias de um pardieiro!

MADALENA – Meu Deus, que surpresa
tu me reservaste?
Que foi que enviaste
das bandas do além?

BELÉM – Muito bem: não disse?
O diabo é tratante.
Nesse mesmo instante
quer nos seduzir.

NAZARÉ – Olha lá, não disse?
Tudo pantomima,
que só desanima,
só faz destruir!

CARRO DE BOI – Alto! Quero um tempo. Paciência!

URIEL – Vai desatar toda a incoerência!

CARRO DE BOI – Tenho um segredo, uma verdade...

URIEL – Como ele pode? Que falsidade!

CARRO DE BOI – ...sim, a revelar pra todo mundo:

BELÉM – Tudo isso, mana,
não são documentos,
enfeitiçamentos
que o cruel nos traz?

NAZARÉ – Bem estranho, mesmo,
ante as nossas vistas!
Precisa um artista
muito do capaz!

CARRO DE BOI – ...Tudo o que disse nestes segundos
foi-me confiado na viagem
por este ser, quase uma miragem,
que Deus me deu para ser levado
por essa terra, de lado a lado.

(Para Uriel) E a ele eu peço, com todo o zelo,
que se apresente a quem quer vê-lo.

URIEL – Seu ridículo comediante!
Como ousas me meter avante
deste plano sem pé nem cabeça
que engendraste! Achas que eu mereça?

NAZARÉ – Onde, então, se esconde?

BELÉM – Por que nos deplora?

MADALENA – Já não vejo a hora
de acordar, meu Deus!

NAZARÉ – Quede este cacique?

BELÉM – Quede o pandemônio?

MADALENA – Que enredo bisonho,
é o pior sonho meu!

CARRO DE BOI – Mestre, abandonai o esconderijo.

URIEL – Pensas que ouço, ou que me aflijo?
Não me submeto a teus ditames!

CARRO DE BOI – Seja eu, de todos os infames,
o que melhor vos serve!

URIEL – Servia!

CARRO DE BOI – Eis meus préstimos.

URIEL – Sem serventia!
Não te disse? Venho mensageiro
a um menino, não a um povo inteiro!
Estragaste!

CARRO DE BOI – Não vos peço nada
além da verdade consagrada.

URIEL – Já que me amarras, pois bem, que seja!
Que cada uma delas me veja,
mas que me veja como imagina
e eu seja múltiplo nas retinas.

E seja o que chamas de verdade
mero retalho, mera vontade!

Cena 9

(A Aparição)

(De repente, o Anjo se mostra.

Cada uma das Três Marias, entretanto, continua a vê-lo como o imaginou).

URIEL – Ah, pois partilhem do meu segredo,
antes que escape deste degredo!

NAZARÉ – Um índio, eu sabia!
Mas ah, que vergonha,
que coisa medonha!
Tinhas de estar nu!?

MADALENA – Ó, que trago amargo
o desapontamento!
O anjo desatento
mentiu. Eras tu!?

BELÉM – Outra invenção dele
para confundir-nos.
Quer é aturdir-nos,
nos desonerar.

URIEL – Mas garanto, contra esse palpíte
um presente, um agrado e um convite:
que me ajudem a encontrar Antônio
e se livrem do jugo medonho.

NAZARÉ – Pois me prove agora
ser mesmo um arcanjo:
um milagre, um arranjo
faça já, pra eu ver!

URIEL – Milagre...? Me escuso. Não faz parte
dos bons preceitos de nossa arte.

NAZARÉ – E essa indumentária,
esse figurino?

Já não és menino,
vais te resfriar.

URIEL – Arcanjos não firmam, com certeza,
quaisquer ultrajes à natureza.

MADALENA – Daqui não me abalo.
Não me vai à frente
um anjo dissidente
caído do céu...

BELÉM – E eu não faço trato,
pacto não faço,
nunca me encagaço
com o cara de réu.

MADALENA – ...que se esconde, mente
fuxica, ressentido.
Não ando com gente
que me faz sofrer.

BELÉM – Mas nenhum disfarce
sequer, costuraste,
para a imensa haste
dos chifres cobrir?

CARRO DE BOI – Capitulai, Mestre, não tem jeito:
este milagre tem de ser feito.

URIEL – Queres tu confundir essa corja...
Mas um milagre sempre se forja.

CARRO DE BOI – Vosso arsenal já não demonstrastes
no momento em que me transformastes?

NAZARÉ – Ao menos o nome
da bela entidade
a necessidade
nos faz perquirir.

URIEL – Não posso nem devo revelar-me
aos encômios de vossos alarmes.

MADALENA – És o que visita,

*(Num transe
de beatitude)*

sim, Nossa Senhora
e anuncia a hora
da concepção.
Tua voz, trombeta,
traz as boas novas,
trazes-nos a prova
da Revelação.
És uma esperança.
Teu nome rebrilha
nossa maravilha
– és a Voz do Céu.
Gozas a vitória
da sabedoria:
eu te benzeria
como Gabriel!

Ou Miguel Arcanjo,
Príncipe Celeste,
um cabra da peste
contra todo o Mal.
Tu precipitaste
a antiga serpente,
o diabo renitente,
o dragão infernal,
a legião doida,
o sedutor do mundo
no abismo profundo
– retro, para trás!
E a grande batalha
no céu comandaste,
tu que pelejaste
contra Satanás.
Anjo da justiça
e do arrependimento
para o julgamento
tu ressurgirás.
No final dos tempos,
do lado direito
do mais-que-perfeito
tu te assentarás.

Mas se te chamares
assim: "Deus te cura",
és a criatura

vinda pra acalmar.
Sentinela atenta
à porta dos lares,
abrandas os mares,
fogo, terra e ar.
És conforto contra
qualquer desespero,
contra o destempero,
contra a danação.
Senhor dos aflitos,
Senhor dos inventos,
Senhor dos talentos
és o guardião.
Do cego Tobias
curaste a cegueira
e uma companheira
lhe foste buscar.
Na longa jornada
bem assim nos leva,
de ânimo nos ceva
faz-nos prosperar.
Sim, és Deus te Cura!
Livres estaremos
quer te acompanhemos
com vigor fiel.
Eu te reconheço,
de ti me recordo
quando durmo e acordo,
meu bom Rafael.

CARRO DE BOI – Não, não! Seu nome – minhas escusas,
não atinaste, estás confusa.
Nem Gabriel, que não fez visita,
nem Rafael, que até o irrita!
Miguel tão pouco, pois de guerreiro
não tem o talhe, sequer o cheiro.
Mas a livrá-lo de todo o véu
podem tratá-lo por Uriel.

URIEL – O Anjo Custódio eu oriento.
Dou-lhe reforço e um certo alento.
Mas os motivos de meu degredo
quero travado sob segredo.

NAZARÉ – Sério! Por Antônio,
índio, eu vou contigo,
se fores comigo
buscar Samuel.
Solver o mistério
do punhal brilhante,
do olho coruscante
que eu vi reluzir.
Sei que reconheces
cada pau e trilha
de cada armadilha
desse mundaréu.
Podes à vontade
nos levar direto
ao lugar correto
onde foi cair.

CARRO DE BOI – Uma oferta que não se recusa,
meu Mestre, em hora assim tão difusa.

URIEL – Pois eu reluto, reluto mesmo
contra alianças feitas a esmo.

*(As mulheres, comandadas por Nazaré, partem cantando,
enquanto os dois discutem).*

CARRO DE BOI – Elas só leram vosso convite,
não se inteiraram pra dar palpite.

URIEL – Pois então. Não sabem da encomenda,
do que transporte... da bela prenda!
Por isso mesmo já preconizo
muitos problemas, falta de siso.

CARRO DE BOI – Achai por elas – e antes delas! –
o tal motivo das chorumelas.
Pra isso tendes minha amizade,
muitos talentos e habilidades...

URIEL – Ah, tu matutas e trapaceias,
sordidez carregas a mancheias.
Destarte imprecas um tal destino,
que até escuto o dobrar de um sino.

Cena 10
(Antônio)

(Antônio dá por si atirado na beira do rio. Já é quase noite. Lamenta a perda da Canoa, lembra dos pais e chora. Está perdido e com medo, dentro da floresta. Perdeu a esperança de encontrar as minas e cumprir a vontade do pai. As cenas se alternam entre ele e os outros, que viajam no Carro de Boi. Antônio acaba por encontrar os destroços da Canoa. E do remo antes perdido faz para si um Cajado).

ANTÔNIO – Cai a Noite como o tempo quando fecha.
Onde vim parar?
Nem um sopro, nem um Raio, uma brecha
pra me alumiar...
Se perdeu por onde a esperança das minas,
o cobre da Aurora?,
nas profundas profundezas serpentinadas
dos tempos sem hora.

(Enquanto soa a música, Nazaré observa Uriel e o Carro de Boi. Cochicha com Belém. O Anjo e o Carro de Boi também discutem em separado. Madalena está deslumbrada com a presença dos estranhos).

NAZARÉ – Desconfio de um tal contrato!
Mui matreiros nossos amigos...
Seus cochichos são muito antigos:
são tramóias, não são relatos.

BELÉM – Pois tu sabes que não são novas
as idéias que levo a cabo:
são poucos, reles, mas são diabos.
Estou seguindo atrás de provas.

CARRO DE BOI – Estais insatisfeito,
Mestre? Sem proclamas!
Há de haver um jeito:
evitai o drama.

URIEL – Como podes tanto
festejar um trato
que nos rói o manto
qual se fosse um rato?
E como te atreves

a me por argola
nas ventas reveses,
como um boi? Pachola!

MADALENA – Devo escusas aos dois anjinhos
que se aprestam em meu socorro.
Tão doirados... Correm se corro,
me sustendo qual passarinho.

ANTÔNIO – Não é grande o desconsolo de quem busca,
sem nunca encontrar,
quando a Noite se avantajada e queda brusca,
pra nos devorar?
Volve a boca escancarada e fedorenta,
sem dente nenhum,
e vomita as criaturas violentas
da vala comum.

(Nazaré aborda o Carro de Boi).

NAZARÉ – Quais as novas dessa viagem,
muito grande o peso da gente?
Vês bem no escuro à nossa frente?
E o rio? Será onde a passagem?

CARRO DE BOI – Só o imenso prazer da vitória
pela honra de toda essa glória.
Este peso é insignificante,
Se a missão é servir meu infante.
Quanto ao escuro, não me prejudica,
tenho uma memória muito rica.
Sei decerto o vau – onde se encontra,
da travessia segura e pronta.

(Belém aborda Uriel e o provoca, muito irônica).

BELÉM – Oi anjinho – bela visagem!?,
como tramas sair-te dessa?
Não te vejo com tanta pressa.
Já, decerto, contas vantagem!

URIEL – Procuo Antônio, teu menininho,
que se não morreu, está sozinho.
Levo a ele um belo de um recado

e um presentinho recomendado.

ANTÔNIO – Sinto as muriçocas todas carregando
doidas sobre mim,
como um pelotão de infantaria indo
contra algum fortim.
E a rasga-mortalha feio me agourando
dentro do aningal,
bem assim como umas velhas me carpindo
– choro de animal.
Ouço o esturro furioso de uma onça
em perseguição
e os sagüis berrando numa geringonça
feito assombração.

(Madalena aborda Uriel e o Carro de Boi).

MADALENA – Acho linda a presença sua...
Me redimo do que antes disse.
Foi bobagem, tagarelice.
Sinto-me – perdão, quase nua...
Quem tem tantas e tantas graças
em penhor, sem merecimento,
e dois anjos em suas praças
para lhes legar novo alento?

(Uriel e o Carro de Boi se desentendem).

URIEL – Sinto muito! Quero
minha liberdade.

CARRO DE BOI – Mestre, mas espero...

URIEL – Chega de maldade!

CARRO DE BOI – ...vencer o problema
bem rapidamente!
Vede meu esquema:
caso vos contente...

URIEL – Sem segunda chance.
Perco as estribeiras!
Caso não avances,
vai haver zonzeira.

CARRO DE BOI – Mas este povinho...
Olhai Madalena!

URIEL – Passa, este... malzinho.
Não, não tenho pena!

ANTÔNIO – Ah, tropeço nas tranqueiras da floresta,
atam-me os cipós,
armadilhas, tocos, espinhos, arestas,
cascas grossas, nós.
Tenho medo das velozes capivaras,
das pacas, tatus,
caititus, porcos do mato, sons, coivaras,
talas de bambu.
Sim, os sons da noite morta e o desespero
das aparições,
urros, guizos, chiados, vozes, berreiros,
maleficações,
pelos mangues e baledos e alagados
perdem-me sem fé
de encontrar minha mãezinha e o descampado
antes da maré.

(Nazaré e Belém voltam a cochichar).

NAZARÉ – Eles tramam uma vindita,
estão sempre nesse aconchego
– unha e carne, martelo e prego...
um assopra e o outro apita!

BELÉM – Já lhe dei várias cotucadas,
ele, nada, faz-se de bobo.
De cordeiro vestiu-se o lobo
para armar-nos uma cilada.

(Antônio encontra os restos despedaçados de sua Canoa).

ANTÔNIO – O que é isto? Pelo jeito... Um pedaço!
Um pedaço da Canoa... Não quebrou-se!
Oh, vem cá, sim, levanta, me dá um abraço...

(Antônio se agarra com o pedaço da Canoa).

ANTÔNIO – És o remo da Canoa que me trouxe.

(Antônio sente seu corpo desfalecer).

ANTÔNIO – Sinto o frio da madrugada, sinto fome.
Estou cansado da peleja contra as águas,
por aqui só camapu é o que se come.
Me sustenta, que carrego tantas mágoas.

(O Remo se apruma para apoiar Antônio e se transforma em um Cajado).

O CAJADO – Descansa um pouco no galho
deste pé de pau rasteiro.
Pela manhã – sabe o atalho
do Sítio do Velho Arteiro?

ANTÔNIO – Sim, o Sítio?, sei!
Mas está bem longe...
Eu me desviei,
não sei nem por onde.

O CAJADO – Antônio, psiu!, silêncio.
A manhã trará o sol
e com ele um novo sonho.
Dorme até o arrebol.

ANTÔNIO – A benção, mãezinha...
(Adormece) dá tua benção.
Tens uma estrelinha
na palma da mão.

(O Cajado ouve as vozes e se oculta para ver quem se aproxima cantando).

O CAJADO – Que vozes, estas, de gente,
bem no meio da floresta?
A essa hora, contentes...?
Bem sinal do que não presta!

(O Coro sobe e se aproxima).

O CAJADO – Mas ah, que assim já perturbam
o sossego do menino.
Por que os homens se turbam
antes de bater o sino?
Pois então, quem briga e berra
e que tão grande motivo

têm eles para esta guerra
sem trégua e sem lenitivo?

Cena 11

(A Guerra)

(Entre os viajantes, a guerra é declarada.

O Cajado se divide entre observar a briga e evitar que Antônio acorde).

NAZARÉ – Meu amigo, escute:

será que não pode
deste velho bode
apressar o passo?

URIEL – Pois estava a ponto de falar-lhe
e com ganas de comunicar-lhe...

MADALENA – Nazaré, querida,
peço-lhe cautela.
Nossa clientela,
Sabe?, é de primeira!

NAZARÉ – Pois conte os minutos
depois conte as horas
em que te demoras
no mesmo compasso.
Não andamos nada,
nada resolvemos,
e agora o que temos?
Só esta canseira.

URIEL – ...De comunicar-lhe... rosto a rosto
que desta armada não faço gosto.

MADALENA – Nazaré, menina,
não estrague, eu peço,
meus dons, meu sucesso,
minha adoração.

BELÉM – Sim, que aquelas provas,
Nazaré, que eu disse
– a hora, eu predisse,
a tempo virão.

CARRO DE BOI – Tenham calma, queridas amigas!
Não vamos ao reino das intrigas.
Mestre, vos peço: retrocedei!
Paciência é virtude de rei.

URIEL – Já se esgotaram todas as vias
de entendimento e de companhia.

NAZARÉ – Ah, e agora exhibe
uma qualquer cena
que lhe pague a pena
de assim desistir?
Queres o menino.
Nós também queremos!
Está bem, procuremos:
vamos competir.

O CAJADO – O menino! Quem procura?
Será este, que protejo,
que dorme como mucura,
na folha, beira do brejo?
E quem são estes, fortuitos,
brigando fora de hora?
Deles, qual será o intuito,
fartos de esporão e espora?

CARRO DE BOI – Se esta tropa agora se divide,
seremos frágeis a um revide.

URIEL – Estou preparado para a viagem,
não careço de camaradagem.
E que revide nos predizemos,
se de inimigo nenhum sabemos?

MADALENA – Leva-me contigo,
(*Chora*) por amor do Trono!
Infunde-me um sono
e me faz subir.

BELÉM – Armaste uma fuga,
muito bem armada.
Da minha picada
vais escapulir.

O CAJADO – Melhor oculto que estejas
(Junto ao menino) aos olhos dos viandantes.
E que tu também não vejas
o que se passa adiante.
Vamos procurar a casa
da qual o rumo perdeste
e te botar sob a asa
da mulher de quem nasceste.

CARRO DE BOI – Mas a divisão já decidida
uns contra os outros tão nos valida,
que nos compele a nos ferirmos
se ainda um dia nos convergirmos.

URIEL – Não retrocedo, nem me arrependo.
Que cada qual aprenda aprendendo.

NAZARÉ – Estou pouco ligando!
Pois então que suma,
a gente até ruma
bem melhor assim.
Vamos embrenhadas
nas horas certas,
eu e as companheiras,
guiadas por mim!

(Em sua ira, o anjo torna-se invisível, mas segue as mulheres, observando-as de perto).

URIEL – Então agora desapareço,
minha voz fica sem endereço.

MADALENA – Olha o que fizeste,
Nazaré. Teimosa!
Merda fabulosa!
Te dana a limpar!

BELÉM – Sacripanta! Burro!
Me escapou de novo...
Mas ainda provo
que o diabo está cá!

NAZARÉ – Não vou limpar nada.
E ele não é burro.

Pode dar um murro
nessa cara, aqui.

BELÉM – A essa hora, onde
anda meu filhinho
e que presentinho
o diabo leva ali...?

MADALENA – Como te parece
que de um tal prestígio,
sem deixar vestígio,
um índio vá ter
a capacidade?
Sair se ocultando,
nos engambelando
sem quê nem pra quê!

NAZARÉ – Eles têm recursos,
mana, seus mistérios,
criam refrigerios,
maldições também.
Vamos é no encalço
do que está proposto.
Eu lidero a gosto
nosso vaivém.

CARRO DE BOI – Vejo que perdemos,
Mestre, todo o prumo
e agora nos vemos
sem eira e sem rumo
Se podeis ouvir-me,
pronto socorrei-me
com tua mão firme,
antes que me queime!

NAZARÉ – E vamos agora,
subamos no bicho!

BELÉM – Nazaré, um lixo!,
veja como estou.

CARRO DE BOI – Sim, um descansinho... A aurora tarda!
E um cochilo em nada nos retarda.

MADALENA – Ah, bem que eu mereço
depois desse dia...

BELÉM – Ai que noite fria...!

NAZARÉ – U'a estrela passou...!

(Todos se preparam para dormir).

Cena 12

(A Asa Quebrada)

(Uriel, vendo-se livre, envereda pelo canavial, divagando.

Canta bem alto por dentro da plantação.

Em breve se desnorteia e cai no buraco cavado pelos que buscaram as minas.

Na queda, quebra a asa esquerda. Seu coração dói.

Os Besouros do Urucum vêm socorrê-lo e o transportam sobre o canavial).

URIEL – Se vão dormir, que durmam,
eu não preciso disso!
Assim não me perturbam
com tanto reboiço.
Por que mendigam tanto?
Ninguém me tinha dito
que os homens, mesmo os santos,
soçobram num conflito:
só agradecem quando
pensam que Deus lhes deu
o que conseguem amando,
ou rindo... ou já é seu!
Mas todos, todos pedem,
não param de pedir.
Às vezes eles fedem,
tão grande é seu devir...!
Melhor! Assim eu vejo
as estrelas no astral,
me embrenho como andejo
neste canavial.
Esqueço as desavenças
dessa má companhia
numa breve licença
pra minha alma vadia.

(O Cajado percebe toda a movimentação. Uriel caminha e voa).

O CAJADO – Vem alguém se desgarrando
da cerca pelo limite.
Com pouco nos abordando,
carece lá que eu evite.
Sim, a mata ali se acaba
e uma plantação começa.
Besouro, mosquito ou caba,
bem depressa ele atravessa.
Ora, ele anda, mas voa:
é o que, assombração?
Também pelo ar se emproa,
mas caminha rés o chão.

URIEL – Por onde já me perco,
por onde desandei?
Merda, pisei no esterco!
foi um boi que eu matei...
E agora o descaminho,
os caminhos cruzei,
não vou sair sozinho
do embrulho que aprontei!

O CAJADO – Ele parou, está limpando
os pés na beira da estrada.
E o menino se agitando
quase toda a madrugada.

ANTÔNIO – Pai, paizinho, vem!
(Sonhando) pula na Canoa.
Olha, tem alguém
vigiando a proa.

URIEL – Nossa Senhora minha,
minha Nossa Senhora!
Defendei-me, rainha,
livrai-me nessa hora!

O CAJADO – Ouvindo direito estou
ou me enganam meus ouvidos?
Aquele lá, que voou,
é o dono destes gemidos?

URIEL – Endireitai meu passo
daqui a um pouso, a um ninho
que eu leve vosso laço
àquele garotinho.

ANTÔNIO – É o ouro, olha o ouro!
Vai nos libertar!
Achaste o tesouro,
ninguém vai roubar...

(Uriel despenca dentro de um buraco).

URIEL – Socorro, que despenco
num buraco profundo,
um buraco, um portento,
do tamanho do mundo!

O CAJADO – Ele anda, voa e grita,
então só pode ser bruxo!

URIEL – Ai, ai! Minha desdita,
no ombro tenho um empuxo...
que a minha banda trava
e me comprime o peito...!

O CAJADO – Estará preso na cava
e eu talvez possa dar jeito!?

URIEL – Ai minha asa esquerda,
que toda me adormece...

O CAJADO – Asa, num bruxo!?, que perda
de sentido me parece.

URIEL – Alguém logo me ajude.
Madalena, Souzel!

*(O Carro de Boi desperta. Apura os ouvidos e se ergue.
As Três Marias levantam-se também.
Eles acompanham de longe, e curiosos, a seqüência que se desenrola).*

O CAJADO – Que faz agora que eu mude
e esqueça assim meu papel?

(Os Besouros do Urucum começam a zunir ao longe).

URIEL – Ui, meu coração dói
e a língua se resseca
minh'alma se corrói,
murcha, capenga e seca.

O CAJADO – Que é isso que vem na certa,
por cima, como uma nuvem
não é bicho de asa aberta
nem animal de penugem.

OS BESOUROS – Viemos para te salvar
(A Uriel) do buraco do Eldorado.
Tu vais agora passear
como um jito: carregado.

O CAJADO – São besouros, minha Nossa,
os Besouros do Urucum!
Vão levá-lo sobre a roça:
é um mistério, existe algum!

OS BESOUROS – Vais ver a Vila lá de cima
e tudo que em volta medra
as fontes, a mata e a pinima,
corações que são de pedra.
Quando voltares para o mundo,
estarás quase curado;
abre os olhos, respira fundo,
vamos todos, lado a lado!

(Os Besouros partem, carregando Uriel.

O Carro de Boi e todos os outros correm para ver o vôo dos Besouros.

Só o menino continua a dormir, sempre velado por seu Cajado).

Cena 13

(O Sermão)

(Uriel delira e começa a falar em latim, como se dissesse um sermão. As outras personagens traduzem suas falas. Forma-se um coro de várias vozes.

A ambientação sonora é de uma catedral.

Os atores agem e se movimentam como se estivessem em uma Igreja.

As Três Marias buscam o corpo de Samuel, contritas, de véu).

URIEL – Qui sunt hi sermones,
quos confertis ad invicem ambulantes,
et estis tristes.

OS BESOUROS – O que é isso que vós ides
conferindo e praticando,
um com o outro, e por que causa
ides tristes caminhando?

(Uriel imita as vozes das mulheres).

URIEL – Nos autem sperabamus
quia ipse esset redempturus Israel.

(As Três Marias respondem sempre em cânone – umas após as outras).

AS TRÊS MARIAS – Nós esperávamos, ora,
que ele fosse como aquele
que resgatasse a Israel.

(O Carro de Boi se esconde. Age como se observasse as Três Marias).

URIEL – Emerunt aromata.

CARRO DE BOI – Compraram aromas.

URIEL – Veniunt ad monumentum.

CARRO DE BOI – Chegaram ao sepulcro.

URIEL – Non invento corpore ejus.

CARRO DE BOI – E não tendo achado
o seu corpo amado:

URIEL – Mulier, quid ploras.

CARRO DE BOI – Mulher, por que choras?
(Para elas)

(Uriel imita as vozes das mulheres).

URIEL – Quoniam advesperascit.

AS TRÊS MARIAS – Porque já é tarde.

(Uriel imita as vozes das mulheres).

URIEL – Pereat nox, in qua dictum est:
Conceptus est homo!
Expectet lucem, et non videat,
nec ortum surgentis aurorae

AS TRÊS MARIAS – Maldita a noite em que fui concebida:
espere pela luz – e ela não desça
espere pela aurora, e nunca venha,
que o dia falte e que nunca amanheça!

URIEL – Ecce ad diripiendam praedam
congregasti multitudinem tuam,
ut tollas argentums et aurum

CORO MASCULINO – Eis aí tu congregaste
toda essa multidão
para lewares a prata
a mata e o ouro do chão.

URIEL – Ascendam at terram absque muro;
vectes, et portae nonm sunt eis

OS BESOUROS – Eu virei sobre uma terra
desguarnecida de muros,
sem ferrolhos e sem portas
frágil e só no dia escuro.

URIEL – Ad terram, quae reversam est a gládio ad quiescentes,
habitantes que secure

CORO MASCULINO – A esta terra, que foi salva
do gume, do frio da espada,
a umas gentes que estão tidas
em paz nas suas fachadas,
e assim estabelecidas
com a segurança do nada:

URIEL – Nunquid foederabitur ferram ferro ab aquilone, et aes

CORO MASCULINO – Cuidais que o ferro do norte

pode se confederar
com outro ferro, tão forte
e o seu bronze se juntar
com outro bronze maldito
que vem a bem de roubar?

URIEL – Ecce dies venient, et auferentur omnia, quae in domo tua sunt,
et quae thesaurizaverunt patres tui usque ad diem hanc, in Babylonem;
non relinquetur quidquam, dicit Dominus.
Et de fillis qui exhibunt de te, quos genueris, tollent,
et erunt eunuchi in palatio Regis Babylonis.

OS BESOUROS – E vós Ezequias,
inconsiderado,
que manifestastes
os vossos agrados,
os vossos tesouros,
os vossos favores
à tal Babilônia,
e seus embaixadores:
Diz Deus, pois sabei,
que os virão buscar,
estes babilônios
os irão tomar.
E não se farão
somente senhores
dos mesmos tesouros,
com grandes horrores,
sem deles deixar
a vós coisa alguma,
mas tantas mazelas,
riqueza nenhuma,
senão que ceifados
a cana e o milho
vos castigarão
até a vossos filhos
e os levarão presos
para a Babilônia,
a bem se servirem
de sua vergonha.

URIEL – De absconditis tuis adimpletus est venter eorum

CARRO DE BOI – Fartastes, senhor, a sua fome,

com os encher dos vossos escondidos.

URIEL – Argentum tuum versum est in scoriam.
Argentum vestrum aeruginavit.

CARRO DE BOI – Em escória se mudou a prata,
em ferrugem aos olhos dos bandidos.

URIEL – Illud autem de absconditis,
alli quidem intellexerunt de supplicis,
alli vero de fustilibus metallis –
Introibunt in speluncas petrarum,
et in vovines terrae;
projiciet homo idola argenti sui,
et simulacra auri sui,
quae fecerat sibi ut adoraret,
talpas et vespertiliones

CORO MASCULINO – Meter-se-ão os homens pelas covas
e nas concavidades mais profundas
não para ter da terra ouro ou prata,
mas para abominar a sanha imunda.
Lançar de si os ídolos perfeitos
que das riquezas tinham-lhe enganado
morcegos e toupeiras tinham feito.

URIEL – Auram irrepertum,
et sic melius situm cum terra celat.

OS BESOUROS – O ouro é melhor não se achar
nem se descobrir,
o ouro enquanto a terra for
para o esconder
está em seu melhor lugar
sítio sem porvir
que deu-lhe a natureza por
calado poder.

URIEL – Jamque nocens ferrum,
ferro que nocentius aurum prodierat

OS BESOUROS – O ferro assim pernicioso,
rei de tanta guerra infinda,
como o ouro assim perigoso,

mais pernicioso ainda.

URIEL – Qui post aurum non abiit, probatus est in illo
Ut excludant eos, qui probat sunt argento

CARRO DE BOI – O que não correu
atraído pelo ouro
o que não correu
pelo ouro foi provado.
E foram muitos os excluídos
e foram muitos os reprovados.

URIEL – Quam innocens, quam beata,
imo vero et delicata esset vita,
si nihil aliud quam supra terras concupisceret;
Ultinam que posset e vita totum abdicare aurum,
ad perniciem vitae repertum,
quantum feliciore aevo,
cum res ipsae permatabuntur, inter se

AS TRÊS MARIAS – Que inocente,
que bem-aventurada,
deliciosa
e quão mais delicada
seria a vida
dos homens nessa grotta,
se só contentes
com o que da terra brota.
Se se pudera,
oxalá se desterrasse
de todo o mundo
o ouro que se descobrisse
e para a vida
destruição causasse.
E se fruísse,
em vez dos tempos estes,
aquela idade
não dos usos presentes,
na qual as coisas
entre si comutavam
umas por outras.
E os homens mais contentes...

URIEL – In principio creavit Deus caelum et terram.

terra autem erat inanis et vácu
pulchrum oculis, aspectaque delectabile

OS BESOUROS – No princípio criou Deus o céu e a terra;
mas a terra estava vazia e vazia,
deleitável à vista e aos olhos mui formosa.

URIEL – Repleta est terra argento et auro,
et non est finis thesaurorum ejus.

CORO FEMININO – A terra está repleta de ouro e prata
e são tantos e tão grandes seus tesouros
que não têm fim as forças poderosas.

URIEL – Et repleta est terra ejus equis,
et innumerabiles quadrigae ejus,
et repleta est terra ejus idolis:
opus manuum suarum adoraverunt.

CORO FEMININO – E a terra estava cheia de cavalos
e eram inumeráveis as suas carroças;
das mãos os homens as obras adoravam
faziam ídolos nas casas e palhoças.

URIEL – In corde terrae.
Itum est ad viscera terrae,
Quasque recondiderat,
Stygiisque advexerat undis,
Effodiuntur opus irritamenta malorum.
Itum est in viscera terrae
Quasque recondiderat,
Stygiisque admoverat umbris,
Effodiuntur opes, irritamenta malorum.

AS TRÊS MARIAS – Sentimos pulsar o coração da terra:
nas entranhas da terra penetramos
arrancando dali o que ocultara,
e das sombras do Estige resgatamos
o tesouro que tais males nos causara.

URIEL – Imus in viscera ejus,
et in sede manium opes quaerimus.
Illa nos premunt, illa nos ad inferus agunt,
quae occultavit, atque demersit.

CORO FEMININO – Na morada dos deuses penetramos
procurando as riquezas naturais,
substâncias que atraem toda a gente
e nos impelem às regiões infernais.

URIEL – Portas aeras conteram,
et vectes ferreos confringam;
et dabo tibi thesaurus absconditos,
et arcana secretorum.

CARRO DE BOI – As portas de bronze
por ti arrombarei
e as trancas de ferro
num sopro quebrarei
riquezas perdidas
desaferrolharei
tesouros ocultos
só a ti, dar-te-ei.

URIEL – Ascendens in altum captivam
duxit captivitatem.
Quos autem ascendit, quid est,
nisi quia et descendit primum
in inferiores partes terrae.

OS BESOUROS – Quando ele subiu levando
por cativo o cativo,
ora, que significa
senão que desceu primeiro
aos recônditos lugares,
os mais baixos sob a terra?

URIEL – Scientes quod non corruptibilibus auro
vel argento redempti estis,
sed pretioso sanguine quase agni immaculati Chisti.

OS BESOUROS – E se estas almas não foram
compradas como na ferra,
com ouro e prata marcadas,
do filho de Deus exangue,
senão foram abençoadas
com seu precioso sangue.

URIEL – Animas vestras castificantes in obedientia charitatis.

Eruisti animam meam ex inferno inferiori.
Quia misericordia tua magna est super me,
et eruisti animam meam ex inferno inferiore.

AS TRÊS MARIAS – Fazendo pura minh'alma
na caridade do amor
o Senhor tirou minh'alma
do inferno inferior
fazendo pura minh'alma
na obediência em que estou;
que a tua misericórdia
sobre mim se avantajou
e livraste a minha alma
do inferno inferior.

URIEL – Rorate, caeli, desuper,
et nubes pluant justum;
aperiatur terra, et germinet Salvatorem.

OS BESOUROS – Destilai, ó céus, lá dessas alturas
o vosso orvalho e as nuvens chovam ao justo;
abra-se a terra e brote o salvador.

URIEL – Vere tu es Deus absconditus,
deus Israel, salvator.

AS TRÊS MARIAS – Tu, verdadeiramente,
és um Deus escondido,
o Deus de Israel,
salvador destemido.

URIEL – Thesaurizate vobis thesaurus in caelo
Effodientes thesaurum gaudent
vehementer cum invenerint sepulchrum

CARRO DE BOI – Entesourai no céu vossos tesouros
pois os que cavam em busca da harmonia
quando um sepulcro acham compreendem,
e ficam transportados de alegria.

*(O Carro de Boi e As Três Marias perdem Uriel e os Besouros de vista.
Passam a procurá-lo até o momento em que Samuel reaparece).*

URIEL – Si quaesieris eam quasi pecuniam,
et sicut thesaurus effoderis illam:
tunc intelliges timorem Domini,
et scientiam Dei invenies

OS BESOUROS – Se buscares de Deus a Ciência
com o fervor de quem busca o dinheiro,
e cavares com tal paciência
para achá-la por tudo primeiro
como os que desenterram tesouros,
o temor do Senhor será teu,
suas bênçãos compreenderás
e acharás a Ciência de Deus.

O CAJADO – Meu bom menino, desperta!
O que de nós se aproxima
procura por nós na certa!
Olha o que vem lá de cima!

(Os Besouros do Urucum depositam o Anjo junto a Antônio. O Anjo desfalece nos braços do menino).

Fim do 1º Ato

Cena 14
(O Encontro)

(Antônio desperta a tempo de amparar o Anjo. Na tentativa de proteger o menino, o Cajado expõe-lhe toda a sua desconfiança a respeito de Uriel).

ANTÔNIO – Quem é este, que carregado por Besouros,
revira os olhos, desfalece?
Tão de perto e minha vista não reconhece...
Será que busca iguais tesouros?

(Uriel aos poucos se recupera. Ao despertar, vê o Cajado como um simples cajado).

O CAJADO – Ele alardeia loucuras
próprias de um juízo escasso:
fala uma língua obscura
e diz ter asas, não braços!

(Antônio se afasta rápido de Uriel, meio assustado).

ANTÔNIO – Asas?, mas não vejo asas... pobre coitado!
Decerto está febril, delira.
Alvo ele decerto esteve de alguma mira.
Pois que repouse sossegado.

O CAJADO – Eu vi tudo! Sobrevive...!
Perdeu-se na madrugada,
desgarrado num declive,
correu, voou, deu topada.

ANTÔNIO – Corre, voa, dá topadas, é um estrangeiro!
feriu-se, não se sabe como...
Será duende? Um ser da mata? Ou um gnomo?
Por ora, um simples prisioneiro...

O CAJADO – E o que viste? O sortilégio,
o ritual do transporte...?

Quem goza do privilégio
ou de uma grande tão sorte?

ANTÔNIO – Tu falas ao contrário, agora que notei!
Mas tens a língua destravada.

(Os dois riem).

O CAJADO – Das frutas prova as maduras
que a noite não deixa ver.
Andaste tonto, às escuras,
não achaste o de-comer.

ANTÔNIO – Agora o peregrino barra a caminhada
de volta ao rio, como sonhei.
(Sacode Uriel) Desperta! Sou Antônio! Já podes falar?
Precisas ir, segues pra onde?
Quem te feriu se move e a mata não responde:
em silêncio vem te pegar!

URIEL – És tu, Antônio, a quem tanto procuro!
Reconheço tuas feições...
Estás maior! Eu te busquei no escuro...
tantas aldeias e nações!

ANTÔNIO – A mim tu me buscaste, como pode ser?
Não te conheço. Quem tu és?
Varias do juízo, a cabeça nos pés?
Diz-me teu nome. Vais dizer?

(O Cajado coloca-se na mão de Antônio. Indica a cabeça de Uriel).

O CAJADO – Ele como um touro é forte,
mas de suave aparência.
Se atacar, bate no norte,
bem no centro da demência.

URIEL – Estive muito tempo, à tua espera,
neste Sítio, menino triste.
Não sabes dos perigos, nem das feras?
Virás comigo, agora, ouviste?

O CAJADO – Algum deve haver engano.
Aqui a noite passamos!

Por que ele inverte os planos?
Fomos nós dois que esperamos.

URIEL – Eu venho mensageiro das esferas,
sou teu socorro, pobre Antônio!
Devo surgir entre teu corpo e as feras,
livrar teu curso dos demônios.
Devo levar-te de volta pra casa
bem na hora em que te perdeste
e, antes de ir, na prenda preciosa
entronizar-te, feito veste.

ANTÔNIO – Não quero ser criança e não sou mais menino.
(*Exibe o cajado*) Peguei nas armas, ergui muros.
E nem estou perdido nas sendas e furos
deste arraial. Não me amofino.

O CAJADO – Mas quem é ele...?, pergunta!
Saber de uma vamos vez.

ANTÔNIO – Dizem que quem não sabe é porque não assunta:
como te chamas, português?

URIEL – Sou mensageiro de uma tua amiga
a quem recorres tanto e tanto...!
Quando não vais aos batuques, cantigas,
dos sudaneses e dos bantos...

O CAJADO – Amiga, que amiga é essa!?
Pede a identificação.

ANTÔNIO – Podes ser mais exato, a despeito da pressa?
Que amiga tem meu coração?

URIEL – Um dos maiores castigos, medita,
que Deus podia vos impor
não era descobrirem-se pepitas
nessa terra, por seu favor?
Nesta cidade, e assim por todo lado,
se os céus prouvessem tantas minas,
quem vos protegeria do mau fado
que trazem as aves de rapina?
Pois elas lançariam seus braços
contra os escravos e os pequenos,

que, perseguidos d'armas e invasões,
se haveriam cada vez menos.

(Antônio se turba e deixa-se cair, ante as palavras de Uriel).

ANTÔNIO – Dizes então que todo o meu esforço... é vão?
Que por nada meu pai fugiu?
Por nada ele morreu e abandonou o plantio,
a roça, a casa, mãe... e então?

URIEL – Bendita seja tão grande inocência!
Não posso me furtar, eu peço,
e só a ti, na solidão, clemência...
Meu erro sem perdão confesso.

O CAJADO – Cuidado agora, criança,
com o que vai ele revelar:
vê como seu olho dança
e se acalma o respirar...

URIEL – Perdi pelo caminho a tua bela
prenda, que me foi confiada
pela Senhora, Mãe de Cristo. É ela
a amiga tão inesperada...!

ANTÔNIO – Perdeste? De que falas? Mãe de Cristo? O quê?
O que trazias para mim?
Quem és tu, meu amigo? Vamos pôr um fim
a tais mentiras sem porquês?

O CAJADO – E o que traz mais ele oculto?
Logo deves descobrir...
Previne-te! Traz insultos,
algo possa que ferir?

ANTÔNIO – Que prezas tanto ali, deste teu lado esquerdo?
Tanto ocultas, que até já temo.
Já vejo sobre ti algum perigo extremo,
sombra, nuvem, rochedo, fardo...

URIEL – Tenho a vergonha de uma asa quebrada,
por um descuido de marmanjo.
Se queres, olha minha banda errada.

(Uriel ergue seu braço esquerdo e permite que Antônio lhe veja a asa partida. Antônio se levanta e afasta-se, incrédulo).

URIEL – Porém não temas: sou um Anjo!

O CAJADO – Um de asa anjo quebrada?

Contares se, farão pouco:
vão se desta rir piada
ou considerar-te louco.

URIEL – Caí na cova feita pelas gentes
que procuram, como teu pai,
e andam cavando a terra, inutilmente,
com pés e mãos nos pacovais.
Vinha ao comando de Nossa Senhora,
tão-somente cuidar de ti;
mas vê que anseio muito mais agora...

ANTÔNIO – Que queres que não haja em quem te manda aqui?
Não mereceste esta viagem?
Que buscas: ânimo, virtudes, bens, coragem?
Pouco disto verás aqui.

URIEL – Quero a inocência que... leve carregas!
Só com ela me tornarei
naquele Arcanjo que, de alma cega,
por cobiça, nunca serei.
Eu te transporto agora para casa.
Lá me passas o que te peço
e eu reencontro, num ruflar de asas,
teu maravilhoso adereço!

*(No entanto, Samuel, que também escapou da morte,
é visto em outro plano.*

*Ele se safa das águas do rio, recupera-se e começa a se aproximar
do lugar onde estão seu filho, o Cajado e Uriel).*

O CAJADO – Então, Antônio, era isso!

Ele uma propõe troca:
ilude o próprio serviço
e o que te barganha toca!
Quer a inocência de Antônio
pra sua enganar cobiça,
das mãos sair do demônio

e engalanar a peliça.
Ser só Anjo, não tolera,
quer Arcanjo, quer ser mais,
mas o desejo o onera,
retém-lhe o vôo no cais.

ANTÔNIO – Mas inocência... como se pode ensinar?
(*Exige*) Quero mesmo é o que prometeste,
as encomendas e recados que me deste
só metade, pra me atijar.

URIEL – Mas eu sou digno de piedade:
compadece-te, por Jesus!
Por teus guias, orixás, divindades...
mesmo que assim queime-se a Cruz!
Ficarás rico como ninguém nessa
terra, esquecida até do diabo!
Farás milagres, serás a promessa
de liberdade. Um rei. Nababo!

O CAJADO – Como crianças enquanto
não fordes vós para Deus,
não tereis a aventura
de entrar no reino dos céus.

(Uriel lentamente se recolhe a um canto e se lamenta).

URIEL – Não é bastante, minh'alma, motivo
de tristeza um Anjo esperar
e não suceder a este cativo
o que se esperava selar?

Cena 15
(O Morto)

(Enquanto Uriel se lamenta, Samuel reaparece. Traz consigo um punhal, de fato, conforme a visão de Belém. Nesse momento também as Três Marias e o Carro de Boi finalmente reencontram Uriel).

SAMUEL – Meu filho!

ANTÔNIO – Meu pai, querido!

SAMUEL – Ó, minha Nossa Senhora!

ANTÔNIO – Já não estou mais perdido!

SAMUEL – Quem é este?

ANTÔNIO – Noutra hora
Ihe conto meus pesadelos.

SAMUEL – Estás bem? Estás ferido?

ANTÔNIO – Não. Apenas meus cabelos
se eriçam do acontecido
nas poucas horas que foram
desde que nos apartamos.

SAMUEL – Mas as horas se demoram
e o que foi que conquistamos?
A canoa?

ANTÔNIO – Espatifou-se!

SAMUEL – Só te sobrou mesmo o remo?

ANTÔNIO – Meu cajado. Machucou-se
na refrega contra o demo?

SAMUEL – Um cajado, ah!, bem preciso,
que as pernas me andam mancadas.
Naquele espaço conciso
nem puxei das armas brancas.

(Saca o punhal, para mostrar ao filho, no exato momento em que Nazaré entra, intempestivamente, seguida pelas companheiras. A um canto, Uriel prossegue com suas lamentações. O Carro de Boi trata logo de auxiliá-lo).

NAZARÉ – Não falei que estava certa,
que era por esse caminho?
Olha o bruto. Eu sou esperta!
Achei o tal, direitinho!

ANTÔNIO – Mãezinha!

BELÉM – Filho adorado!

NAZARÉ – Encontraste o teu filhinho,
que andava tonto, aluado.
E eu Samuel, tão fraquinho...!
Bem como eu disse, o traçado,
escritinho na oração:
tem um olho arregalado
e está com um punhal na mão!

MADALENA – E o meu anjo, coitadinho!
por que se esconde num canto...?
E chora, branco e tristonho!
Quem te botou tal quebranto?

(Uriel lastima-se, mas depois começa a reagir).

URIEL – Tenho uma asa quebrada,
que mal sarou, veja bem:
mas cumpri minha empreitada
e quero que digam amém!

ANTÔNIO – Ah, vocês vêem o que vejo?
Não é sonho, alma penada,
nem o séquito, o cortejo
da legião desvairada?

URIEL – De volta devo levá-lo
daqui à porta de casa,
num relâmpago, num estalo,
apoiado em minha asa.
(A Antônio) É lá que permutaremos,
no acerto do combinado,
as prendas que prometemos
pra concluir o acordado.

BELÉM – Meu filho eu mesmo conduzo,
lhe dispenso do trabalho!

ANTÔNIO – Prenda? me deixas confuso.
Não sei porque tanto valho...

URIEL – Vales minha obediência
àquela que me enviou,

vales minha competência...
o pouco que me sobrou.

CARRO DE BOI – Meu Mestre, Antônio, precisa
completar seu sortimento.
Não pode ser indecisa
sua voz. Nem de lamento!

SAMUEL – Antônio fica conosco.
(Impõe-se) Saberemos protegê-lo.
Se em outro engodo me enrosco,
perco o último cabelo.

*(Uriel então se apossa de Antônio e ameaça todos.
Vai se afastando aos poucos).*

URIEL – Então mais nada me resta
senão tomar o menino
e concluir nossa festa
num cruel de um desatino.
Eu posso mandar As Fomes,
eu posso mandar As Guerras,
calamidades Sem Nome
aporrinhar esta terra!
Vou cumprir uma vontade
que nenhum de nós alcança,
desejo de majestades,
intrincadas alianças.
Arruinarei as vestes
de qualquer um que me siga!
E posso mandar As Pestes
contra alguém que me persiga!

Cena 16 (Os Feitores)

(Uriel some com Antônio. O Carro de Boi segue com ele. Samuel sai em sua perseguição. As Três Marias tentam acompanhar, mas sua saída é barrada pelos Feitores de Engenho e Peões, que chegam em perseguição a escravos fugidos).

ELPÍDIO – Invoquei poder de Santo
para encontrar gente negra:
a nação chamada banto
vai ter que se impor na regra!

MADALENA – Louvado seja, e adorado,
Nosso Senhor Jesus Cristo!

ELPÍDIO – Pra sempre seja louvado!
Atrás de negro, eu insisto!

NAZARÉ – Mas aqui não tem fugido,
ninguém fugiu, não senhor!

BELÉM – Meu filhinho está sumido.
Tenha dó, faça o favor...

ELPÍDIO – Felícia, Antônio, Luzia
e Manoel Ramos Doce,
quatro nomes eu dizia
logrados de minha posse.
Poder de Santo invoquei
pra favorecer o Engenho,
sob a proteção de El-Rei,
por sobre as coisas que tenho.

MADALENA – Estamos seguindo um Anjo
qual vosmecê nunca viu.
Ele ensina lira e banjo
e entre nós até dormiu.

ELPÍDIO – Laboram bem na moenda,
na caldeira e no alambique.
Não tenho mais quem aprenda,
só velho de Moçambique.
A família ficou falta,
desfalcado o morgadio.
Ai, ai, que gente peralta,
de difícil pegadio!
Bem que vieram vendidos,
por castigo, pro Pará
e aqui já estão ofendidos,
retalhados de lascar.
Manoel deve ter cravos,

padeceu bouba, o infeliz,
e nas coças, nos agravos,
perdeu parte do nariz.
Vão pra mocambos, decerto,
agora é mais quem quer ouro!
Aquilombados libertos!
Não tremem com o sumidouro...

NAZARÉ – Estes nomes não conferem
com nossos conhecimentos:
mas que direção preferem,
se perdoa o atrevimento?

ELPÍDIO – Seguem vosso mesmo rumo.
Uma delas, negra alta,
aprumo de idade pouca,
é a de que mais sinto falta.
Tem a fala atrapalhada,
seca de corpo, cambinda...
Não viram vir a danada
com sua tropa advinda?

BELÉM – Esta eu nunca que encontrava.
Os nomes... recordo alguns.
Mas Felícia não andava
sambando nos baticuns?

ELPÍDIO – De África cambiados.
Ela andou no Maranhão.
Se exhibe pelos bordados
próprios de sua nação,
feitos a ferro nos braços
e no corpo em outras partes.
Assim como os teus, uns traços,
umas medidas de arte.

MADALENA – Pode ser que se conheça,
mas neste deserto, e agora...
Pode esperar que anoiteça
de com pouco a qualquer hora.

ELPÍDIO – Costuma trazer à moda
a carapinha entrançada.
Vai no samba, sim, na roda,

está desembaraçada.
Não é lá por ser escura
que não supra seu lazer.
Faz uma linda figura
no tal do babaçuê.

NAZARÉ – Nos desculpe... Não, não vimos.
Podemos seguir adiante,
a ver se já descobrimos
o paradeiro do infante?

ELPÍDIO – Eu soube que, com teu macho,
(*Para Belém*) teu filho também fugia.

BELÉM – Meu filho não tem despacho
pra sair de minha guia.

ELPÍDIO – Também tenho dele a pista!

BELÉM – Antônio apenas perdeu-se...

ELPÍDIO – Foi posto já nesta lista!

BELÉM – É mentira!

ELPÍDIO – Escafedeu-se!

NAZARÉ – Podemos... favor, pegá-lo,
e o que ela disse provar.

MADALENA – Não fugiu ele a cavalo.
Num átimo vai voltar.

ELPÍDIO – Invoquei poder de Santo,
poder de Santo invoquei
que ele desenrole o manto
e faça valer a lei.
Ficam, portanto, retidas,
minhas amigas fiéis.
São coisas minhas, perdidas,
recuperem-se meus réis.

Cena 17

(A Invocação)

(O Feitor e seus acompanhantes passam a invocar Santo Antônio, para que encontre os negros fugidos.

Retêm, ao mesmo tempo, As Três Marias, considerando-as na mesma condição de escravas fugidas do Engenho).

TODOS – Padre Santo Antônio dos cativos,
Vós que sois um certo amarrador:
quem de mim quer ir-se sem motivos
amarrai e atai por vosso amor.
Vosso puro hábito empenhai
e empenhai vosso santo cordão,
como algemas fortes amansai
na firmeza de um duro grilhão.
E fazei, meu bem-aventurado,
que pra sempre possam impedir
os passos de escravos rebelados
na hora e no dia de fugir.

NAZARÉ – Se vos adocece o filho,

TODOS – Santo Antônio!

MADALENA – Se vos escapa o escravo,

TODOS – Santo Antônio!

BELÉM – Se mandais a encomenda,

TODOS – Santo Antônio!

NAZARÉ – Se esperais pelo retorno,

TODOS – Santo Antônio!

MADALENA – Se requereis um despacho,

TODOS – Santo Antônio!

BELÉM – Se aguardais uma sentença,

TODOS – Santo Antônio!

NAZARÉ – Se perdeis a miudeza,

TODOS – Santo Antônio!

MADALENA – A menor de vossa casa,

TODOS – Santo Antônio!

AS TRÊS MARIAS – Se quereis os bens alheios,

TODOS – Santo Antônio procura os escravos!

AS TRÊS MARIAS – Dos oragos, o mais antipático!

TODOS – Capitão-do-mato, um homem bravo,

AS TRÊS MARIAS – Dai um riso, meu Santo, simpático!

TODOS – Sobrenatural
seja vossa mão
pra cercar o mal
com jurisdição

AS TRÊS MARIAS – Algemas e nós,
laços e grilhões,
para todos nós
nestas orações!

TODOS – Seja a aparelhagem
coisa lá do Cão
pra conter andagem*
de negro fujão.

MADALENA – Só que eu intrometo,
nesta adoração,
Santo Antônio Preto,
minha devoção!

ELPÍDIO – Pois ficam retidas
todas três – as três!,
por serem fugidas
na lista do mês.

NAZARÉ – Não esquece os laços,
não olvida os nós,
os feitiços baços
mandingas, ebós!

(As Três Marias iniciam sua lenta transformação em Bruxas. É assim que vão escapar dos Feitores e Peões, impondo-se a eles pelo medo das bruxarias).

ELPÍDIO – Ser escravo vale
mais do que viver
– antes que me cale
vou logo dizer –
como estes libertos,
esta classe infame
todos muito espertos,
sem nenhum reclame.
Como os degredados
e os novos cristãos
mais abandonados
do que se pagãos.
Bandos de vadios
enchendo cabanas,
terrenos baldios,
meses e semanas.
Nada de afazeres,
vivendo de graça,
tocando as mulheres,
bebendo cachaça!

(A fala das Três Marias é simultânea com a fala de Elpídio e serve-lhe como pano de fundo. As mulheres completam assim sua transformação em Bruxas).

AS TRÊS MARIAS – De volta não vamos,
presas muito menos;
nos empentelhamos
dos prolegômenos.
Se somos marias,
Deus nos abençoe,
mas nossas manias
que também perdoe.
Pois somos escravas
também mui cientes
sobre adagas, clavas,
filtros tão potentes

de fazer inveja
a quem nos provoque.
E quem quer que veja
todo o nosso estoque!
Veja nossa cara:
que já-já transmude
numa jóia rara
de malsã vitude!

*(As falas devem se concluir simultaneamente.
Entre risadas As Bruxas desaparecem da vista de Elpídio e seus Peões).*

Cena 18

(As Bruxas)

*(A noite está caindo. As Bruxas cercam Uriel no Sítio onde se escondeu.
Antônio não reage mais. Nesta seqüência, o Carro de Boi e o Cajado formam
uma espécie de elemento cênico – este apoiado naquele).*

AS BRUXAS – Agora que a Noite caiu
e a gente vira virou,
a puta que los pariu
quem pensa que “nós” enganou!

(Riem desbragadamente).

URIEL – Dios! Las Brujas de la Tierra Hermosa?
Dentro horrendas, por fora formosas!

AS BRUXAS – Sim, deixai a água na água,
a terra deixai na terra,
fogo no fogo da mágoa,
o ar silva, flutua e – tchan! – berra.

URIEL – Mas que querem no meu território,
intrometidas com um palavrório?

*(Samuel chega em perseguição a Uriel, apoiado no Cajado de Antônio.
Vê As Bruxas e, temeroso, se esconde. Fala em segredo a Uriel).*

SAMUEL – Uriel! Devolve,
já-já, meu filhinho!
Vamos lá, resolve

nosso negocinho...

AS BRUXAS – Só trouxemos duas receitas:
a perdição e o remédio.
E uma pequena colheita
vai sempre bem, ah, contra o tédio.
Ninguém precisa, axi!, de medo
nem nos olhar de través
só porque chegamos cedo
tanta poeira, hum, nos pés...

URIEL – Não vês que agora já ficou tarde?
(*A Samuel*) Não vês as Bruxas, não vês o alarde?

*(As Bruxas se dirigem a Uriel e em seguida a Samuel,
mostrando que sabem onde estão escondidos).*

AS BRUXAS – Uriel, meu anjo, caluda!
Somos como a Noite e a Aurora:
a cara má sempre ajuda
pra quem só vê, ó!, o que está fora.
Quem se encalinga, amor, com as sombras
não se apercebe da luz,
quando advém a caninga
não sabe erguer este capuz.

(Uriel se mostra e, em seguida, Samuel).

URIEL – Vejo que anseiam por trapalhada.
É só o que mandam, não querem nada!

SAMUEL – Ora, tomem dele
o único rebento,
meu menino, aquele...
todo o meu alento.

AS BRUXAS – Pelas sombras! Mas o que é isto,
tão fraco, desmilingüido?
As Bruxas não tinham visto
teu novo parceiro escondido.

SAMUEL – Digam-me, Senhoras,
se este Anjo pode
reverter as horas,

no fio do bigode.

URIEL – Voltem lá pro alto Solimões,
vão de volta pras expedições!
Esqueceram Francisco Orellana?
Vão pescar no Rio das Amazonas!

AS BRUXAS – Temos tempo, não te perturba!
Belém, agora, é o repasto.
Uma cria, em vez da turba:
isto sempre é muito nefasto...!

(Samuel tenta conter a mulher).

SAMUEL – Vocês três são bruxas!?
Mas ah, que arremedo!
Belém, te repuxa,
pára este brinquedo!

URIEL – Desafasta, que é maldade à beça,
estão tomadas, estão possessas.
Se tocarem numa franja tua,
invadirão tua alma crua.

AS BRUXAS – Mas da Árvore da Ciência
quiséramos nós provar.
Nem todos têm merecência
para de seu fruto, uh!, manjar.
Vamos, sim, resgatar o anjinho
das mãos de nosso compadre...
Vamos, meu bem, tenha tino!,
não somos Jó, nem somos padres.

URIEL – Por que querem do menino a posse,
como se parenta alguma fosse?
Coisa boa sei que não espero,
e outros acertos também não quero.

AS BRUXAS – Um belo altar de sacrifício
vamos erguer com cuidado,
com tal cuidado de ofício,
que a morte virá de bom grado.

URIEL – Sacrifício!, mas que autoridade,

“las hermosas” têm? Que vaidade!

AS BRUXAS – O próprio pai traçou o plano,
só que falhou no começo.
É nosso mister, meu mano,
eliminar este, ui!, tropeço.

SAMUEL – Eu quis isso? Nunca!
– o mal de meu filho!?
Quebro essa espelunca,
mudo esse estribilho.

AS BRUXAS – Vês este altar rubro das chamas
e a criança que geraste?
Vem escrito, não reclama:
Pelos dois, viste, te safaste!
Ele é puro como as estrelas,
inocente como a noite.
Vai arder como vitela.
Nunca mais sofrerá do açoite.

URIEL – Bruxas feias, quando foi que a morte
trouxe remédio pra qualquer sorte?

AS BRUXAS – Em direção à divindade,
a fumaça subirá
vai pagar a liberdade
e a cobiça, ehê!, de “papá”!

URIEL – Divindade! Em nome de quem clamas,
acendendo o ódio destas chamas?

SAMUEL – Pelo amor que tenho,
eu lhes digo sim:
mudai vosso empenho,
trocai-o por mim!

AS BRUXAS – Não carece, bom Samuel...
Ser livre e assistir ao mal:
é só este o teu papel.
E nunca largues o punhal!
Nós não faremos como os anjos
do Antigo Testamento.
Se o pai já fez os arranjos,

que se complete o seu tormento!
Não, não seremos empecilho,
não travaremos a mão.
Não se chama Isaac, o filho,
nem o pai se chama Abraão.

URIEL – Pode alguém impedir este crime,
mudar as regras desse regime?

AS BRUXAS – Só a mãe tem este poder!
Ou um Anjo do Senhor!
Mas um anjo, hein!, cadê?
E a mãe já tem outro Senhor...!

(Exibem Belém – ela própria se exhibe – e, entre risos, acariciam seu ventre).

AS BRUXAS – Está firme, mas transtornada,
já carrega um outro fruto
feito em noite trovoadas:
Belém não vai, ih!, guardar luto!

URIEL – Senhor das almas empedernidas,
livre e guarde deste infante a vida!

SAMUEL – Meu filho, malditas!
Meu filho, olha a laje!
As Bruxas aflitas
te querem... Reage!

Cena 19
(O Punhal)

(As Bruxas seduzem Samuel. Uma delas domina Uriel, tocando-lhe a asa ferida. Outra apodera-se do menino).

AS BRUXAS – Samuel: o punhal, entrega!
É o que queres, é o que queres!
Não te metas em refrega,
somos só, sss!, pobres mulheres!

SAMUEL – Sim... É necessário,
(Rende-se) é o dom que nos cabe
de cada salário...

Eu sei... ele sabe...

AS BRUXAS – Escapa, se fores capaz,
(*Para Uriel*) com tuas asas brilhantes,
com teu corpo de rapaz,
com tua alma, huum!, de bacante!
E agora chega de lamúrias!
O bruxedo entoa um hino
e ordenam nossas centúrias:
entrega o corpo do menino!

URIEL – Senhor das almas sacrificadas,
que pode este teu servo...? Mais nada...!

(As Bruxas se apossam de Antônio. Conduzem-no para o altar. Tiram-lhe a roupa.

Formam todos um préstito e caminham atrás dele, tangendo matracas).

TODOS – Que o sacrificio
seja breve
e o malefício
muito leve!
Este cortejo
compareça
e cada andejo
obedeça.
Cada passante
se mereça
e curve a frente,
a cabeça.
Este préstito
que prospere
com os editos
de quem fere.
Que venham todos:
índios magros,
brancos a rodo,
pobres negros.
Bem na calada
tragam cuias
cor misturada
cor tapuia.
Venham se havendo
nas maracas,

venham tangendo
dez matracas!

AS BRUXAS – Vida breve, breve lendário!
Vem conosco, solta o linho,
toca neste escapulário,
deita feito, ave!, um cordeirinho!
Vida breve, breve tesouro!
Que o punhal seja de prata,
que o punhal seja de ouro,
na hora em que o aço, tum!, mata!
Vida breve, breve esperança!
Serás sábia, serás rica,
que agora, pobre criança,
minha mão, pá!, te sacrifica!

(As três levantam juntas o punhal.

Golpeiam o menino.

Mas no momento mesmo em que Antônio é sacrificado, Maria de Belém retira suas mãos e se retrai para um canto.

Desaparecem As Bruxas.

Restam as Três Marias, o corpo do menino e o pai.

A luz vai baixando).

Fim do 2º Ato

Cena 20
(A Partida)

(Belém, Nazaré e Madalena se despedem, dias depois, em uma clareira da mata).

NAZARÉ – Tu andas com ele?
Tu voltas, tu queres?
Nós somos mulheres...
E o que ele te diz?

BELÉM – Está me esperando.

NAZARÉ – Não posso ir contigo.

MADALENA – Nem eu! Quê que eu digo!?

BELÉM – Eu era feliz...

NAZARÉ – Feliz...! Como escrava?

MADALENA – Será que ele aceita?

NAZARÉ – Que nada, rejeita!
Eu sei como é.
É homem, tapado!

MADALENA – Tomara não brigue,
que não te castigue!

BELÉM – Me diz, Nazaré:
Será que ele lembra?

NAZARÉ – Não, mana, sossega!
A memória nega.
Tu tens que esquecer!

BELÉM – Mas era meu filho...

MADALENA – Não foi culpa tua.
Nem nossa. Era a lua...

NAZARÉ – Vai logo te haver!

BELÉM – Embora... vão quando?

NAZARÉ – Correndo, no ato!
Viver pelo mato
não fica pra mim.

MADALENA – E então...? Eu te espero
na aldeia Viçosa?
É longe...!

BELÉM – Me glosa!
Ri bem, bem assim!
É claro que eu sigo
assim que der conta.

NAZARÉ – Madá, vai, te apronta...
O barco, Madá!

(Madalena e Belém se abraçam).

MADALENA – Até, minha amiga!
Que Deus te proteja
na tua peleja...
E o teu sarará!

(As três amigas riem. Madalena se afasta. Belém e Nazaré se abraçam).

BELÉM – Será que é bonita...
A tal dessa Vila... ?

NAZARÉ – Fugido faz fila
buscando este bem.
Vamos ver de perto!

BELÉM – Vou indo!

NAZARÉ – Te avia
com a Virgem Maria!
Sê feliz, Belém!

Cena 21

(O Carro de Fogo)

(Belém atravessa a cena para seu encontro com Samuel.

Enquanto isso, o Carro de Boi, o Boi e o Cajado preparam a partida de Uriel).

CARRO DE BOI – Mestre, está na hora. Preparado?

(Uriel não responde. Está concentrado, perdido em seus pensamentos).

CARRO DE BOI – Será, podeis dizer... demorado?

O CAJADO – Por que deixareis a cidade,
tão cheia de tantos anseios?
Ao acaso de tais maldades,
tais cobiças, tais aperreios...?

(Uriel fala, dirigindo-se ao Cajado).

URIEL – Fica-te aqui. Vou sozinho a pé
porque o Senhor me enviou à Sé.

O CAJADO – Tão certo como o Senhor vive
e como vive a vossa alma,
vos não deixarei. Sobrevive
ainda a paz, ainda a calma...

(Mas nenhum deles se move ou se desloca).

CARRO DE BOI – Sabes que o Senhor – e hoje ainda!,
tomará do Mestre na berlinda?

O CAJADO – Também eu bem o sei... Calai-vos!

URIEL – Fica-te aqui. Se Ele determina,
vou à freguesia da Campina.

O CAJADO – Tão certo como o Senhor reina
e como reina esta alma pura,
vos não deixarei. Ó, me treina
nos maus momentos, de amargura!

(Mas nenhum deles se move ou se desloca).

CARRO DE BOI – Sabes que o Senhor, hoje – e depressa!,
vem por cima da tua cabeça?

O CAJADO – Também eu bem o sei... Calai-vos!

URIEL – Fica-te aqui. Tal como um guará,
me enviou à beira do Guamá.

O CAJADO – Tão certo como o Senhor ama
e como a vossa me apascenta,
vos não deixarei. Brilha a chama
de quem reclama ou quem contenta.

(Mas nenhum deles se move ou se desloca).

CARRO DE BOI – Que o Senhor elevará, sem véus,
num redemoinho o Mestre aos céus?

O CAJADO – Também eu bem o sei... Calai-vos!

(Estão na beira do Guamá.

O Cajado indica os libertos que param de trabalhar para ver o Anjo).

O CAJADO – São cinqüenta, daquele lado,
(A Uriel) filhos dos libertos. Mostrai-vos!
Pararam defronte do arado.

URIEL – Assim tomo e dobro minha capa
e firo as águas, abram-se as lapas!
E as águas bravas tornem-se brandas:
se dividam para as duas bandas.
Vem comigo, passarás em seco,
no Guamá, tal se fosse um beco.

(Os dois atravessam o rio caminhando.

O Carro de Boi ali permanece.

E depois de terem passado, Uriel assunta).

URIEL – Pede-me o que queres que te faça
antes que se cumpra a Sua graça.

O CAJADO – Peço-vos me toque por herança
ser ungido e me tornar criança.
E haja porção dobrada, assim,

de teu espírito sobre mim.
E possa eu, de simples cajado,
ser teu profeta, teu enviado!

URIEL – Dura cousa me pediste agora.
Todavia, se me vires, ora,
quando for de ti arrebatado,
assim se te fará, tal agrado;
porém se me não vires, descansa:
não se fará que sejas criança.

(Sucedee, então, que o Carro de Boi, transformado em um Carro Flamejante, os separa um do outro. E Uriel sobe ao céu, com ele, num redemoinho).

Cena 22 (O Estupro)

*(Junto ao rio, Belém se despede do marido.
Conta a ele que foi estuprada na noite em que o denunciou para que não
pudesse lhe arrebatado o filho Antônio. Está grávida.
Os outros atores vêm aos poucos se reunindo por detrás da cena principal.
A música começa com uma voz e vai sendo encorpada, num sussurro,
por outras vozes.
O diálogo mantém-se em primeiro plano e a música como pano de fundo.
No final é cantada por todos os outros atores).*

BELÉM – É só meu, não te pertence
o filho que em mim carrego.

SAMUEL – Um filho?, queres que eu pense...

BELÉM – Como foi... nem sei, meu nego.
Melhor seria o açoite.

SAMUEL – Um filho... quem? Desgraçada...

BELÉM – Te traí naquela noite...

SAMUEL – Pra impedir a debandada...
Não sabias que eu voltava?

BELÉM – Mas levando o que levaste?
Antônio...? Quem que aceitava?

Contei tudo.

SAMUEL – Eu sei. Contaste.

BELÉM – Ao Feitor. Maldito...

SAMUEL – Elpídio.
Então foi ele? Maldito!

BELÉM – Não só ele. Foram quatro.
Nem mesmo ouviu-se meu grito.
Tal que se me perguntares...

SAMUEL – O pai... será qualquer deles.

BELÉM – Que culpa teria o jito?

SAMUEL – Ah, o ódio queima na pele!

BELÉM – É só meu, será bem-vindo
o filho que vem comigo.

SAMUEL – Tenho ainda o punhal. Fala.
Os nomes de teus amigos.

BELÉM – Meus amigos... Me condenas!

SAMUEL – Há coisas que não se calam,
vergonhas que não se escondem.

BELÉM – E amores que não se abalam.

SAMUEL – Manejo como ninguém
as artes das armas brancas.
Tu sabes!

BELÉM – De que te vale?
Samuel, vou te ser franca:
a sorte só nos separa;
a morte nos mataria.

SAMUEL – Será rápido. Repara:
diz os nomes. Me alivia.
Elpídio eu cravo num laço,

SAMUEL – E como esquecer?

BELÉM – Sozinha,
vou por adonde bem quero.
Não entro por estas sendas,
por onde me desespero.
Vou pra longe das contendadas!

SAMUEL – Ah se o matreiro destino
nos concedesse o retorno...

BELÉM – De novo o tempo menino,
de novo a boca do forno...

(Samuel hesita).

SAMUEL – Vamos, então... Vai pra casa!

BELÉM – Voltar... Samuel, quem dera,
apagar o frio da brasa,
a dor que me dilacera...
Estás sendo perseguido
dos feitores, pelo faro.
O Engenho está proibido,
já não temos mais amparo.

SAMUEL – Decerto. Elpídio me tosa
no que apareça por lá...

BELÉM – Vou para Vila Viçosa...
Santa Cruz de Cameté.
Lá estão as gentes gradadas,
os povos de onde venho,
em nada mais obrigadas.
Os fugidos dos engenhos.

(Pausa. Samuel vacila).

SAMUEL – Sim, vou contigo... mãezinha.

BELÉM – Nunca poderás amá-lo...
(Olham-se) O filho que em mim se aninha.

SAMUEL – Não. Vou apenas criá-lo.

(Os dois permanecem parados. A música cresce por um instante – um rápido instante. E cessa. Com a luz).

FIM

Glossário

vancê, vaçuncê – você

envira – tipo de cipó

embiara – caça, presa fácil

(se) calhar – (se) duvidar

barrelando – estragando, misturando ao barro, sujando

pedradas – por empedradas

vumbora – vamos embora

tupinambá – tribo nativa da região de Belém, Pará

miritis – palmeira da qual se fazem brinquedos populares, maquetes, etc.

desonerar – diminuir, reduzir o valor (exp. amazônica)

(me) encagaço – (me) misturo, (me) enrolo; (me) atrapalho

muriçocas – carapanãs, mosquitos

rasga-mortalha – coruja, ave noturna e agourenta

aningal – grande quantidade de aningas, planta aquática

sagüis – tipo de macaco

capivara – o maior dos roedores; tipo de caça

paca – mamífero roedor

caititu – mamífero

coivara – ramagens empilhadas após as queimadas

camapu – fruto silvestre, comestível, pequeno, que pode substituir o tomate

mucura – mamífero de hábitos noturnos; gambá

caba – tipo de vespa; inseto da picada dolorosa

jito – pequeno (diz-se das crianças)

urucum – urucu, o fruto do urucuzeiro; substância que se extrai desse fruto, para condimento ou pintura do corpo e de tecidos

pinima – teimosia

sudaneses – relativo ao Sudão, de onde procedem grupos de negros escravizados introduzidos no Pará

bantos – raça africana, à qual provavelmente pertenceu a maioria das tribos cujos indivíduos foram levados como escravos ao Pará

família – o conjunto de africanos e indígenas escravizados em cada engenho do Pará

morgadio – instituição que evitava a desagregação da propriedade rural ou alienação dos bens agregados, quando da morte de seu possuidor

mocambos – assim ficaram conhecidos os quilombos – paradeiros de escravos fugidos – no Pará

cambinda – integrante de tribo africana, da qual se diz ter fornecido os primeiros escravos levados para Belém; o nome dessa tribo

baticuns – batuques de escravos

andagem – neologismo: o ato de andar, caminhada

mandingas – bruxarias

ebós – iguaria, oferenda, despacho

axi! – interjeição que expressa nojo

(se) encalinga – (se) mete, (se) envolve

caninga – má sorte (exp. amazônica)

Orellana – Francisco Orellana, comandante da expedição espanhola que desceu dos Andes em 1541, pelo rio Solimões, a ordem de Vicente Pizarro, e cujo capelão, Frei Gaspar de Carvajal, afirma no diário de viagem ter encontrado as lendárias guerreiras denominadas amazonas

merecência – neologismo: merecimento

sarará – que tem cabelo crespo e ruivo; mestiço

Sé e Campina – duas das primeiras freguesias da cidade de Belém

guará – ave ribeirinha de vistosa coloração

Guamá – um dos rios que banham a cidade de Belém

BANDURRA-EH!

Personagens:

Maria Manadora, A Parteira
João Moquebito, O Tocador de Bandurra
Georgia Cupertina, A Rainha do Marierrê

E:

Uma Atriz Jovem,
que inicia o espetáculo interpretando Manadora

Outra Atriz, Menos Jovem,
que inicia o espetáculo interpretando Moquebito

Um Velho Ator,
que inicia o espetáculo interpretando Cupertina

As Pragas de Manadora

As Pragas do Egito

Apenas Citadas:

A Filha da Parteira
O Pai do Bebê
O Irmão do Tocador
O Rei do Marierrê
Alaor

Apresentação

Os preceitos metalinguísticos do “Bandurra-Eh!” incorporam uma espécie inesperada de domínio e controle de seus três protagonistas sobre os atores que os interpretam – ao contrário do que seria natural, com aqueles sob a tutela destes. Por vários meandros estilísticos e de roteiro, o Autor faz com que essas personas migrem, voluntariamente ou não, de um “corpo” de atriz ou ator a outro, e até disputem o “espaço” corporal da atriz “mais jovem e bonita” – ou sejam mesmo expulsas “de dentro” dos intérpretes, umas pelas outras –, ao feitio de seus próprios interesses e idiossincrasias.

Desse modo, num rodízio que se completa ao longo das cinco partes do texto, a parteira Manadora, o bandurrista Moquebito e a rainha Cupertina acabam sendo interpretados sucessivamente, cada um, pelos três atores. Essa feição exige que os três intérpretes construam seus próprios personagens mas também “copiem” (e se ensinem, mutuamente, a copiar, num processo colaborativo e integrado de montagem) as personas elaboradas pelos outros dois.

Assim, também, no ponto em que *As Pragas* e *As Pragas do Egito* tomam para si os corpos dos intérpretes e começam a se manifestar, através deles, as duas atrizes e o ator passam a interpretá-los de acordo com as definições e marcas definidas ao sabor de cada sequência.

Embora o público se assente ao redor da cena, numa plateia de desenho retangular ou quadrado, queremos observar que não se trata de teatro de arena. Falamos, ainda, de um palco convencional, italiano, em sua origem, cujo sentido é, no entanto, alterado pelos atores, esporadicamente: frente, laterais e fundo de caixa da cena giram 90 graus (em relação à plateia), por quatro vezes, em sentido anti-horário, desde o prólogo até o epílogo – o que permite, portanto, a cada espectador, uma visão das ações de quatro ângulos diferentes –, até retornar ao seu ponto inicial.

Tudo isso foi observado, na encenação original dirigida pelo dramaturgo Walter Freitas, no ano de 2011/2012 (sob patrocínio da empresa OI, via Lei Semear). Ora, a cena em que os personagens deixam simultaneamente os corpos dos atores, para escapar de uma perseguição engendrada pela história, gera um diálogo em que os

intérpretes se tratam pelos próprios nomes, fixando no texto a identidade dos integrantes daquele elenco original (Juliana Abramides, Marina Mota e o próprio Walter Freitas).

Assim, uma outra possível montagem pode ser viabilizada de uma destas duas formas: ou os novos encenadores assumem estes nomes, como se os primeiros atores sejam também personagens a serem interpretados pelos novos intérpretes, sem qualquer alteração no texto, ou – tarefa mais difícil – algumas falas são reescritas, neste ponto (e somente neste ponto), da forma mais conveniente possível, de modo a incorporar as identidades desse pretense novo elenco, sem romper as estruturas formais que são uma de suas mais encantadoras marcas.

Sobre a Direção de Arte

Na montagem original, a direção colocou em cena vários tipos de luzes de mão e outras luminárias fixas, também manipuladas pelos próprios atores. A Caixa referida no texto foi posta em cena na forma de um camburão de lata, que os intérpretes (ou personagens) levam consigo, durante toda a encenação, usado coreograficamente, rolando e sendo carregado das formas mais diversas e inventivas que o elenco pôde descobrir. Há também cenas interpretadas do alto deste camburão e por diversas vezes os atores entram nele, ao mesmo tempo ou isoladamente, reduzindo-se o palco às dimensões desta “caixa”, com marcações definidas pelo uso inteligente da exiguidade do espaço existente em seu interior.

Sobre a Música

A Décima-Segunda Música, um samba de cacete, é de autoria do compositor Moque, da Comunidade Quilombola de Matias, no município de Cametá, Pará, um dos locais em que o grupo pesquisou e ministrou oficinas (de teatro, música e dança), durante o trabalho de pesquisa para elaboração desta dramaturgia.

A Décima-Quarta Música, uma folia de reis, é de autoria do Grupo 5 de Ouros, da Comunidade Quilombola de Maú, também em Cametá, outro dos quilombos então pesquisados pelo grupo e pelo Autor.

A Décima-Quinta Música – parte da cantata “A Maravilhosa Música do DJ” – é composição de Walter Freitas sobre texto recolhido pelo escritor marajoara Dalcídio Jurandir e incluído (como fala de personagem) no romance “Belém do Grão-Pará” (Livraria Martins, São Paulo, 1960).

As demais partituras foram escritas por Walter Freitas.

Ação

Prólogo:

Na Caixa de Manadora, de onde saem as Pragas

Primeiro Ato:

Nas Vilas, de onde as personagens se despedem para uma longa jornada

Segundo Ato:

Nas Florestas, onde se encontram e se perdem as personagens

Terceiro Ato:

Nos Caminhos de Carroça por onde as personagens fogem das Pragas

Epílogo:

No Reino do Marierrê, onde as personagens pensam em se salvar

Três Velhos estão de partida. Eles saem cada um de sua Vila, com objetivos diferentes e diferentes destinos, mas é de uma mesma Caixa de Bandurra que eles saem, do seu Bojo, Ventre ou do seu Útero. Saem de uma mesma Fantasia. Os três iniciam o espetáculo cantando, enquanto a Caixa se abre ou se desmonta ou se desfaz, de maneira lúdica e lenta, em outra coisa se transformando.

***Maria Manadora, a Parteira** carrega consigo um segredo que precisa revelar a alguém ainda antes que lhe suceda morrer. Vai contratada para pegar um bebê, mas parte sem poder levar A Filha, sua fiel companheira – que adocece bem na hora da viagem –, e sem a proteção do Pai do Menino, que veio na tarefa de buscá-la, mas, embriagado, agora dorme na rua.*

***João Moquebito, o Tocador de Bandurra** leva as quatro cordas de seu instrumento, a ele entregues pelo irmão. Precisa reencontrar os amigos de seu antigo grupo de Samba e tocar na velha Bandurra, que abandonou, depois de usá-la por muitos anos. Ele sente a voz fraquejar, mas seu espírito se levanta, ávido por uma Tiração de Reis, que pode ser a última cantoria de sua vida. E esconde na alma o segredo que um dia o fez largar os amigos.*

***Georgia Cupertina, a Rainha do Marierrê**, parte em busca de realizar um de seus últimos desejos: encontrar, ainda uma vez, Alaor, o Homem a quem mais amou na vida e de quem há muito se perdeu. A Rainha enfrenta o medo de que seu amor nem mesmo a reconheça. E em seu peito arde o segredo que a fez largar no tempo a esperança de sua vida para se unir a outro Homem. Na despedida, o Rei, seu marido, sabendo da verdade, entrega-lhe um presente secreto e diz a ela que contará – a quem na Vila queira saber – que ela fugiu.*

Então...

***Manadora** conta a **Moquebito** o sonho que com ele teve.*

***Moquebito** conta a **Cupertina** sobre as assombrações e lendas que é capaz de ver e cantar.*

***Cupertina** conta a **Manadora** sobre como se abriu a Caixa da Bandurra, liberando as pragas que se espalham pela Boca da Noite.*

Prólogo

Na Caixa de Manadora

1

(No limite entre as Vilas da Despedida e as Florestas da Perdição.

Há um barulho assustador, mas contido, enchendo o ambiente, vindo de um espaço fechado, uma Caixa iluminada por dentro, onde estão ocultos três atores.

Entra o público.

As três personagens lutam para evitar o rompimento dos limites da Caixa, mas, enquanto falam, produzem silvos, apitos, batuques... A sonoridade vai crescendo até que a Caixa finalmente se rompe.

É então que as pragas se libertam, espalhando-se pelas Vilas da despedida e pelas Florestas da Perdição).

CUPERTINA – A foi que eu te disse, peste, Audaciosa!

MOQUEBITO – B, fez Bandalheira, cheia de emboança.

MANADORA – C, pois te acrescento: cuche, Cupertina!

CUPERTINA – Toma um D, de Doida, parteira cretina...

MOQUEBITO – E, segurei firme! Peguei a Esperança!

MANADORA – E eu rabisco o F: Fêmea e Furiosa.

MOQUEBITO – G, cresce o Galope na caixa sonora...

MANADORA – H de Holofote – que se acendam as luzes!

CUPERTINA – Ih, cala esta boca, mulher Irritante!

MOQUEBITO – J, Jararaca, morte galopante!

MANADORA – K de Kushiyma, de Ka'tu, de Kruzes.

CUPERTINA – Liga esta Lanterna, Logo, Manadora!

MANADORA – Me chame Maria, tá, seu Moquebito?

CUPERTINA – N de Não Nada Ninguém vive às turras

MOQUEBITO – Olha, as pragas todas vão sair pra fora!

MANADORA – P, Poxa, eu fiz tudo como fez Pandora!

CUPERTINA – Q, que tu “Quebrastes” a caixa bandurra

MOQUEBITO – R, assim Rompeste o triângulo aflito!

CUPERTINA – Eu Sou Sua Alteza e ordeno-lhe: me acode!

MOQUEBITO – T, Tocar eu Toco Tudo de memória

MANADORA – U de “Uvido” gasto ao som deste instrumento

CUPERTINA – V, Vamos embora, chega de lamento

MOQUEBITO – W, chama o Walter pra contar a história

MANADORA – X de Xana chocha! Xota, a caixa eXplode!

(Os três abandonam a Caixa, que se desmonta e se desdobra. As Pragas se espalham pelas Vilas. Outras luzes se acendem).

MOQUEBITO – Y!

MANADORA – Credo!

CUPERTINA – Forquilha medonha!

TODOS – Zumbido de Zanga, Z de som Zampoña

(Eles saem cantando a Primeira Música e levando nas mãos a Esperança).

Primeira Música:

Fala da Caixa Sonora que Manadora, por traquinagem, abriu

TODOS – Numa Caixa de Bandurra
(*Cantando*) entalhada em pau de cedro
a Maldade foi trancada
por um homem, por um pedro

O molho de chaves gasto
de ferrugem carcomido
perdeu-se no tempo vasto
na memória derretido
E as palavras que serviam
para abri-la, benedetas,
quando assim balbuciadas
numa oração, carrapetas,
foram lançadas no forno
do esquecimento mais denso,
viraram cinzas tragadas
por um tocantins imenso.
Mas Maria Manadora,
não só parteira, traquinas,
reinventou as palavras
pelas artes femininas
e, pra salvar Moquebito
(um seu amigo João)
de um sonho desesperado,
de uma maleficação,
abriu a Caixa Sonora
e foi buscar a Esperança
que lá dentro se escondia
– as duas, duas crianças!
E porque fez o que quis
e sempre faz o que quer
vai ter que pagar a prenda
pelas artes de mulher

2

(Ao fim da música, Manadora narra e encena para Moquebito o sonho que com ele teve).

MANADORA – A primeira vez na pedra
teus olhos eram só sangue
no sonho desesperado
com nós lá dentro, no mangue
Eu, que tempo não sonhava,
te vi de mãos amarradas
com quatro bandurras cordas
para trás, assim, atadas
Cordas finas, de metal...!

Romperam meu coração
e nele me vens agora
feito um são sebastião!
Acordei muito assustada
e corri pra te contar:
o sonho que a gente conta
fica sendo só sonhar
Sonhei de novo e de novo
e agora, quase manhã...
era sempre o mesmo sonho,
a mesma cena malsã
De novo na pedra, atado
num galho de timbuí
os olhos só dois buracos,
você dizia: Eu comi!
Foi que voltei perguntando:
que fizeram com você,
que fizeram com seus olhos...
e quede a bandurra, ê?
Mas tu, pávulo, sorriste
e eu chorei devagarinho...
“Não chora”, tu me disseste,
bem de manso, de mansinho.
“Cansado de enxergar, eu
fiz-me assim, mas não vingou
Não chore, que ainda vejo,
de nada me adiantou”.
E agora que te despedes
e que te vejo partir
não quero que vás embora
nem quero me despedir.

(Moquebito conta e encena para Cupertina os motivos de sua viagem).

MOQUEBITO – Cupertina, Cupertina...!
Então te arrancas da Vila!?
Mas nem te conto: eu também!,
estou na cabeça da fila.
Levo as quatro cordas, olha!,
minhas quatro bandurrinhas...
meu irmão guardou pra mim,
mas elas sempre são minhas.

E cadê tua coroa

de Rainha, vaçuncê...
A brancura dos costumes,
o sal do marierrê?
Vais sem nada, de viagem,
em busca será do quê,
em horas de almas penadas
que a gente sabe e não vê!

Eu... atrás dos meus parceiros
que uma coisa má roubou,
tu sabes, há muitos anos
e muita dor me causou.
Não é época de Reis?
Então!?, vou tirar Folia!,
nem que seja a derradeira
– minha última agonia.
Cantar samba com os parceiros
até que a manhã, rompida,
me faça esquecer das horas
nas Vilas da Despedida.

Olha!, é noite e eu tenho medo
das assombrações malvadas
que canto e toco fervoso
pra que restem acabrunhadas...
Eu vejo! Nem todo mundo
tem certos dons de vidência.
Que remela, que qual nada!,
só faz é causar demência.

Mas Manadora, a Parteira,
diz-que me viu bem medonho:
os olhos esburacados
e as mãos atadas... num sonho.

(Começa muito de leve a cantar e tocar uma música. Cupertina narra e encena para Manadora, então, a conversa que travou com o Marido, antes de sair de casa).

CUPERTINA – “Eu fui Rainha com ele,
depois Rainha consigo.
Ele foi o que tu sabes
e tu, bem mais que um amigo...”
Bem assim disse pra ele,

ouviu, Manadora?, eu disse:
eu não escondo de homem
essa minha atrevidice.

Falei mesmo que ia indo
para o que desse e viesse,
mas bem assim já suponho
que Alaor não me conhece!
Alaor... meu Rei calado!,
meu Príncipe, menininho...
meu amor encabulado,
por onde andarás, sozinho?

Não ouves os todos silvos
vindos da caixa sonora
e se espalhando nas vilas,
por sobre nós, Manadora?
Na Boca da Noite aberta
o meu segredo e estas pragas:
me encontre, mana, um ouvido
pra repartir estas chagas!
Porque também tu te escondes
com teu mal tão bem guardado
que ninguém nem desconfia
se sacrifício... ou pecado.
Eu inda tenho meu Reino
no qual entrei bem criança,
arrá!, pra onde retorno
com marierrês e danças!
Mas um Rei mandar pra outro
um presente – tu já viste?
E me diz (olha o marido):
“Vou fingir que tu fugiste!”

(Ouve-se claramente, agora, a música de Moquebito).

CUPERTINA – É Moquebito cantando...!
Cobre, com música, o medo
de alguém sair publicando
que também leva um segredo...

(As duas se acercam de Moquebito. Ajudam-no a cantar).

Segunda Música:

Fala da Noite encantada em que tiveram coragem de partir

TODOS – Quantas estrelas alçadas
(*Cantando*) por cima da nossa rua
quantas estrelas acesas
nas minhas mãos e nas tuas
A noite estende uma faixa,
uma lâmina de luz
pra aliviar nossa carga
pra aliviar nossa cruz

Cupertina e Moquebito
– Manadora vem tranquila
de partida tão sozinhos
um atrás do outro, em fila
Manadora e Cupertina
– Moquebito vem calado
de partida tão galantes
não temem mais o passado
Moquebito e Manadora
– Cupertina vem atrás,
de partida tão bonitos
não sabem se voltam mais

Fim do Prólogo

Primeiro Ato

Nas Vilas da Despedida

3

(Os três se preparam para seguir viagem).

MANADORA – Por onde vamos agora?

CUPERTINA – Como assim, por onde vamos?
Eu vou na frente! Precedo.

MOQUEBITO – Nananin... Não concordamos.
Eu vou sozinho!

CUPERTINA – Coitado!

MOQUEBITO – Meu rumo é outro.

CUPERTINA – Tadinho!

MANADORA – Minha Rainha, eu me curvo:
(Falsa) diga por onde o caminho.

MOQUEBITO – Tenho de levar as cordas...
Afinar minha bandurra!

MANADORA – Não vá levar lá, das pragas,
uma sova...

CUPERTINA – uma surra!
E que bandurra já, esta,
pela qual tanto se abala?

MOQUEBITO – Bandur...

MANADORA – ...invenção lá dele!
(Interrompe)

CUPERTINA – Manadora...!
(Ralhando)

CUPERTINA – Fala, fala!
(*A Moquebito*)

MOQUEBITO – Bandurra... eu toquei já tanto,
já tanto me fez feliz!

MANADORA – Atrás disto, então, tu partes...

MOQUEBITO – Sim!

MANADORA – ...Arrancas a raiz?

MOQUEBITO – Sinto ainda o cedro puro
(*Emocionado*) roçando minhas costelas,
meus nervos se retesando
pelas portas e janelas.
(*Recobrado*) E vocês... O que pretendem
lançando-se pela Noite?

MANADORA – Eu... pegar um belezito!

CUPERTINA – Ah, mas que vento... É um açoite!
(*Desvia o assunto*)

MOQUEBITO – Vais longe por um tal parto.
E o pai, que não se avizinha?

MANADORA – De bebedeira emborcado
sob o sino da igreja...

CUPERTINA – Onde vai se dar a coisa,
este novo... nascimento?
Conta pra nós, Manadora.

MANADORA – Na curva do pé de vento!
(*Debochada*)

MOQUEBITO – Espero que já não seja
no alcance do Pau Dobrado.

CUPERTINA – Eu soube! Andaram estripando
uns dois pobres estripados.

MANADORA – Não, não! Não vou me embrenhando num povoado perdido.

MOQUEBITO – Não foi assim, Cupertina: foi só um que foi ferido. O outro morreu, de fato, mas foi de morte morrida

CUPERTINA – Que os anjos lhes levem as almas, lhes dêem pouso e guarida.

MOQUEBITO – Deu tudo nos jornalecos.

CUPERTINA – Olha! Como se isto lesse...

MOQUEBITO – Não só leio, mas escrevo!

MANADORA – Ah!, mas vocês brigam! Esse caso lá do Pau Dobrado... esqueçam! Feitiçaria a gente entorta com reza, muita reza e romaria.

CUPERTINA – Mas a mãe matou a filha: disso eu soube com certeza!

MOQUEBITO – Li a notícia, cunhada.

CUPERTINA – Com ajuda! Uma princesa – duvi-de-o-do rainha... que veio diz-que do fundo trazendo a chave de um reino, de um reisado mor que o mundo.

MANADORA – Reisado, é...?

MOQUEBITO – Estás frita!

CUPERTINA – Frita, eu? Eu sou Rainha. Para princesas não ligo. Não dou bola a princesinhas.

MANADORA – Mas bem que então poderiam ir comigo em companhia!

Minha filha está doente
ou, sei lá, finge, a vadia!

CUPERTINA – E ficaste assim, sozinha,
pelo meio da empreitada.

MOQUEBITO – Não sei se posso ir consigo
nesta mesma longa estrada.

MANADORA – Ah, vumbora!

CUPERTINA – Vou na frente!

MOQUEBITO – Eu ia por este lado...

CUPERTINA – Agora então se desvie...!
Vais conosco, está fechado.

MOQUEBITO – Ah, não sei!

MANADORA – Como não sabe?

MOQUEBITO – Por tanto tempo encolhido
nestas vilas, povoados...

CUPERTINA – Moquebito deprimido...
Perdeu o tino das farras!

MOQUEBITO – Farras, não. Celebrações!

MANADORA – Mas, se soltou as amarras...

MOQUEBITO – Eu lhes peço mil perdões.
Sem ter um rumo varado,
não penso em sair pro mundo!

CUPERTINA – Eu lhe mando, antão: nós siga!,
percisamos de um segundo
que nos secunde, bem macho.

MANADORA – Moque-bito! Moque-bito! (*Torcendo*)

CUPERTINA – Sossega, mulher, teu facho!

MANADORA – Eu saio sempre das Vilas.
Sempre a trabalho estou indo.

MOQUEBITO – Não que seja a mesma coisa!

CUPERTINA – Tens toda razão, meu lindo.
Agora saímos mesmo!
Não é mais de brincadeira...

MOQUEBITO – ...por tantos perdidos anos...
Eu vou pela bandalheira!

CUPERTINA – E eu vou indo por amor!
O nome dele até rima:
sim, Alaor... Alaor...

MOQUEBITO – E tu, Manadora, diz!
Só por um parto? Uma ova!

MANADORA – Levo uma coisa comigo:
(Uma ponta de tristeza) desses segredos de alcova
que precisa a hora exata,
o lugar, o ouvido certo
pra se passar adiante.

MOQUEBITO – Fala pra mim!
(Insinuante)

CUPERTINA – Estou perto!
(Ardilosa)

MANADORA – Não, não é chegada a hora!
(Desconfiada) E vocês...

CUPERTINA – Qual o problema?

MANADORA – Ah, não sei! Talvez a idade.

MOQUEBITO – Ai meu Deus! Grande dilema...

CUPERTINA – Mas não estamos começando
tudo de novo?

MOQUEBITO – É verdade!

Nos desligando do mundo.

CUPERTINA – Sem nem falar em saudade?

MANADORA – Mas pra sairmos da toca,
de nossos esconderismos
e trazermos para cima
os mais profundos abismos
percisemos da carona
que nos dão estes anjinhos,
forjados nos movimentos
destes três atorezinhos.

MOQUEBITO – Isto procede! De fato!
(Presta atenção)
em si mesmo) Nossa grande covardia
tem que ficar registrada
pra mais dia, menos dia.

MANADORA – Bem... Então... Pois sim... Que tal...?
(Corta a conversa) Já dancei a contradança.
A conversa está bonita
mas a noite avança. Avança!

CUPERTINA – Já vai?

MOQUEBITO – Já segue?

MANADORA – Adeusinho!

MOQUEBITO – Não iríamos com ela?

CUPERTINA – Então, vamos! Eu decido!

MANADORA – Olha!, uma estrela amarela!

4

Terceira Música:

Fala das Vilas da Despedida, do tempo passado e da saudade que vão sentir

TODOS – Foi numa estrela amarela

(Cantando) que partimos das três vilas.
Foi numa estrela amarela,
longe luz esmo barrela
Levava tanta saudade
levava tanta saudade
que a voz tremia, era tarde
quando amarrei o paneiro
Foi deste tempo passado
que partimos lado a lado
foi deste tempo passado
do qual jamais partiremos

5

(As Pragas atacam pela primeira vez. Os três se vêem obrigados a enfrentar a ameaça em defesa das Vilas da Despedida).

MOQUEBITO – Por que foste abrir a Caixa,
Manadora, mas por quê?

MANADORA – Foi o sonho!

CUPERTINA – Que sonhaste?
Mas que sonho!

MANADORA – De doer...

CUPERTINA – Conta pra nós, princesinha.

MOQUEBITO – A mim ela já contou.

MANADORA – Eu temo por Moquebito!
A Caixa...? Fiz um favor!

CUPERTINA – Um favor, como um favor?

MANADORA – Fui atrás de uma esperança.

MOQUEBITO – Esta?

*(Mostra a
Esperança
em suas mãos)*

MANADORA – Sim!!!
(*Surpresa
e feliz*)

CUPERTINA – Meus parabéns.
(*Crítica*) Parece uma criança...
E as Pragas soltas na rua?

MANADORA – Não será que vão-se embora...?

MOQUEBITO – Ninguém tocou nesta Caixa
muitos anos, Manadora.

MANADORA – Eu sei.

CUPERTINA – Escutem!

MOQUEBITO – Que foi?

CUPERTINA – Devem ser elas. E agora?

MOQUEBITO – Vamos entregar a elas...
nossa amiga Manadora.

MANADORA – Ai Jesus!

CUPERTINA – Mas que piada!
Não vou barganhar com um traste.
Se abaixem que elas nos erram!

(*As Pragas passam sobre eles e em volta, ameaçadoras.*)

MOQUEBITO – Que pálida tu ficaste...!
(*A Manadora*)

MANADORA – Eu pensando que elas fossem
partir pra muito do longe...

CUPERTINA – Deixassem em paz Moquebito!?

MANADORA – Sim!

MOQUEBITO – Em minha paz de monge...!
(*Reflexivo*)

CUPERTINA – Mas que engano!

MANADORA – Vão, de fato,
me dar de presente?

MOQUEBITO – Eu voto
sim!

CUPERTINA – Calma, calma...

MANADORA – Ingrato!

MOQUEBITO – Seus contratemplos, nem noto.

CUPERTINA – Lá vêm elas... Bem mais perto!

MOQUEBITO – Mais perto, sim, num rasante.

MANADORA – Corre pra beira do rio,
corre, mana, pra adiante!

(Eles correm pela beira do rio. As Pragas passam por sobre suas cabeças).

CUPERTINA – Como tu fizeste? As chaves
há muito foram perdidas.

MOQUEBITO – E ninguém tem nem lembrança
das palavras proibidas.

MANADORA – Eu tenho...

CUPERTINA – Tens?

MOQUEBITO – Como assim?

MANADORA – Eu tenho...

MOQUEBITO – Não acredito!

MANADORA – Vou dizer elas de novo!
(Concentrada)

CUPERTINA – Não, não, por São Benedito!

MOQUEBITO – ...nos atravessam, nos varam!

MANADORA – Já sei, Cupertina, mana:
(*Mais baixo*) Te escorrega para o rio!
A gente debaixo d'água,
elas têm medo do frio.
Não vêem nada nas águas
barrentas do Tocantins!

CUPERTINA – E a gente morre afogada?
Pense nos seus curumins.

MOQUEBITO – Vamos acender um fogo!

CUPERTINA – Pra fritar as nossas almas?
De fogo é o que mais entendem.

MANADORA – Calma, Cupertina, calma...!
(*Consola a outra*) Vamos rezar!

MOQUEBITO – Essas bichas
com reza não querem nada.
Passam por cima do Credo,
só respeitam a lei da espada.

MANADORA – Então vamos jogar pedra.

MOQUEBITO – Tem muita, ali, na pedreira.

CUPERTINA – Joguem, mesmo, e avisem elas
que estamos aqui na beira.

MOQUEBITO – Olha um pé de jenipapo.
Eu vou já subir é nele.

CUPERTINA – Trepa! Vai perder teu tempo
escalavrando essa pele.
Minha nossa!, estão fungando,
farejando o nosso rumo...

MANADORA – E são já cachorro brabo
da gente tomando prumo?

CUPERTINA – É o teu cheiro, Manadora,
estas ervas lamentáveis.

MANADORA – Praga não saca de cheiro.

MOQUEBITO – Acho bem apreciáveis!
*(Cheirando
Manadora)*

CUPERTINA – Por amor...! Estão coladas,
(Balbuciando) babando na minha boca.

MANADORA – Este bafo eu reconheço
da hora em que fiz a troca...

MOQUEBITO – Silêncio...!

(Eles se apertam uns contra os outros para não serem tocados).

CUPERTINA – Que vestidaço!
(Perde o foco) Parece o de uma Rainha...

MANADORA – Repare bem no modelo,
que eu lhe copio igualzinha.

CUPERTINA – Igualzinho!

MANADORA – Estou falando
da saia branca rodada,
daquela outra escamosa.

MOQUEBITO – Silêncio, desmioladas...!
O cerco está se fechando.

MANADORA – Rainha, vá lá, se imponha!
Não vai ficar espremida
Feito um bolo de pamonha!

(Eles se deslocam atrás da Rainha para escapar à aproximação).

CUPERTINA – No meu Reino é que não entram!
Como elas são pavorosas...!
Estas folgadas... Malandras!
Velhas, gordas e tinhosas!

MOQUEBITO – Mas aqui não tem um Rei.

MANADORA – Não tem um Rei, aqui, mesmo.

MOQUEBITO – Então vale a majestade
(*Fazendo graça*) do vosso torrão-torresmo.

MANADORA – Quem manda, então?

MOQUEBITO – Sim, quem manda...?

CUPERTINA – Eu mando. Ora quem manda...!?

MANADORA – Pois-pois se é você quem manda...
(*Indica uma Praga*) Como então ela é quem manda?

CUPERTINA – Pois vou acabar com a festa:
Nhá Dora, diga as palavras...

MANADORA – As palavras...?

CUPERTINA – ...benedetas!,
contra estas pragas bravas!

MANADORA – Ah, mas não sei mais se lembro...

MOQUEBITO – Vou atear fogo, então!

CUPERTINA – Vamos comigo pras águas,
nos esconder no Poção.

MOQUEBITO – E o fogo?

CUPERTINA – Vai, queima, queima!
Faz lá um aceiro porreta,
enquanto Dora se lembra...

MANADORA – ...da oração da carrapeta...
(*Tentando*)

CUPERTINA – Isso, isso, assopra, assopra!

(Moquebito recua com elas para dentro do rio, soprando. A Rainha ajuda a

soprar. Manadora também, mas, entre um sopro e outro, balbucia coisas incompreensíveis).

MANADORA – Fu! Brandrelus criscomprelus...!
(*Soprando*)

MOQUEBITO – Fu fu fu fu... Nada disso!
(*Soprando*)

MANADORA – Fu! Fumaça nos cabelos...!
(*Soprando*)

CUPERTINA – Anda, te lembra!

MANADORA – Astraulis...!
Fu! Fogacius desalmarius!

MOQUEBITO – Fu! Mas que águas mais quentes!

CUPERTINA – Mais morna que nos aquários...
Será que – fu! – estas Pragas
abusaram mais da gente...?

MOQUEBITO – Como assim – fu! – abusaram?

MANADORA – Mijaram – fu! – na corrente!

CUPERTINA – Te concentra, pecadora!

MANADORA – Mijus fétidus fedidius!

MOQUEBITO – Ou foi o medo, Nhá Dora?
(*Acusativo*)

MANADORA – Transgrelus barbacomidius!
(*Desconversando*)

CUPERTINA – Vejam! As cretinas pararam.

MOQUEBITO – Por causa do fogaréu.

CUPERTINA – Fogo e água!? Não, não creio.

MANADORA – Foram as palavras do céu...

CUPERTINA – Palavras, mas que palavras!

MOQUEBITO – E eu molhado até os ossos.

CUPERTINA – Alguma coisa mais forte
mete medo nestes poços!

MOQUEBITO – Parece que elas perderam
a pista...

CUPERTINA – Foi! Deus nos benza.

MANADORA – As palavras também servem
(*Acusativo*)
contra cólica, influenza,
quebradeira, dor de corno,
candidíase, insônia,
estradas esburacadas,
político sem-vergonha...

CUPERTINA – Quieta!, que não sabemos
porque largaram de mão...
Que a noite nos favoreça,
escondidos no Poção.

6

(A luz baixa. As Pragas emitem seus sons pavorosos no meio da Noite. Assustados, os três se protegem uns aos outros dentro do Poção. Mas Cupertina adoece gravemente e delira. Até que encontram uma forma de se livrarem das Pragas).

MANADORA – Eu fiz como Dona Bena,
(*Sozinha*)
aquela lá de Juaba,
pequenina e poderosa
– uma palmeira abacaba:
peguei meu primeiro filho
sozinha, na minha esteira,
debaixo da rede atada,
sem auxílio de parteira.
Quando o pai dele chegou
trazendo ajuda – ora ajuda!,
a canja já estava pronta
e eu, banhada... bem posuda!

CUPERTINA – Nhá Dora, o que? Não sabia!
(De surpresa) Morria velha e sem essa
de que tinhas um menino
nascido com tanta pressa.

MANADORA – Um menino... eu disse isto?

CUPERTINA – Eu ouvi.

MOQUEBITO – Está variando.
Quantos anos, hein, Nhá Dora?

MANADORA – Por que ficam perguntando?
(Evita o assunto)

CUPERTINA – Como se chamou? O baby?
Por onde anda?

MOQUEBITO – Setenta?

MANADORA – Vamos, gente, está na hora.

CUPERTINA – Está vivo?

MOQUEBITO – Mais? Oitenta?

MANADORA – Vou aproveitar a lua.
A luz passa pelo crivo
das folhas. Parece um dia!

(Prepara-se para abandonar o refúgio).

MANADORA – ...sim, Cupertina: está vivo.
*(Rende-se
ao assunto)*

CUPERTINA – Vais embora... E não tens medo?
Eu cochilei...

MOQUEBITO – Dentro dágua?

CUPERTINA – E sonhei...

MOQUEBITO – Não foi comigo!

CUPERTINA – Foi com uma mulher... de anáguas!
O rosto... as mãos... tudo em chagas,
umas pústulas...! Chorava
e onde a lágrima escorria
uma ferida fechava.
Depois rasgava de novo.

MOQUEBITO – Foi com a parteira este sonho?

MANADORA – Mas não foi como o que eu tive.

MOQUEBITO – O seu foi bem mais medonho.

CUPERTINA – Curava e de novo abria...

MANADORA – Do Poção eu me despeço.
(Saindo) Vai que o belezito nasce
antes. Esta eu não mereço.

CUPERTINA – Quando no meio da mata,
numa árvore amparada,
um homem de olhar perdido,
louco, lhe chega. Abismada,
ela dobra os dois joelhos.
Diz: “Eu sabia, eu sabia,
Dom Sebastião voltou,
eu disse que voltaria!
O desejado, O encoberto
O adormecido nos valha!
Nos livre dos males todos,
ressurgido da batalha”.

MOQUEBITO – Nossa Rainha está mal...

MANADORA – É o frio. Me ajuda, me ajuda!
Vamos tirá-la da água.
Ande, moço, nos acuda!

(Puxam a Rainha para fora do Poção).

MANADORA – Minha Rainha, respire!

MOQUEBITO – Reaja, minha Rainha!
Que faço pra lhe animar?

MANADORA – Talvez uma piadinha...

CUPERTINA – Não... me custa tanto rir.
(Reage aos poucos)

MOQUEBITO – Vou lhe contar uns segredos.
Só sabe quem canta o samba
debaixo dos arvoredos.
Sabe quantos furos tem
um tambouro caprichado?
Quinze furos, é!, meu bem...

CUPERTINA – Dois bastavam...
(Fazendo graça)

MOQUEBITO – ...bem contados!
Nasce assim, tão do sonoro,
senão do cumaruí...
da copiúba ele brota
e de mãos como esta aqui.
No sarilho a gente aperta
o couro bem vermelhinho
de veado, que já poucos
se acham nestes caminhos.

CUPERTINA – Um bicho? Escuta, Nhá Dora,
(Anima-se) a que ponto nós chegamos.

MANADORA – São tão bonitos bichinhos,
que até pra tocar usamos.

MOQUEBITO – Dura e mansa, majestade,
na resposta dos cacetes,
é a voz da maçaranduba
– resposta e repiniquete!
A bandurra: nove trastes,
quatro cordas, toda em cedro.
Serviu de selo à maldade,
trancada por um tal pedro...
Bumbo, quase voz de baixo,
e a Onça, voz de lamento,

louvam nas festas a Nossa
Senhora do Livramento
e a Senhora do Rosário
por quem nutro imensa fé.
Tudo começou nas roças
guardadas por São Tomé,
mas o melhor, minha amiga,
são as vozes, são a calma,
tenor sobre contra-ato,
vindas do fundo da alma.

CUPERTINA – Ah, mas deixa, Moquebito!,
(*Interrompe*) deixa lá de poesia.
Temos de seguir, e como?,
com estas danadas por guia...

MANADORA – Com as palavras benedetas!

MOQUEBITO – As palavras proibidas?

CUPERTINA – Manadora, não foi isto que
espantou estas bandidas.

MANADORA – Não me lembrei, é verdade!
Mas amanhã surge a luz:
com certeza, tu te lembras?,
é o dia da Vera Cruz.

MOQUEBITO – Sim, a última cabeça
que a mãe do garapé baixa...

CUPERTINA – Ah, então foi bem por isso
que se afastaram da Caixa.

MOQUEBITO – Eu ouvia, e ainda ouço,
as vozes de assombrações
cantando e batendo, altas,
lá pros lados dos poções...
E era sempre em horas mortas
meio-dia, seis da tarde...

CUPERTINA – Não acredito... mas vale
qualquer coisa que nos guarde.
Mas não é manhã, nem dia,

a noite vai muito alta
e nós todos precisamos
seguir caminho, sem falta.

MOQUEBITO – Só se fizermos aquilo
Que eu já propus. E na vera!

CUPERTINA – Entregar nossa parteira?

MANADORA – Pra uma daquelas feras...?

CUPERTINA – Por que ela?

MOQUEBITO – Por que não?

MANADORA – E se não der resultado...?

CUPERTINA – Se ela for só a primeira?

MOQUEBITO – Melhor que ficar sentado,
à espera de seu retorno.

CUPERTINA – Ora, existe um outro meio
e bem mais digno, nobre!
Decidimos por sorteio.

MANADORA – Quem perder...

CUPERTINA – Fica esperando.

MOQUEBITO – E os outros...

CUPERTINA – Seguem caminho.
Aceitam?

MOQUEBITO – Estou pensando.

MANADORA – Valei-me, Jesus Cristinho!

(Moquebito se isola. A Rainha e Manadora conversam em um canto).

(Cupertina começa a falar na Língua do P, para que Moquebito não entenda. Ela conta a Manadora que viu o neto do tocador dançando Funk, na festa. As duas riem e criticam o tocador por não ensinar aos filhos e netos o Samba de Cacete).

- CUPERTINA** – O-po ne-pe-to-po de-pe-le-pe
dan-pan-ça-pa Fun-pun-k-pe. É-pé!
- MANADORA** – Não-pão a-pa-cre-pe-di-pi-to-po.
Men-pen-ti-pi-ra-pa!
- CUPERTINA** – Eu-peu-vi-pi!
- MANADORA** – Mas-pas quan-pan-do-po... Pa-pa-ra-pa!
- CUPERTINA** – E-pe-le-pe nem-pem sa-pa-be-pe!
(Indica o tocador)
- MANADORA** – Coi-poi-ta-pa-do-po...! O-po-lha-pa...
- CUPERTINA** – Eu-peu cho-po-ro-po! Eu-peu, hein-pein!
- MANADORA** – Pu-pu-xa-pa!
- CUPERTINA** – Quem-pem man-pan-da-pa?
E-pe-le-pe quer-per fer-per-rar-par
Con-pon-ti-pi-go-po.
- MANADORA** – Dei-pei-xa-pa...
Eu-peu na-pa-da-pa de-pe-vo-po.
A-pa nin-pin-guém-pém.
- CUPERTINA** – Pois-pois é-pé.
Eu-peu tam-pam-bém-pém a-pa-cho-po.
- MANADORA** – Eu-peu te-pe-nho-po pe-pe-na-pa
de-pe-le-pe.
- CUPERTINA** – Tu-pu-do-po bem-pem.
A-pa-go-po-ra-pa eu-peu sei-pei...!
- MANADORA** – Sa-pa-be-pe?

- CUPERTINA** – Sei-pei.
- MANADORA** – O-po quê-pê?
- CUPERTINA** – Dan-pan-çar-par.
- MANADORA** – Dan-pan-çar-par, é-pé?
- CUPERTINA** – É-pé...
- MANADORA** – O-po sam-pam-ba-pa, sim-pim.
Eu-peu já-pá te-pe vi-pi lá-pá
ro-po-dan-pan-do-po.
- CUPERTINA** – E-pe tu-pu?
Nun-pun-ca-pa fos-pos-te-pe lá-pá?
Na-pa brin-prin-ca-pa-dei-pei-ra-pa?
- MANADORA** – Eu-peu- fui-pui.
- CUPERTINA** – Na-pa far-par-ra-pa?
- MANADORA** – Tam-pam-bém-pém fui-pui... Por-por quê-pê?
- CUPERTINA** – E-pe nas-pas fes-pes-ti-pi-nhas-pas?
- MANADORA** – Em-pem qual-pal já-pá? Me-pe diz-piz.
- CUPERTINA** – Na-pa sa-pa-ca-pa-na-pa-gem-pem?

(As duas riem muito animadamente)

- MANADORA** – Eu-peu-zi-pi-nha-pa que-pe não-pão.
Eu-peu mes-pes-ma-pa que-pe não-pão.
- CUPERTINA** – E-pe-le-pe de-pe-vi-pi-a-pa
- MANADORA** – O-po quê-pê?
- CUPERTINA** – En-pen-si-pi-nar-par
sam-pam-ba-pa, fo-po-li-pi-a-pa...
- MANADORA** – Ta-pa-di-pi-nho-po... Dei-pei-xa-pa!

CUPERTINA – O-po ne-pe-to-po dan-pan-ça-pa
as-pas-sim-pim, ó-pó, as-pas-sim-pim...

(Cupertina começa a imitar o Menino e se esbalda, enquanto Manadora tenta repetir seus trejeitos. Mas Moquebito entende tudo e, para surpresa delas, adere à pândega e dança também o Funk).

8

(Os três voltam a discutir uma forma de se livrar das Pragas. Cupertina consegue convencê-los da necessidade do sorteio. Mas sua proposta inesperada acaba por provocar uma reviravolta).

MOQUEBITO – Falando mal de meu neto...
Não pensem que assim sucumbo.

MANADORA – Sucumbo? Que palavrinha...

CUPERTINA – É a rima daquele bumbo.

MOQUEBITO – Vocês, vocês...
(Aborrecido)

CUPERTINA – E o sorteio?
(Muda o assunto) Encara ou não, Moquebito?

MOQUEBITO – A Rainha – altaneira,
deveria ter um fito:
a proteção de seu reino,
de seus súditos, querida...

CUPERTINA – Não fito nada, eu não fito!

MOQUEBITO – ...se preciso, até com a vida.

MANADORA – Uma coisa está bem clara:
nós precisamos de um plano.

CUPERTINA – O primeiro, das palavras,
de vez entrou pelo cano.

MOQUEBITO – Se a parteira não se lembra...

MANADORA – A água fez mal pros ossos.

MOQUEBITO – Com o fogo eu quase sufoco.

CUPERTINA – Elas correram dos poços,
mas não podemos levá-los.

MANADORA – Reza também não dá certo.

MOQUEBITO – Vamos deixar o sorteio
(*Com medo*) pra um outro próximo aperto...?

CUPERTINA – Não! Eu insisto: é sensato.
Os outros pedem socorro
e um de nós enfrenta as bestas.

MANADORA – Eu, se for, morro que morro.

CUPERTINA – Mas concorda?

MANADORA – Claro! Sim!
Não deve haver outro jeito.

CUPERTINA – Moquebito?

MOQUEBITO – Majestade!
Eu vos vou abrir meu peito:
tenho medo que me pelo,
mas trastejar não compete.

CUPERTINA – Que a sorte seja lançada!

MANADORA – Eu quero o número sete...

CUPERTINA – Número sete, princesa...?
Parece que virou bingo
em sede de gafeira,
numa tarde de domingo.

MOQUEBITO – E como a Rainha pensa
em decidir?

MANADORA – Na porrinha!
Eu sou boa, nunca perco.

MOQUEBITO – Eu prefiro uma apostinha,
um carteadado...

CUPERTINA – Não serve.

MOQUEBITO – Podemos jogar peteca.

CUPERTINA – Não dá.

MOQUEBITO – Pião!

MANADORA – Bole-bole!

MOQUEBITO – Um perde-ganha sapeca!

MANADORA – Cemitério!

MOQUEBITO – Fura-fura!
Não, guerra de baladeira!

MANADORA – Com caroço de açaí
dá lombinho.

CUPERTINA – Que besteira!

MOQUEBITO – A Rainha...

MANADORA – ...ficou brava!

CUPERTINA – Nossas amigas gentis
quem vai ficar distraído
e enganando com ardis
será aquele entre nós
cujo segredo, ao ser dito
em sopro à Caixa Bandurra,
produzir o menor grito.
Provocar o menor susto,
a menor das reações,
o terremoto mais brando,
o mais calmo dos trovões...
provando isto que este,
mesmo expondo tais arestas,
suscita o menor dos ódios
em nossas amigas bestas.

MANADORA – Muito justo!

MOQUEBITO – Quem começa?

MANADORA – Você mesmo, com certeza!

MOQUEBITO – O privilégio era seu!

CUPERTINA – Meus amores... que esperteza!
Não vêem que agora a ordem
pouco importa, não encaixa?
Que um cavalheiro apareça!

(Moquebito entende e se apresenta).

CUPERTINA – Ergamos, então, a Caixa.

(Manadora e Cupertina erguem a Caixa sobre a cabeça de Moquebito. Olhando para cima e com os braços levantados ele sussurra seu segredo, de forma inaudível, mas com muitos movimentos de lábios. A Caixa é em seguida arriada sobre ele, que produz sons bem altos, enquanto se movimenta pelo palco. A Caixa é retirada).

MANADORA – Foi bem alto. Minha vez!

(Cupertina e Moquebito erguem a Caixa sobre a cabeça de Manadora. Ela sussurra seu segredo e a movimentação se repete, com sons ainda mais audíveis. A Caixa é retirada).

MANADORA – Foi mais alto, foi mais alto!
Não vou ficar para trás.

CUPERTINA – Façam rápido, de um salto!

(Manadora e Moquebito erguem a Caixa sobre a cabeça de Cupertina. A Rainha sussurra seu segredo e depois se movimenta, mas nem sequer um som se ouve).

MANADORA – A Rainha...

MOQUEBITO – ...escolhida...
para distrair as feras?

(A Caixa é retirada de sobre a cabeça da Rainha e colocada em um canto).

MANADORA – Podemos partir, senhora...?

MOQUEBITO – Ou o jogo ainda não era...?

CUPERTINA – Eu vou cumprir a palavra.
Mas uma coisa só... peço.

MANADORA – O que, Cupertina? Pede.

CUPERTINA – Peço pois sei que mereço.

MOQUEBITO – De que se trata?

MANADORA – Um recado?

MOQUEBITO – Faz um bilhete.

MANADORA – Eu decoro.

CUPERTINA – Não. Vocês sabem que busco
alguém que nem amo... adoro.

MANADORA – Oh, pobrezinha...

MOQUEBITO – Alaor.

MANADORA – Sim, mas...

CUPERTINA – Se me poupam as Pragas,
se me erram, se me evitam...
e eu alcanço minhas plagas,
meu Reino, para revê-lo...!,
este corpo...

MOQUEBITO – Que pretendes?

CUPERTINA – Uma troca.

MOQUEBITO – Impossível!

CUPERTINA – Para vê-lo... Tu entendes?
(A Moquebito)

MOQUEBITO – Quem ficaria com... ele?

*(Indica o corpo
do Velho Ator)*

CUPERTINA – O teu, Manadora, cedes?

(A Manadora)

MANADORA – Mas estou tão bem guardada...
E este teu, sabe...? Tu fedes!

CUPERTINA – Devolvo depois do encontro!

MANADORA – Este olor... ah, de velhice.
Não sei quem te deu pra ele,
mas... aceita a caduquice.

CUPERTINA – Então te negas?

MANADORA – Não posso!

CUPERTINA – E o meu sacrifício... à-toa?

MANADORA – E se elas estraçalharem... meu corpo?

CUPERTINA – Ora, essa é boa!
Os corpos não nos pertencem.
São, sim, daqueles atores.

MANADORA – Ainda assim! Eu me apego...
Georgia, eu morro de amores.

*(Abraça o
corpo que
a abriga)*

CUPERTINA – Então vai!

*(Aborrecida,
mas cheia
de orgulho)*

MANADORA – Adeus...

(Sentida)

MOQUEBITO – Adeus!

(Indiferente)

(Os dois se afastam. Cupertina fica sozinha).

MANADORA – Será que erramos, menino?
(Quase arrependida)

MOQUEBITO – Que nada! A sorte falou.
(Seguindo em frente)
Vem!, que está tocando um sino!

Fim do Primeiro Ato

Segundo Ato

Nas Florestas da Perdição

9

(Inconformada, Cupertina reage e logo em seguida ataca Manadora e prova sua força: desce do corpo do Velho Ator e sobe no corpo da jovem atriz, expulsando a parteira dali).

CUPERTINA – Vou já-já descer do corpo
(Ainda no deste ator desengonçado,
Velho Ator) velho, frio, feio e sacudo,
tesão molenga e encruado!

(Sobe no corpo da jovem atriz e expulsa Manadora).

CUPERTINA – Quero mais é o corpo teso
desta atrizinha paulista
do qual tu te apropriaste,
sua parteira sacrista!

(Expulsa do corpo que ocupava, Manadora volta-se contra Moquebito. Ela expulsa o tocador e sobe no corpo da outra atriz).

MANADORA – Então, Moquebito, arreda!,
(Subindo no corpo que não vou sair perdendo.
da outra atriz) De um corpo novo e sarado,
como o que deixei descendo,
só vale a pena subir
para outro bem malhado.
Não vou pegar resto mofo
de velho desengonçado!

(Expulso dessa maneira, a Moquebito resta apenas o corpo do Velho Ator. Ele se resigna em ocupá-lo e começa a cantar outra música).

MOQUEBITO – Vocês duas, vocês duas!
(Enraivecido, sobe O que deixaram pra mim?
no Velho Ator) Não vai ser assim tão fácil...
Que gente baixa e ruim!
E ainda se diz Rainha...
Deste seu reino, me exclua,
prefiro o céu como teto

e o leito quente da rua!

Quarta Música:

Fala da mudança de corpos e de como cada um se sente agora

TODOS – Não nasci colada em macho,
(*Cantando*) não nasci colado em fêmea.
Eu vou e venho, à vontade,
não tenho par, alma gêmea.
Eu faço o que bem me calha
e me sinto como quero
se não serve, eu me reteso
não me perco em lero-lero
mas se me ajusta nos trinques
me deixa mais comovida
vou em frente e nem me abalo
desta minha nova lida

10

(Aproveitando as divergências entre eles, as Pragas atacam novamente. Fazem com que se percam uns dos outros nas Florestas da Perdição. Cada um se vê em uma situação diferente de perigo).

MOQUEBITO – Que certa Rainhazinha
nem me olhe, nem me olhe!

MANADORA – Eu achei interessante
dar um tempo. Desencolhe!

CUPERTINA – Um tempo, sim... bem fechado,
porque já sibila o relho
das malvadas.

MANADORA – Tem certeza?

MOQUEBITO – Ai, meu Deus, este Joelho!
Com um tal corpo, que que eu faço?

MANADORA – Meu querido...

CUPERTINA – Pega o beco!

MANADORA – É sim, não fica travado.

MOQUEBITO – Vou fingir que tive um treco...
Ah!, Rainha mentirosa!

MANADORA – Mais brigas não levam a nada.

MOQUEBITO – Era aqui que ela devia
(Refere-se ao dar plantão, a descarada
corpo que agora
ocupa)

CUPERTINA – Sei, de fato, quão extrema
minha atitude parece,
mas confundo as inimigas
quando embolo esta quermesse.

MANADORA – Elas estão quase-quase...
Eu sinto!

MOQUEBITO – É sim... qualquer hora!
(A Cupertina) E a proteção conquistada
por nós, eu e Manadora?

CUPERTINA – Em troca, um plano: perfeito
elaborado, matreiro...

MANADORA – Finalmente um plano!

MOQUEBITO – Um plano...?
Que seja mesmo certo!

CUPERTINA – Vamos dividir as forças...

MANADORA – De que jeito?

CUPERTINA – Dividindo
as nossas tropas também.

MOQUEBITO – Tropas...? Ai, só mesmo rindo.

MANADORA – Presta atenção, Moquebito!

CUPERTINA – Quando elas atacarem,
um lado pra cada um.
Corram, tá?, corram, não parem!

MOQUEBITO – Juntos, não somos mais fortes?

MANADORA – Pra elas mais facilita.

CUPERTINA – Vamos marcar três destinos.

MOQUEBITO – Três rotas?

MANADORA – Por Santa Rita!

MOQUEBITO – A Espedra, o Centro e o Barranco.

MANADORA – Eu vou pro Centro.

CUPERTINA – Está certo!
Moquebito para a Espedra.

MOQUEBITO – O Barranco é bem mais perto.

CUPERTINA – Quem quiser pode trocar.

MANADORA – Eu não.

MOQUEBITO – Tudo bem. A Espedra!

CUPERTINA – E eu pro Barranco a toda...

MANADORA – A toda e jogando pedra

CUPERTINA – Sintam só: já está fedendo!

MOQUEBITO – Meu joelho, quase eu caio...!
E este ator, coitado dele,
tem bico-de-papagaio!

MANADORA – Que hora da noite é esta?

CUPERTINA – Lá pelas dez... Onze horas!

MANADORA – Não dormem, não, não descansam?

MOQUEBITO – Meia-noite a noite chora...

(De repente as Pragas investem contra eles mais uma vez).

MANADORA – O bando todo!

MOQUEBITO – Cuidado!

CUPERTINA – Te prepara, Manadora!

MOQUEBITO – Quando chegarem mais perto!

CUPERTINA – Atenção! Vai! Corre! Agora!

11

(Manadora corre para um canto. Em silêncio, cobertos por capuzes, Moquebito e Cupertina correm atrás dela. Manadora é cercada pelas Pragas e seu corpo começa a se transformar em um cachorro com os olhos cobertos de remela).

MANADORA – Qual delas veio comigo
pro Centro, rumo direto,
nas plantações de maniva,
pimenta-do-reino, inseto?
E meus amigos, vizinhos,
será que chegaram logo,
– estão mortos, coitadinhos!,
venceram, será, o jogo?
(Sobre as Pragas) Por que será que elas param
e só ficam me mirando?
Parece até que estão fracas
ou quer amizade, o bando.
Ai, meu Deus, que dor nos ossos!,
tudo espichado e comprido
minha retesada pele,
meu corpo todo moído...
E minha voz – que foi isto,
fiz um som assim, ganido?,
e em vez de falar prefiro
uivos, rosnados, latidos?
Minha língua se pendura
– babando estou, feito um bicho,
pra fora de minha boca...

Quero revirar o lixo!
Crescem pelos bem felpudos
onde pelos eu não tinha
e quanta remela, quanta!,
melando minha pastinha.
Meus olhos, embaciados,
como os de um cachorro brabo.
Se alguém disser que é meu dono,
eu balanço até o rabo!

Quinta Música:

Fala do Perigo de Manadora

MANADORA – Se Manadora, a Parteira,
(*Cantando*) se virar pode em cachorro,
então desvirar-se pode
sem perigo, que eu não morro!
E agora, mesmo ladrando,
agora mesmo eu ordeno:
sai deste corpo, cadela,
ao inferno te condeno!

(A música, como uma senha, liberta Manadora. É Cupertina quem corre, então, para outro canto. Cobertos por capuzes, Manadora e Moquebito correm atrás dela. A Rainha é cercada pelas Pragas e seu corpo começa a se cobrir de pústulas, no que se cumpre seu próprio sonho).

CUPERTINA – Quem será que vem seguindo
meu rastro pelo Barranco...
forçando para que eu caia
de bunda, machuque o flanco?
(*Sobre os amigos*) Os dois – eu não ouço grito,
nem resmungo de aflição...
Terão sido já traçados
na Espedra e na plantação?
Acho que agora está perto...
Cheguei! Daqui não avanço.
(*Sobre as Pragas*) Olha como elas me encaram
com olho escuro, olho manso...!
Que quentura pelo corpo,
parece febre, quebreira,
que fedor de carne podre,

hum!, tem bicho morto na beira.
Mas a beira está tão linda,
um cheiro tem de jasmim,
no escuro da noite densa
– um perfume de alecrim.
Uma espinha em minha cara,
uma espinha, uma ferida,
é uma pústula, uma chaga,
sou eu que estou tão fedida!
Minha lágrima, se eu choro,
fecha as pústulas, me cura,
mas sempre assim se rasgando
vai de novo a pele escura.
Era eu mesma no sonho
que sonhei com uma mulher...
e não existe um guerreiro
para vir me socorrer.

Sexta Música:

Fala do Perigo de Cupertina

CUPERTINA – Se Cupertina, a Rainha,
(*Cantando*) de pústulas pode encher-se
então desencher-se cabe,
sem risco de entristecer-se.
Que eu chore meio amazonas,
e que amazonas me lave,
me deixe a cara lisinha
e a minha pele suave!

(A música, como uma senha, liberta Cupertina. É Moquebito quem corre, então, para um terceiro ponto. Cobertas por capuzes, Cupertina e Manadora correm atrás dele. Moquebito é cercado pelas Pragas e amarrado na Espedra. Cumpre-se, assim, o sonho de Manadora).

MOQUEBITO – As quatro cordas sumiram
no caminho para cá.
Quem será que, além de Praga,
mata os pobres pra roubar?
Minhas quatro bandurrinhas...
Será que foi Cupertina
ou Manadora a ladrona

e escaparam na surdina...?
As Pragas, será que existem?,
ou sonho mau, pesadelo,
senão as artes das duas
pra arrepiar meu cabelo...
Mas como se elas me cercam,
Olha só!, são tão reais.
Têm uns olhos claros, doces,
como olhos de animais.
O que encontro? – as bandurrinhas
nas mãos das pobres coitadas...
Nem sabem do que se trata,
são tão das desafinadas...
Mas o quê!?, me querem atado
com minhas cordas? Que afronta!,
como no sonho maluco
daquela velhinha tonta.
Querem que coma meus olhos?
Que me chame Prometeu
e que Damião, meu mano,
passe a ser Epimeteu?
Eu me recuso, socorro!,
sempre vou ser Moquebito
e não vou ficar na Espedra
atado como um maldito.

Sétima Música:

Fala do Perigo de Moquebito

MOQUEBITO – Se Moquebito, o Bandurra,
(*Cantando*) numa armadilha quedou-se,
desarmadilhe-se o homem,
cujo destino provou-se.
Meus olhos de luz rebrilhem,
quando o meu La eu soprar
e rompante seja a escala:
si-do-re-mi-fa-sol-la!

(A música, como uma senha, liberta Moquebito. Manadora e Cupertina livram-se dos capuzes, recolhem as cordas e acabam de libertá-lo. Cuidam dele e pensam suas feridas).

MANADORA – Ah, meu querido, meu fofo...
(*Ampara*
Moquebito)

CUPERTINA – Manadora, já, que é isto!?

MANADORA – Ele está fraco, repara.
Sofreu muito, Jesus Cristo.

CUPERTINA – Os olhos...

MANADORA – Estão sarados.

CUPERTINA – Ele vai ver...?

MANADORA – Deus ajude!

CUPERTINA – Precisa tanto carinho?
(*Criticando*)

MANADORA – Eu já fiz tudo o que pude.

CUPERTINA – Bonito este homem... era!

MANADORA – Eu acho ainda, licença?

CUPERTINA – Um pedaço!

MANADORA – Então, Rainha,
mais um na sua incelença?

CUPERTINA – Que eu sou fiel, me respeite!

MANADORA – Eu sei!
(*Irônica*)

CUPERTINA – Mas como tocava!
Fazia gosto...

MANADORA – Era mesmo!

CUPERTINA – En-en... Dava um aperto!

MANADORA – Dava!

CUPERTINA – Nós duas... Canta pra ele!

MANADORA – Nós duas e eu canto só?

CUPERTINA – Eu lhe ajudo, em contra-ato.

MANADORA – Tem uma que era assim... Dó!

CUPERTINA – Eu não tenho pena, não.

MANADORA – De quem, dele?, não precisa!
O tom da música! Em Dó!

CUPERTINA – Na hora de entrar me avisa...

(Manadora começa a cantar. Cupertina faz coro).

Oitava Música:

Fala das dores de Moquebito

MANADORA

e CUPERTINA –
(Cantando)

Tadinho de Moquebito,
irmão, cumpadre, vizinho,
tadinho de nosso irmão,
tadinho dele, tadinho!
Que seus olhos já se abram,
que a respiração... profunda,
que as pernas já não bambeiem,
que não se lhe abra... a bunda!

12

(No final da música, Moquebito está recuperado. Ele roga às amigas que abandonem os corpos dos atores e se escondam para escapar das Pragas. Manadora concorda, reticente, mas Cupertina não quer deixar o corpo que roubou da amiga).

MOQUEBITO – Manadora. Cupertina.
Vamos embora daqui...

MANADORA – Eu aceito. Só me explique,

que ainda não entendi.

MOQUEBITO – A perseguição me cansa.
Vocês gostam?

CUPERTINA – Necessito
chegar no topo do mundo.

MANADORA – Eu entendo Moquebito.
E entendo minha Rainha.

MOQUEBITO – Pode mudar nossa sorte.

CUPERTINA – E se mudar...?

MOQUEBITO – Nosso prêmio
pode ser até a morte.

MANADORA – Então vamos!

CUPERTINA – Para onde?

MOQUEBITO – Os atores que se virem.
Para fora destes corpos.

CUPERTINA – Se quiserem... se retirem.
Não tenho como. Eu prossigo!

MANADORA – Indo embora a gente escapa
mas elas ficam soltinhas.

CUPERTINA – Vamos enfrentar. A tapa!

MOQUEBITO – A gente desce e se esconde.
Quando der o tempo, volta.

CUPERTINA – Se esconde onde, nas Vilas?
E fica esperando escolta?

MANADORA – Mas se for pro bem de todos.
Se Moquebito prefere...

MOQUEBITO – Eu prefiro.

CUPERTINA – Pois eu não!
Minha opinião difere.

MOQUEBITO – É questão de vida ou morte.

CUPERTINA – Desçam que eu fico sozinha.

MANADORA – Sozinha não, não te deixo.
Fico com a minha Rainha.

(As Pragas passam por eles. As duas se abraçam).

MOQUEBITO – Temos de descer os três!

MANADORA – Eu já sei qual a saída.
(Exibe um embrulhinho) Trouxe um pouco da remela
de uma cachorra atrevida.
Um de nós passa no olho
pra procurar a resposta.

CUPERTINA – Que cachorra?

MANADORA – Não importa...
Ah!, me atacou pelas costas
na hora da nossa fuga.

MOQUEBITO – Que loucura! Nada disso!
É muito muito arriscado,
quem fizer leva sumiço.

CUPERTINA – Conta essa história direito:
que cachorra?

MANADORA – Foram elas...
Estas pragas! Me atacaram
pra morder minhas canelas.

CUPERTINA – Mentira sua!

MANADORA – Mentira,
(Finge atacá-los) sim! Virei, estou virada
numa cadela felpuda,
ganindo, uma desgraçada!

MOQUEBITO – Manadora...
(*Espantado*)

CUPERTINA – Manadora!
Não se apoquente, esmoreça!
Quase também que fizeram
eu pirar minha cabeça.

MOQUEBITO – Cupertina...

MANADORA – Cupertina...

CUPERTINA – Lembram do sonho, o Poção,
meu delírio, meus pavores
e um tal Dom Sebastião?

MOQUEBITO – Cupertina...

MANADORA – Cupertina...

CUPERTINA – Fui eu mesma. Lamentável...
A pele fedia tanto,
hum!, que fedor deplorável!

MANADORA – Feridenta, toda-toda...?

MOQUEBITO – E na Espedra eu, atado...

CUPERTINA – Elas nos mandaram os sonhos!

MOQUEBITO – Depois só cumpriram o fado...

MANADORA – Temos de nos livrar delas.

MOQUEBITO – Mas eu não sonhei... com nada!

CUPERTINA – Fica comigo, princesa,
minha dama, minha fada...
Talvez um dia, quem sabe,
tu venhas a ser...

MANADORA – Eu quero!

MOQUEBITO – Se pudéssemos trazê-las...

Espera um pouco.

- MANADORA** – Eu espero!
- MOQUEBITO** – Reunidas num cantinho...
- CUPERTINA** – Elas todas de uma vez?
- MOQUEBITO** – Sim, em vez de separá-las,
quinze, vinte, trinta e três!
- MANADORA** – E dar-lhes uma paulada
bem nos chifres! Sem-vergonhas!
- CUPERTINA** – Tem um jeito, mas... esqueçam!
- MOQUEBITO** – Eu sei, eu sei! Que peçonha!
- MANADORA** – Conta pra mim, Moquebito...
- MOQUEBITO** – A Rainha...
- CUPERTINA** – Não dá certo!
- MOQUEBITO** – ...não quer que a gente descubra
e saia logo do aperto.
- MANADORA** – Mas por que já, Cupertina?
- MOQUEBITO** – Eu vou lhe dizer, Parteira:
- CUPERTINA** – Não diga nada!
- MANADORA** – Me conte!
- MOQUEBITO** – É uma saída certa.
Oferecer nossos corpos,
estes corpos dos atores...
- MANADORA** – A elas?
- MOQUEBITO** – Sim!
- CUPERTINA** – E os coitados

herdam os nossos pavores.

(As Pragas passam por eles outra vez).

MOQUEBITO – Temos de sair na hora,
bem na hora, na horinha
que elas quiserem entrar.

CUPERTINA – Bem na hora da festinha...!
(Irônica)

MANADORA – Eu seguro, posso?, a Caixa.

CUPERTINA – Eu que não vou segurar...

MOQUEBITO – Isso mesmo, Manadora!
Pra lá que devem voltar.

MANADORA – Digo as palavras certinhas,
escritinhas como são!

CUPERTINA – Se lembrar...!

MANADORA – Na hora certa,
eu acerto essa oração.

MOQUEBITO – Se a Caixa estiver aberta
fica mais fácil.

CUPERTINA – Bem tente...!

MOQUEBITO – E aí trancamos pra sempre
os males todos da gente.

(O corpo do velho ator, entretanto, não lhes parece lá muito atraente. E como precisam de um só lugar escolhem o corpo de Cupertina para esse fim).

CUPERTINA – Mas me responda, meu gênio:
quem vai trancar esse povo
e empurrá-lo para dentro
pra que não saia de novo?

MOQUEBITO – Tens razão...

- MANADORA** – Sim, tens razão.
- CUPERTINA** – Com nós todos “ocupados”, quem finaliza seu plano?
- MOQUEBITO** – Deve haver alguém de lado.
- CUPERTINA** – Eu adiro e me apresento como um qualquer voluntário.
- MANADORA** – Isto então significa...?
- MOQUEBITO** – Que nos considera otários!
- CUPERTINA** – Você me ofende!
- MOQUEBITO** – Eu me ofendo!
- MANADORA** – Vamos com calma, meninos!
- MOQUEBITO** – Ela quer ficar de fora quando vier o pepino.
- CUPERTINA** – Alguém precisa esperar com a Caixa aberta, não é?
- MANADORA** – Será que elas se convencem de subir em nosso pé?
- MOQUEBITO** – Precisa de estar em forma um corpo, pra interessar.
- MANADORA** – Elas vão querer um trato com o seu, do jeito que está?
- MOQUEBITO** – Já acho dois até muito.
Um só talvez já bastasse.
- MANADORA** – E que fosse o mais bonito,
(*Exibe o seu próprio*) mais vistoso, com mais classe...
- MOQUEBITO** – Este, sim, de Cupertina!

MANADORA – Mas não vai haver nem voto?

CUPERTINA – No meu Reino eu bem decido.
Mas aqui... Basta um arrote?

MOQUEBITO – O meu, sabemos, não serve.
E entre vocês, quem escolhe,
uma vez que está de longe?

MANADORA – Não me olhe, não me olhe!

MOQUEBITO – Vamos então dar sequência
ao plano. O próximo passo
é fazermos bem barulho,
enquanto armamos o laço.

Nona Música:

Fala da excelente armadilha que representa um belo corpo

(Só Manadora e Moquebito cantam. Cupertina está emburrada).

MANADORA – Vejam que coisa mais linda
e MOQUEBITO solto, flutua no espaço
(Cantando) é de quem chegar primeiro
sem armadilhas, sem laço
e se pudermos armar
esta arapuca, escondida
as pragas virão pastar
e acabarão é fodidas!

13

(Cupertina se aborrece porque precisa do corpo da atriz para reencontrar seu amor, enquanto Manadora e Moquebito tramam formas de oferecer às Pragas o corpo ocupado pela Rainha).

MANADORA – Aqui! Devemos deitá-la,
totalmente nua...

MOQUEBITO – Tia!,

não precisa exagerar.

CUPERTINA – Não vou fazer companhia
(*Trama sozinha*) a eles, nessa loucura.
Preciso tomar um rumo,
manter minha consciência.

MANADORA – Eu logo-logo acostumo,
mas ela não! Ficou cega
quando viu esta mocinha.
Quer por força ser a outra,
por um palmo de carinha.

MOQUEBITO – Manadora, estou pensando.

MANADORA – Vamos fazer uma faixa.
A gente escreve no chão
e coloca em cima a Caixa:
“Assombre melhor as vilas!”
“Queime todas as florestas!”
“Promoção de corpo novo!”

MOQUEBITO – Não sei se elas são tão bestas.

CUPERTINA – Não vou entregar meu corpo
(*Trama sozinha*) pra Praga, coisa nenhuma!
A Rainha não concorda.
Não concorda e desarruma.
Vou falar com eles: Gente!
Mande um recado triste
para Alaor receber.
Dizia: me espera, viste!?
Como vou fazer desfeita?

MOQUEBITO – Por que se isolou a pobre?
Com certeza está com medo.
Perdeu a pose de nobre.

MANADORA – Não sei se está convencida...

MOQUEBITO – Alaor... é só o que pensa!

MANADORA – Quem sentiu saudade sabe
como pega igual doença.

- MOQUEBITO** – Cupertina!
(*Chama a Rainha*)
- MANADORA** – Cupertina!
(*Chama a Rainha*)
- MOQUEBITO** – Venha mais pra cá, pra junto.
- MANADORA** – Vem dividir o interesse
sobre aquele mesmo assunto.
- CUPERTINA** – Meu interesse é mais claro.
(*Achegando-se*)
Agora matutei sério.
Falar logo me alivia,
me traz grande refrigério.
Não vou descer deste corpo
por bem.
- MOQUEBITO** – É? Só lhe arrancando?
(*Agressivo*)
- CUPERTINA** – E talvez nem dessa forma.
- MANADORA** – Já vão começar brigando.
- CUPERTINA** – Não aceito. Eu não aceito!
Se preciso, vou à guerra.
- MOQUEBITO** – Este plano, se faz água...
- CUPERTINA** – Nosso exército se ferra!
Mas nem estou aí, mesmo...
- MANADORA** – Cupertina, o que sugere:
que a gente fuja, se esconda,
enfrente elas, espere...?
- MOQUEBITO** – Nada, nada ela sugere!
Ela não sugere nada!
Nem Rainha de verdade
ela é. Que palhaçada!
- CUPERTINA** – Como assim, seu Moquebito?

MANADORA – Moquebito, pegue leve...

MOQUEBITO – Ninguém fala, mas eu falo,
já que ninguém mais se atreve.

CUPERTINA – Duvidando dos meus dotes?
Insubordinado! Eu prendo!
Desculpas, vá, se retrate!

MOQUEBITO – Aqui, ó, bem, que me rendo!
O que é deste Reino, diga.
Onde fica, como chama?
O Palácio, a Corte, os nobres,
os cavaleiros, as damas...?

CUPERTINA – Insurreição, motim, golpe!

MOQUEBITO – Onde está seu cetro, mostre,
sua coroa, seu manto...
Vá! Faça com que eu me prostre.

CUPERTINA – Ah, que humilhação, que abuso...

MOQUEBITO – Entregue-nos sua fraude.
Ou já não basta jogar-lhe
das águas frias um balde?

CUPERTINA – Pois quando chegar a hora
e o lugar nos der na vista...

(Cupertina hesita).

MOQUEBITO – Complete, minha senhora!

CUPERTINA – Não, não vou lhe dar a pista.
(Volta atrás)

MOQUEBITO – Tenho pena, minha amiga,
se sonha, pensa, imagina
de ainda ser a princesa
dos seus tempos de menina.
O séquito cheio de pompa,
tão contrito, tão garboso,
eram os fiéis, os devotos

do marierrê formoso.
Foi somente uma promessa,
Cupertina, brincadeira,
que você pagou bem nova
junto a sua padroeira...

CUPERTINA – Dentro em breve cruzaremos
o Reino que tu deploras,
onde não deves beber,
como deve Manadora.
Lá, onde reina a justiça,
de onde ninguém vai embora,
onde não deves dormir,
como deve Manadora.
Lá, onde as Pragas não entram,
lá, onde o povo não chora,
onde não deves cantar,
como deve Manadora.

14

(Cupertina adormece. Moquebito e Manadora permanecem em volta dela, vigiando para que não fuja, enquanto armam um plano para fazê-la descer do corpo da atriz).

MANADORA – Por que foste tão malvado?

MOQUEBITO – A verdade dói.

MANADORA – Verdade?
Mas se até a minha eu sei
apenas pela metade.

MOQUEBITO – Então dói menos. Mas dói.

MANADORA – Diga a sua, Moquebito,
uma metade, um pedaço.

MOQUEBITO – Meu pedaço? Eu deixo escrito.
É um livro aberto.

MANADORA – João!

Tenho uma coisa importante...

MOQUEBITO – Vamos ficar em vigília
até que ela se levante.

MANADORA – Pra quê isso?

MOQUEBITO – E se ela foge?

MANADORA – Cupertina? Não conheces...
Não vai perder essa briga
nem com setecentas preces

MOQUEBITO – Mesmo assim! Fico seguro...
Manadora: te decide!
Estás com ela ou comigo?

MANADORA – Seu pirralho, não duvide!
Tanto quanto, tanto quanto,
quero me ver livre a jato.

MOQUEBITO – Então não fique com pena,
nem dance dança de rato.

MANADORA – E o que faremos com ela?

MOQUEBITO – Ela precisa estar fora
quando aparecerem as Pragas.

MANADORA – Pensa, pensa, Manadora...
Já sei!

MOQUEBITO – Diga logo, diga!

MANADORA – O presente... roube dela!

MOQUEBITO – Roubar?

MANADORA – Ela está dormindo,
não vai pressentir.

MOQUEBITO – Aquela
prenda enorme... tens certeza?

MANADORA – Está no terceiro sono.
(*Observa a amiga*)

MOQUEBITO – Ora, melhor uma amiga.
Você!

MANADORA – Que ar de abandono...

(*Manadora se acerca de Cupertina. Puxa devagar o presente de entre os braços da Rainha*).

MANADORA – Pssss... Deixa, amiga... Deixa, amiga...
Amiga, vai... Deixa, deixa...

MOQUEBITO – Muito bem, minha querida!
(*Apossa-se*) Foi um balde na pateixa...
E agora?

MANADORA – Vais escondê-lo.
Esconde!

MOQUEBITO – Bem longe, certo?

MANADORA – Não! Debaixo da Esperança,
onde tudo é muito incerto!
Onde tudo é nebuloso
e nem todo mundo enxerga.

(*Como num passe de mágica, Moquebito cobre o Presente com a Esperança*).

MOQUEBITO – A Esperança...

MANADORA – Ela se dobra,
se embrulha, se esvai, se verga.

(*A Rainha começa a despertar*).

MANADORA – Vê!, que a Rainha desperta...

MOQUEBITO – E o que diremos?

MANADORA – Diremos...

CUPERTINA – Moquebito, Manadora...
(Interrompe) A que horas seguiremos?

MANADORA – Rainha!

MOQUEBITO – Rainha!

CUPERTINA – Espera!
(A Moquebito) Estiveste nos meus sonhos.

MOQUEBITO – Eu? Estive?

CUPERTINA – E tu também!
(A Manadora) Ah, mas que horrores medonhos!

MOQUEBITO – Que se passou... que se passa?

CUPERTINA – Sim, como se fosse agora:
 Moquebito me falava.
 Não falava Manadora.

MANADORA – Eu, calada...?

MOQUEBITO – E eu dizendo...?

CUPERTINA – Na verdade, confessando...

MOQUEBITO – Eu confessan...?

CUPERTINA – Sim... um crime!

MANADORA – Um roubo...?

CUPERTINA – Não. Revelando...
(Os dois se entreolham)

MANADORA – Conte.

MOQUEBITO – Conte.

CUPERTINA – Tu mataste...
 Tu mataste, assassinaste,
 a mando de meu marido,

com tuas cordas cortaste
o fluxo, o ar, a vida,
– a mando de um rei maldito –
apertando-lhe a garganta,
assim, assim, Moquebito,
a vida de um inocente...!
Depois cortaste a cabeça
desta inocente criança – ah!,
sangue, sangue, sangue à beça!
E levaste a dor contigo,
ao rei deste, de encomenda.
E dela fez-se um presente
que eu carrego como prenda...
Naquele embrulho guardado,
junto ao meu sonho de amor,
desfigurada está, murcha,
a cabeça de Alaor...!

MANADORA – Foi um sonho, Cupertina...
(*Tentam
consolá-la*)

MOQUEBITO – Só um sonho!

CUPERTINA – Quede, quede?
(*Procura o
presente*) Quero abri-la, quero vê-lo!

MANADORA – Enquanto estavas na rede...

CUPERTINA – Mas que rede!?

MANADORA – Foi levado.
Por teu marido.

MOQUEBITO – Ele veio...

MANADORA – Nem sabemos bem de onde...

MOQUEBITO – ...com uma cara...

MANADORA – Estava feio!
Levou de volta!

estamos pra lá de felizes,
miqueboto e maradona
Vamos pensar num perdão
para vossas agonias
parar com a perseguição
um, dois, três – oh! – quatro dias

Fim do Segundo Ato

Terceiro Ato

Nos Caminhos de Carroça e Fuga

16

(Em seguida, as Pragas passam a aterrorizar as florestas e as vilas, usando agora a materialidade do corpo da atriz. Manadora e Moquebito fingem auxiliá-las, enquanto se preparam para finalizar seu plano, atraindo-as de volta para a Caixa).

PERDIÇÃO – Perdição!, me denomino.
Tudo que ao homem perde,
portanto, diz-me respeito:
tudo que a si mesmo merde.
Sendo assim, me fortalecem
Fragilidade, Agonia,
Medo, Tristeza, Loucura
repetidas... dia a dia!
Paixão sem termo, sem asas,
de natureza cigana.
Vingança que desespera
vossa pobre alma humana.

MORTE – Meu nome vos causa medo?
Não fujam! Pro Sul, Pro Norte?
Eu vou buscá-los, azul,
encaixotá-los na Morte.
(Indica a si mesma) A mim me basta o Cansaço
de um Reumatismo, uma Gota,
pra que se instale a Velhice
e a pele se faça rota.
Senão enfraqueço o humano
espírito vagabundo
com Dores, Doenças, Pestes
e os Males todos do Mundo.

CRIMES – Eu não sou, mas trago os Crimes,
(Apresenta-se) eu me oculto, me disfarço.
Nem vou lhes dizer meu nome:
desamarrem meu cadarço.
Talvez assim lhes perdoe
a vã Mentira e o Despeito,
nas noites almofadadas,

nas colchas brancas do leito.
Na Corrupção, na Inveja,
na Violência ou na Guerra,
sois vós a Brutalidade
espalhada sobre a Terra.

DESGRAÇAS – E eu represento as Desgraças,
Fofoca, Maledicência,
Desejo de mal aos outros,
Pragas-pragas sem clemência...
A Maldade mais completa,
coroada pelos Vícios,
rondo as casas sobre a rocha
fadadas aos precipícios.
Misturo a Fome ao Trabalho,
a Fome ao Trabalho fútil,
mesclo Miséria e Pobreza
com vosso Trabalho inútil.

(Inesperadamente chegam as Pragas do Egito, ocupam o corpo da outra atriz e expulsam Manadora, que se mudara para lá. Elas alegam terem sido chamadas pelas companheiras).

PRAGAS DO EGITO – Poderosas somos nós,
as onze Pragas do Egito
que viemos tão de longe
atender ao vosso grito.
Sangue nas Águas do Nilo,
– que até Moisés orou nu,
eu agorinha transmudo
para as águas do Xingu!
Multiplicação de Rãs,
perto destas, tão chinfrins!,
eu distribuo vaidosa
nas águas do Tocantins.
E estas coisas miudinhas:
Infestação de Piolhos,
Epidemia de Sarna
caem bem aos vossos olhos?
Hum, pra dizer que são mesmo
verdadeiras, boas Pragas,
só com o aparecimento,
bem lento, de muitas Chagas.
Que os Ventos perturbadores

tragam um Enxame de Moscas
e Nuvens de Gafanhotos
sobre estas Vilas tão toscas.
Mas vou mexer com os bichinhos,
com os vossos, sim, e os demais:
escrota, eu, lanço um monte
de Pestes nos Animais!
E os primogênitos lindos
vão lindos apodrecer,
porque calarão na Morte
o que nunca irão dizer.
Finalmente, uma surpresa...:
e é que surpresa não há!
Só no final revelada
bem mais chocante será!

17

(As Pragas de Manadora começam a brigar por espaço: um só corpo não lhes basta. Discutem entre si e em seguida se voltam contra as Pragas do Egito).

- PERDIÇÃO** – Mas que droga de chatice!,
meu charme nessa abertura...
Bem quero correr o Mundo,
mas com uma certa largura.
- CRIMES** – É! Um só corpo é muito pouco
pras minhas necessidades.
- DESGRAÇAS** – Sim!, como exibir as artes
das minhas habilidades
em espaço tão exíguo?
- MORTE** – Um corpicho magricelo!
É capaz de nos pegarmos
na base do parabelo.
- CRIMES** – E ainda vêm nossas amigas
inflacionar o pedaço!
- DESGRAÇAS** – Destrabelharam o mercado.
O jeito agora é no braço!

PRAGAS DO EGITO – Quem nos invocou?

PERDIÇÃO – Não fomos nós. Acredite.

PRAGAS DO EGITO – Alguém foi.
E estando muito exigida de uma carranca de boi.

DESGRAÇAS – Só sendo a Praga da Morte.

MORTE – Euzinha, não!

DESGRAÇAS – Tudo faz pra arrastar alguém consigo.

MORTE – Eu quero é mais, quero é mais...

PRAGAS DO EGITO – De qualquer modo chegamos.
E temos tanto a fazer...

CRIMES – Não, não! Nos devolva a moça pra nosso gáudio e prazer.

PRAGAS DO EGITO – De jeito algum!

PERDIÇÃO – É atriz, mas vai nos servir. Já serve.

DESGRAÇAS – Na falta de algo melhor...

PRAGAS DO EGITO – Admiramos a verve, mas esta é nossa metade.

MORTE – Lamento, a Morte confisca! Simples direito de posse, de herança. Dê-nos a bisca.

PRAGAS DO EGITO – Precisamos expandir nossos novos interesses.
Novas eras, novos tempos, novos mundos, novas messes...

CRIMES – Mas se nem onze elas são,

no Egito foram só dez!
Lembro-me bem...

PRAGAS DO EGITO – Companheiras:
primem pela sensatez.
Reconhecemos o escasso
território paraoara
e a imensa ineficiência
das pragas de Manodara!

MORTE – Se até nossos nomes erram...!
Nós somos pragas da hora
e já muito conhecidas
como Pragas Manadora!

PERDIÇÃO – Querem então causar tumulto,
furdunço, contrafação,
aumentando a numerosa
prole de Pragas, então.

PRAGAS DO EGITO – Não é isso, faroфеiras!

DESGRAÇAS – Faroфеiras é a mãezinha!

PRAGAS DO EGITO – Pois se querem mais um corpo
corram dentro, pobrezinhas!
Vamos expulsá-las rindo,
tomar deste corpo conta
e ainda ocupar o outro,
daquela atriz velha e tonta.

(Todos param e se voltam contra o Velho Ator, ocupado agora por Moquebito e até então despercebido. Cercam-no, entre risotas, subitamente aliadas contra ele).

CRIMES – Não é atriz. É um ator!

PRAGAS DO EGITO – Atormentado e boiola.

MORTE – Mas é muito velho, o pobre.

PRAGAS DO EGITO – Se não querem, nos consola.

DESGRAÇAS – Mas estava de vestido

quando tudo começou.

PRAGAS DO EGITO – Parecia uma Rainha...
Por que será que mudou?

PERDIÇÃO – Eu fico com ele.

DESGRAÇAS – Eu fico!

(Expulsa Moquebito e se apodera do corpo do Velho Ator).

DESGRAÇAS – Ah, não, mas é uma carniça,
(Já no corpo do Velho Ator) todo frágil, todo mole...

PRAGAS DO EGITO – Serve bem pra vossa liça.

MORTE – Deixa, que eu experimento,
é desses que a Morte gosta.

(Expulsa as Desgraças e se apodera do corpo do Velho Ator).

MORTE – Hum, até pra mim está difícil...
(Já no corpo do Velho Ator) É mana, é mesmo uma bosta.

PRAGAS DO EGITO – Andem, andem, peguem logo!
Soluções negociadas
exigem algum sacrifício...

PERDIÇÃO – Discutir não leva a nada!
Vamos repartir as presas.

PRAGAS DO EGITO – É só somar, dividir...
E está posta a nossa mesa.

18

Décima-Primeira Música:

As Pragas festejam a vitória, entrando e saindo sucessivamente dos corpos dos atores

(Enquanto cantam e decidem como vão fazer a divisão, as Pragas se espalham

pelos corpos dos três atores. Entram e saem, experimentam e se mudam, num jogo interpretativo e cênico).

AS PRAGAS – Ah, como eu entro tranquilo
(*Cantando*) como saio devagar
destes corpos à deriva
destas praias ao luar
tudo nosso e bem fresquinho
no jeito pra dividir
vamos fazer um sorteio
pra saber por onde ir
Tem dois que servem a contento
pra carimbó, salsa ou mambo,
mas este terceiro é fogo:
quem encara este molambo?

(Na última hora, porém, o Velho Ator reage e tenta empurrá-las para dentro da Caixa. As Pragas percebem o plano e batem em retirada. Os atores desmaiam).

19

(Os três atores voltam a si e se reencontram. Estão perdidos e não conseguem entender o que lhes está acontecendo. Depois acham e se apropriam dos instrumentos deixados na pressa pelas personagens).

MARINA – Walter Freitas!

WALTER – Ju!

JULIANA – Marina!
(*Para Walter*) É você!

WALTER – És tu!
(*Para Marina*)

MARINA – És tu!
(*Para Juliana*)

(Os três se abraçam).

JULIANA – Onde estamos, em Juaba?

MARINA – Não, Matias!

WALTER – Não, Maú!
Nos livramos delas... deles!?

MARINA – Mas perdemos nosso rumo...

JULIANA – Eles vão e vêm... danados!

WALTER – Sentem um cheiro de fumo?

JULIANA – Que fumo, nada! É enxofre.

MARINA – Cruz Credo!

WALTER – Virgem Maria!

MARINA – Que será que fede tanto?

JULIANA – Faz medo esta calmaria...

WALTER – Só sendo coisa do Fute!

MARINA – Como assim, dentro da gente?

JULIANA – Não. São só três personagens!

WALTER – São sim, mas bem diferentes!
Pelo jeito eles têm parte.

JULIANA – Têm parte com o capiroto?

WALTER – Este cheiro... e as atitudes?
É tudo muito maroto.

MARINA – Como eles fazem contigo?
(Para Juliana) Comigo eu me sinto estranha...

JULIANA – Ah, não dói... não sei ao certo!
(Examinando-se)

WALTER – Eu sinto em minhas entranhas.

JULIANA – Em você... entram por onde?
(*Olhando por trás dele*)

WALTER – Não por onde você pensa!
Aliás, diga o que acha.

JULIANA – Que eles são a recompensa
daquele todo trabalho...

MARINA – Eu também acho, foi lindo!

WALTER – No começo!, até concordo.
Mas agora... estão se rindo
do que fizeram com a gente!

JULIANA – Estamos sob o domínio
Dessa coisa... é bem verdade.

WALTER – Eu perdi meu tirocínio...

MARINA – Eles entram por mim toda,
mas muito mais na cabeça.
Eu me pareço com duas,
com duas que eu me pareça.

JULIANA – Eu também, mas não me perco,
vejo bem o que eles fazem.

WALTER – Vê?

JULIANA – Tudinho!

WALTER – Eu também vejo
todas as tramas que trazem.
Mas não sinto como sendo
eu mesmo na criatura.
É mais ela se cosendo
numa outra cosedura.

MARINA – Mas assim pra ser não era.
(*Abraçam-se*)

WALTER – Nós tínhamos de vesti-los,
não eles vestirem a gente!

JULIANA – Nós tínhamos de pari-los,
descartá-los à vontade.

MARINA – E agora, este corpo mole,
este poder que eles têm
sobre o nosso descontrolo?

JULIANA – Meu Deus, eu não acredito!
(Vê os instrumentos) só o que esqueceram...

WALTER – Deixaram dois instrumentos!
Na pressa, se escafederam.

MARINA – Então esta é a violinha...?

JULIANA – E este o tambouro. Rico!

WALTER – Vamos esconder os dois
debaixo do pé de angico.

JULIANA – Mas eles, será que voltam?

MARINA – Deus me livre!

WALTER – É bem capaz!
Mas se voltarem...

JULIANA – Está certo!

MARINA – É coisa que não se faz...
E angico aqui não existe
Que eu saiba só no Nordeste.

JULIANA – A gente encontra uma toca.

WALTER – Não é não, cabra da peste?
Mas antes!

JULIANA – Que foi?

MARINA – Que coisa!

JULIANA – Já sei: tu queres tocar.

WALTER – E você não, Juliana?

JULIANA – Então? Eu quero. Vá lá!

WALTER – Que música a gente toca?

MARINA – A mais bonita do mundo!

JULIANA – Uma que eu chore cantando,
que cale bem lá no fundo!

MARINA – A mais bonita do mundo!

WALTER – Uma que fale de espanto...?

JULIANA – Não: que estremeça-me a alma
e que eu chore enquanto canto.

WALTER – De espanto, não, de tristeza.

JULIANA – Que eu não sinta minhas penas...

MARINA – A mais bonita do mundo!

JULIANA – ...que eu cante e chore serena.

WALTER – De tristeza, não, saudade.

JULIANA – De alegria, vagabundo!

WALTER – De amor?

JULIANA – Que eu chore, que eu cante.

MARINA – A mais bonita do mundo!

Décima-Segunda Música:

Os atores cantam um samba

TODOS – Quando eu cheguei nessa casa
(*Cantando*) Me bateu um cheiro de rosa

Me bateu um cheiro de rosa
Bateu um cheiro de rosa
Um cheiro de moça formosa
Um cheiro de moça formosa

20

(No final da música, porém, Cupertina retorna açodadamente. Na pressa, acaba subindo não para o corpo em que estava anteriormente, mas para o corpo da atriz que estava com Manadora. Provoca, assim, novo rodízio: também de volta, Moquebito aproveita e sobe no corpo da outra atriz, enquanto a Manadora só resta subir no corpo do Velho Ator).

CUPERTINA – Ah, finalmente de volta!
(Voltando) Tanta pressa na viagem,
e aqueles dois safadinhos...
Pra lá com a camaradagem!
Que beleza, errei de corpo!,
não é este o que eu queria.

MOQUEBITO – Cupertina! Ah, novamente
(Voltando) trocamos a companhia.

CUPERTINA – Meu presente! Está contigo!

MOQUEBITO – Mas não foi idéia minha...

CUPERTINA – Com Manadora eu me entendo:
Devolve!

MANADORA – Anda, coisinha!
(Voltando) Entrega o que não é nosso.

CUPERTINA – Roubo, engano, traição!
Vão me pagar. Muito caro!

MANADORA – Brincadeira, coração!

MOQUEBITO – Pior é ficar de olho
num corpo que não combina

MANADORA – O velho ator, eu não digo?,
sobrou pra mim, não, menina?

CUPERTINA – Fui lançada numa briga,
por vocês, e tão à-toa...
Meu marido está dormindo,
em asas de anjo voa...

MANADORA – Cupertina, foi preciso!
Se não fosses tão teimosa!
Nós tentamos a conversa...
pedi um dedo de prosa.

CUPERTINA – Meu presente!

(Moquebito o entrega, rápido, retirando-o de debaixo da Esperança).

CUPERTINA – Que tratantes!
Escondido bem debaixo
do meu nariz...

MANADORA – Sim!

MOQUEBITO – Foi ela!

MANADORA – A Esperança...

CUPERTINA – Cambalacho!

Eu abro agora... ou não abro?

MOQUEBITO – Abre...!

MANADORA – Não abre...!

CUPERTINA – Que faço?

MOQUEBITO – Não abre...!

MANADORA – Abre...!

CUPERTINA – E se for?
Se for ele, sob o laço...?
Sim, vou abrir! Se a cabeça
estiver aqui, curtida,
putrefacta, sem sopro,
mal amada, corrompida...

Teu crime estará provado.

MOQUEBITO – Mas não houve crime algum.

(Manadora começa a falar sobre a hora das assombrações e sai em fuga, arrastando Cupertina. Os três se aterrorizam e fogem pelos Caminhos de Carroça).

MANADORA – Cupertina, são três horas,
hora do fium-fiom.

(Encenam a carroça) Hora da carroça seca,
passando em nossos caminhos.
Nem descansar já podemos,
ou ficar assim sozinhos.

(Encenam) Vamos, Rainha, que é hora
do bode que ataca as casas

(Encenam) e do peso que, assombrando,
no paneiro nos atrasa.

MOQUEBITO – Lá por diante está perto
a frente do cemitério:

(Encenam) debaixo da terra estoura,
mas não leve nada a sério.
Deve ser algum cadáver...
O menino respirou
o espirro dessa explosão,
cuja explosão... o matou.

MANADORA – Existe a visão no mato
(Encenam) – tem caçador que adocece –
barulho!, assobio!, a caça!,
e a caça não aparece.

MOQUEBITO – E os engenhos, olerias,
(Encenam) que quebraram, que sumiram
mas ainda estão erguidos
assombrados, não caíram...
Onças do tempo do Mola,
dos quilombos mais antigos,
rondando os tapiris altos,
ainda assaltam os abrigos.

MANADORA – Mete o cachorro na frente,
(Encenam) se não tem, mete a remela.
Três horas da madrugada,
eles fuçam nas janelas.

MOQUEBITO – Vem ataques de sezão,
(Encenam) as máscaras calazares
que a doença vai tecendo
nas faces e nos lugares.

MANADORA – Eu ouvi: já, já, já, já!,
(Encenam) lamparina na cabeça,
um barulho de passada,
lá onde a ponte começa.

MOQUEBITO – Jogaram tijuco nela!

MANADORA – Foi, no meu ombro, tijuco,
tijuco nas minhas costas!

MOQUEBITO – Qualquer um fica maluco...

MANADORA – “Não me mexe que eu não mexo!”,
fiz parar o passo manco...
mas depois da capelinha,
voa um caixãozinho branco.

21

(Finalmente os três param. Cansados vão agora se defrontar com seus respectivos segredos. Manadora escolhe a Rainha para contar o seu, mas Cupertina não quer ouvir).

MANADORA – Cavalo marinho entrou
pela casa sem quintal.
Colocou as patas dele
– as patas!, no meu jirau.
Atirei com o cravinote,
mas errei... pra ele fugir,

e outra vez, lá nas Espedras,
foi chumbo no miriti!
Pois até um cachorro, mana,
também veio, mas com sede,
brabo, feroz, pela casa,
me puxou da minha rede.
Me atraquei com a mão esquerda,
fiz força pra agüentar,
bati nele com um pedaço
duro de pau: bu-buiá!
Boto que anda na estrada
eu enfrento, não estou morta!,
arrasto o terçado, mana,
endoideço e abro a porta.
Ts, ts, ts, ts, ts, ts!
É ché ché ché ché ché ché!
Fazem barulho no mato...
como pegam no meu pé!
Na primeira bacabeira,
– branco, na beira do rio,
vi o cachorro marinho:
tinha o lombo tão macio!
Era pra arrancar um pelo...
felicidade, alegria
que Deus me mandou de graça,
de graça!, e eu não sabia.
Mana: me assiste, me escuta:
aquela coisa... o segredo
que guardei por toda a vida
e que me abrasa de medo...

CUPERTINA – Guarda contigo de novo.
Menina, de que te vale
sair contando estas coisas?

MANADORA – Me aconselhas que eu me cale?

CUPERTINA – Eu, sim. Mas conte mais casos.
(Desvia o assunto)

(Manadora retoma a contação de histórias).

MANADORA – Quando fui, era domingo,
buscar do pai o terçado

com minha irmã me seguindo,
eu disse logo: é soturno,
pra cá não tem nem cristão!
E não demora, nem fale!,
lá se estava a aparição.
Murmurei: é Deus do Céu
e mais São Miguel comigo!
Lá estava ele gritando
na estrada, ouça o que eu digo:
Quiquiquiquiquiqui
Quiquiquiqui, iirrow!
Bem de dia, sem mistério,
aquilo nos assombrou.
Uma como boca tinha,
enxerguei, bem nesse peito,
braços e mãos bem cobertos
de pelos longos, no jeito.
Parecia até uma roupa
de brim-américa, veja!
Perdi o terçado e o chapéu
correndo, que Deus proteja!
Correu também o cachorro,
mas a minha irmã nem nada
e tive de arrancar ela
daquele abraço na estrada...
Na maior de uma febre
ela ardeu foi oito dias.
Minha irmãzinha, coitada,
sofreu de lenta agonia.
Disseram todos os bambas
– Zé Piriquito, Germana,
França Alho – o França Alho!
e até Joana Baiana...
Os curadores todinhos
– que nenhum deles é bobo,
sem se verem ou conversarem,
que foi, sim, o Cutelobo!

(Manadora percebe o desinteresse de Cupertina).

MANADORA – Então não ouves meus dramas,
senhora dama Rainha?

CUPERTINA – Eu, Rainha, tenho os meus.

MANADORA – Vamos ver, desembainha.

CUPERTINA – Já tenho a quem revelar.
Pergunta os de Moquebito.

MOQUEBITO – Os meus?

CUPERTINA – Os teus, criatura.

MOQUEBITO – Todos sabem, eu acredito.

MANADORA – Ora, eu não. Mas se guardamos
cada qual sua tristeza,
que tal se agora assentarmos
os dramas na mesma mesa?

CUPERTINA – Recusaste o privilégio
no início deste passeio.

MANADORA – Mas agora... bem preciso
me aliviar deste anseio.

MOQUEBITO – Se mostrares o presente,
que agora também me intriga,
lanço sim, aos quatro ventos,
(Fazendo troça) minha dor... dor de barriga.

CUPERTINA – O presente?, nunca!

MANADORA – Julgas
ser, ou não, a tal cabeça?

CUPERTINA – Agora já não. Estou calma.

MOQUEBITO – Mas me permita que peça:
abrimos, depois lacramos.

MANADORA – Mate a curiosidade.

CUPERTINA – Nunca mesmo.

MOQUEBITO – Não recuse.

MANADORA – Não cometa essa maldade.

MOQUEBITO – E se a maldade for dele,
(Refere-se ao marido da Rainha) contra o seu amor-amor?

CUPERTINA – Agora nem que me conte
(Emburrada) o que nunca me contou.

MOQUEBITO – Mas minha história é tão velha...

CUPERTINA – Sei que existe, mas não guardo os detalhes, os porquês.

MANADORA – Ah, que curiosa, eu ardo!

MOQUEBITO – E eu também!

CUPERTINA – Mas eu recuso.
Troquem vocês os guardados.

MANADORA – Vamos sim trocar os três!

CUPERTINA – Nem que me paguem. Danados!

MANADORA – Quero ver o teu presente...
(Tenta se apossar do presente)

MOQUEBITO – Mostra!

(Os três passam a brigar pela posse do presente).

CUPERTINA – Não!

MOQUEBITO – Mostra!

CUPERTINA – Bandido!

MANADORA – Eu te ajudo a protegê-lo!

CUPERTINA – Mas ele está protegido!

MOQUEBITO – Pega!

MANADORA – Pega!

CUPERTINA – É só uma prenda,
um cestinho de arumã,
coroatá de abacaba!

MOQUEBITO – Abre logo, minha irmã!

MANADORA – Só me escapas se desceres!
*(Refere-se à
posse do corpo)*

CUPERTINA – Vou esconder meu presente!

*(Para escapar do assédio de seus companheiros, Cupertina desce do corpo que
está ocupando e desaparece).*

MOQUEBITO – Largou o corpo, foi embora!

MANADORA – E eu volto...

(Manadora recupera, assim, o corpo que originalmente lhe pertencia).

MANADORA – ...Mas num repente!
(Já no outro corpo)

MOQUEBITO – Então eu também me passo...

(Moquebito também recupera o corpo original).

MOQUEBITO – ...para o corpo destazinha!
(Já no outro corpo)

MANADORA – Olha um cometa caindo!
Por Deus, será a Rainha?

*(Sem ninguém para ocupá-lo, o corpo do Velho Ator desmonta. Eles o amparam
e choram sua morte).*

Décima-Terceira Música:

Fala da morte do Velho Ator.

**MANADORA
e MOQUEBITO**

(Cantando)

– Ele merece morrer,
é uma coisa natural:
morrer não é mais mistério
morrer faz bem, não faz mal.
Se dele escaparam as Pragas
e se esquivou a Rainha
a alma não será tua
nem a alma será minha.

Fim do Terceiro Ato

Epílogo

No Reino do Marierrê

22

(Manadora e Moquebito apressam-se em seguir caminho, mas não sabem o que fazer com o corpo).

MANADORA – Bate o frio da madrugada

MOQUEBITO – Vamos, vamos viajar!

MANADORA – E este corpo, o corpo dele?

MOQUEBITO – Não temos como levar.

MANADORA – Ruindade assim tão grande estava por ver, ainda!

MOQUEBITO – Então carregue nas costas.
Ou dentro da Caixa Linda.

MANADORA – Deixar ele assim...?

MOQUEBITO – Enterre.
Sepulte. Plante.

MANADORA – Moleque!

MOQUEBITO – Ah bom...!

MANADORA – Respeite!

MOQUEBITO – E eu posso!?

MANADORA – Não tem dó?

MOQUEBITO – Eu não!

MANADORA – E peque!

(Manadora se volta para o corpo inerte, repara nele, ergue-o e se surpreende).

MANADORA – Mas Moquebito, repara!,
o corpo que era pesado,
tão grande, mas tão sem graça...

MOQUEBITO – Ficou leve, que engraçado!
(Toca no corpo)

MANADORA – Então eu levo – ou tu levavas?

MOQUEBITO – Leva, Manadora. Eu cruzo
na frente, abro caminho,
por estas trilhas sem uso.

(Manadora coloca o corpo do Velho Ator nas costas. Apressam-se. Vêm ao longe o Fogo do Mar).

MANADORA – Ele me serve colado,
(Refere-se à carga que leva) como uma manta, um vestido,
não pesa nada e me aquece,
feito um cálido tecido.

MOQUEBITO – Estás vendo, minha amiga,
o fogo lá longe, aceso?:
é o Fogo do Mar. Ilude,
solto nas copas, mas preso.

MANADORA – Depressa! Vai ver é o dia,
rebentando-se de luz.

(Manadora corre ao encontro da luz. Moquebito segue-a. Nada encontram)

MOQUEBITO – Qual nada, estás vendo?, nada:
só a noite e seu capuz.

MANADORA – Mas acendeu lá, de novo!

(Manadora indica outro ponto mais além).

MOQUEBITO – Vamos de novo, depressa!

(Correm de novo. Nada encontram).

MANADORA – Apagou, nada queimado...
não queima o fogo, ora essa!

(Veem outra vez o fogo).

MOQUEBITO – Outra vez!

MANADORA – Daquele lado!

MOQUEBITO – Não corre!

MANADORA – Não.

MOQUEBITO – Não precisa...

MANADORA – Vai ser sempre uma miragem...

MOQUEBITO – Nos enganando.

MANADORA – Uma brisa...

(Cupertina entende que não lhe resta senão aquele corpo. E volta).

CUPERTINA – Arrá!, de novo na estrada!

MANADORA – O corpo... ficou pesado!

CUPERTINA – Eu voltei!

MOQUEBITO – Não está morto!

MANADORA – Desça de mim... do meu lado.

(Tenta se livrar)

CUPERTINA – Pensavam de se ver livres...
Mas de mim...? Olha, eu duvido.

MANADORA – Ah, como estamos contentes
de você ter revivido!

MOQUEBITO – Contentes, em termos... seja!

CUPERTINA – Não elimina o atropelo
que de novo me causaram.

Sua dor-de-cotovelo!

MOQUEBITO – Tudo é motivo de queixa.

MANADORA – Tudo também te agonia.

CUPERTINA – No Reino vocês pagavam com a vida essa aleivosia.

MOQUEBITO – Repara logo é no fogo que sempre está mais além!

CUPERTINA – Fogo?

MANADORA – Espia!

CUPERTINA – Minha deusa...!
Não quero crer!

MOQUEBITO – É Belém?

MANADORA – Pela luz...

MOQUEBITO – Bem que podia...

CUPERTINA – Este fogo... que não queima, se extingue e volta a queimar... acaba com toda a teima!

MANADORA – Toda a teima? Vai, me explica.

CUPERTINA – É pois ele que me avisa que chegamos aos limites... à fronteira... à divisa...

MOQUEBITO – Pronto, já está inventando!

CUPERTINA – Moquebito... nós chegamos... É o Reino, meu Reino, mano!, pelo qual tanto penamos...

Décima-Quarta Música:

Fala das maravilhas no Reino do Marierrê

TODOS – Está chegando o justo tempo
(*Cantando*) de janeiro a seis
 Ah, o senhor dono de casa
 nós vamos a festa de rei
 Oh que dia tão alegre
 Não há outro segundo
 Oh que noite tão alegre
 Não há outra segundo
 Ah glorioso santo rei
 Que alegra todo mundo
 Aqui estamos em sua casa
 com a permissão na mão
 Ah esperando a sua resposta
 se nos quer aqui ou não

23

(Cupertina prepara-se para entrar: Manadora lhe dá ajuda com a coroa e a maquiagem, enquanto Moquebito prepara o manto e o cetro. Ela quer que os dois entrem com ela, na qualidade de pajens).

CUPERTINA – Tu me dás o cetro, o manto!
(*A Moquebito*)

CUPERTINA – Prepara minha coroa!
(*A Manadora*) Retoca-me a maquiagem...

MOQUEBITO – Entra lá cantando loas.

MANADORA – Estás linda!

CUPERTINA – Tu não mentes,
 eu sei...!

MOQUEBITO – Esplêndida!

MANADORA – Linda...!

CUPERTINA – Um dia, tu!

MANADORA – Quem me dera...

CUPERTINA – Tu serás Rainha, ainda.

MOQUEBITO – Só de te ver...

MANADORA – Já compensa.
Estás tão...

MOQUEBITO – Embriagadora!

MANADORA – Tão...

MOQUEBITO – Celestial!

MANADORA – Tão casta...
Tão leve...

MOQUEBITO – Tão sedutora!

MANADORA – Vai, agora: este é teu dia!

MOQUEBITO – Sim, boa sorte!

MANADORA – Querida!

CUPERTINA – Como... vai? Não vêm comigo?

MOQUEBITO – Não, Rainha...

MANADORA – É a despedida...

CUPERTINA – Mas vocês serão meus pajens,
meus conselheiros, sabia?
Eu preciso de ministros
e damas de companhia.

MOQUEBITO – Majestade... se segui-la
nunca mais verei meus pares.
Nunca mais cantarei samba

nem me afogarei nos bares...

MANADORA – Se for contigo, senhora...
que mãos serão mais seguras
na hora em que um belezito
exigir as minhas curas?

CUPERTINA – Entretanto, aqui, de fora...
(Tenta alertá-los) Não se lembram mais das Pragas,
que espreitam sua inocência
ocultas nas horas vagas?

MANADORA – Adeus, Cupertina, adeus...

MOQUEBITO – Adeus... Perdoe por tudo!

CUPERTINA – Na hora de condená-los,
meu coração fica mudo.

MANADORA – Eu lhe trarei o menino,
para ver...

MOQUEBITO – Adeus!

MANADORA – Amada!

MOQUEBITO – E eu trarei a ladainha
toda por homens cantada.

*(Eles se despedem da amiga e seguem. Estão cercados pelas Pragas.
Cupertina entra sozinha no Reino do Marierrê).*

Décima-Quinta Música:

A louvação da Rainha

TODOS – Vamos levar a Rainha, ai meu Deus
(Cantando) pro nosso Rei do Rosário
Vamos levar a Rainha, ai meu Deus
pro nosso Rei do Rosário

(Começa a longa espera de Cupertina).

CUPERTINA – Ah, Alaor...! como demoras...!
Ou foste embora, será?,
não me esperaste, safado!
Não, não, não, ele virá!
Tenho ainda aquela noite,
lembras, foi sonho ou o quê?
Quem gritou, gozou, chorou...?
Ah, foste tu, Alaor.
Eu disse: não chore, lindo!
Você me disse que eu tinha
gosto de chuva e dormiu...
Eu também, bem mais Rainha.
Olha: são quase seis horas
– será que o dia amanhece?
Faz por mim uma oração,
faz, Alaor, uma prece.

24

(Lá fora, Moquebito e Manadora voltam a sentir a presença das Pragas, mas perdem a noção de onde estão elas. Agarram-se um no outro, em busca de proteção mútua).

MANADORA – Moquebito, onde estão elas?

MOQUEBITO – Onde estão elas, Nhá Dora?

MANADORA – Eu que sei? Tu não te gabas?

MOQUEBITO – Perdi, parece, as esporas.

MANADORA – Mas sentes...

MOQUEBITO – Sinto.

MANADORA – ...que rondam?

MOQUEBITO – Bem perto!

MANADORA – Que lado?

MOQUEBITO – Este!
(Indica um lado)

MANADORA – Este?

MOQUEBITO – Sim! Não!

MANADORA – Ah, decide!

MOQUEBITO – Não sei!

MANADORA – Arrupio!

MOQUEBITO – Tremeste!

(Cupertina começa a falar de seu segredo).

CUPERTINA – Pra Senhora da Piedade,
– pequexita oraçõzinha
lá na entrada de Juaba,
reze sim, na capelinha.
Onde, lá, nos despedimos
e eu fugi... sabe por quê?
Não, não sabes, é o segredo
que eu trouxe pra te dizer.

(Moquebito resolve passar remela de cachorro nos olhos para ver e enfrentar as Pragas).

MOQUEBITO – Manadora!

MANADORA – Aqui, gelada...

MOQUEBITO – Ainda tens... a remela?

MANADORA – De cachorro?

MOQUEBITO – Sim.

MANADORA – Pra quê?

MOQUEBITO – Pra saber!

MANADORA – Onde estão elas?

MOQUEBITO – É preciso!

MANADORA – Não!

MOQUEBITO – Me passa.

MANADORA – O embrulhinho?

MOQUEBITO – Vai, depressa!

MANADORA – Toma!

MOQUEBITO – Passa em mim.

MANADORA – Nos olhos?

MOQUEBITO – Nos olhos!

MANADORA – Assim?

*(Passa a remela
nos olhos dele)*

MOQUEBITO – À beça!

(Moquebito começa a ter visões: a própria Manadora assume formas terríveis para ele, enquanto Cupertina revela seu tão bem guardado segredo).

CUPERTINA – Eu fui embora pra longe
para nunca te ver morto,
estirado como um bicho,
na beira de um cais, de um porto...
Para nunca te ver morto
por um homem desalmado,
que se roía de ódio
por me ver sempre ao teu lado.
Foi tudo um sonho, eu bem sei!
O Sem Alma, quem seria?
No sonho, seu rosto vinha
numa nuvem que anuvia...
Mas sonhei tantas das vezes,
que ainda tremo de susto
e, quando penso, é um peso
me comprimindo meu busto.
Faz anos que já não sonho:

longe de ti, te protejo
e aos poucos vou transformando
as lembranças em gracejo.
Seria eu mais feliz,
se houvesse dito: eu duvido!,
ou teria te matado,
se não houvesse fugido?

*(Quando escapam das visões, Moquebito e Manadora estão entregue às Pragas,
que decidem matá-lo primeiro).*

- MOQUEBITO** – Manadora, o pesadelo!
- MANADORA** – Tu não estavas em ti!
- MOQUEBITO** – Estou louco?
- MANADORA** – Não!
- MOQUEBITO** – Tu eras...
- MANADORA** – Viste coisas!
- MOQUEBITO** – Sim, eu vi!
- MANADORA** – E eu agora também vejo!
- MOQUEBITO** – Mas são elas!
- MANADORA** – Nos pegaram!
- MOQUEBITO** – Não consigo me mexer...
- MANADORA** – Acho que nos condenaram.
- MOQUEBITO** – Não, Manadora, pressinto...
que só querem Moquebito.
- MANADORA** – Sim, te querem por primeiro!
- MOQUEBITO** – De mim não sai nenhum grito...
- MANADORA** – Moquebito, teus amigos...
És forte!

MOQUEBITO – Sinto que é tarde...
A Morte, como se ergue
sobre mim, meu corpo arde...

MANADORA – A bandurra, tuas cordas!

MOQUEBITO – Nada mais... nada me resta...

MANADORA – Canta um samba, canta um samba!

MOQUEBITO – Acabou-se a minha festa...

(Vendo Moquebito prestes a morrer, Manadora decide contar seu segredo).

MANADORA – Moquebito, Moquebito!
Não podes morrer assim,
longe daquilo que amas
e tão perto assim de mim...
Por que não te disse antes,
por que não te confessei?
Esperar às vezes mata
e eu esperei, esperei...
Pois o meu primeiro filho,
com quem me encontrei sozinha,
e com minhas mãos peguei,
na aurora, na manhãzinha...
Eras tu, és tu, és tu...!
Eu te dei, não por maldade,
fiquei te vendo crescer
e vivendo só metade...

Décima-Sexta Música:

Instrumental sublinha o drama da revelação feita por Manadora.

25

(Cupertina abre a Caixa do presente).

CUPERTINA – Se nunca vais recebê-lo,

devo abrir este presente...
O que meu marido envia
nem meu coração presente.
Uma caixa e outra caixa...
dentro outra ainda menor!
Outra mais, outra, mais uma,
outra e outra... ao redor!
Uma foto... minha foto,
Rainha nos paramentos,
criança ainda... e Alor
vestido de Rei, rebento!
E esta letra atrás, tremida:
“Desde que te vi, te amei”!
A caligrafia chora...:
“Leva um beijo do teu Rei”.

(Encontra algo)

(Cupertina deixa o Reino para salvar seus amigos).

CUPERTINA – Abro mão de meu reisado,
desdenho minha coroa,
atiro fora meu cetro,
não quero mais cantar loas!
Nem que tropece no manto,
nem que borre a maquiagem,
nem que imploda meu castelo
e incendeie a carruagem!

*(As Pragas recuam: o sacrifício da Rainha é o fim, para elas, e também a
salvação de Moquebito).*

MANADORA – Por que nos soltam estas pragas?

MOQUEBITO – Estão com medo da briga:
olha, a Rainha voltou!

MOQUEBITO – Veio salvar sua amiga.

CUPERTINA – Rainha não, não sou mais...
Vim para ficar consigo.
Como se faz com uma irmã,
como se faz com um amigo.

MANADORA – Mas, Rainha, elas recuam!

Maltrata, teu sacrifício...

MOQUEBITO – Sim...! É o que elas não suportam!
Não conhecem como ofício!

CUPERTINA – Elas sempre ressuscitam,
cuidado, nesse momento!
O elixir sempre descobrem
do eterno renascimento.

(Entretanto, as Pragas cobrem a Terra de Trevas e lançam sobre eles uma Chuva de Pedras).

MANADORA – O dia, que vinha vindo,
parou. As luzes sumiram...

MOQUEBITO – Tinhas razão, foram as Pragas:
de Trevas nos recobriram.
No escuro, todo barulho
que elas fazem tem sentido.

CUPERTINA – É pra nos matar de medo,
emprenhar pelos ouvidos.

MANADORA – Meu Deus, tu vês o que lançam?

MOQUEBITO – Sim – sobre nós – isso mata!

MANADORA – É a Chuva de Pedras rombas!

MOQUEBITO – Vai arrasar nossa mata!

CUPERTINA – Era, então, esta a surpresa
que não havia, mas há!,
e que sobre nós lançada
grande mal nos causará!

MANADORA – Era sim, esta, a surpresa
que as Pragas nos reservaram,
o enredo que escreveram,
o final que prepararam!

(A Rainha se levanta para deter as duas últimas Pragas. Pede a Manadora que abra a Caixa).

CUPERTINA – Mas eu, Cupertina, arrostro
as Trevas todas fogosas
para um tropeço de luz,
entre pedras luminosas!
Manadora, agora ou nunca,
precisas abrir a Caixa!
É só lá que elas se esgotam...
Cuidado, mana, te abaixa!

MANADORA – Não me lembro, não me lembro!
Eram palavras trocadas,
didas na frente do espelho,
sortidas, embaralhadas.
Elas estavam descritas
num mergulho, bem profundo,
numa parede de águas,
numa gruta, num segundo...

(Vendo a aflição de sua mãe, Moquebito decide revelar seu segredo).

MOQUEBITO – Manadora, agora escuta
o que vou lançar ao vento:
meu segredo de bandurra,
minha dor e meu lamento.
Há muitos anos padeço
sem a música do samba,
que quando escuto, entristeço,
deixa minhas pernas bambas.
Fiz uma troca maldita!
Não quero ser perdoado,
pois tanto a paga demora
que já me julgo enganado.
Deixei tudo numa noite,
em que tocava, contente,
e Ela veio no terreiro,
tão linda, tão má, tão rente...
“Se largares as bandurras,
a amizade dos marmanjos,
se esqueceres os tambouros,
se abandonares os banjos,
tu me terás trinta anos
e eu nunca ficarei velha,
virei sempre que chamares,
quando bem te der na telha”,

ela disse! “Eu tive um sonho
de que teu sonho é riqueza
e agora não mais levanto
da cabeceira da mesa.
Não precisas de passado,
só precisas do momento,
e a paga que me credits
é a paga do esquecimento”.

26

*(Manadora finalmente lembra as palavras benedetas e consegue abrir a Caixa.
A Rainha usa uma cera benta e uma vela de batismo para transformar a Chuva
de Pedras em uma chuva de estrelas).*

- MANADORA** – Do abecedário trancoso
eu retiro as letras mortas
para montar as palavras
que abrem todas as portas:
“sasauédem rodaircô
essessiu qednoriaráp
somsibá sodnú for prirba
ecerpá tsedredó polép”
- CUPERTINA** – As Trevas que se recolham
da Caixa pro bem profundo
e a Chuva de Pedras foscas,
que se abateu sobre o Mundo,
pela vela do batismo,
poder desta cera benta,
seja um Lúcifer de estrelas,
uma chuva clara e lenta!
- MOQUEBITO** – Eu aperto os parafusos,
emborracho as arruelas,
azeito as porcas, meleco,
faço descer as tramelas.
- MANADORA** – Cerro os postigos, me cerro
meto os calços, passo as trancas
os umbrais eu escureço,
reforço com as alavancas.

- CUPERTINA** – Alteio bem a cancela
para aumentar a distância,
se as grades não sustentarem,
trago uma cerca da infância.
- MOQUEBITO** – Cubro de arame farpado
os onze portais da casa,
enfio pregos e cravos,
estendo um tapete de brasas.
- MANADORA** – Vou truncando trinco a trinco
mais cadeados, depois,
corro os ferrolhos – são onze,
se precisar, vinte e dois.
- CUPERTINA** – Fundo o ferro das lingüetas,
medievais fechaduras,
frente às portas, diagramas,
signos, sóis, urdiduras.
- MOQUEBITO** – Ergo a ponte levadiça,
das cortinas corro o espesso,
destampo o fundo do fosso,
tricoto a trama do avesso.
- MANADORA** – Embira, cipó, juta, hera,
o cânhamo para a peia,
sisal, trepadeira, tripa,
pra uma sebe, uma cadeia.
- CUPERTINA** – Teço fios, cordas, barbantes,
fítilhos, gregas e fitas
para produzir amarras,
trancafiações benditas.
- MOQUEBITO** – Aperto feches, colchetes,
nó-de-porco e marinheiro,
tranco a rua e tranceteio
qualquer tipo de paneiro.
- MANADORA** – Enferrujo a chave-mestra,
travo com trave pesada,
faço ranger dobradiças
nos porões de sob a escada.

- CUPERTINA** – Guardo no cofre calado,
 numa parede perdida,
 engulo a senha, o segredo,
 da receita e da medida.
- OS TRÊS** – Cinto, coleira, cordel,
 correia, corrente, elo,
 retenho ou decepto – escolham!,
 com guilhotina e cutelo.
 De gonzos orno a murada,
 pedra e cal, alvenaria,
 me esculpo a mim, no batente,
 serei eu mesmo a esquadria!

(As Pragas se recolhem. Manadora diz as palavras benedetas e finalmente consegue fechar a Caixa).

- MANADORA** – As palavras benedetas
 que aprendi a dizer cedo
 abrem pra quem tem coragem,
 fecham pra quem sente medo.
 No abecedário libroso
 lanço eu as letras vivas
 pro desmonte das palavras
 que assim se trancam, cativas:
 “sasauédem rodaircô
 sadnufórp sadrigufaráp
 sadaifá cnar traxiéde
 sadnú misarú taircsá”.

(Nesse momento Manadora é ferida por uma estrela e vai se calando aos poucos. Amparam-na Moquebito e Cupertina. A chuva passa, mas o corpo da parteira rola sobre as águas).

Décima-Sétima Música:

Fala da morte de Manadora e do silêncio definitivo das Pragas

MOQUEBITO

- e CUPERTINA** – Ferida por uma estrela,
 Manadora, Manadora
 encantada nas palavras,
 menina, mulher, senhora
(Cantando)

Descaída no silêncio
das pragas na foz da mágoa
ferida por uma estrela
encantada nessas águas
Desaparecida ou salva
no princípio, à luz da hora
solta no abismo, ribeira
Manadora, Manadora

(Moquebito e Cupertina vão reacendendo as luzes da manhã. Sentam-se junto ao rio. O dia nasce).

FIM

Organizadores

Bene Martins

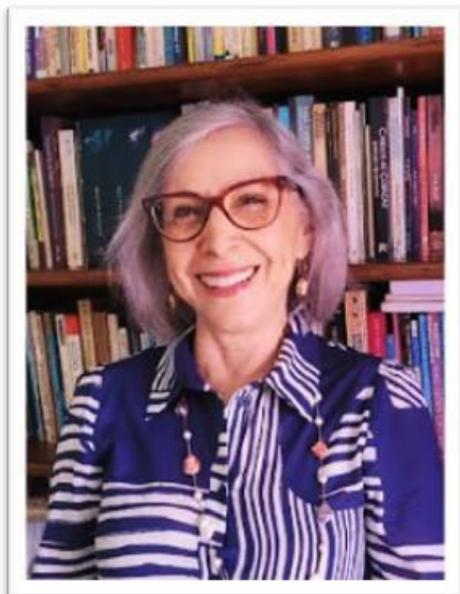
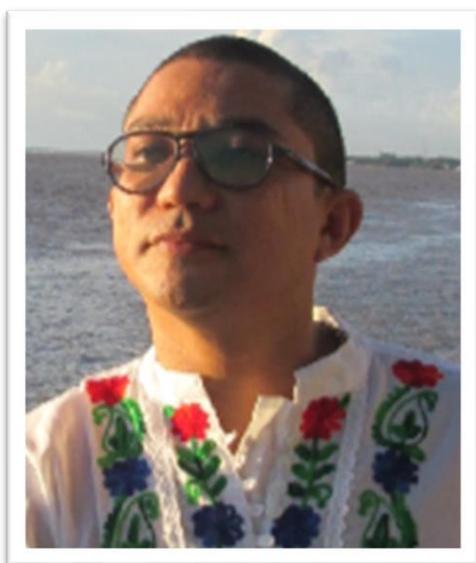


Foto: Pérola Martins

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná-UFPR e UFPA (1987), mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (1997), doutorado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Pós-doutorado em Estudos de Teatro, 2016, Universidade de Lisboa-PT, realizado com apoio UFPA-CAPES. É professora associada da Faculdade de Dança e do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES), da Universidade Federal do Pará. Atua principalmente nos seguintes temas: memória, estudos culturais, produção textual para cena, leituras dramatizadas, dramaturgia, avaliadora de peças/roteiros de minisséries televisivas. Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Memórias da dramaturgia amazônica: construção do acervo dramaturgic. Organizadora da obra completa: Peças Teatrais de Nazareno Tourinho, 2014; da coletânea Teatro do Pará, 2015, obra completa de Ramon Stergmann, Levi Hall de Moura, entre outras publicações oriundas do acervo do projeto. Coordenadora do projeto de pesquisa: Dramaturgias da dança e estudos do corpo, 2022, e do projeto de extensão: Acervo de críticas cinematográficas. In: Coleção Memórias da cinefilia amazônica.

Mailson Soares



Mestre em Educação (UEPA). Licenciado em Letras Língua Portuguesa (UFPA). Colaborador do Projeto de pesquisa “Memória da Dramaturgia amazônica: construção de acervo dramaturgic” (UFPA); Integrante do Núcleo de Pesquisa CUMA (Memórias e Culturas Amazônicas - UEPA). Editor da Revista Sentidos da Cultura (UEPA). Ator e cenógrafo formado pela Escola de Teatro e Dança da UFPA; diretor teatral e dramaturgo. Coordenador da Casa de Estudantes Universitários (CEUS-UFPA). Foi bolsista do Projeto “Portal da dramaturgia” que catalogou e disponibilizou um panorama da dramaturgia contemporânea brasileira. Organizador de livros sobre as obras dramaturgicas de autores amazônicos. Atua como professor de Língua Portuguesa, Leitura e Produção Textual, Teatro, Voz e dicção, Leituras Dramatizadas e Brinquedos cantados. Possui experiência na área de Literatura, Artes, Cultura Popular e Afro Religiosa, com ênfase em Literatura, Educação Sensível, Direção teatral e Dramaturgia.

WALTER FREITAS

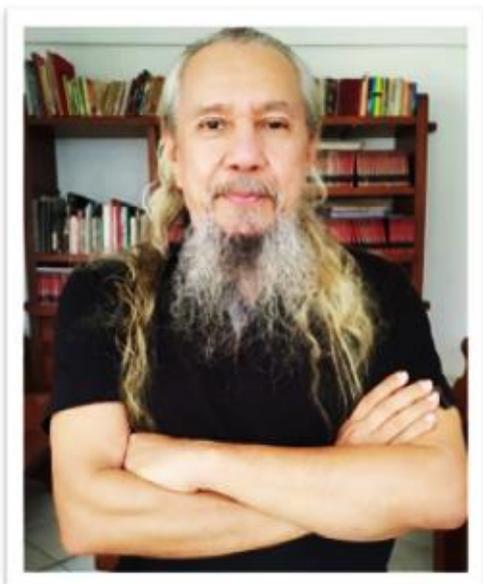


Foto: Nhãnhã Çayré

Músico, cantor, compositor, arranjador, diretor e produtor musical, encenador e diretor de teatro, ator, dramaturgo, jornalista, escritor, arquiteto, roteirista e cineasta, Walter Freitas é fundador do Grupo de Teatro Maromba, em 1976, junto com o dramaturgo e diretor Ramon Stergmann, e desenvolve carreira como dramaturgo, ator e diretor teatral, lançando em livro os textos "Fiau Babau" e "DeZmemórias".

Para o diretor Cacá Carvalho, compõe a trilha sonora e faz a direção musical do espetáculo "Hamlet – Um Extrato de Nós", de William Shakespeare, montado pelo Grupo Cuíra, em 2002. Em 2004 participa, como ator, dramaturgo, músico e encenador, do espetáculo "Tambor de Água".

No ano de 2005, tem montado em Paris (França), por uma companhia de atores franceses, o texto "A Cuia Mágica", também publicado em edição bilíngüe. Como dramaturgo, diretor musical, ator e diretor encena os espetáculos teatrais "Fundo Reyno" (2010) e "Bandurra-Eh!" (2011).

Lança, em 2012, em Belém e em São Paulo, na USP, o romance "Kararaô".

Como músico, inicia carreira em 1980, na Feira Pixinguinha da Funarte, e músico e compositor do conjunto Sol do Meio-Dia. Em 2008/2009, cria o roteiro, escreve as letras e

compõe as canções do espetáculo "Amazônia – Água do Mundo". Escreve, ainda em 2009, a cantata "A Maravilhosa Música de Dalcídio Jurandir".

Em 2012, compõe o "Quarteto Brega", em quatro movimentos, para dois violinos, viola e violoncelo e em 2014 faz a Produção Musical e os arranjos do CD "São Benedito da Praia", com músicas do compositor César Escócio e letras de sua autoria.

Gradua-se em Arquitetura Urbanismo, pela Universidade da Amazônia, em 1997/2001 e em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Pará, em 2013/2018.

Filma, em 2015 e 2016, os curta-metragens "Fogão a Lenha" e "AutoImóvel" e o documentário de longa-metragem "Futurela – A Jornada dos Heróis" (entre 2017 e 2020).

Tem gravado pelo selo outrosbrasis o álbum "Tuyabaé Cuaá" (1988), relançado em vinil, em 2023, pelo selo discosaoleo, e o álbum "car'naúba, a'e t'o-gûatá", em parceria com a gravadora Fluxo Estúdio, lançado nas plataformas de *streaming* em 2023.

A Coleção Teatro do Norte Brasileiro, criada por Márcio Souza e Bene Martins tem a finalidade de receber, tratar e divulgar peças teatrais reunidas no acervo oriundo do projeto de pesquisa Memórias da Dramaturgia Amazônida: Construção de acervo dramático, 2009. A coleção comporta três linhas de publicação, a saber: 1) Obra reunida por autor, a exemplo da obra completa dos dramaturgos Nazareno Tourinho, 2014; Ramon Stergmann, v. 1, 2020, v. 2, 2021, v. 3, 2022; v. 4, 2023; Edgar Proença, Todas as peças, 2021; Levi Hall de Moura, 2022; Peças Teatrais de Ricardo Torres: Cenas de Aprendiz, 2023. Neste e-book, Peças Teatrais de Walter Freitas, 2023. 2) Coletânea com diversos autores, a exemplo da Coletânea Teatro do Pará, v. 1, 2015; Teatro do Maranhão, v. 1, 2019, v. 2, 2022; Coletânea Teatro de Roraima, 2021; Coletânea Jovens Dramaturgos (as) Amazônidas, v. 1, 2020, v. 2, 2021; v. 3, 2022, v. 4, 2023. Nesta coleção, esperamos publicar ao menos uma coletânea de cada estado da região Norte, contando com a colaboração de pesquisadores (as) desses estados, com possibilidade de ampliar para a região Nordeste. 3) A terceira linha de publicação e quarta fase do projeto é destinada aos estudos da dramaturgia em geral. Nesta última, trouxemos a público as publicações: Crítica teatral (In)convencional, 2022; Iconografia teatral/perfomática Amazônida, 2023, ambas de autoria de Raphael Andrade, colaborador do projeto desde 2021 e mestre em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES-UFPA).

Bene Martins



Direcione seu celular
para o QR Code ao lado,
e conheça os livros da
Editora PPGArtes.

